

JÉSSICA ANITELLI

SÓ ELES PODEM
TRAZÊ-LO DE VOLTA.



RITUAL

Livro 2

SÓ ELES PODEM
TRAZÊ-LO DE VOLTA.

O

RITUAL

Livro 2

O RITUAL – LIVRO 2

JÉSSICA ANITELLI

Copyright © Jéssica Anitelli
Todos os direitos reservados
Edição Digital
- 2014 -

Capa: Livia Lorena

Revisão: Janaína Ogawa

Diagramação: Jéssica Anitelli

O Ritual

2ª edição

AVISO!

A obra *O Ritual* é cem por cento nacional, e seu compartilhamento em PDF ou em qualquer outro formato, tanto por e-mail quanto por grupos, não é autorizado pela autora. A distribuição gratuita não ajuda na divulgação, apenas prejudica o autor. O incentivo deve se dar por meio da compra do e-book, que está com preço acessível.

Antes de ler qualquer livro em PDF informe-se de como adquiri-lo legalmente, assim você está ajudando o autor a continuar com o seu trabalho e incentivando a literatura nacional para que cresça ainda mais.

A cópia parcial ou total dessa obra é proibida.

Diga não à pirataria!

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[A autora](#)

[Outras obras da autora disponíveis na Amazon:](#)

Capítulo 1

Seus batimentos cardíacos estavam tão acelerados que o coração quase lhe saía pela boca. Júlia colocou as mãos no peito e respirou fundo para tentar se acalmar, mas de nada adiantou. Seu pequeno neném mexia dentro do ventre, inquieto. Tirou as mãos do peito e as pousou sobre a barriga, que já ganhara um formato arredondado e crescia mais a cada dia. Ao fazer isso, a criança se tranquilizou.

Mesmo seu filho estando mais calmo, Júlia continuava com os nervos à flor da pele. Enjoava-se com o odor do próprio corpo e por ter permanecido dentro daquele galpão abandonado por tanto tempo. Ainda podia ver em suas roupas sujas, rasgadas e vestígios do sangue da vampira Marta, que quase morreu tentando protegê-la. Não sabia como sua vida seria daquele momento em diante, porém o que a confortava era o fato de estar sendo carregada por Diogo e poder ver seu tio nos braços daquele vampiro loiro, são e salvo.

Subiu na moto, abraçando firmemente a cintura de Diogo. Afundou o rosto em suas costas para se proteger do vento, ficando naquela posição até finalmente chegarem ao destino.

A moto foi deixada na garagem e Diogo ajudou Júlia a descer. Ao colocá-la no chão, olhou-a por alguns segundos antes de abraçá-la fortemente. Não disse nenhuma palavra sequer. Entretanto, Júlia pôde perceber o alívio emanando do namorado. Ficaram abraçados por um tempo indeterminado. A pele fria de Diogo ainda causava certos arrepios na garota, que tentava se acostumar com isso.

Não mencionando nenhuma palavra, Diogo soltou-se do abraço apertado, pegando Júlia pela mão e a levando para dentro da casa. Dirigiram-se para a cozinha, onde todos os vampiros se encontravam. Marta e Cláudio foram colocados ao chão, escorados na parede. Estavam muito fracos, principalmente o vampiro ruivo, que nem os olhos abria. Depois de deixar Marta no chão, Fábio caminhou até a mesa e pegou umas bolsas de sangue. Entregou algumas para Leandro e com as outras foi em direção à vampira. Agachou-se ao seu lado, rasgou com os dentes a bolsa e despejou o líquido vermelho na boca da morena. Leandro fez o mesmo com Cláudio. Depois de muitas doses de sangue, ambos já melhoravam. Cláudio se levantou, ainda com dificuldade, e caminhou até sua sobrinha. Júlia soltou-se de Diogo e o abraçou.

— Você está bem? — perguntou Cláudio.

— Estou sim, tio — respondeu com um sorriso entre os lábios.

Cláudio a observou mais atentamente e notou alguns ferimentos nos braços, pescoço e rosto. Olhou para Diogo e disse:

— Leve ela até o banheiro e limpe esses ferimentos.

O jovem vampiro assentiu. Voltou a pegar Júlia pela mão, levando-a para fora da cozinha. Cláudio olhou ao seu redor. Todos o fitavam, principalmente Augusto. Respirou fundo antes de falar:

— Sei que o senhor vai querer fazer um monte de perguntas para mim — disse para Augusto. — Não se preocupe, vou responder a todas elas.

— Melhor assim — falou Augusto. — Espere-me na sala.

O vampiro responsável pela cidade saiu da cozinha e tomou o rumo de seu quarto. Abriu a porta, mas não adentrou muito o cômodo. Apenas puxou a gaveta do criado-mudo que se localizava ao lado da entrada do aposento e pegou um maço de cigarros. Acendeu um e caminhou de volta vagarosamente pelo corredor até chegar à sala. Ao entrar, observou todos os seus vampiros acomodados nas poltronas e sofás. Ainda calmamente, andou em direção a uma poltrona vaga próxima a Cláudio. Não disse nada, somente continuou a fumar silenciosamente. Assim que deu a última tragada, levantou-se e foi até um cinzeiro apagar a brasa que já havia chegado ao filtro.

— Então você foi transformado por Nelson? — perguntou encarando Cláudio.

— Sim, senhor — respondeu de cabeça baixa.

— Não me chame de senhor — ordenou Augusto, caminhando até um bar próximo à entrada da sala. Colocou alguns cubos de gelo em um copo e em seguida o encheu de Red Label.

— Me desculpa, senhor... Quer dizer, Augusto.

— Melhor assim — sentou-se novamente na poltrona. Bebeu um longo gole de uísque antes de perguntar: — Então, onde fica o covil do Nelson?

— Fica em uma fazenda perto do Caju.

— Meus subordinados e eu já vasculhamos todos os arredores daquele bairro rural e nunca encontramos nada lá.

— O covil fica no subsolo, debaixo de uma casa. A entrada fica dentro dela.

— Todas as fazendas daquela região têm humanos morando nas casas.

— Tem sim, mas Nelson paga uma quantia a eles. E também, eles têm medo de desobedecer ao Nelson.

— Entendi — ficou em silêncio por alguns minutos antes de voltar a questionar: — Quantos subordinados ele tem?

— Contando comigo são 8 e mais a Samantha, que voltou a aparecer por lá.

— Fazia tempo que ela estava indo lá?

— Desde que o Conselho veio aqui a primeira vez.

— Você já tinha visto ela lá antes?

— Não. Sou um vampiro de apenas 6 anos, mas pelo que Nelson disse, logo que você a

transformou, ela ainda ia lá. Acho que já fazia mais de 20 anos que não aparecia.

— Entendo. Tenho só mais uma única pergunta: você sabe quem transformou Nelson em vampiro?

— Foi o Henrique.

— O meu irmão?! — indagou incrédulo e com a voz num tom mais alto.

Cláudio confirmou com a cabeça e contou tudo o que sabia sobre a transformação de Nelson. Não tinha certeza se fazia a coisa certa, traindo a pessoa que o salvou da prisão, um ambiente horroroso e macabro que fedia a podridão. Só que a segurança de sua sobrinha era a coisa mais importante naquele momento, daria prioridade a isso. Se precisasse, ficaria ao lado de Augusto a partir daquele dia. Ao terminar seu relato, Augusto continuou encarando-o por alguns instantes. Levantou-se e andou pensativo pela sala antes de dizer:

— Muito bem, você me deu informações importantes — foi até Cláudio, ficando com o seu rosto bem próximo ao dele. — E agora, o que você vai fazer?

— Co-como assim, Augusto?! — perguntou, nervoso e intimidado pelo vampiro que mantinha os olhos castanhos e frios sobre ele.

— Você vai ou fica?

— Eu vou ficar... Se você deixar — disse com a voz um pouco rouca.

— Ótimo — afastou-se do vampiro. — Você pode ficar com um dos quartos lá de cima. O Guilherme vai te mostrar. Amanhã, mando alguém comprar roupas para você — deu as costas para Cláudio e começou a caminhar em direção ao corredor mas, antes disso, parou e avisou: — Não tente voltar para o covil de Nelson, senão eu te mato e também àquela menina logo depois que ela der à luz — continuou a andar, sumindo no corredor.

Cláudio engoliu com dificuldade a saliva que se acumulara em sua boca. Não sabia se Augusto seria mesmo capaz de matar Júlia, entretanto, tinha certeza de que ele não hesitaria um segundo sequer em acabar com a existência de um vampiro que nem transformado por ele foi. Respirou fundo algumas vezes antes de olhar para os outros vampiros da casa. Trocou olhares com todos. Assim que cruzou os olhos com um rapaz de cabelos curtos e castanhos, este se levantou.

— Venha — falou Guilherme. — Vamos escolher um quarto para você.

O mais recente vampiro da casa de Augusto seguiu Guilherme até o andar superior, onde escolheu um dos quartos vagos e ali ficou o resto da noite.

Sem saber o que havia acontecido, Diogo continuava no banheiro com Júlia. Depois de muita insistência, convenceu-a de que seria melhor se ele lhe desse banho.

— Ai, ai, ai, Diogo... Tá doendo — reclamou Júlia quando Diogo passou a esponja de

banho sobre alguns dos ferimentos.

— Desculpa, Ju, é que tem que limpar direito... Vai que infecciona depois.

— Eu sei, mas não precisa colocar toda a força do mundo pra lavar um machucado.

— Tá bom, vou passar mais fraco.

Continuou a limpar as feridas de sua namorada, dessa vez com mais delicadeza. Enquanto a lavava, Diogo reparou que seu corpo estava muito ferido. As pernas possuíam enormes manchas roxas, principalmente nos joelhos. Nos braços havia algumas outras manchas, menores. Os cotovelos estavam muito ralados e notava-se alguns cortes no rosto, pescoço, braços e mãos. Fixou a vista na barriga de Júlia. Em poucos meses ela cresceu bastante. Já era possível saber da gravidez apenas fitando-a. Reparou também nos seios mais fartos de sua namorada, bem redondos, maiores do que o normal. Colocou a esponja de lado, agachou-se na frente da garota ruiva e abraçou seu ventre.

— Você tá louco, Diogo? Tá molhando toda a sua roupa — falou com ar de reprovação, só que um sorriso apareceu em seus lábios.

— Isso não importa, Ju. O mais importante agora é que você está aqui comigo e eu vou cuidar de vocês.

Júlia puxou Diogo pelos braços, fazendo-o ficar em pé. Mirou aqueles olhos verdes profundamente. Eram hipnotizantes, lindos como na primeira vez que os viu tão de perto. Encostou seus lábios quentes na boca gélida do garoto vampiro. Beijaram-se longamente com a água morna caindo sobre seus corpos. Colocou suas mãos por debaixo da camiseta molhada de seu namorado, acariciando o abdômen definido e passando as unhas ao redor da cintura dele. Começou a sentir seu corpo esquentar. Não sabia o porquê, mas toda vez que deixava seu amado excitado o corpo dele também se aquecia, como se o coração voltasse a bater e a bombear sangue, trazendo-o de volta a vida por breves instantes. Percebia também que Diogo exalava algo a mais, algo que não conseguia explicar, que a deixava tonta e ao mesmo tempo sedenta de prazer. Sensações que nunca tivera antes quando ele era humano.

Será que esse era o poder de sedução dos vampiros? Não importava, queria somente entregar-se a ele, independente de ser uma vontade natural ou um dos poderes malignos daqueles seres.

Capítulo 2

Júlia encolheu as pernas na intenção de aquecer o próprio corpo que tremia de tanto frio. Passados alguns segundos, percebeu que a tentativa foi vã. Rolou repetitivamente na cama. Tateou ao redor à procura de algum cobertor que talvez tivesse tirado de si durante o sono. Ainda com os olhos fechados, continuou a tatear até notar algo ao seu lado. Ao colocar a mão, o susto a fez levantar-se tão rapidamente que tropeçou ao sair da cama e caiu no chão.

Sentou-se reclamando da pancada e massageando o cotovelo. Também esfregou os olhos. Estava escuro, não conseguia enxergar nitidamente. Seu coração quase lhe saía pela boca e a mão ficara gelada. A garota ruiva levantou-se e caminhou até o interruptor, acendendo a luz.

Assustou-se novamente ao ver a imagem de Diogo deitado, mais branco e pálido que o normal. Realmente ele parecia morto. Andou hesitante até o garoto e tocou levemente o rosto do namorado. Recordou-se daquela mesma sensação de quando se vai ao velório e, para se despedir do falecido, coloca-se a mão sobre as mãos cruzadas do morto, sentindo assim a pele fria. Seu namorado era tão gelado quanto um corpo no caixão que é velado pelos familiares e amigos.

Júlia afastou-se dele o mais rápido que pôde. O nojo percorreu todo seu corpo diante daquele toque. Não queria ter visto Diogo daquele jeito, não queria ter tocado nele, não queria estar ali. Saiu do quarto desesperadamente, entrando no corredor escuro. Nunca dormira ao lado dele antes — nem mesmo quando era humano — mas agora, como vampiro, a sensação não foi das melhores.

Ao notar que se encontrava no corredor, respirou fundo. Não podia ficar daquele jeito. Tinha que se acostumar a viver daquela maneira, com a ideia de que seu amado era um vampiro, criatura da noite, um morto-vivo perambulando por aí, vivendo às custas do sangue tirado de seres humanos incapazes de se defenderem de tais predadores.

Descalça, caminhou silenciosamente, quase contando os passos, passando pelas portas dos outros quartos. Não queria nem imaginar se acontecesse de algum deles acordar com vontade de fazer um lanchinho. Ao pensar nisso, a barriga roncou. Lembrou-se de que fazia horas que não comia nada. O estômago voltou a roncar. Quanto mais pensava em comida, mais seu corpo reclamava.

Ao chegar à escada já conseguia ver um pouco de luz. Desceu os degraus. Um pouco antes de entrar na sala ouviu um som muito baixo, parecia música. Será que tinha alguém ali na casa? Olhou imediatamente para as roupas que vestia. A camiseta de Diogo ficava enorme em Júlia, que a usava como camisola. Era tão longa que cobria todo o quadril, não mostrando a única peça de roupa que usava além da camiseta.

Quando entrou no cômodo, a claridade a cegou por breves instantes. Pôde ouvir melhor a

música que vinha da cozinha. Continuou a andar, sempre hesitando em cada passo. Assim que se aproximou da entrada do cômodo viu uma senhora. Esta cantava alegremente a música sertaneja, que Júlia não conhecia, enquanto passava pano no chão. A garota ruiva pensou por alguns segundos se deveria ir até ela ou não, porém o ronco de seu estômago a lembrou da fome que a acometia. Sem mais pensar, resolveu chegar perto.

Pisou com os pés descalços no chão úmido, atravessando a sala de jantar até a cozinha. Antes de terminar de tomar fôlego para chamar a mulher, esta levantou a cabeça. Os olhos da senhora se arregalaram, como se tivessem se deparado com uma assombração. Depois de um grito ensurdecedor, largou o rodo e afastou-se tão rapidamente que acabou trombando com a pia.

— Não faça nada comigo... — choramingou a senhora com lágrimas nos olhos. — Por favor...

— Não, não. Eu não sou o que a senhora está pensando. Não sou uma vampira.

Continuou a encarar Júlia com um olhar amedrontado. A garota ruiva sorriu, estendeu a mão em direção à mulher e deu mais alguns passos.

— Fique longe de mim! — gritou a senhora.

— Eu não vou fazer nada, só estou com fome.

— Augusto me deu autorização para atacar qualquer um de vocês que tente me matar — olhou para a pia, vendo uma taça de vidro. Segurou o objeto com tanta força que o vidro lhe cortou a mão. — Você não vai ter meu sangue, bicho maldito! — arremessou a taça.

Júlia espantou-se com a reação daquela senhora. Tentou acalmá-la, mas percebeu que suas palavras não foram bem escolhidas. Pensou em correr até ela ao vê-la pegar a taça, só que seu corpo não respondeu ao pensamento. Quando se deu conta, o objeto de vidro vinha em sua direção. A primeira reação que teve foi a de proteger o rosto com o braço direito. Sentiu o vidro penetrando na pele e viu os pedaços do que era uma taça caírem no chão junto com seu sangue.

Caiu de joelhos, chorando de dor. O sangue jorrava tão intensamente que em poucos segundos seu colo e o chão já haviam atingido a tonalidade vermelha. Dona Neide, ao ver as lágrimas escorrerem dos olhos da garota, percebeu seu equívoco. Correu até o pequeno armário debaixo da pia, no qual se encontrava o kit de primeiros-socorros destinado aos empregados. Assim que pegou a caixinha, dirigiu-se até Júlia. Puxou o braço da menina e enfaixou-o.

— Me desculpa, menina, pensei que você era um deles.

— Eu disse que não era — lágrimas ainda escorriam de seus olhos castanhos.

— Vou cuidar desse machucado, não se preocupe — depois de enfaixar o braço de Júlia, dona Neide apertou firmemente o corte para estancar o sangramento. Após alguns minutos, retirou a faixa da garota e lavou o ferimento, fazendo um curativo logo em seguida. Conduziu-a para que se

sentasse à mesa. — Me desculpe, minha criança, me desculpe mesmo.

— Agora já passou — ergueu a camiseta para secar o rosto molhado e salgado.

— O que uma menina está fazendo nessa casa cheia de monstros? — perguntou, passando os dedos pelos cabelos de Júlia.

— Vou ficar aqui agora.

— Você não tem medo deles? — insistiu, incrédula.

— Um pouco — assumiu. — Mas meu amor pelo Diogo é maior que meu medo dele.

— Pobre criança... — retirou a mão dos longos cabelos ruivos e acariciou o rosto de Júlia.
— Amor não é tudo nessa vida... Até entendo que na sua idade você pense dessa forma, mas você verá como se equivocou por pensar assim; ainda mais na situação em que o Diogo se encontra. Pode não parecer, menina, mas eu conheço cada vampiro dessa casa e sei que o Diogo estará preso ao Augusto para sempre.

— Se você conhece tão bem assim os vampiros, por que achou que eu fosse uma? — retirou a mão da mulher de seu rosto. Quem era ela para dizer que estava equivocada em relação ao seu amor por Diogo?

— Pensei que fosse uma vampira nova — encarou os olhos quase dourados da garota. — Você é a Júlia, não é?

— Sou, sim — disse desconfiada.

— Augusto me contou sobre você e sobre a criança que você carrega na barriga — ficou em silêncio antes de se levantar. — Espero que você viva.

Dona Neide olhou Júlia com piedade nos olhos. A garota ruiva não conseguia entender aquela senhora. Seu amor por Diogo era tudo para ela, sem ele sua vida não teria sentido, amava-o mais que tudo nesse mundo. Irritou-se com as palavras dela. Apenas ela, Júlia, era capaz de saber o que aconteceria e como encaminharia sua vida a partir daquele momento. E com certeza ficaria viva, viveria ao lado de seu amado até sua alma não aguentar mais permanecer naquele corpo. Viveria amando-o para sempre e faria de tudo por aquele amor... Tudo.

Continuou sentada à mesa, observando Neide. Esta mexeu em algumas panelas sobre o fogão, depois pegou um prato no escorredor de louça, enchendo-o com macarrão. Levou o prato na direção dela e o colocou em sua frente.

— Não é muito, mas foi o que sobrou do almoço.

Júlia arregalou os olhos, seu estômago roncou mais intensamente, reclamando da falta de alimento. Assim que pegou o garfo, começou a comer depressa. Nunca, em toda sua vida, passara tanta fome nem comera tão rápido. Ao terminar, os lábios tornaram-se vermelhos por causa do molho de tomate da massa. Ficou sentada à mesa por mais vários minutos apenas observando Neide

terminar a faxina na cozinha.

Não sabia ao certo o que fazer, estava em uma casa totalmente nova e sem ninguém para explicar onde encontrar coisas das quais pudesse se ocupar. Neide percebeu o olhar perdido da garota, acomodou-se ao seu lado e perguntou se ela tinha roupas. Júlia disse que não. A senhora assentiu com a cabeça, pediu licença dizendo que arranjaria algumas para ela. Disse também que Júlia poderia ficar na sala e assistir televisão. Esta, sem mais demora, aceitou a sugestão e encaminhou-se até o local indicado.

Ajeitou-se no sofá em frente ao aparelho, ligando-o e passando os canais. Parou em um da região, cuja notícia principal era o incêndio ocorrido na noite anterior no antigo barracão do clube São Remo. Ainda investigavam a causa. Após o apresentador dar a notícia, imagens do lugar apareceram na tela. Viu-o todo destruído — chamas ainda sendo apagadas pelos bombeiros. A intensidade do incêndio foi de tal proporção que o fogo atingiu algumas residências de moradores próximos, destruindo tudo o que tinham. Depoimentos destes também ganharam espaço junto às imagens. Mudou de canal. Não queria ver aquilo, não queria lembrar-se daquela horrível noite. Queria esquecer-se de tudo...

Pensou em ligar para sua família e perguntar como estavam, só que desistiu ao imaginar que sua mãe não pararia de fazer perguntas, insistindo em saber onde ela se encontrava. Preocupava-se sim com seus irmãos, pois ao ser retirada à força da casa pelos vampiros do Conselho, viu Jeferson e Jacqueline feridos. Pensou de novo em ligar, mas desistiu novamente. Era melhor parar de pensar neles, sabia que em algum momento os veria e que tudo estaria bem.

Deitou-se no sofá e continuou a passar os canais, parando em alguns, assistindo por poucos minutos e mudando em seguida. Às vezes, fortes enjoos a acometiam fazendo-a correr ao banheiro. Outras vezes, tonturas e fraquezas. Começou a chorar por ver que não estava passando bem e que não havia ninguém a quem pudesse pedir ajuda caso algo mais sério acontecesse. A solidão tomou conta de si. Quantas vezes não pensou em dizer a Diogo que gostaria de ir morar com ele, de passar a vida ao seu lado e até de ser transformada em uma vampira? Mas agora tinha certeza de que não queria se transformar em um ser da noite. Só de pensar em ter que se alimentar de sangue, uma forte ânsia lhe subiu pela garganta. Olhou ao redor e voltou a se lembrar de que continuava sozinha. Será que sua vida se resumiria àquilo? Viveria sozinha naquela casa enorme durante os dias? Passou a mão em seu ventre. Não, não ficaria sozinha: dentro de alguns meses teria a companhia de sua criança.

Assustou-se ao ouvir a porta da sala se abrir. Por ela passou um jovem alto e magro que ficou paralisado ao vê-la. Júlia continuou a encará-lo e percebeu pelo olhar dele que se intimidara com sua presença. Decidiu que não pronunciaria nenhuma palavra sequer, não queria ser de novo atingida por algo. A garota virou o rosto, fitando a televisão.

— Olá, meu rapaz — Neide adentrou a sala, cumprimentando o jovem. — Você trouxe o que pedi?

— Ahhh... — virou-se para a senhora, deixando de olhar a menina. — Trouxe sim. Aqui estão as roupas que a senhora pediu — estendeu as sacolas para ela, voltando assim a mirar Júlia.

— Ótimo — percebeu o olhar dele sobre a garota. — Agora pode ir... Augusto não vai gostar nada de saber que você saiu da loja esse horário.

— Sim, sim, já estou indo. É que hoje foi meu dia de doar sangue. Ainda não sei por que sempre temos que fazer isso — fez uma pausa para refletir, só que como não chegou à nenhuma conclusão, acabou dando de ombros. — Até mais, dona Neide — olhou pela última vez a menina ruiva antes de dizer tchau em alto e bom som para que atingisse os ouvidos da jovem. Passou pela porta e se foi.

— Esses jovens... — disse Neide, balançando a cabeça em sinal de desaprovação. Com as várias sacolas em mãos caminhou para perto de Júlia. — Olha, menina, pedi para que trouxessem roupas para você.

Júlia arregalou os olhos, sentando-se rapidamente no sofá. Abriu as sacolas pegando as peças de roupas. Sentiu-se como uma criança ganhando vários presentes de Natal. Observou detalhadamente cada peça. Havia roupas destinadas a grávidas, como longos vestidos, macacões e batas, e também calças jeans, saias, blusinhas e camisetas. Em uma sacola tinha só peças íntimas, calcinhas e sutiãs. Pegou algumas peças e correu para o banheiro experimentar. Colocou-as e olhou no espelho.

— Ficaram perfeitas!

Retornou à sala e agradeceu Neide pelos presentes.

— Não precisa agradecer, não, menina, essas roupas são de uma das lojas do Augusto. Não há problema em mandar trazerem algumas para cá — sorriu e ajudou Júlia a guardar as roupas nas sacolas. — Quer que eu te ajude a levar as sacolas para o quarto?

Júlia pensou em responder que sim, mas lembrou-se de Diogo, não queria vê-lo novamente daquele jeito. Meneou negativamente a cabeça. Neide ainda insistiu, só que a garota não mudou de ideia. A senhora sorriu e avisou que já estava na hora de ir embora. Perguntou se Júlia precisava de algo, esta disse que não.

— Preparei uma marmitta que deixei na geladeira, assim que você tiver fome pode esquentar no micro-ondas.

Despediu-se da garota, deixando-a sozinha na sala. Júlia olhou para o relógio que marcava 18h30. Não demoraria para que os seres da noite despertassem.

Capítulo 3

Ao abrir os olhos e sentar-se, a tontura veio com força total o fazendo pender um pouco para o lado. Apoiou as mãos na cama para manter o equilíbrio. Após o mal-estar passar, olhou ao redor. Não sabia se dormira muito ou tirado apenas um cochilo.

Jeferson levantou-se do leito e, ao colocar os pés no chão, a tontura voltou. Escorou-se na cama, esperando assim que o mal-estar o deixasse de vez. Segundos depois, já sem a tontura, ergueu a cabeça e avistou Ruth sentada em uma cadeira de madeira (nem um pouco confortável) com a cabeça encostada na parede, dormindo. O rapaz parou em frente a ela e beijou-a na testa. Ela moveu-se um pouco e piscou os olhos, arregalando-os logo em seguida ao ver o rapaz ruivo.

— O que você está fazendo fora da cama? — perguntou, espantada.

— Bom dia para você também — Jeferson sorriu e acariciou os cabelos loiros da garota. — Quanto tempo eu dormi?

— Humm... — olhou para o relógio de parede que marcava 12h45. — Acho que um pouco mais de seis horas. O médico disse que você perdeu muito sangue e estava fraco.

— Sangue... — falou baixo e pensativo. Voltou e sentou-se no leito. Com a mão direita tocou no curativo em seu pescoço. Ainda doía um pouco. Encarou Ruth. — Você acha que ela está bem?

— Queria muito dizer que sim, mas não posso — andou até Jeferson e o abraçou.

Lágrimas silenciosas escorreram pelos olhos de ambos. Não sabiam como Júlia estava e se ainda vivia ou não. O estômago revirava ao pensar na possibilidade de ela estar morta. Era algo que não queriam aceitar, porém só pelo fato de a terem visto sendo arrastada por vampiros, sabiam que era grande a probabilidade dela não estar mais nesse mundo.

A porta da sala foi aberta e por ali passaram os pais de Jeferson, acompanhados de perto por Jaqueline e uma enfermeira. O casal soltou-se do abraço ao notar a movimentação no cômodo. A funcionária do hospital perguntou para o rapaz ruivo sentia-se melhor.

— Estou bem sim. Só senti um pouco de tontura, mas já estou ótimo.

— Que bom. Então acho que vocês já podem ir, e não se esqueça de se alimentar bem, você perdeu muito sangue.

A família deixou as dependências da Santa Casa de Misericórdia de Leme logo em seguida. Ao chegarem à calçada, iniciaram uma caminhada que não durou muito, pois dona Carmen parou de andar, começou a chorar e desmoronou nos braços do marido; este a acomodou em um banco de concreto próximo à entrada do hospital. Enquanto ela chorava, os outros observavam em silêncio. Sabiam e entendiam o motivo daquele desespero. Demorou um pouco para que a senhora se

acalmasse. Com o choro contido, ergueu a cabeça e olhou Ruth.

— Me desculpa... Se eu tivesse acreditado em vocês desde o início...

Ruth sentou-se ao seu lado e a abraçou. Ambas voltaram a derramar lágrimas. Sem que percebessem, uma van preta estacionou ao lado deles. Assim que a porta se abriu, a atenção de todos dirigiu-se a um homem moreno e alto, com terno negro e gravata da mesma cor, usando também óculos escuros e uma camisa branca debaixo do paletó. Ele se aproximou da família, pedindo licença para se apresentar.

— Boa tarde, meu nome é Éder e sou funcionário do Augusto.

— De quem? — perguntou Alberto, desconfiado.

— Diogo mora com ele — informou Ruth.

— Então — continuou Éder —, preciso conversar com vocês, mas creio que aqui não seja o lugar ideal para isso. Podem entrar na van para que eu possa explicar algumas coisas?

Todos se entreolharam e, após alguns segundos, confirmaram com a cabeça. Adentraram o veículo e acomodaram-se nos primeiros assentos. Éder foi atrás com a família e pediu para que o motorista tocasse o carro. Nada foi mencionado até que o automóvel fosse estacionado em uma rua mais calma, não muito longe do hospital.

— O que aconteceu com a minha filha? — perguntou Carmen, nervosa.

— Não se preocupe, senhora. Sua filha está bem e foi levada essa madrugada à casa de Augusto.

Carmen respirou fundo, enquanto lágrimas de alívio escorriam pelos olhos.

— Você veio aqui só para dizer como a Júlia está? — indagou Jeferson.

— Não. Vim aqui para levá-los comigo.

— Levar para onde? — indagou Alberto.

— Sinto muito em dizer isso, mas a vida de vocês está em perigo. Por isso, Augusto mandou que os levassem para que ficassem em segurança.

— Olhe bem aqui, meu rapaz — começou Alberto —, sou um pai de família e tenho emprego, não posso deixar meu serviço assim.

— Já tomei todas as providências, meu senhor. Não se preocupe.

— E até quando vamos ter que ficar escondidos? — foi a vez de Jaqueline questionar.

— Ainda não sabemos, talvez por alguns meses — encarou a todos. — Mais alguma pergunta? — negaram com a cabeça. — Ótimo. Agora, vamos buscar mais algumas pessoas.

Sofia acordou sobressaltada, com o coração chocando-se violentamente contra o peito. Sem pensar, saltou da cama e correu para o quarto de sua mãe. Abriu a porta com extrema força, gritando por ela. Roseli acordou assustada, sem entender o que acontecia.

— Mãe, mãe, mãe! — gritava Sofia sem parar.

— O que foi, garota? Por que você me acordou desse jeito? Quer me matar do coração?

— Tive um sonho.

— E você entra no meu quarto assim por causa de um sonho? Era só o que faltava — reclamou, levantando-se da cama e caminhando em direção ao espelho da porta do guarda-roupa para ajeitar o cabelo.

— Não foi um sonho qualquer. A gente precisa ir até a casa da tia Sílvia agora.

— Calma, Sofia — voltou e sentou-se na cama, indicando com a mão para que a filha se acomodasse ao lado. — Me conta o que você sonhou.

Sofia, ainda nervosa, acomodou-se e contou o sonho. Disse que homens viriam buscá-las sob a ordem daquele que seguia sua família há tantos anos. Falou que não sabia ao certo para onde iriam. Entretanto, avisou que precisavam ir. Contou que viu duas versões para o futuro a partir daquele dia, que poderiam escolher ir com eles ou ficarem e serem pegos por outros vampiros e com isso causar a morte de Diogo e Júlia.

— O quê? Eu entendi direito? Vampiro? Você está ficando louca...

— Não vai começar! — gritou Sofia. — Vocês mentiram pra mim e pro Diogo todos esses anos e agora não vai acreditar em mim de novo? O Diogo foi transformado em vampiro por aquele homem. Não entendi muito bem, mas a Júlia está grávida dele e por isso eles querem matar os dois.

— Eles quem?

— Não sei ao certo... Existe uma organização de vampiros ou coisa do tipo e parece que eles não gostaram de saber que a Júlia está grávida — coçou a cabeça. — Eu não sei direito, mãe, mas precisamos ir até a casa da tia para contar isso pra ela.

Roseli encarou os olhos verdes da filha. Passou a mão no rosto para organizar os pensamentos e terminar de acordar. Sem mais nada dizer, levantou-se e caminhou novamente até o guarda-roupa, pegou algumas peças e se trocou. Ao terminar, andou até Sofia e a pegou pela mão.

— Vamos.

Chegaram à casa de Sílvia em poucos minutos. Tocaram o interfone que logo foi atendido por Natália. A linda menina de cabelos castanho-claros saiu correndo de dentro da residência em direção à entrada. Rapidamente destrancou o portão e correu até Sofia, abraçando-a.

— Faz tempo que você não vem aqui — disse a menina com voz infantil.

— É mesmo, me desculpa.

— Sua mãe está em casa, Natália? — perguntou Roseli.

— Tá sim.

Caminharam para dentro da casa. Sofia acomodou-se no sofá com Natália em seu colo. Roseli andou pelo corredor até a cozinha. Ao entrar, encontrou Sílvia terminando de passar o café.

— Que surpresa vocês aqui tão cedo — disse. Terminou de despejar água quente sobre o pó de café no filtro e foi abraçar a irmã.

— É — hesitou. — Infelizmente não viemos com boas notícias.

— O que aconteceu? — olhou-a apreensivamente.

— Temos notícias sobre o Diogo, mas é melhor a gente ir até a sala, a Sofia vai te contar tudo.

Roseli ajudou a irmã a servir o café em xícaras de porcelana antes de irem até a sala. Sílvia colocou a bandeja sobre a mesinha de centro e pediu para que seus parentes se servissem enquanto ela chamava Renato.

Adentrou o quarto escuro, caminhou até a janela e abriu-a. Seu marido resmungou, rolou na cama e cobriu a cabeça com o travesseiro.

— É melhor você levantar agora.

— Por quê? Estou de folga hoje, não tenho que levantar cedo.

— É sério, Renato — sentou-se ao seu lado e retirou o travesseiro de sua cabeça. — A Roseli e a Sofia estão aqui e querem nos contar uma coisa séria.

— E o que poderia ser mais sério do que o meu sono num dia de folga?

— Diogo.

— O quê? — escutar o nome de seu filho foi o bastante para dispersar o sono.

— Me desculpa, meu amor, passei anos escondendo algo terrível de você.

— É melhor você me contar o que está acontecendo agora mesmo. Está me deixando muito preocupado.

— Vamos até a sala que te conto.

Renato deixou a cama sem mais insistir. Trocou-se e foi ao banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes. Assim que o marido voltou para dentro do quarto, caminharam juntos para a sala. Sentaram-se no sofá de dois lugares, enquanto as outras ali presentes ocupavam o de três. O único homem presente pegou uma das xícaras e sorveu em um só gole o café quente. Voltou a colocar a xícara vazia no pires e perguntou:

— O que está acontecendo?

— Acho que é melhor eu começar — disse Sílvia. — Depois a Sofia pode dizer a que veio

— suspirou e fitou o marido. — Você se lembra de quando o Diogo era criança e dizia que via um homem de preto que o vivia seguindo? — Renato meneou positivamente a cabeça. — Então, insisti em dizer que era coisa da cabeça dele, mas eu sabia que não era. Aquele homem é real, eu e a Roseli o vemos desde criança também.

— Como assim?

— Eu não sei o que ele é ou o que ele quer, só sei que ele nos seguiu também ao decorrer de todos estes anos.

— E por que você nunca falou isso? Por que me deixou pensar que era coisa da cabeça do Diogo?

— Tinha medo; não, ainda tenho muito medo... — Sílvia tentou controlar-se, só que as lágrimas começaram a escorrer pelos seus olhos verdes.

— Tudo bem, meu amor, não adianta mais falar sobre isso.

— Adianta sim, tio — interveio Sofia. — Assim como o Diogo, eu também sempre vi aquele homem e descobri há pouco tempo que o nome dele é Augusto.

— Como você sabe disso? — questionou Sílvia.

— Bem, eu perguntei para a Júlia.

— E como ela sabia disso?

— Ela sabe mais do que você pensa, tia. Vou contar a vocês tudo o que eu sei, até porque é importante para que entendam o meu sonho — percebeu que todos ali presentes não entendiam nada. Decidiu pular daquela parte de sonhos e premonições para a parte prática. — Augusto é um vampiro e na noite em que o Diogo sumiu, ele o transformou em um vampiro também.

— O que você está dizendo? Vampiro?! — Renato não conseguia acreditar.

— Sei que pra você parece absurdo, tio, mas é verdade. Diogo foi transformado em um vampiro.

— Então era isso o que ele sempre quis — falou Roseli pensativa. Encarou a filha. — Mas se ele queria transformar alguém da nossa família, por que não fez isso antes?

— Pelo que a Júlia me disse, o Augusto só ia transformar um homem e o Diogo é o único em gerações.

— Mas por quê?

— Pelo que entendi, é por causa do avô da avó Marlene.

— Henrique?

— É.

— Como você sabe o nome dele? — perguntou Sílvia.

— Quando éramos crianças, me lembro da mãe conversando sobre ele com a vó Luiza. Se

não me engano, parece que nem mesmo a vó o conheceu... Parece que tinha morrido antes de ela nascer.

— É ele mesmo, mãe, o Henrique. A Júlia disse que o Augusto era irmão do Henrique e disse também que os dois foram transformados em vampiros. Aí, pelo que entendi, o Henrique tinha um punhal que ganhou do pai dele e queria dar o punhal para o filho, só que o seu filho morreu ainda criança. E daí ele disse que assim que tivesse um parente homem o transformaria em vampiro e lhe entregaria o punhal — fez uma pausa para respirar. — E foi isso que aconteceu com o Diogo.

— E onde está esse Henrique, então? — indagou Roseli.

— Parece que ele foi morto muitos anos atrás e o Augusto decidiu cumprir aquilo que o irmão queria.

— Nossa! — exclamou Renato. — Você realmente tem certeza disso tudo, Sofia? Porque pra mim parece surreal demais.

— Eu acredito nela — falou Sílvia. — Há coisas nesse mundo que não conhecemos ou entendemos, uma prova disso são as sensações e sonhos e seguem nossa família há gerações. Isso sem contar aquele homem. Eu já o vi com o rosto sujo de sangue... — esfregou os braços para conter o arrepio que a percorreu por lembrar daquela cena.

— Então o Diogo está vivo por aí — fitou a esposa. — Ele está vivo, meu amor!

— O Tato tá vivo, mamãe? — perguntou Natália que até então só prestava atenção na conversa.

— Parece que está sim, querida — encarou Sofia. — Pelo que ouvi até agora são boas notícias. Meu filho ainda anda por aí, por pior que seja a situação.

— É, mas a má notícia vem agora. Eu não sei bem como funciona, mas pelo que a Júlia me disse, parece que os vampiros não podem manter contato com humanos. Parece que tem um tipo de organização própria, sei lá, e eles controlam isso. Aí o Diogo não respeitou essa regra e se encontrou várias vezes com a Júlia — fixou Sílvia com o olhar, titubeando um pouco, preparando-se para o que ia dizer. Respirou fundo. — Bem.. Ela engravidou.

— O quê?! — indagou Sílvia em voz alta. — Grávida?!

— É tia, a Júlia ficou grávida do Diogo.

— Ela ainda é só uma menina! E o Diogo é um vampiro agora! Meu Deus!

— Pois é, e por causa disso vêm as más notícias. Parece que essa organização dos vampiros descobriu isso. E quando isso acontece, o vampiro que engravidou a humana e ela devem ser mortos. Enfim, o Diogo está protegendo a Júlia e lutando contra os outros vampiros com a ajuda do Augusto. É por isso que estamos correndo perigo. Pelo que vi no meu sonho, eles vão tentar atingir o Diogo e a Júlia atacando as famílias deles.

Mais nada foi dito. Os tios de Sofia e sua mãe ficaram em silêncio, fixando os próprios pés. Natália era a única que mantinha a cabeça levantada e olhava para todos os lados. Roseli levantou-se para pegar mais uma xícara de café quase que ao mesmo tempo em que Sílvia. Percebia-se que as mãos de ambas tremiam e por pouco não derramaram o líquido quente.

Sofia achou melhor deixá-los sozinhos para que pudessem digerir tudo o que contara. Pegou Natália pela mão, levou-a para o quarto e ali ficaram por algumas horas. Ajudou a priminha a arrumar as bonecas e ursinhos na prateleira e pintaram juntas alguns desenhos. Às 13h, Sílvia veio chamá-las para que fossem almoçar. Durante a refeição ninguém se encarou e não foi mencionada nenhuma palavra sobre o assunto. Comeram em silêncio e logo que terminaram, Roseli recolheu os pratos, mas deixou os objetos de vidro caírem ao chão assim que ouviu a campainha tocar.

O coração de Sofia quase saiu pela boca. Levantou-se sobressaltada e saiu correndo. Atravessou a porta da sala, desnorçada. Só parou ao ver um homem moreno, de terno, em frente ao portão. Em poucos segundos, seus parentes a alcançaram e pararam, próximos.

— São eles, vieram nos buscar — informou a jovem.

O homem sorriu e confirmou com a cabeça. Sílvia, com a chave nas mãos, abriu o portão deixando o rapaz entrar. Ele se apresentou como Éder e disse que era funcionário de Augusto e necessitava conversar com eles. Todos se encaminharam novamente para o sofá. Éder contou que precisava levá-los por questão de segurança e contou-lhes o que se sucedia e a importância de que fossem retirados de suas residências o quanto antes. Ninguém questionou as palavras do homem, apenas concordaram e assim que ele pediu para que entrassem na van, dirigiram-se para o veículo. Ao entrarem, Sílvia paralisou ao ver Carmen. As duas se entreolharam e em poucos segundos já estavam abraçadas e chorando.

— O que nossos filhos fizeram com a gente? — perguntou Carmen, soluçando.

— Essas crianças vivem aprontando.

Os demais se acomodaram nos bancos vazios. Éder adentrou o veículo, sentando-se no banco da frente ao lado do motorista. Pediu para que ele tocasse o carro para o destino planejado. A van foi ligada iniciando o trajeto. Nenhum dos passageiros sabia para onde seriam levados e a única certeza era a de que pelo menos estariam seguros, mesmo que sob a proteção de um ser que os caçava.

Capítulo 4

Assim que despertou, iniciou a saída do buraco no qual se enfiara. Cavou com as mãos, retirando a terra do caminho para que pudesse sair. Suas roupas pretas agora estavam marrons por causa da terra daquela região. Breno ainda tentou limpá-las com batidas de mão, só que de nada adiantou: parecia tinta sobre o tecido. *Droga!* Justo ele que prezava tanto pelo visual agora estava todo sujo, parecendo um mendigo.

Ao ouvir sons de carros, resolveu se aproximar da rodovia. Andou calmamente por vários minutos até avistar a Via Anhanguera. Precisava agora de um veículo que o levasse até São Paulo, tinha que relatar o que ocorrera na noite anterior aos seus superiores.

Continuou a caminhar próximo da rodovia. Assim que aparecesse uma oportunidade, arranjaría um veículo. Depois de mais alguns minutos de caminhada, avistou na estrada um posto de gasolina com uma pequena lanchonete ao lado. Embrenhou-se pela vegetação que cercava o local e esperou por uma vítima.

Percebeu ao longe um carro vindo em sua direção. Este parou ao lado de uma bomba de gasolina na qual abasteceu e, logo em seguida, dirigiu-se ao estacionamento da lanchonete, próximo de onde Breno se escondia. O vampiro olhou para os lados a fim de confirmar que não havia ninguém. Assim que o motorista abriu a porta, preparando-se para descer, o vampiro do Conselho surgiu à sua frente, pegando-o pela cabeça e o empurrando de volta para dentro do automóvel.

A vítima começou a gritar e tentar se desvencilhar. Breno não estava com paciência para brincar de caçador, queria ir para a capital o mais rápido possível. Golpeou o homem com tanta força que foi o suficiente para desmaiá-lo. Olhou para as roupas de sua vítima, ficariam um pouco largas, mas era melhor do que as que vestia. Com dificuldade por causa do espaço, conseguiu retirar as roupas do homem e vestir-se com elas. Após se ajeitar naquelas vestes cheirando a humano decidiu se alimentar, e sem mais delongas fez os caninos crescerem e os cravou na jugular do homem desacordado. Terminando de sugar todo o sangue daquele pobre ser, jogou o corpo no banco traseiro e limpou a boca em uma das roupas que acabara de retirar.

Respirou fundo. Sabia que levaria uma tremenda bronca do Conselho, isso se eles não o matassem logo depois. Girou a chave fazendo com que o motor do Peugeot 207 roncasse. Saiu do estacionamento, dirigindo-se para São Paulo. Em cerca de um pouco mais de duas horas estaria adentrando a cidade, preparando-se para o que viria em seguida.

No tempo estimado chegou à capital paulista. Logo que iniciou seu trajeto pela Marginal Tietê, demorou cerca de meia hora para percorrê-la e alcançar a região central do município. Avistou

o prédio do Conselho. Parou com o carro em frente ao portão que dava acesso ao estacionamento e baixou o vidro para que pudessem identificá-lo. Em poucos segundos, o portão começou a abrir. Estacionou o veículo roubado no subsolo do edifício, mas antes de sair cobriu o corpo do homem com suas roupas sujas. Entrou no elevador e apertou a letra T. Assim que adentrou o saguão, avistou alguns membros do Conselho. Caminhava até a recepção quando foi abordado por um deles.

— Onde estão Alexandre e Otávio? — perguntou um vampiro de cabelos castanhos e curtos, moreno e um pouco mais alto e robusto que Breno.

— Não é da sua conta, Anderson — continuou o trajeto.

— Não vai me dizer que vocês tiveram problemas naquela cidadezinha? — falou alto para que todos ali pudessem ouvir.

Breno parou seu caminhar, virou de frente para Anderson e andou em sua direção. Aproximou seu rosto do dele.

— Escuta aqui, seu babaca, não estou com saco para discutir com você hoje; se você está tão curioso assim para saber o que aconteceu, peça para os superiores te escalarem para ir até lá e matar o Augusto.

Sem mais nada dizer, deu as costas a Anderson e dirigiu-se até a recepção. Pediu à moça do balcão autorização para se apresentar aos seus superiores com o relato da missão a qual fora designado para realizar. A moça pegou o telefone, discou alguns números e passou o pedido. Logo após desligar, falou que Breno recebera a autorização para subir. Sem mais demora, o vampiro voltou para o elevador, dessa vez apertando o número 15, o último andar do edifício.

Ao sair do elevador, percorreu um largo corredor acarpetado e parou em frente à uma porta. Bateu duas vezes e aguardou ser chamado para entrar. Ao ouvir a confirmação, colocou a mão na maçaneta, girou-a e entrou em uma sala de reunião cujas dimensões eram maiores que o normal. Uma grande mesa retangular ao centro, feita toda de mogno e com inúmeras cadeiras confortáveis que seguiam sua extensão destacava-se naquele ambiente de paredes escuras e pouca iluminação. O carpete que tomava todo o corredor continuava ali dentro. Ao fim da mesa, próximo a uma pequena lousa branca, havia uma tela também branca usada para refletir imagens do Datashow.

Do lado direito, avistou ao fundo do recinto três figuras: duas delas com ternos pretos e a terceira com um longo vestido da mesma cor. Todos acomodados, próximos a uma mesa bem menor que a anterior. Aquela era a mesa do chefe do Estado, Miguel. Breno andou em direção aos três, parando cerca de dois metros de distância.

— Onde estão Alexandre e Otávio? — perguntou a mulher de cabelos negros, lisos e curtos.

— Foram mortos.

— Mortos? — surpreendeu-se o homem de cabelos castanhos penteados para trás. — Como

assim, foram mortos? Desde quando vocês não conseguem dar conta de uma corja de vampiros com menos de 100 anos?

— Augusto mentiu para o Conselho, escondeu de nós a real evolução de seus subordinados e a sua.

— Disso já sabemos — avisou o outro homem sentado, este negro com a cabeça raspada. — Alexandre nos avisou, mas não imaginei que vocês não fossem capazes de pelo menos matar a mãe do mestiço.

— Até conseguimos pôr as mãos nela, Donizete. Entretanto, toda a corja de Augusto a protegeu.

— Como vocês são uns imprestáveis! — a mulher levantou-se e dirigiu-se à mesa mais próxima, pegando o telefone.

— O que você vai fazer, Cristiane? — perguntou Arthur, o homem de cabelos castanhos.

— O que você acha, Arthur? Vou convocar gente para ir até aquela droga de cidade e dar um jeito em Augusto. Ou você quer que eu ligue para Miguel e conte a ele o acontecido e que ainda não conseguimos dar um jeito nisso?

— Faça o que achar melhor — deu de ombros. — E você — fitou Breno —, me conte tudo o que aconteceu lá, nos mínimos detalhes.

Breno relatou tudo o que aconteceu desde que chegaram à Leme, até sua fuga por ordem de Samantha. Enquanto contava, Cristiane digitava algo em um netbook que possuía sobre o colo. Após o término da narrativa, que durou mais de meia hora, os três vampiros se entreolharam, sem dizer nenhuma palavra. A atenção de todos foi direcionada para cinco pessoas que passaram pela porta. Cristiane se levantou e disse:

— Chamei vocês aqui para um trabalho. Vocês irão até a cidade de Leme e matarão qualquer vampiro que encontrarem lá. E não se esqueçam de matar a garota que está grávida: sua morte é a prioridade. Os dados que precisam estão lá embaixo na recepção, mandei que deixassem separados para vocês. Podem se retirar agora.

Os cinco vampiros assentiram com a cabeça. Anderson, que estava entre eles, olhou sorrindo para Breno antes de se retirar. Breno, por sua vez, não retribuiu o sorriso; Anderson achava que a tarefa seria fácil. Queria só ver quando ele desse de cara com Augusto: aquele sorriso sumiria no instante seguinte e ele voltaria com o rabinho entre as pernas.

O quinteto caminhou até a recepção. Lá, a moça estendeu-lhes alguns papéis, um GPS e a chave de um veículo. Anderson pegou a chave dizendo que dirigiria e nenhum dos outros vampiros questionou. Desceram até o estacionamento e andaram na direção de um Audi RS4 preto. Todos entraram no veículo.

— Ótimo! — falou Anderson, ligando o potente motor da máquina. — Nunca imaginei que eles nos dariam um carrão desse só pra ir até uma cidade no interior.

— Para de falar besteira, Anderson, temos que chegar ainda hoje lá — disse Karen, uma vampira negra de cabelos bem volumosos e lábios carnudos tingidos de vermelho. Possuía presa nas madeixas uma flor vermelha que chamava muita atenção.

— Eu sei, eu sei — começou a manobrar o carro, mas de repente pisou com força no freio.

— O que aconteceu, caralho? — reclamou Jaime.

— Alguém sabe como chegar lá?

— Sinceramente, Anderson, eu ainda não sei como você conseguiu ser selecionado para realizar estes tipos de missões — pronunciou-se Rafaela, que se sentava no banco ao lado do motorista. — A moça da recepção nos entregou um GPS, mas você estava tão ocupado em pegar a chave do carro que nem viu isso — estendeu o aparelho para ele.

— Não precisa ficar nervosa, gata — pegou o aparelho, só que o devolveu no instante seguinte para a vampira. — Coloca o endereço aí você, não gosto de mexer nessas coisas eletrônicas.

— Você é muito burro, Anderson — xingou Pablo, um vampiro que aparentava ser o mais novo entre eles.

— Cala a boca, fedelho! A conversa ainda não chegou à creche — bufou. — Ainda não sei por que mandaram você junto, faz apenas um pouco mais de um ano que é vampiro.

— Você sabe o porquê, não preciso te lembrar.

Mais ninguém se pronunciou. Todos sabiam o porquê de Pablo ser escolhido mesmo sendo tão novo. Ele foi transformado em vampiro por Miguel, o chefe do Estado e líder do Conselho Brasileiro. As habilidades de Pablo se desenvolviam mais rápido do que em qualquer outro vampiro já visto. Os superiores do Conselho desacreditaram quando Miguel chegou com o garoto nos braços. Fazia mais de 100 anos que ele não transformava ninguém (os últimos foram Augusto e Henrique). Alegou que precisava averiguar, depois de tantos anos, como uma cria sua se desenvolveria. E no caso de Pablo, ele acabou superando todas as expectativas de Miguel, mostrando que dali para frente as crias do líder brasileiro ganhariam força e habilidade mais rápido que qualquer um.

Anderson olhou para o relógio no painel do carro: marcava 2h30. Chegariam a Leme por volta das 5h. Porém, antes de partirem para o massacre, precisavam procurar um lugar no qual passariam as horas de sol. Infelizmente não seria nas próximas horas que mataria sua vontade de destruição. Teria que aguardar até a próxima noite, mas pelo menos teriam tempo de montar uma boa estratégia para destruir Augusto e todos os seus subordinados. Sem esquecer, é claro, da garota grávida.

Capítulo 5

Os olhos verdes se arregalaram imediatamente ao sair do transe vampírico. Continuaram abertos por alguns segundos até que Diogo tomasse consciência do fim do sono e realmente despertasse, piscando os olhos. Levantou-se rapidamente ao perceber que Júlia não estava ao seu lado. Saiu correndo do quarto, desesperado, não dando tempo nem de vestir uma camiseta. Desceu a escada pulando três degraus por vez. Adentrou a sala aflito, à procura da namorada. Aliviou-se ao vê-la no sofá assistindo televisão. Correu em sua direção e a abraçou.

— O que aconteceu, Diogo?

— Fiquei preocupado porque não te vi na cama quando acordei.

— Não se preocupe, garoto, sei me cuidar — disse sorrindo, piscando para ele.

Diogo acomodou-se no sofá ao lado de sua amada. Perguntou a ela desde que horas estava acordada e o que fizera. Júlia lhe contou sobre a senhora que conheceu, sobre o susto que causou nela, o corte e as roupas que ganhara, mostrando todas a ele. Não mencionou o mal-estar durante toda a tarde, não queria deixá-lo ainda mais preocupado.

Conforme os minutos passavam, os vampiros da casa foram despertando. Augusto foi o último a aparecer e assim que entrou na sala, disse:

— Fábio, chame todos aqui — ordenou ao vampiro negro que se levantou imediatamente.

Augusto sentou-se em uma poltrona próxima ao jovem casal de namorados e virou-se para eles. — Ontem à noite ordenei que retirassem suas famílias de suas casas e as escondessem.

— O quê? — exclamou Diogo. — Pra que isso?

— Como para que isso, garoto? — falou sério. — Se você quer ver sua família morta deveria ter me falado, pois eu não teria gastado meu tempo mandando retirarem eles de lá.

— Me desculpa, Augusto — disse cabisbaixo. — Só queria saber se realmente precisa disso, já que os vampiros do Conselho não estão mais aqui.

— E você realmente acha que eles vão deixar por isso mesmo? Não seja ingênuo, garoto. Nessa hora, Breno já deve estar a caminho de São Paulo e contará tudo o que aconteceu. Não duvido de que amanhã mesmo novos membros do Conselho estejam aqui.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza.

— Desculpe me intrometer — falou Júlia —, mas o que aconteceu com a minha família?

— Seus irmãos foram levados para a Santa Casa e já estão bem. Hoje eles também foram levados e escondidos — percebeu o olhar de alívio em ambos. — Não se esqueçam de que fiz isso

não porque sou bonzinho, e sim porque vocês iriam me encher a paciência perguntando deles e querendo protegê-los de qualquer forma. Isso me irrita nos humanos.

Não demorou muito para que todos os vampiros da casa estivessem presentes no cômodo, esperando que Augusto se pronunciasse. Cláudio também estava entre eles e assim que chegou, acomodou-se ao lado de sua sobrinha. Depois de fumar um cigarro, Augusto falou:

— Quero que todos vocês fiquem atentos. A partir de hoje, estaremos em estado de alerta total, tanto para o Conselho quanto para Nelson, se bem que duvido que ele volte por enquanto.

— E como vamos nos organizar? — perguntou Fábio.

— Vamos nos dividir em duplas. Cada uma ficará em um lugar específico da cidade e irá proteger Diogo e Júlia por algumas noites.

— Como assim? — questionou Diogo para tentar entender melhor.

— Vocês dois serão protegidos pelos outros. Não permanecerão muitas noites em um mesmo esconderijo, assim será mais difícil do Conselho encontrá-los. Não posso permitir que nenhum de vocês morra. Preciso dos dois vivos.

— E como vamos nos dividir? — indagou Jarison.

— Já organizei isso: quero que os mais habilidosos fiquem com aqueles com menos habilidade, assim evitamos perder gente. Eu ficarei com o Cláudio — disse, fitando o vampiro ruivo. — Ainda não confio em você para deixá-lo sozinho com os outros — Cláudio assentiu. — Fábio ficará com a Marta, Vítor com Antônio, Leandro com Helton, Guilherme com Nilton e Jarison com Murilo.

Todos se entreolharam com suas duplas, balançando levemente a cabeça em um sinal de confirmação de parceria. Augusto se levantou e andou até o rack, abriu uma gaveta retirando o que parecia ser um pôster enrolado. Pegou também uma caneta. Dirigiu-se a uma mesa de centro e abriu o cartaz, que se revelou o mapa da cidade. Todos se aproximaram para ver melhor.

— Eu e Cláudio ficaremos aqui, na casa, por alguns dias para confirmar a chegada dos vampiros do Conselho — fez um círculo com a caneta sobre a Avenida Paul Harris, para indicar a localização da casa. — Fábio e Marta ficarão em uma edícula próxima ao cemitério na Rua das Azaleias, no Jardim Nova Leme — marcou com um círculo o lugar. — Vítor e Antônio ficarão nos fundos de uma das minhas lojas na Avenida 29 de Agosto — também marcou o local com um círculo. — Leandro e Helton vão para uma casa na Rua Luiz Guadanini, na Vila Shangrilá. Guilherme e Nilton também vão para uma casa no Jardim Santa Paula, na Rua Francisco Anitelli. E finalmente Jarison e Murilo irão para uma casa na Rua Vicente Crocci, no Jardim das Palmeiras — ao terminar o último círculo ergueu a cabeça e fitou todos. — Caso aconteça algo inesperado e vocês precisem sair dos locais, poderão ir a uma casa que tenho no bairro rural Ibicatu, mas só apareçam por lá se

algo muito grave acontecer.

— Tá, entendi — comentou Murilo. — E como vamos fazer para encontrar essa casa lá no Ibicatu?

— É a maior casa dos arredores. Vocês vão achar com certeza.

— Mas, Augusto, como ficamos a Júlia e eu? — perguntou Diogo.

— Vocês vão hoje com o Fábio e a Marta. Depois vou avisando vocês para onde poderão ir.

Não se preocupe, garoto — disse, olhando fundo nos olhos verdes de Diogo, percebendo a aflição do jovem. — Vai dar tudo certo — voltou a encarar todos. — É hora de ir. Encontrarão pessoas esperando por vocês em frente aos locais indicados. Boa sorte a todos, entrarei em contato assim que for preciso.

Todos os vampiros da casa puseram-se em pé ao mesmo tempo. Cada um encaminhou-se até seu quarto para que pudessem pegar algo que quisesse levar. Em poucos minutos estavam todos de volta à sala. Foi distribuído a cada dupla suas respectivas chaves de veículos. Guilherme e Nilton, Jarison e Murilo ficaram com motos em vez de carros. Dirigiram-se à garagem onde cada dupla pegou o veículo indicado.

Diogo e Júlia entraram em um automóvel junto com Fábio e Marta. O garoto vampiro olhou para Augusto pelo vidro do carro e este apenas balançou a cabeça, em sinal de despedida. Não demorou muito para que as ruas da cidade fossem tomadas por vampiros, cada dupla dirigindo-se para onde foram designados.

Vítor e Antônio desceram em alta velocidade pela Avenida 29 de Agosto. Assim que estacionaram o veículo em frente a uma loja de roupas, notaram uma figura toda de preto no local, parecida com um segurança. Aproximaram-se do sujeito e este não disse nada, só balançou a cabeça e abriu a porta do recinto para que os vampiros entrassem. Passaram pelas roupas expostas e atravessaram a loja, chegando a uma pequena cozinha, na qual havia uma porta que foi destrancada pelo segurança. Atravessaram-na entrando em um estreito corredor sem iluminação e depois de alguns passos, avistaram outra porta que também foi destrancada e atravessada pelos três. O cômodo era todo escuro e sem janelas.

— É aqui que vocês vão ficar — avisou o homem.

Os demais vampiros chegaram aos locais indicados. Cada dupla encontrou um subordinado humano de Augusto em frente das casas e que teria a incumbência de apresentar-lhes as residências.

Logo que entraram na garagem da edícula, os três vampiros e a garota avistaram a figura que os guiaria. Fábio desceu do veículo e caminhou até o sujeito e o cumprimentou. O quarteto foi guiado para dentro da casa logo após passarem por uma grande piscina. Adentraram o pequeno cômodo, no qual se via um frigobar, uma cama de casal e um beliche. O homem deu algumas recomendações,

deixando-os logo depois.

Júlia incomodava-se por ficar com aqueles vampiros, ainda mais junto *dela*. Toda vez que a olhava, lembrava-se da cena do beijo entre seu namorado e aquela linda morena. Sentia uma pontada no peito ao imaginar as coisas que aqueles dois fizeram juntos. Só pelo caloroso beijo que presenciara, podia imaginar até aonde o nível de intimidade deles chegou. Imagens nada agradáveis para ela lhe percorriam a mente. Via-os fazendo coisas extremamente íntimas. Apertou firmemente a mão do namorado, que a olhou no mesmo instante.

— Você está bem, Ju?

A jovem balançou a cabeça positivamente. Diogo percebeu que ela não estava nada bem, abraçou-a e a levou para se deitar na cama de casal. Acomodou a namorada e sentou-se ao lado para acariciar seus cabelos ruivos.

— Precisamos ficar atentos — disse Fábio, puxando a cortina e abrindo as esquadrias de madeira da janela. — Sei que hoje eles ainda não estão aqui, mas a partir de amanhã o bicho vai pegar.

— Qual é o plano, bonitão? — perguntou Marta.

— Não há exatamente um plano, Marta. Por ora, temos que apenas cuidar desses dois — olhou para Diogo. — Peço para que você não faça nada sem pensar, qualquer movimento irresponsável poderá matá-los.

— Não se preocupe, Fábio, farei tudo o que me mandarem fazer. Não vou arriscar nossas vidas.

— Que bom. Por enquanto vamos permanecer aqui, só sairemos quando Augusto mandar.

Capítulo 6

Chegaram à cidade de Leme por volta das 5h da manhã. Não procurariam por Augusto naquele momento, deixariam para a próxima noite. Assim que o quinteto do Conselho adentrou o município, resolveu dar uma rápida olhada na casa do vampiro responsável pela pequena cidade. Passaram lentamente em frente à residência. Nenhum sinal de vampiros. Continuaram a seguir pela avenida e decidiram começar a procurar algum lugar para passarem as horas de sol. Dobraram a esquina e depois de quatro quarteirões entraram na Avenida José Antunes de Lisboa.

— Onde vamos passar o dia? — indagou Rafaela.

— Precisamos procurar alguma coisa — falou Anderson.

— Não mais — Karen apontou algo pela janela do outro lado da avenida. — Tem um hotel ali.

Todos olharam ao mesmo tempo para a direção indicada. Anderson acelerou o carro e fez o retorno à frente para entrar no outro sentido da avenida. Estacionou o veículo em frente ao Leme Plaza Hotel. Rafaela desceu e entrou no hotel, enquanto os demais permaneceram no automóvel. A vampira de cabelos castanhos e compridos voltou minutos depois com a notícia de que havia quartos livres. Todos desceram e se encaminharam à recepção, somente Anderson ficou no carro para colocá-lo no estacionamento. Rafaela solicitou dois quartos, pedindo para que fossem um do lado do outro. Alugou-os para alguns dias já pagando as diárias. Os vampiros subiram para os aposentos: Rafaela e Karen ficaram em um e os rapazes com o outro.

— Porra, véio! — reclamou Jaime. — Tem só duas camas aqui e somos três.

— Alguém vai ter que dormir no chão — disse Anderson. Os dois vampiros olharam simultaneamente para Pablo.

— Ahhhhhh! Nem vem. Não vou ficar no chão — balançou a cabeça.

— Vamos tirar na sorte então — sugeriu Jaime. — Zero ou um. Quem sair primeiro fica com uma cama sozinho, os outros dois dividem a outra.

Concordaram. Juntaram-se formando um pequeno círculo. Contaram até três balançando as mãos e, ao chegar ao número três pararam, cada um mostrando o seu número escolhido. Anderson e Jaime mostraram 1 e Pablo 0. O jovem vampiro ergueu os braços em sinal de vitória e pulou na cama para comemorar.

— Pirralho maldito — murmurou Anderson. — Fica aí então, moleque, porque eu vou para o bar.

Saiu do quarto, acompanhado de perto por Jaime. Pablo saltou da cama e correu para

alcançar os outros. Anderson bateu na porta do quarto das garotas para chamá-las. Assim que elas saíram, todos se dirigiram para o restaurante do hotel. Logo que adentraram o recinto, sentaram-se em uma mesa próxima ao bar. O garçom veio atendê-los e anotou os pedidos.

— Eu quero um uísque — pediu Pablo.

— Me desculpe, mas não servimos bebida alcóolica para menores de 18 anos — avisou o garçom.

Todos os vampiros riram, menos Pablo.

— Traz um copo de leite pro pirralho — riu Anderson.

Pablo o olhou friamente. Seu ódio por ele só aumentava gradativamente. Ele pagaria por tudo aquilo na hora certa. Voltou a encarar o garçom. Levantou-se um pouco da cadeira e retirou do bolso da calça uma carteira, abriu-a e pegou o documento de identidade que estendeu para o funcionário.

— Já tenho 20 anos e sou um vampiro, posso beber o que eu quiser — falou ele.

Rafaela, ao seu lado, deu-lhe um tapa na nuca que fez com que sua cabeça fosse para frente.

— Para de falar besteira, moleque.

O garçom, não dando importância para as palavras pronunciadas pelo jovem e muito cansado por causa da hora avançada, pegou o RG e o observou por breves instantes, devolvendo-o para o dono e anotando seu pedido no bloco em suas mãos. O funcionário saiu e voltou com as bebidas, retirando-se logo em seguida.

— Você é idiota? Por que fica dizendo que é um vampiro para todo mundo? — perguntou Rafaela.

— Só estou zuando. Ninguém vai acreditar mesmo... — deu de ombros e bebeu um gole do uísque.

— Por que você ainda usa seu documento de humano? — questionou Jaime.

— É que ainda não me distanciei o bastante em idade da minha aparência.

— Vai ter que usar um documento falso para sempre ou nunca vai conseguir beber nada alcóolico com essa cara de fedelho — comentou Anderson, rindo.

— E como vamos fazer amanhã à noite? — perguntou Karen, mudando de assunto e tomando um gole da caipirinha.

— Ainda não sei — respondeu Rafaela, pensativa. — Augusto não é idiota, aposto que ele já deve estar armando algo. Não vai ser tão fácil assim.

— Como não? — falou Anderson. — Augusto tem apenas um pouco mais de 100 anos, não deve ser difícil dar um jeito nele.

— Você é muito imbecil mesmo — xingou Pablo. — Não ouviu os boatos sobre Augusto? Todo mundo comentou sobre isso porque o Alexandre tinha ligado para o Conselho e falado o que

estava acontecendo aqui — encarou Anderson. — Ele deve estar em um nível muito alto.

— E está — confirmou Rafaela. Pegou a bolsa que pendurara no encosto da cadeira e retirou papéis de dentro dela. — Nesses papéis que a moça da recepção nos deu tem um relato do Breno — esticou-os sobre a mesa. — Diz aqui que o Augusto possui uma habilidade nunca antes vista. Ele consegue absorver outros vampiros e com isso aumenta a própria força e adquire novas habilidades. Dessa forma, ele possui muitos poderes escondidos na manga.

— Mas que merda — falou Jaime, logo depois de um gole de conhaque. — Ele deve estar muito forte. É melhor nos prepararmos para usar todas as nossas forças.

— Amanhã à noite iremos até a casa de Augusto — informou Rafaela. — Se percebermos que o garoto Diogo e a menina não estão lá, sairemos logo em seguida, porque não sei se é uma boa ideia batermos de frente com o Augusto agora.

— Claro que é uma boa ideia — riu sarcasticamente Anderson. — Vou acabar com ele num piscar de olhos.

— Não seja retardado, Anderson! — foi a vez de Karen xingá-lo.

— Não quero mais ouvir sua voz — repreendeu Rafaela, encarando Anderson. — Não estamos aqui para brincadeiras. Eu nunca falhei em nenhuma missão e não será por sua causa que falharei nessa — fitou os demais vampiros. — Se for preciso procuraremos pela garota em cada canto dessa cidade. Só vamos sair daqui quando ela estiver morta — bebeu em um só gole mais da metade do copo de vinho. Ficou em pé. — Amanhã vai ser foda.

Diogo olhou para o relógio de ponteiros pendurado em cima da porta de entrada: marcava 5h. Marta e Fábio passavam as horas conversando bem baixinho e rindo. Diogo acariciava os longos cabelos de Júlia esperando que ela dormisse, só que esta não pregou os olhos em nenhum momento. Conseguia captar muito medo e preocupação emanando da garota ruiva. Não sabia o que fazer. Queria fazê-la esquecer de tudo aquilo por algumas horas, entretanto suas tentativas de acalmá-la foram todas em vão. Júlia sorria e dizia que estava tudo bem, mas ele, agora um vampiro, sabia que não estava nada bem, farejava os sentimentos dela.

Levantou-se da cama sobressaltado. Todos no pequeno cômodo o examinaram com atenção. O jovem vampiro pegou Júlia pela mão, fazendo-a ficar em pé. Puxou-a para fora do quarto e se dirigiram para perto da piscina que refletia a lua minguante. Diogo enlaçou sua namorada pela cintura e encostou os lábios delicadamente nos dela. Continuou a perceber a preocupação exalar pelos poros da garota. Abraçou-a com força. Tentou de tudo o que se lembrava para fazer com que

ela melhorasse, mas não obtinha êxito.

Durante o abraço, inalou o cheiro dos cabelos avermelhados de Júlia. Com o odor, uma lembrança não muito antiga penetrou em sua mente.

Recordou-se de sua namorada cantarolando uma música que ouvia pelo fone de ouvido do mp3. Ela mantinha os olhos fechados e rodava no ritmo da canção. Diogo se aproximara lentamente, abraçando-a por trás e sentindo os cheiros dos longos cabelos dela invadirem suas narinas. Júlia não se assustou com o abraço e apenas passou seus braços pelos de Diogo e continuou a cantarolar a música em um inglês mal pronunciado.

Diogo soltou-se um pouco do forte abraço e mirou os redondos olhos dourados de Júlia.

O rapaz encostou sua testa na dela e começou a cantarolar a canção que sua pimentinha tanto gostava. Não sabia a letra, porém se recordava perfeitamente do tom e ritmo. Ela arregalou os olhos ao ouvir a música. Enquanto seu namorado a embalava, Júlia proferia a letra iniciando do segundo verso, com os olhos já úmidos.

— *I wanna hold you high and steal your pain away*[\[1\]](#)... — lágrimas escorreram involuntariamente pelas suas bochechas. Não conseguiu continuar o próximo verso, pois os soluços não permitiam. Respirou fundo e tentou cantar o refrão. — *'Cause I'm broken... When I'm lonesome... And I don't feel right... When you're gone away...* — pronunciou as palavras com muita dificuldade, pois chorava copiosamente. Ao terminar o refrão, deixou-se cair nos braços de Diogo não conseguindo falar mais nada.

— Pensei que você fosse ficar mais animada com a música... — Diogo a abraçou.

— E eu fiquei... — tentava conter o choro. — Só fiquei emocionada de você ter se lembrado dela, nunca imaginei...

— Eu te amo, Júlia, mas infelizmente não sei como vai ser daqui para frente — abaixou a cabeça. — Me desculpa por tudo.

A garota ruiva entrelaçou os braços no pescoço do namorado e desabou a chorar. Soltou, junto ao choro, gritos de desespero.

— Estou com medo, Diogo, muito medo — abraçou-o mais forte. — Não quero morrer, não quero...

— Você não vai morrer. Eu juro que vou te proteger de qualquer coisa.

Não sabia mais se acreditava nas palavras de Diogo. Não sabia se ele podia realmente protegê-la. Tentou com todas as forças acreditar nele, só que algo dizia a ela que seria difícil sair com vida dos meses que viriam. Balançou a cabeça para se livrar daqueles pensamentos. Fitou os olhos verdes de seu namorado. Se essa seria a última noite de tranquilidade, deveria então aproveitá-la. Secou as lágrimas com as costas das mãos e logo em seguida acariciou os cabelos negros de

Diogo, passando para as orelhas, pescoço e bochechas. Com o indicador, contornou os lábios dele beijando-os logo depois. Estava com muito medo, isso era impossível de esconder, mas precisava se controlar e lutar contra as emoções. As coisas não seriam nada fáceis a partir de agora. Precisava ser forte.

Capítulo 7

Rafaela foi a primeira a despertar do transe vampírico. Levantou-se da cama e avistou sua companheira no outro leito. Caminhou até a janela do quarto do hotel, retirou as grossas cobertas que penduraram para que o sol não entrasse e olhou através do vidro. O céu já escurecera, mas olhando ao longe no horizonte, percebia-se uma camada avermelhada. O sol acabara de se pôr. Sua ansiedade era tanta que acordou na mesma hora em que os raios daquela estrela não mais atingiam o solo.

Ficou admirando o céu até não mais haver nenhum tom além do negro da noite e suas inúmeras estrelas. Fazia anos que não via o céu tão estrelado, pois morando na capital paulista era difícil olhar para o céu por causa dos prédios e quando olhava não conseguia ver tantas estrelas graças à quantidade excessiva de poluição no ar. Só que em uma cidade do interior era possível contemplar muitas. Lembrou-se por instantes de sua vida humana, vivida em uma pequena cidade do interior do Paraná. Sacudiu a cabeça. Riu de si mesma. O que estava pensando? Aqueles sentimentos não eram mais permitidos a alguém em sua condição. Adorava ser uma vampira. Sua existência humana já era algo distante, pois viveu muito mais tempo como vampira: passou apenas 25 anos como humana e agora já fazia cerca de 120 anos que era um ser noturno.

Andou até o banheiro, parando em frente ao espelho para escovar os longos cabelos castanhos. Assim que terminou de penteá-los, trançou-os. Voltou ao cômodo, encontrando Karen ainda com o olhar perdido. Demorou alguns segundos para que a vampira negra tomasse consciência. Karen levantou-se, arrumou-se e ambas deixaram o dormitório. Bateram na porta do quarto dos outros membros do Conselho e logo o adentraram, vendo todos despertos. Rafaela sentou-se em uma das camas e perguntou:

— Todos preparados?

— Sim — respondeu Pablo — Mas acho melhor você lembrar alguém aqui do que deve ser feito — indicou Anderson com o olhar.

— Não quero que você faça nenhuma besteira, me entendeu? — Rafaela apontou o dedo indicador na direção de Anderson.

— Que merda é essa, um complô? — irritou-se. — Você deveria dizer isso para o pirralho aí e não para um vampiro experiente como eu.

— É, garotão — interveio Karen olhando para ele —, sua fama de arruaceiro corre pelo Conselho. Dizem que você não costuma cumprir ordens e sempre quer fazer as coisas do seu jeito.

— Pode-se dizer que sou um pouco assim mesmo, mas isso nunca me impediu de completar nenhuma missão.

— As coisas são diferentes agora, Anderson — disse Rafaela. — Existem doze vampiros aqui que estão prontos para nos enfrentar. Eles já devem estar organizados. Além disso, tem as habilidades de Augusto. Pelo relato de Breno, temos o conhecimento de algumas e sabemos também que ele absorveu Alexandre, que não era qualquer um. Então — encarou o vampiro firmemente —, não saia da linha, precisamos nos unir para concluir a missão.

Anderson revirou os olhos, deu as costas e começou a deixar o aposento. Os demais o seguiram até o estacionamento do hotel. Entraram no veículo e se dirigiram para o covil de Augusto, a poucos quarteirões de onde estavam. O automóvel foi estacionado de frente à casa, do outro lado da avenida. Karen foi a primeira a descer acompanhada de perto pelos outros. A vampira negra fechou os olhos, concentrando-se e abrindo os braços. Em sua mente formou-se um mapa da região com um alcance de um quilômetro; nele viu vários pontos vermelhos que indicavam humanos e somente sete pontos brancos: dois dentro da residência de Augusto e os demais do lado de fora.

— Tem só dois aí dentro — avisou Karen.

— Sabia! Augusto é esperto, ele já escondeu a menina — comentou Rafaela.

— O que vamos fazer? — indagou Jaime.

— Vamos ver como as coisas estão aí dentro, mas somente alguns entrarão — encarou Karen. — Precisamos de você aqui fora para procurar pelos outros, vamos rodar essa cidade — fitou os demais. — Quem quer entrar na casa e ver o que está acontecendo lá?

Anderson sorriu e sem nada dizer iniciou sua caminhada em direção à residência. Pablo correu atrás do vampiro. Os dois pularam o portão da casa, entrando em uma longa garagem que possuía apenas um carro. Os passos de ambos ecoavam ao se chocarem contra o piso. Pararam em frente à porta de madeira entreaberta. Anderson encostou a mão e a empurrou.

A sala luxuosa surgiu diante dos olhos dos vampiros do Conselho. Sentado em uma poltrona com um cigarro nas mãos encontrava-se Augusto. Ele olhou-os entrar e sorriu. No mesmo instante, uma ventania acometeu os dois membros do Conselho fazendo com que eles cobrissem o rosto e dessem um passo para trás. Anderson fechou os olhos para protegê-los do vento, porém assim que o fez, notou uma presença próxima. Abriu os olhos, vendo Augusto ao seu lado pronto para desferir um golpe. Foi atingido em cheio no rosto e voou para cima de Pablo. Caíram sobre o bar despedaçando o móvel.

Pablo colocou-se em pé de sobressalto e parou diante de seu companheiro. O garoto vampiro olhou para um sofá de três lugares, o objeto se moveu com muita velocidade na direção de Augusto, acertando-o e derrubando-o. Pablo olhou para outros vários móveis da sala fazendo com que estes também se movessem, mirando o líder da cidade.

Já esperando pelo ataque, Augusto levantou-se e com um estalar de dedos fez com que todos

os móveis pegassem fogo e se tornassem cinzas instantaneamente. No instante seguinte, surgiu à frente do menino, pegando-o pelo pescoço e o jogando contra a parede, abrindo um enorme buraco. Anderson, já de pé, esticou o braço na direção do vampiro e da palma de sua mão saíram pequenas bolinhas pretas que grudaram no ombro de Augusto. O vampiro do Conselho sorriu malignamente e estalou os dedos. As pequenas bolinhas penetraram na pele e explodiram no momento em que estalou os dedos. Augusto foi arremessado para longe, só parando ao bater contra a parede. Uma nuvem densa e fétida exalou do vampiro caído e uma dor insuportável o dominava, forçando-o a olhar para o ferimento. Seu braço caíra a metros de distância, não possuía mais ombro e nem uma parte do peito. Augusto tentou se regenerar rapidamente, só que ao dar início à sua habilidade a dor intolerável veio mais intensa, o que impossibilitou a rápida regeneração.

— Eu disse que podia sozinho com você — Anderson caminhou confiante até o outro no chão.

Augusto gargalhou. Levantou-se e desapareceu da frente do membro do Conselho reaparecendo em suas costas.

— Nem daqui há mil anos você poderá comigo.

Encostou a mão que lhe sobrava na nuca do vampiro. Absorveria Anderson e acabaria logo com aquela brincadeira. Mas antes que pudesse ter realizado o que desejava, Pablo pulou em cima dele com as presas à mostra e os olhos vermelhos. O garoto agarrou a cabeça de Augusto e a virou, ouvindo os ossos do pescoço se quebrarem. Augusto perdeu as forças nas pernas, caindo de joelhos no chão. Pablo nem sequer esperou que tocasse o piso para dar uma sequência de socos no vampiro. Atingia-o tão violentamente que seus punhos e roupas não demoraram a se mancharem com o espesso sangue de Augusto.

Cláudio observava a luta do corredor. Foi orientado pelo líder para não interferir, entretanto via que Augusto não estava na vantagem. Hesitou, mantendo o olhar na luta e por fim decidiu se meter. Verificou se sua presença continuava escondida e caminhou sorrateiramente. Ao espreitar, ainda sem ser notado, saltou e caiu em cima de Pablo; com isso, ambos rolaram para longe. Cláudio sabia que não conseguiria segurar o garoto por muito tempo, mas fazia o possível. Seus olhos ficaram vermelhos e os dentes se alongaram para fora da boca. Grunhiu ferozmente. Usou todas suas forças contra o garoto, atingindo-o fortemente inúmeras vezes.

O corpo de Augusto, estirado ao chão, mexeu-se. Em poucos segundos a cabeça voltara à posição normal e os ferimentos causados pelos golpes de Pablo já não existiam mais. O que ainda persistiu foi o machucado causado pela explosão de Anderson.

Ao ver Augusto se levantar, o vampiro do Conselho voltou a estender o braço para mais um ataque. Augusto, já sabendo o que aconteceria, desapareceu da vista do vampiro usando sua

velocidade sobrenatural. Com o sangue que escorria do ferimento formou uma espada e com ela partiu para cima de Anderson, aparecendo às suas costas. Este desviou-se da primeira investida com facilidade, também usando sua velocidade para escapar. Sem que Augusto percebesse, liberou algumas pequenas esferas negras que grudaram na parte de trás da camisa do vampiro. Anderson parou próximo à porta, estalou os dedos e viu Augusto cair novamente no chão. O vampiro responsável pela cidade ergueu-se, levando a mão até o novo ferimento na cintura. Fitou Anderson.

— Cansei de brincar com você! — gritou furioso. Seus olhos acenderam rubros e as presas apareceram.

Augusto gritou possuído de fúria, seus olhos pareciam em chamas. O grito passou de fúria para dor, pois tentou recuperar as feridas causadas por Anderson. Sua habilidade de recuperação instantânea não funcionava em plenitude, só aumentando a dor. Urrou tão ferozmente que se podia ver as grossas veias azuis quase lhe saltando pela pele, principalmente no pescoço e rosto. Com muita dificuldade e com um incômodo descomunal, conseguiu curar as feridas e seu braço voou do chão para o novo ombro. Depois de forçar a recuperação, sentiu-se fraco e caiu de joelhos.

— Ha, ha, ha... Não consegue mais ficar em pé? Do que adianta se recuperar dos ferimentos se perdeu toda a força? Mas não se preocupe, ainda vou causar mais alguns — voltou a estender o braço.

Augusto encarou o vampiro. Realmente estava ficando fraco, só que conseguiria pôr um fim naquilo. Fechou os olhos brevemente para se concentrar na mesma habilidade que usara contra Alexandre: confundiria Anderson. Arregalou os olhos fixando os do vampiro. Usaria essa habilidade o máximo que conseguia, mesmo não a dominando plenamente. Ficou em pé, arrancou a camisa toda rasgada jogando-a longe, deixando assim o tronco nu. Com um movimento de mãos, uma esfera de vento o envolveu. Deu início à caminhada na direção do vampiro.

— Vejo que você está querendo morrer hoje, não é, Augusto? Como um bom vampiro do Conselho deveria te interrogar e te obrigar a dizer onde escondeu o casal de pirralhos, mas... — deu de ombros. — Sei que você não vai me dizer isso. Então vamos pular essa parte. Vou acabar com você agora.

— Pode tentar — sorriu.

Anderson estendeu os braços e fez com que várias pequenas esferas negras saíssem de suas palmas. Inicialmente pensou em mandá-las para cima do vampiro. Tentou, porém não conseguiu. A nuvem que se formara parou na sua frente, sem mais se mover. Anderson franziu o cenho. Tentou novamente, sem obter sucesso, fazê-las percorrerem o caminho traçado em sua mente. Nada aconteceu. Ouviu a risada de Augusto.

— O que você fez?

— Nada. É você quem vai fazer — voltou a rir.

Anderson continuou a se concentrar em sua habilidade, mas sua visão ficou turva. Colocou as mãos no rosto. Seu corpo se moveu involuntariamente, caminhando para mais perto das pequenas esferas. Sua mão direita se levantou, com os dedos prontos para o estalo que explodiria as bolinhas.

— Não! — berrou, tentando controlar os próprios movimentos.

As esferas irromperam-se em uma explosão de grandes dimensões que foi capaz de jogar os dois vampiros que se surravam para longe e terminar de destruir a sala. Pablo bateu com força na parede, levantou-se rapidamente e correu pela fumaça densa na direção de Anderson, encontrando-o todo desfigurado e com vários buracos pelo corpo, causados pela explosão. O jovem vampiro olhou para Augusto: ele ria. Não pensou duas vezes... Era hora de recuar. Colocou o companheiro sobre o ombro e com sua velocidade correu para fora da residência.

— Vocês não vão escapar!

Pablo apareceu diante do veículo estacionado do outro lado da avenida.

— Abre a porta! — gritou. — Rápido, rápido!

Karen pulou do banco dianteiro do passageiro para o do motorista, já dando partida no Audi RS4. Jaime abriu a porta de trás para que o garoto colocasse Anderson. Pablo sentou-se no banco dianteiro, gritando:

— Vamos sair daqui agora!

A motorista engatou a primeira marcha para arrancar com o veículo, mas assim que começou a retirar o pé da embreagem viu uma silhueta à frente. Augusto, parado diante do automóvel, sorriu e balançou o dedo indicador de um lado para o outro, em sinal de negação. Karen engatou a marcha ré e pisou fundo no acelerador. Enquanto se afastavam, viram Augusto erguer o braço direito e, junto com seu movimento, o chão tremeu. O asfalto começou a ceder e a se movimentar intensamente, impedindo o carro de prosseguir. Pablo tocou com as mãos o teto do carro, fazendo o automóvel sair do chão, levitando-o e movendo-o velozmente.

Ao ver a cena, Augusto levantou a outra mão e o fogo tomou conta dela. Mirou o veículo e disparou as chamas em cima do alvo. Ao ser atingido, o automóvel incendiou-se na parte frontal.

— Essa merda vai explodir! — vociferou Jaime.

Rafaela quebrou o vidro ao seu lado, colocando as mãos para fora. Em poucos segundos, água cobria o carro, apagando as chamas e deixando o ar coberto pela fumaça liberada pela rápida mudança de temperatura da lataria.

— Tira a gente daqui agora, Pablo! — gritou Rafaela.

Pablo concentrou-se o máximo que pôde para tirá-los de lá. Não fazia muito tempo que tomara conhecimento dessa sua habilidade. No entanto, como tudo em si, ela desenvolveu-se

rapidamente, mesmo que ele ainda não a dominasse 100%. Usou toda a força que conseguiu para salvá-los de Augusto. O carro se moveu em grande velocidade, deixando para trás um vampiro furioso.

O veículo voador cortou o céu estrelado da cidade de Leme. Precisavam se afastar o máximo possível de Augusto. Assim que atingiram uma distância segura, Pablo desceu o carro em um lugar descampado, que anteriormente havia sido um canavial.

— Mas que porra foi essa? — Jaime desceu e o chutou os pneus.

— Eu disse que não seria nada fácil — falou Rafaela, puxando Anderson para fora do automóvel e o colocando no chão. — O que aconteceu com ele? — perguntou olhando Pablo.

— Não sei direito, porque eu estava dando um jeito em outro cara, mas acho que o Augusto controlou o Anderson. Ele se feriu assim com a própria habilidade.

— Entendo — respirou fundo a vampira.

— Entende? — perguntou Jaime, ainda alterado. — Augusto quase massacrou a gente em poucos minutos! Como vamos cumprir essa merda de missão desse jeito? Como essa porcaria de Conselho nunca veio aqui para ver como ele realmente estava? As informações de Breno não foram o suficiente, ninguém sabe a verdadeira força dele.

— Sabemos disso, Jaime — Karen chegou perto e o tocou no ombro. — Só não se esqueça de que a nossa missão é matar a menina e o garoto, e para isso não precisamos enfrentar Augusto novamente.

— Mas eles estão sob a guarda dele.

— Não, não — a vampira sorriu, com dentes extremamente brancos. — Na casa só havia dois vampiros. Eles não estão sob a proteção dele. Devem estar com outros e não com o Augusto.

— Muito bem lembrado, Karen — disse Rafaela. — Só precisamos encontrá-los antes que Augusto vá até eles.

— E como vamos fazer isso? — indagou Pablo, aproximando-se de Anderson e mexendo nele com o pé.

— Posso tentar rastreá-los, só que meu alcance é curto. Por isso vamos ter que percorrer a cidade.

— E o que vamos fazer com esse aqui? — Pablo fitava Anderson.

— Ele morreu por hoje.

— Vou colocar ele no porta-malas então — o garoto vampiro pegou o companheiro caído, colocando-o dentro do porta-malas do veículo. Depois de acomodar Anderson, perguntou: — Será que o carro ainda funciona? — sentou-se no assento do motorista e girou a chave no contato.

O motor chiou e não funcionou. Tentou novamente. Voltou a chiar e a engasgar, mas conseguiu

fazer com que ligasse logo em seguida. Pisou fundo no acelerador para ouvir o ronco da máquina.

Não podiam perder tempo. Tinham que aproveitar a oportunidade e procurar pelo jovem casal antes que estes estivessem sob a proteção do líder da cidade.

Augusto olhou ao redor, notando toda a destruição que causara. Viu os seguranças das casas vizinhas correrem até a avenida para averiguar o acontecido. Irritou-se. Isso sairia no noticiário, tinha certeza. No entanto, não havia nada que pudesse fazer para reparar os danos. Resolveu voltar para dentro de sua residência e fingir que nada aconteceu, como se o assunto não tivesse nada a ver com ele. Adentrou a casa, parando na sala e observando o estrago. Cláudio recostava-se na parede com vários ferimentos.

— O que vamos fazer agora? — perguntou o vampiro ruivo.

— Ainda não sei. Mas avisarei os demais.

Capítulo 8

Júlia sentara do lado de fora do quarto olhando a piscina. Com o olhar perdido, recordou-se de como era sua vida antes de tudo aquilo. Respirou fundo. Era quase Natal e nem sequer podia ver a própria família, nem sabia onde encontrá-los. Abraçou os joelhos e chorou. Não queria estar passando por tudo aquilo, nem sequer imaginou que seria daquele jeito... Pensou que viveria bem ao lado de Diogo, porém isso não estava acontecendo. Por mais que ele ficasse perto dela durante a noite, nas horas de sol tinha de ficar sozinha e o mal-estar causado pela gravidez piorava cada vez mais. Mas para não preocupá-lo, preferiu não contar nada a ele.

Por mais que tivesse dormido quase ao amanhecer, despertou no meio da tarde. Apavorou-se ao acordar e ver aqueles três parecendo mortos. Uma visão horrível. Saiu do quarto com nojo de ter dormido mais uma noite ao lado de Diogo. Seu braço morto a envolvia, causando na garota repugnância e fortes enjoos. Não entrou novamente no cômodo, permanecendo do lado de fora. Alimentou-se com a pouca comida na geladeira e depois ficou ali, observando a água da piscina vibrar por causa de alguns insetos que caíam nela, formando pequenas ondas junto com o vento.

Perdeu-se em seus pensamentos, em suas lembranças e no tempo. Só voltou a si um pouco antes do anoitecer, vendo o céu avermelhado. Decidiu levantar-se para esticar as pernas dormentes, só que ao pôr-se de pé uma forte tontura a acometeu. Colocou as duas mãos na cabeça para tentar aliviar a sensação. Deu um passo para frente e a tontura piorou. Tentou com uma das mãos procurar a parede atrás de si para se apoiar, mas não a encontrou. Júlia cambaleou, sua visão escureceu, veio abaixo e bateu com a cabeça no chão, desacordada.

Diogo despertou e procurou pela namorada. Viu Marta e Fábio deitados na cama debaixo do beliche, abraçados. Sentiu uma pontada no estômago, como se algum mostro raivoso fincasse suas garras nele, cortando-o de dentro para fora. Teve aquela linda morena toda para si e agora lá estava ela, deitada com outro. Balançou a cabeça. No que estava pensando? Não podia mais nutrir aquele tipo de sentimento por Marta. Deixou o quarto e foi à procura de Júlia.

Assim que chegou perto da porta um odor adocicado lhe invadiu as narinas: sangue. Saiu desesperado procurando pela namorada. Viu-a caída próxima à piscina, perto da parede. Correu até ela.

— Júlia! — gritou, pegando-a no colo.

Colocou as mãos nos cabelos ruivos de Júlia, agora manchados de sangue. O cheiro daquele líquido o deixou tonto. Retirou a mão já vermelha dos cabelos da namorada enquanto seus olhos se acendiam involuntariamente e as presas se alongavam. Passou a língua pela própria mão lambendo o sangue de sua amada. Delicioso! Voltou a mexer nas longas madeixas procurando o ferimento. Notou um profundo corte na cabeça da garota. Passou a língua no local, lambendo-o. Encostou os lábios no corte e sorveu uma pouca quantidade daquele líquido que o deixava descontrolado.

Quando o sangue de Júlia escorreu por sua garganta, voltou a si. O que estava fazendo? Queria matá-la? Diogo afastou-se da namorada, horrorizado com a própria atitude. Não pensava no bem-estar dela e sim em se alimentar. Limpou a boca e as mãos sujas de sangue na água da piscina e retornou para o lado dela. Respirou fundo para manter o controle e observou o corte. O sangue ainda esvaía do ferimento. Arrancou um pedaço da própria camiseta e tentou estancar o sangramento. De nada adiantou. Ficou aflito. Precisava fazer alguma coisa. Correu de volta ao quarto. Marta e Fábio ainda dormiam. Apanhou a chave do carro, levaria Júlia para o hospital. Pegou a namorada no colo levando-a para o veículo estacionado na garagem e colocando-a no banco dianteiro. Tomou a posição de motorista e deu partida. Saiu da garagem a caminho da Santa Casa de Misericórdia de Leme.

Com o chacoalhar do automóvel, Júlia abriu os olhos lentamente. Uma tontura ainda a acometia. Virou-se para ver onde se encontrava. Viu o namorado ao volante.

— Diogo... — chamou, de forma quase inaudível.

— Você está bem, Júlia? — perguntou, olhando-a.

— Não — choramingou. — Está doendo... — lágrimas escorreram pelos cantos dos olhos.

— Estou levando você para o hospital — tocou-a no rosto. — Vai ficar tudo bem.

— Não vai ficar tudo bem! — gritou. Encarou o namorado com os olhos vermelhos. — Nunca mais vai ficar bem...

A tontura intensificou-se, fazendo com que Júlia se encostasse novamente no banco. Não se sentia nada bem. Colocou a mão na cabeça, suas mãos se molharam de sangue. Ao ver o líquido vermelho, enjoou-se. A mesma mão vermelha agora lhe tapava a boca na tentativa de conter o vômito. Conseguiu segurar por alguns instantes, mas o cheiro enjoativo penetrou intensamente por suas narinas. Não mais aguentando, colocou o tronco para frente e vomitou nos próprios pés.

Diogo presenciou a cena sem nada mencionar. Apenas virou-se para prestar atenção no trânsito. Poucos minutos depois, parou o veículo em frente à Santa Casa. Desceu e se dirigiu para abrir a porta para a namorada. Júlia colocou os pés para fora e apoiou os braços no painel e no banco para ganhar impulso para sair. Assim que ficou em pé, as pernas perderam a força e caiu nos braços do namorado. Diogo a pegou no colo e a levou para receber cuidados médicos.

Depois de passar pela consulta, Júlia foi colocada sobre a maca. O enfermeiro, com uma seringa em mãos, aplicou o anestésico no ferimento da menina. Instantes depois começou a dar os pontos. Diogo permaneceu ao lado, segurando sua mão. Uma auxiliar de enfermagem iniciou o preparo do soro. Ela aproximou-se da paciente e aguardou até que o enfermeiro terminasse. Júlia foi encaminhada para uma cadeira para que fosse medicada. A auxiliar amarrou o braço da menina com um garrote e depois o apalpou para encontrar uma veia boa que, ao encontrar, perfurou com a agulha. Pendurou o soro no suporte e o deixou gotejar. Com a seringa, introduziu no tubo alguns medicamentos que mudaram a coloração do líquido.

— Prontinho — disse a auxiliar. — Agora você vai ficar aqui por algum tempo, tudo bem? — Júlia meneou positivamente a cabeça. A funcionária do hospital sorriu e depois olhou para Diogo. — Você está muito pálido, garoto, não quer passar pelo médico também?

— Não, obrigado, estou bem.

A moça sorriu e se retirou da sala, deixando-os sozinhos. Diogo diminuiu ainda mais a distância entre ele e Júlia, sentando-se em uma cadeira ao lado e segurando-a pela mão.

— Me desculpa por ter gritado com você — falou Júlia, encarando os olhos verdes do namorado.

— Não se preocupe. Eu imagino como deve estar sendo difícil pra você tudo isso — beijou-lhe a mão. — Só quero que você me conte como está se sentindo realmente, tanto psicológica quanto fisicamente.

— Eu não estou muito bem.. Estou tendo tonturas e enjoos muito fortes. Não queria te incomodar com isso.

— Estou aqui para te proteger — pegou-a pelo queixo. — E para isso, preciso saber o que realmente acontece com você.

— E... — hesitou. — Não me sinto bem em dormir com você.

— Por quê?

— Você é gelado, Diogo. Acordo assustada, é uma sensação horrível. Parece que você está morto.

— Não sabia disso — abaixou os olhos, mirando os próprios pés.

— Não fique assim — tocou-lhe o rosto. — Acho que fico assim por causa da gravidez.

— A partir de hoje vou melhorar meus cuidados com você — encostou seus lábios nos dela, beijando-a levemente.

Ela retribuiu o beijo. Apoiou a cabeça no ombro do namorado para esperar o tempo passar e o soro terminar.

— Eles sumiram! — avisou Marta, entrando correndo no quarto.

— Eu não acredito nisso — Fábio passou a mão na cabeça.

— O que vamos fazer?

— Não sei, só espero que eles não tenham se enfiado em encrenca.

— Vai ver eles deram um pulinho num motel próximo — riu.

— Não é hora de brincadeira, Marta.

— Calma, bonitão — a vampira encostou seus lábios rapidamente nos dele. Sorriu. —

Estava só brincando.

— Eu sei, eu sei.

Fábio sentou-se na cama e ficou aguardando a volta do jovem casal. Dessa maneira, uma hora se passou sem que eles retornassem. O vampiro negro andava nervoso pelo cômodo. Marta apenas o acompanhava com o olhar, também começava a se preocupar com a demora. Passaram-se mais dez minutos até Fábio dizer:

— Não aguento mais isso. Vou atrás deles.

Abriu a porta e saiu do quarto. Marta o acompanhou de perto. Atravessavam a garagem quando ouviram a voz de Augusto em suas mentes.

— *Todos estão me ouvindo?*

Todos os vampiros de Augusto responderam que sim, até mesmo Diogo que continuava no hospital com Júlia.

— *Ótimo. Prestem atenção no que vou dizer a vocês. Há pouco, 5 membros do Conselho apareceram aqui. Tentei acabar com eles, mas não consegui, eles fugiram. Quero que vocês fiquem em alerta, principalmente Fábio e Marta que estão juntos de Diogo e Júlia.*

— Augusto — chamou Fábio. — Eles não estão com a gente, sumiram.

— *O quê?* — indagou em tom elevado. — *Onde você está, garoto?*

— *Estou na Santa Casa. A Júlia passou mal.*

— *Volte agora mesmo para perto de Fábio e Marta. Agora!*

— *Já estou indo, Augusto.*

— *Os demais permaneçam onde estão. Aviso se tiver mais notícias.*

— O que aconteceu? — perguntou Júlia.

— O Augusto disse que os membros do Conselho já estão aqui e que foram até a casa dele hoje. E disse também que é pra gente voltar agora.

Júlia olhou para o soro, ainda estava na metade. Encarou o namorado.

— E o soro?

Diogo sorriu. Levantou-se da cadeira e retirou o soro do suporte. Olhou para Júlia e pediu para que ela o segurasse com o braço esticado para cima. Assim que a garota pegou o medicamento, Diogo a carregou no colo e usando sua velocidade desapareceu de dentro das dependências do hospital.

Não sabiam por onde começar a procurar. Karen tinha um alcance de um quilômetro, dessa forma teriam que percorrer toda a cidade em busca do jovem casal. Rodaram por vários minutos. Rafaela ao volante, Karen ao lado com os olhos fechados concentrando-se na procura, Jaime e Pablo no banco traseiro. A vampira negra via em sua mente todos os humanos que seu rastreador alcançava, mas infelizmente nenhum vampiro além deles. Decidiram passar pelo centro da cidade e assim subiram a Rua Dr. Armando Salles de Oliveira. Não demorou muito até a vampira dizer:

— Tem dois de nós aqui perto.

— Onde? — perguntou Rafaela.

— Na rua ao lado.

— Acha que são eles?

— Não... — franziu o cenho. — Tem só dois e eles estão parados. Não tem nenhum humano junto.

— Vamos marcar esse ponto caso precisemos voltar aqui.

Continuaram seguindo pelo centro, movimentado por causa das lojas abertas durante a noite, motivadas pela proximidade do Natal. As ruas estavam todas enfeitadas por luzes que piscavam sem parar junto dos vários enfeites natalinos espalhados pelas praças e alguns estabelecimentos.

Passavam pelas proximidades da Santa Casa quando Karen gritou:

— Achei! — todos a olharam. — Tem um humano e um vampiro juntos, são dois, estão se movendo rapidamente, acho que estão em um carro.

— Onde? — perguntou Rafaela, aflita.

— Vire a próxima à esquerda, eles estão indo pela próxima rua.

Rafaela dobrou a esquina e em seguida virou à direita, caindo na Rua Ernesto Gatto, rua da Santa Casa. Seguiram rapidamente.

— Eles estão logo à frente!

Capítulo 9

Olhou para Júlia, que aparentava estar melhor. Sorriu sem que ela notasse. Continuou o caminho de volta à edícula. A poucos metros antes de chegar à rotatória que daria acesso à Avenida da Saudade, Diogo percebeu o cheiro de vampiro. Olhou pelo retrovisor e viu um carro vindo velozmente em sua direção. Só podia ser o Conselho. Pisou fundo no acelerador, fazendo com que os pneus traseiros cantassem. Quase se chocou com um ônibus.

— Merda! — gritou Diogo.

— O que aconteceu? — questionou Júlia.

— Eles estão atrás da gente — viu os olhos da namorada encherem-se de lágrimas. — Não chore! — ordenou. — Não podemos nos desesperar. Eu vou te salvar — disse sério, beijando-a logo em seguida.

Adentraram a Avenida da Saudade em alta velocidade. Os vampiros do Conselho perceberam o aumento de velocidade do carro à frente e por isso Rafaela acelerou ainda mais, atingindo o veículo de Diogo, quase o fazendo perder o controle da direção.

— Se continuar assim, vamos bater — encarou Júlia — Me escuta com atenção, você tem que fazer exatamente o que eu disser.

— O quê?

— Vou segurar eles aqui enquanto você vai até a casa do Augusto. Ele está lá. Conte onde estou e o que está acontecendo. Ainda bem que estamos perto...

— Você está louco? Não vou te deixar fazer isso. E eu nem sei dirigir.

— Não estou pedindo sua permissão! Eu vou fazer isso para te proteger — engatou a terceira marcha, com isso forçou o motor, que roncou alto. — Vou deixar o carro na terceira marcha, assim você pode guiar ele sem que morra — estendeu a mão para a namorada, retirando dela a agulha por onde o soro penetrava. Ela gritou. Puxou o braço de Júlia para perto e lambeu o sangue que escorria do novo ferimento. Ela olhou-o, assustada. — É para dar sorte — sorriu. — Venha para mais perto e coloque seu pé aqui onde está o meu — ela colocou o pé direito no acelerador quando Diogo retirou o seu. — Segure o volante — assim que a namorada se apossou da direção, o garoto vampiro pulou para o banco traseiro e ela se sentou no assento do motorista. — Eu te amo, Júlia!

Foi a última coisa que falou antes de quebrar com um soco o vidro traseiro, atravessando-o e pulando em cima do capô do veículo que os perseguia. Diogo saltou com os olhos vermelhos e os caninos à mostra; assim que caiu sobre o carro, socou repetitivamente o vidro dianteiro, quebrando-o e puxando para fora a motorista.

Sem ninguém no comando, o veículo rodou e bateu em umas das várias árvores do canteiro da avenida. Os dois vampiros em cima do automóvel foram jogados a metros de distância. Assim que Diogo tocou o asfalto, levantou-se apressadamente. Retirou o punhal de seu tornozelo e correu para cima da vampira que conduzira o carro.

Rafaela ainda se levantava quando foi atingida nas costas pelo jovem, que desferiu inúmeros golpes na moça com o punhal, manchando-se com o sangue dela. Jaime correu em direção a Diogo, retirando-o de cima de Rafaela com um chute. O garoto rolou no chão, só que em instantes estava em pé. Encarou todos. Mais dois vampiros juntaram-se à mulher caída e ao homem que o golpeou.

— Então, você é o Diogo? — perguntou Pablo.

— Não importa quem eu sou!

Partiu para cima do quarteto com o punhal em mãos, mas antes de alcançá-los foi repellido com violência e jogado mais uma vez ao chão.

— Vá atrás da garota! — ordenou Rafaela, levantando-se e cuspidando sangue.

— Ela está na casa do Augusto agora — avisou Karen. — A perdemos dessa vez...

— Que droga! — olhou para o garoto no chão. — Mate-o, Pablo!

— Não precisava nem pedir.

Pablo olhou para Diogo, fazendo-o levitar do chão e voltar a cair nele com força. O jovem membro do Conselho repetiu o ataque inúmeras vezes, vendo o sangue de Diogo espirrar a cada novo contato com o asfalto.

Diogo não conseguia se livrar do ataque, toda força que usava não era o bastante. Pensou em Júlia... Ela pelo menos estaria segura ao lado de Augusto. *Se você morrer aí, Augusto não vai conseguir me trazer de volta e não precisará mais da garota. Ele vai matá-la!* A voz de Henrique ecoou por sua mente.

Ele estava certo, não podia se entregar daquela forma. Assim que voltou a se chocar com o asfalto, cravou fundo suas mãos no chão, impedindo que Pablo o levitasse novamente. Ao ver a cena, o rapaz hesitou por breves instantes. Foi o tempo exato para que Diogo desaparecesse de sua vista reaparecendo logo à sua frente e cortando-o com o punhal. Pablo deu passos para trás desviando-se dos outros ataques desferidos pelo jovem de olhos verdes. Diogo continuou o ataque para que não desse tempo do membro do Conselho usar sua habilidade contra ele.

Vendo a cena, Jaime pulou nas costas de Diogo, puxando-o para trás. Ambos rolaram no chão. Com o punhal ainda em mãos fez cortes no vampiro. Percebendo os novos ferimentos, Jaime segurou com força o braço do garoto até ouvir os ossos se quebrarem. Sem mais controlá-la, a mão se abriu deixando o punhal cair. Jaime fechou o outro punho para começar a bater no garoto, mas parou com o braço para cima por alguns segundos. Diogo viu uma carga elétrica percorrer o membro dele. Antes

que pudesse ter feito algo, foi acertado pelo vampiro. A eletricidade correu por seu corpo, destruindo cada ligamento muscular, deixando-o sem movimentos. Jaime continuou a espancar Diogo, este sem capacidade de defesa, foi ficando cada vez mais desfigurado pela ferocidade dos golpes do inimigo.

Júlia nunca dirigira antes, o volante tremia em suas mãos. Ficou com medo de perder o controle. Dobrou a esquina em alta velocidade, quase subindo na calçada do outro lado da rua. Não conseguia manter o veículo em linha reta, oscilava de um lado para o outro. No entanto, não podia parar, tinha que chegar à casa de Augusto — sua vida dependia disso.

Entrou na Avenida Paul Harris ainda sem controle sobre o automóvel. Ao se aproximar da casa de Augusto avistou muitas pessoas, dentre elas policiais e repórteres. Diminuiu a pressão sobre o acelerador e conduziu o carro até a calçada para estacionar. Ralou os pneus na guia. Apavorou-se com o barulho e pisou com tudo no freio, fazendo com que o veículo parasse abruptamente. Com o movimento brusco, o automóvel morreu e ela bateu fortemente a testa no volante provocando mais um ferimento. Ao retirar o pé do freio, o carro começou a descer. Júlia pisou novamente nele. Olhou ao seu redor, dentro do veículo, procurando algo que pudesse fazer. Viu o freio de mão e o puxou. Voltou a tirar o pé do pedal: dessa vez o veículo não andou. Retirou a chave do contato, abriu a porta e saiu correndo em direção à residência de quem poderia salvá-los. Ao chegar perto, viu o asfalto todo destruído, pessoas tirando fotos e outras, provavelmente moradores, sendo entrevistadas. Alcançou o portão da casa, puxando-o para que abrisse. Adentrou a garagem correndo e gritando por Augusto. O vampiro apareceu à sua frente em poucos segundos.

— O que você está fazendo aqui? — indagou pausadamente.

— O Conselho... Eles nos pegaram! Não, quer dizer, pegaram o Diogo... Não... Ele foi segurar eles...

— Calma — colocou a mão na cabeça de Júlia.

Ao tocá-la, Augusto conseguiu ler os pensamentos da garota. Largou a menina e gritou por Cláudio, que logo apareceu. Ordenou que ele cuidasse de Júlia. Ao caminhar até o veículo estacionado na garagem, conectou sua mente com as de Fábio e Marta.

— Venham para a casa agora. Preciso de vocês aqui para olhar a garota.

— *Onde está o Diogo?* — perguntou Marta.

— Foi pego pelo Conselho. Venham para cá o mais rápido possível, vocês são os que estão mais perto. Vou buscar o garoto.

Saiu com o veículo cantando pneus.

Diogo perdeu a consciência depois de uma sequência de socos desferidos por Jaime. O vampiro do Conselho, mesmo percebendo o desfalecimento do garoto, continuou com os ataques. Ria alto.

— Vocês têm ideia de que cumprimos uma parte de nossa missão? — perguntou Jaime, sorrindo e não esperando por respostas.

— Arranque a cabeça dele — ordenou Rafaela.

Enquanto Jaime preparava-se para dar o golpe final, Pablo dirigiu-se para o veículo amassado em uma grande árvore. Abriu o porta-malas e retirou o corpo de Anderson, que já curara algumas das inúmeras feridas. Colocou o companheiro no ombro e caminhou de volta para ver arrancarem a cabeça de Diogo. Jaime colocou uma das mãos no pescoço do jovem e a outra em cima da cabeça. Começou a forçar. A pele do lado direito do pescoço do vampiro de olhos verdes desprendeceu-se deixando os músculos à mostra.

— Alguém está vindo para cá — avisou Karen. Todos a olharam. — Acho que é o Augusto.

— Pegue o garoto, Jaime — disse Rafaela. — Vamos sair daqui.

Jaime colocou Diogo nos ombros e usando sua velocidade sumiu na noite. Cada um dos membros foi para lados distintos na tentativa de despistar Augusto, que, por sua vez, sabia exatamente a localização de Diogo, pois captava o cheiro de sua cria. Seguiu o odor dele que levava para dentro das dependências do cemitério. Parou o carro ao lado do ponto de ônibus. Assim que desceu, desapareceu de perto do veículo.

Jaime corria com o jovem nos ombros pelos túmulos, esperando que Augusto não o encontrasse. Logo à sua frente avistou um enorme jazigo, aqueles em que os familiares são enterrados por gerações. Saltou a sepultura, esperando cair levemente do outro lado. Porém, assim que pôde enxergar o chão após o salto, viu Augusto com os olhos vermelhos e as presas para fora. Não foi capaz de raciocinar ao ver a cena. Quando deu por si, Augusto lhe atravessara o estômago com o braço, transformado em algo pontiagudo e negro como a noite.

O chefe da cidade puxou o braço de dentro do vampiro e golpeou entre os olhos de Jaime. O membro do Conselho caiu de joelhos após ser atingido. Sem mais delongas, Augusto lhe arrancou a cabeça e com um estalar de dedos fez com que os restos mortais de Jaime pegassem fogo, tornando-se cinzas em instantes.

— Vou matar todos vocês — disse, observando o pó ser levado por uma corrente de vento,

espalhando-o entre os túmulos.

Augusto caminhou até o corpo de Diogo, que foi jogado longe quando abordou Jaime. Pegou-o nos braços. Estava irreconhecível.

Capítulo 10

Júlia adentrou a casa sendo acompanhada de perto por Cláudio. Viu a sala toda destruída, não havia mais nenhum móvel, somente cinzas espalhadas pelo cômodo. O vampiro ruivo pegou sua sobrinha pela mão e a levou para a cozinha. Acomodou-a em uma das cadeiras e caminhou até o fogão. Abriu o forno e retirou uma fôrma de bolo. Colocou-a na mesa em frente à garota.

— Dona Neide deixou isso para você.

Arregalou os olhos. Só agora percebera a fome que a acometia. Perdeu a conta dos pedaços que comeu.

— É nostálgico ver você comendo... Faz tanto tempo que não sei o que é isso.

A garota não conseguiu falar nada, pois estava com a boca cheia de bolo. Mastigou para conversar com o tio. Ao engolir a última porção, o estômago revirou. Colocou as mãos na boca e saiu correndo em direção ao banheiro. Parou diante do vaso sanitário e vomitou tudo o que comera. Sentou-se no chão. Sua garganta ardia. Voltou a sentir náusea e vomitou novamente. Ficou por vários minutos debruçada sobre o vaso, esperando o mal-estar passar. Ao levantar-se foi até a pia lavar o rosto e a boca. Olhou-se no espelho e fitou o vergão na testa causado pela batida no volante.

Virou-se para a porta do banheiro ao ouvir vozes. A porta se abriu com um baque e por ela passou a vampira morena que a pegou com força pelo braço.

— Está feliz agora? Ele deve estar morto numa hora dessas! — puxou-a violentamente, fazendo-a cair de joelhos.

— Solta ela, Marta! — ordenou Fábio, que acabara de entrar.

Marta soltou Júlia e deixou o banheiro à passos largos. Fábio ajudou a garota a ficar em pé.

— Você está bem?

— Estou — notou uma marca roxa no lugar em que a vampira a pegara. Encarou o vampiro negro. — Onde está o Diogo?

— O Conselho o pegou, mas não precisa fazer essa cara. Augusto foi atrás dele, tenho certeza de que não aconteceu nada. E em relação à Marta, não se preocupe, ela só está nervosa.

Júlia assentiu. Voltou à cozinha, encontrando Cláudio ainda na cadeira. Aproximou-se dele e o abraçou. Ele acariciou seus longos cabelos ruivos. Afastou-se dele com um sorriso nos lábios. Não conseguia mais chorar, tinha a sensação de que suas lágrimas haviam secado. Olhou para o próprio braço, percebendo a marca roxa por onde entrara o soro. Lembrou-se da lambida de Diogo e sorriu. Por mais estranho que podia ser vê-lo tomar do seu sangue, era reconfortante recordar-se da cena. Colocou os próprios lábios no local.

Cláudio levantou-se de sobressalto, assustando a sobrinha que deu passos para trás. Ele a olhou preocupado e disse:

— Sugiro que você fique aqui.

Júlia não entendeu aquelas palavras. Cláudio saiu correndo da cozinha, deixando-a sozinha. Ouviu a voz de Augusto. Sem pensar em mais nada, dirigiu-se à sala. Ao entrar no cômodo viu a pior imagem de sua vida: Diogo, nos braços de Augusto, irreconhecível. O rosto desfigurado de seu amado fez Júlia cair ao chão tentando abafar o grito com as mãos. Ao ver o espanto da sobrinha, Cláudio a pegou no colo, tirando-a de lá. Levou-a para o quarto de Diogo no andar de cima, colocando-a na cama.

— Ele... Diogo...

— Fique aqui, não saia!

Cláudio a deixou sozinha. O estômago de Júlia revirou, enjoara-se de novo. Respirou fundo. A imagem de Diogo se repetia em sua mente. Colocou os pés sobre a cama e abraçou as próprias pernas. Lágrimas não escorriam dos olhos que, em vez disso, arregalados fitavam o nada. Começou a balançar o corpo para frente e para trás, repetidas vezes. As imagens que nenhum humano deveria presenciar continuavam a passar em seus olhos, como se ainda estivesse diante do namorado ferido e extremamente desfigurado.

Augusto colocou Diogo no chão. Os quatro vampiros presentes ficaram observando o garoto inerte.

— Ele ainda tem jeito? — perguntou Fábio.

— Não tenho certeza — respondeu Augusto, pensativo. Encarou a vampira. — Vá pegar bolsas de sangue.

Marta correu para cumprir a ordem do líder, voltando com os braços abarrotados de bolsas. Colocou-as ao lado do corpo do garoto. Augusto rasgou uma delas com os dentes e despejou na boca do jovem. Esperaram alguns segundos. Nada. Rasgou mais uma e repetiu os movimentos. Diogo não reagia. Foram mais duas bolsas. Nenhuma reação. Marta jogou-se sobre o peito do garoto, sem sinal de vida.

— Diogo! Você não pode ir assim — balançava-o com as mãos. — Você tem que cuidar daquela menina. Ela vai morrer se você não estiver por perto... Você tem... Que ficar perto... De mim também... — murmurou.

Augusto alongou as presas e com elas cortou o próprio pulso, despejando de seu sangue na

boca do rapaz.

— Vamos, garoto — disse ele. — Você vai deixá-lo morrer, Henrique? Sem ele não vou conseguir te trazer de volta.

No mesmo instante, espasmos percorreram o corpo do garoto, fazendo-o tremer. Augusto sorriu. Pegou novamente mais uma bolsa de sangue, rasgou-a e despejou na boca de Diogo. Aos poucos viram as feridas se curarem uma por uma, lentamente. Fez o menino tomar mais uma boa quantidade de sangue. Em poucos minutos, o rosto dele já não estava mais irreconhecível como antes.

— Vou levá-lo para cima. Daqui a pouco ele vai despertar.

Augusto pegou Diogo no colo e o levou para o andar superior. Ao abrir a porta, Júlia virou a cabeça para eles com o olhar ainda perdido. Colocou o garoto ao lado dela na cama e saiu sem nada dizer. A menina ruiva fitou o namorado, já sem nenhum ferimento visível. Tocou-lhe o rosto menos gelado do que o normal. Direcionou sua atenção às roupas dele: muitas manchas de sangue se espalhavam pelos tecidos. Júlia levantou-se e caminhou até o guarda-roupa, pegando algumas peças novas. Foi até Diogo e retirou todas as roupas sujas dele, vestindo-o com as outras. Com um pouco de esforço o ajeitou melhor na cama e deitou-se ao seu lado, com a cabeça sobre seu peito. Adormeceu logo em seguida.

Algun tempo se passou. Júlia dormia tranquilamente quando os olhos de Diogo se abriram. Só que em vez de verdes, a cor vermelha os dominava junto com o negro no globo ocular. Retirou a menina de cima de si e sentou-se na cama. Olhou para os lados. Sorriu. Fitou a garota ao seu lado, examinando cada parte de seu corpo. Ficou de joelhos no colchão. Ainda ajoelhado, dirigiu-se para mais perto de Júlia, parando em cima dela. Com as mãos removeu a calça jeans dela junto com a calcinha.

Ao sentir os movimentos em seu corpo a garota despertou. Sobressaltou-se ao ver o namorado com os olhos vermelhos e negros.

— Diogo! — reparou que estava nua da cintura para baixo. — O que você está fazendo?

— Só quero brincar.

A voz que saiu de sua boca não era a de Diogo. Júlia assustou-se e tentou se levantar, mas ele a impediu.

— Você não é o Diogo. Me larga! — gritou. Henrique lhe tapou a boca.

— Calada! Eu disse que só quero brincar, fique quietinha e me obedeça — sorriu. — Afinal, estou no corpo do seu namorado, não vou fazer nada que você já não tenha feito com ele.

Júlia começou a se debater com todas as forças, tentando se soltar. Com a mão livre, Henrique desabotoou a própria calça, abaixando-a logo em seguida. A garota desesperou-se ainda mais quando percebeu que aquilo realmente iria acontecer, fechou os punhos e desferiu socos nele,

esforçando-se para se libertar de suas garras. O vampiro irritou-se. Encarou-a com as presas à mostra. Pegou um dos braços da jovem fazendo nele um profundo corte com os dentes. O sangue esvaiu. Os olhos da garota encheram-se de lágrimas.

— É melhor você cooperar, senão vou te machucar bastante...

Com uma das mãos, Henrique segurou os dois braços de Júlia acima da cabeça dela, enquanto com a outra continuava a lhe tapar a boca.

Não mais resistiu, não tinha chances contra um vampiro. Apenas fechou os olhos. Foi penetrada com muita força, como se lhe enfiassem ferros em brasa repetitivamente no útero. Lágrimas escorriam em abundância pelos olhos fechados. Seu corpo todo tremia por causa da dor intensa que quase a fez desmaiar. Chegou a pensar que perder os sentidos seria a melhor coisa que poderia acontecer com ela naquela situação, só que infelizmente isso não se tornou realidade. A única coisa que queria naquele momento era que acabasse logo.

Depois de algumas horas escondido dentro de uma casa vazia, resolveu voltar para o hotel, mas antes olhou para Anderson que ainda permanecia inconsciente. Precisava dar um jeito naquilo, não poderia entrar no hotel com ele daquele jeito.

Pablo deixou a residência sozinho à procura de alimento. Rodou por vários minutos próximo ao lago municipal da cidade. Parou e ficou a observar as luzes de Natal que decoravam o lago. Uma bela iluminação. Olhou para o lado sentindo cheiro de humano. Viu um rapaz de boné preto e camiseta branca vindo em sua direção.

— E aí, rapá, firmeza? — cumprimentou o jovem.

— Claro — respondeu Pablo.

— O que tu tá fazendo aqui sozinho essa hora? Vai deixar sua mãe preocupada, moleque — riu.

— Não se preocupe, cara, minha mãe acha que estou morto mesmo.

— Iixi, por que, mano?

— Por que fui transformado em vampiro.

— Vampiro? — riu alto. Deu um leve tapa nas costas do garoto. — Você deve tá doidão, né, não? Melhor parar de usar essas drogas. Tô indo nessa, irmão, falou.

O rapaz deu as costas para Pablo. O jovem vampiro acendeu os olhos, dobrou um pouco os joelhos e saltou em cima do homem à sua frente, derrubando-o no chão. Falou próximo ao ouvido da vítima:

— Desculpa aí, cara, mas vampiros matam pessoas — com as duas mãos virou a cabeça do rapaz, quebrando o pescoço.

Colocou o corpo nos ombros e dirigiu-se o mais rápido possível para a casa que usava como esconderijo. Adentrou a residência e jogou ao chão a vítima já morta.

— Você só me dá trabalho.

Puxou Anderson para perto. Pegou o braço da vítima e o torceu. Ouviu os ossos quebrarem, mas continuou com o movimento espiralado. Em poucos segundos, arrancou o membro do resto do corpo, encaminhando-o para o vampiro caído. Abriu a boca de Anderson, despejando nela todo o sangue contido naquele braço. As feridas ainda abertas fecharam-se instantaneamente e logo em seguida o vampiro abriu os olhos, levantando sem saber onde estava.

— Onde estamos? — perguntou Anderson, perdido.

— Fica calmo aí, vou te contar tudo; mas primeiro, tá a fim de dividir um lanchinho?

O corpo do rapaz foi esvaziado. Anderson arrastou o defunto para o quintal da casa. Abriu a mão e dela saíram algumas esferas negras que se grudaram ao morto. Com um estalar de dedos o corpo da vítima despedaçou-se em inúmeros pedaços. Voltou para dentro da casa.

— Desembucha aí, moleque. O que aconteceu?

— Fala direito comigo, te salvei do Augusto — fez uma pausa. — Bem, depois que você quase morreu o Augusto não acabou com a gente por pouco. Foi foda, meu! Aí ficamos andando pela cidade atrás do casal e encontramos eles, só que a menina escapou. O Jaime deu uma surra no tal do Diogo, mas antes de acabar de vez com ele o Augusto apareceu, aí foi cada um para um lado. Não sei dos outros.

— Que merda — passou as mãos pelos cabelos. — Aquele maldito Augusto, ele me controlou.

— Ok, cara, só acho melhor a gente voltar para o hotel. Daqui a pouco o matador de vampiro aparece por aí.

Os dois vampiros deixaram a casa e se dirigiram para o Leme Plaza Hotel. Ao chegarem, Anderson parou na recepção perguntando se seus amigos já haviam chegado. A moça avisou que as duas mulheres já se encontravam no quarto. Agradeceram e subiram. Bateram na porta do aposento das vampiras. Rafaela abriu e eles entraram.

— O Jaime ainda não chegou? — perguntou Pablo.

— O Augusto o matou — informou Karen.

— Como?

— Enquanto a gente fugia, o Augusto foi direto atrás dele. Não demorou muito para o Jaime sumir do meu rastreador.

— E o que vamos fazer agora? — indagou Anderson.

— Muito me admira você pedindo instruções — ironizou Rafaela.

— É... Percebi que as coisas aqui estão foda, vamos ter que tomar mais cuidado daqui para frente.

— Ainda não sei, mas acho melhor ficarmos um pouco à espreita por enquanto. Karen pode ficar rastreando os movimentos deles e assim que tiver uma abertura nós atacamos.

Todos assentiram afirmativamente com a cabeça. Aguardariam o momento certo para atacar sem perderem mais um dos seus. Anderson e Pablo foram para o quarto ao lado e, ao entrarem no dormitório, Anderson sorriu.

— Pelo menos agora cada um fica com uma cama.

Capítulo 11

Diogo sentou-se involuntariamente na cama, inconsciente. Ao tomar conhecimento de seus atos esfregou os olhos verdes para melhorar a visão. Ao abri-los viu Júlia ao chão, encostada na parede do outro lado do quarto, enrolada em um lençol, abraçada com as próprias pernas e a cabeça apoiada nos joelhos. Inalou cheiro de sangue. Ajoelhou-se à sua frente. Passou as mãos nos longos cabelos ruivos da namorada.

— Júlia — chamou. Percebeu que ela dormia. — Júlia! — chamou mais uma vez.

A garota levantou lentamente a cabeça com os olhos inchados, vermelhos e com fundas olheiras. Ao ver o namorado, arregalou os olhos, arrastando-se rapidamente para o lado, assustada.

— O que aconteceu, Ju? — tentou tocá-la.

— Não me toque! — gritou chorando. — Não encoste mais em mim!

— O que aconteceu com você, meu amor? — pegou-a pelo braço e ela se afastou novamente.

Diogo segurou o lençol, puxando-o e a descobrindo. Viu muito sangue. Notava-se sangue seco por todo o braço e a genitália dela. Percebeu um ferimento muito profundo, pareciam marcas de dentes.

— O que aconteceu com você, Júlia?! — perguntou preocupado, segurando nos ombros da namorada.

Júlia chorava cada vez mais desesperadamente. Não queria pensar no que ocorrera, queria apenas esquecer. Seu corpo tremia ao se recordar. Diogo continuou a insistir na resposta da garota, que cogitou em não contar, mas falaria o que para ele? Ele não tinha culpa do que acontecera, era tão vítima quanto ela. Respirou fundo para controlar a choradeira. Sentia muita vergonha e nojo do próprio corpo. Vergonha de ter sofrido uma violência e de não ter conseguido fazer nada para evitar. Secou as lágrimas no lençol.

— Ele me estuprou... — revelou, ainda soluçando.

— O quê? — não queria acreditar no que ouvia, preferia que aquilo tivesse sido fantasiado por sua mente. — Acho que entendi errado...

— Não entendeu, não! — mais lágrimas voltaram a escorrer involuntariamente. — Ele me estuprou Diogo, me machucou, mais de uma vez...

— Eu não acredito... Quem fez isso com você? Vou matar o desgraçado.

— Você...

— O quê?

— Não era bem você... Era outra pessoa... Só que estava no seu corpo... Doeu muito...

— Não... Não consigo acreditar nisso... — deixou-se cair sentado para trás.

Não sabia o que fazer. Henrique tinha estuprado sua namorada. Sua namorada! Passou as

mãos no rosto. Olhou novamente para Júlia, vendo-a em estado deplorável. Parecia que, a cada segundo passado, a vida se esvaia dela.

Levantou-se veloz e furiosamente. Abriu a porta com tanta força que arrancou a maçaneta. O vermelho tomou conta de seus olhos. Ao descer as escadas, viu Augusto em uma das poltronas. Diogo passou pelo cômodo sem mencionar nenhuma palavra. O vampiro, percebendo a fúria emanar do garoto, perguntou o que acontecia. Diogo entrou no corredor ainda sem nada dizer. Parou em frente à última porta, olhou-a por alguns segundos antes de meter o pé, jogando-a longe.

Augusto, ao ouvir o barulho, caminhou até o garoto. O jovem adentrou a biblioteca. Andava com passos apressados. Parou em frente à porta de ferro e voltou a repetir o golpe que fez abrir a outra. Viu a caixa que guardava o corpo de Henrique. Suas presas se alongaram. Saltou sobre o objeto e desferiu socos que afundaram a superfície da caixa.

— Seu maldito! Você não vai voltar! Filho da puta! Fique no inferno para sempre!

Augusto pegou-o pelas costas e o afastou da caixa.

— O que você está fazendo, garoto?

— Vou acabar com esse corpo! — tentou soltar-se do vampiro, porém suas tentativas foram vãs.

— Você não vai fazer isso.

— Vou sim! — usou toda a força que tinha e escapou dos braços do líder.

Correu até o objeto de metal e o chutou. Isso fez com que a caixa fosse arrastada por metros, batendo na parede. A tampa abriu-se e Diogo pôde ver o corpo de Henrique. Pulou enfurecido na direção do vidro, mas Augusto o pegou no ar. Encostou o garoto na parede.

— O que aconteceu, Diogo? — não se lembrava da última vez que ouvira ele o chamar pelo nome.

— O Henrique, Augusto. Ele machucou a Júlia, tomou conta do meu corpo e a estuprou ontem — lágrimas rubras mancharam os olhos do rapaz.

O vampiro apenas fitou Diogo nos olhos.

— Vamos conversar lá fora.

Diogo nada respondeu, só seguiu seu líder com a cabeça baixa. Deixaram a biblioteca e sentaram-se em um sofá. Olhou para os lados. Quando foi que aqueles móveis apareceram ali? Não eram os mesmos de antes. Deu de ombros. Isso não importava.

— Como a garota está? — perguntou Augusto.

— Como que você acha que ela está? Feliz que não tá, né!

— Não tem nada que eu possa fazer sobre isso, garoto.

— Tem sim, Augusto. Não quero mais que você traga ele de volta. Não vou mais aceitar

participar do ritual pra ele voltar!

— Preste atenção, menino. Ele está no seu corpo! Se ele não sair daí vai tomar conta de você totalmente. Sinto muito pelo que aconteceu, no entanto, a conexão vai ficar mais forte daqui para frente. Assim, precisamos passá-lo para outro corpo, senão vocês vão dividir para sempre esse aí.

— Então quer dizer que vou ter que aturar ele aqui dentro? — bateu no próprio peito. — E se ele machucar a Júlia de novo?

— Ele não vai matá-la, sabe que precisa da criança para voltar. O máximo que pode acontecer é esse episódio se repetir.

Diogo levantou-se indignado do sofá e encarou furioso o vampiro.

— Você não se importa nem um pouco com ela, não é? E nem com nenhuma outra mulher. Você mereceu ser traído pela Samantha, seu filho da puta!

Deu as costas ao líder e saiu da sala caminhando em direção ao quarto. Entrou no cômodo, vendo Júlia na mesma posição que a deixara.

— O que você fez? — perguntou ela com a voz fraca.

— Tentei destruir o corpo do Henrique, só que o Augusto não deixou — tocou-lhe o rosto. — Sinto muito Júlia, muito mesmo. Me sinto horrível por não conseguir fazer nada, me sinto um bosta por não conseguir te proteger... Me desculpa — ela não falou nada, apenas abaixou a cabeça. — Mas o pior de tudo é que não posso evitar que ele tome conta do meu corpo de novo. O Augusto disse que nossa conexão ficou mais forte com o tempo, e se ele não sair daqui com o ritual, vai ficar comigo para sempre.

— Não quero mais... Ficar... Perto de você... — choramingou.

— Me desculpa, meu amor... Me desculpa... Eu te amo tanto... — ficou em pé. — Já sei! — voltou a sair do quarto.

Demorou alguns minutos para que retornasse. Parou em frente a amada e lhe estendeu uma pistola 9 mm.

— Pra que isso?

— Aqui dentro tem bala de prata. Fique com ela perto de você e se ver que não sou eu, pode atirar sem dó. Isso vai afastar ele de você.

— Quando ele tá aí você fica com os olhos vermelhos e pretos... — estendeu a mão, pegando a pistola. Fitou-a. Engatilhou a arma sem que o namorado precisasse lhe dizer como. — Ele não vai mais pôr a mão em mim.

— Daqui pra frente você vai dormir em outro quarto, um que tenha uma maçaneta e uma chave — olhou a porta do seu quarto. Voltou a encará-la. — Me desculpa, me sinto culpado por tudo isso.

— Nada vai mudar o que aconteceu... — levantou-se. — Passei o dia todo aqui dentro desse quarto. Preciso sair daqui, comer alguma coisa e tomar um banho. Por mais que tenha sido seu corpo, mesmo assim estou com nojo — enrolou-se no lençol e antes de deixar o aposento, pegou a arma colocando o namorado em sua mira. — Se você aparecer de novo, não vou hesitar em atirar.

— Não hesite mesmo, só não atire na cabeça, senão nem eu e nem ele vamos voltar.

— Me desculpa, Diogo, mas a partir de hoje você não vai mais ficar tão perto de mim assim. Não quero que isso se repita. Vai ficar sempre na mira dessa arma.

— Para te proteger, até de mim, faço tudo que for possível.

Júlia saiu do quarto e encaminhou-se até o banheiro, não se esquecendo da pistola. Tomou um banho demorado para tentar se livrar do nojo do próprio corpo e das lembranças horríveis.

Diogo dirigiu-se ao quarto que pertencera a Hugo. Ao adentrar o cômodo não encontrou nada que fosse do amigo vampiro. Com as roupas de Júlia nos braços, colocou-as na cama e depois, uma a uma, as guardou no guarda-roupa. Esticou a cama e a forrou com o edredom.

Não adianta ficar furioso, você não pode fazer nada, só tem que se conformar de que usei sua mulher, ouviu a voz de Henrique em sua mente.

— Guarde bem minhas palavras, seu desgraçado. Não vou fazer nada com aquela merda do seu corpo, só quero que você saia de dentro de mim o mais rápido possível. E assim que sair e voltar para o seu corpinho, vou acabar com a sua raça por ter feito o que fez com a minha namorada.

Por que você está dando tanta importância para isso? É apenas uma mulher, uma garota. Seus sentimentos não importam.

— Vai tomar bem no meio do seu cu. Não quero nem saber como você tratava as mulheres na sua época, mas fique sabendo que hoje em dia as coisas não são assim. Eu a amo e a respeito muito e vou acabar com você, por pura vingança. Vou te castrar, seu maldito! Se quiser transar de novo vai ter que dar o rabo — colocou as mãos na cabeça. — Saia da minha cabeça agora! — gritou.

Não mais ouviu a voz de Henrique. Ficou em silêncio esperando que ele respondesse, só que nada aconteceu. Respirou fundo. Após poucos segundos captou o cheiro da namorada. Saiu do quarto e quando a encontrou no corredor, ela lhe apontou a arma. Diogo se afastou para que ela entrasse. Júlia o olhou desconfiada, mas adentrou o aposento, trancando a porta atrás de si.

O jovem desceu as escadas caminhando para a cozinha. Pegou na geladeira quase vazia uma vasilha com comida. Esquentou-a no micro-ondas e voltou a subir as escadas. Parou em frente ao quarto de Júlia chamando-a. Ela destrancou a porta ainda com a arma em mãos. O garoto lhe estendeu a vasilha. A menina sorriu e encarou o namorado.

— Não queria que fosse dessa maneira — disse ela.

— Tudo bem, não se preocupe, meu amor. Quando menos esperar isso tudo já vai ter

acabado, aí poderemos ficar juntos para sempre.

— Te amo — tocou-lhe o rosto e o beijou delicadamente. Sorriu e se trancou dentro do quarto.

Diogo desceu mais uma vez as escadas e quando entrou na sala encarou todos os residentes da casa. Augusto pediu para que se sentasse junto aos outros. Acomodou-se em uma das novas poltronas mesmo que ainda estivesse irritado com o vampiro. Augusto deu uma longa tragada antes de começar a falar:

— Vamos mudar um pouco a estratégia a partir de hoje. Os membros do Conselho ficarão por perto, por isso quero que os que não tenham habilidades não se arrisquem por aí. Eles estão aqui para acabar com qualquer um de nós assim que surgir oportunidade.

— E o que vamos fazer? — indagou Vítor.

— Quero acabar com eles ou pelo menos mantê-los ocupados, antes que venham até nós. Por isso, quero que você — fitou o vampiro de olhos azuis —, Fábio e Marta façam rondas atrás deles. Infelizmente, vocês são os únicos com habilidades. Eu vou ficar aqui para proteger o garoto e a menina.

— Mas Augusto — interveio Fábio —, a Marta ainda não tem controle da habilidade.

— Eu sei, porém não posso mandar alguém que não tenha uma habilidade. É muita desvantagem.

— Não se preocupe, bonitão — disse a vampira olhando para Fábio. — Vou ficar bem.

— Vocês começam amanhã com a ronda. Se encontrarem qualquer vampiro, mate-o sem hesitar.

— Não seria melhor que fosse mais um de nós? — questionou Vítor. — Já que eles são quatro agora?

— Posso ir com eles — avisou Leandro. — Sei que não possuo nenhuma habilidade, mas sou um dos mais experientes.

— Pode ser, mas prestem atenção — encarou Marta. — Tem uma vampira que controla a água, então fique longe dela — olhou os demais. — Um garoto que controla qualquer objeto apenas com olhar... Se não me engano ele foi transformado por Miguel. Há também outra mulher, só que desconheço sua habilidade. E por último Anderson, que emana de suas mãos esferas que explodem, uma habilidade muito inconveniente.

— E o que o resto de nós ficará fazendo? — perguntou Murilo.

— Vocês vão ficar aqui. E mais uma coisa — fitou Diogo. — O garoto está tendo alguns problemas com o Henrique, por isso quero que os demais fiquem também de olho nele. Qualquer alteração no comportamento, na cor dos olhos e na voz, segurem-no.

Diogo anuiu com a cabeça quando todos o olharam. Augusto levantou-se e deixou a sala sem dizer mais nada. O jovem vampiro também se colocou em pé e caminhou para a cozinha, onde pegou uma bolsa de sangue e acomodou-se em uma cadeira. Ao olhar o líquido vermelho, lembrou-se de Júlia. Sacudiu a cabeça para se livrar daqueles pensamentos. Marta sentou-se ao seu lado.

— O que aconteceu com você e o Henrique?

— Aquele maldito... — fechou os punhos. — Ele se apossou de novo do meu corpo... E machucou a Júlia.

— Machucou como?

— Ele a estuprou.

Marta surpreendeu-se e colocou uma das mãos sobre a boca.

— Coitada... — murmurou. — E como ela está?

— Nada bem, mas vou ficar longe dela a partir de hoje. Não quero que isso se repita.

— Que droga. Imagino como ela deve estar se sentindo, sei bem como é isso.

— Sabe?

— Sei — anuiu. — Minha mãe era uma vaca que me prostituiu ainda muito novinha. Então eu sei bem o que ela está sentindo — Diogo a encarou com piedade nos olhos. — Não precisa me olhar com essa cara de pena — riu. — Já superei isso há muitos anos.

— Não sabia disso...

— Não se preocupe. Depois de algum tempo acabei me acostumando com a vida de prostituta. Mas, infelizmente, os estupros aconteciam às vezes — ela fechou os olhos e respirou fundo, como se suas lembranças a machucassem. — Por mais que eu já tenha superado não é legal recordar essas coisas.

— Só espero que ela também supere...

— Ela vai — ficou em pé. — Você vai ver — tocou-lhe os cabelos negros, afagando-os. — Não fique assim não, gatinho, nós vamos dar um jeito nisso e logo, logo o Henrique vai sair do seu corpo — caminhou para a saída, mas o garoto a interrompeu perguntando aonde iria. — Preciso exercitar mais minha habilidade se eu quiser enfrentar o Conselho.

Ela o deixou sozinho com seus pensamentos. Sentiu-se um pouco mais confortável com as palavras de Marta. Realmente esperava que Júlia se recuperasse do acontecido. Olhou para mais uma bolsa de sangue, pegou-a e sorveu o líquido. Lembrou-se dos vampiros do Conselho. Eles eram muito poderosos, nunca que conseguiria fazer algo contra eles sozinho, se pelo menos tivesse uma habilidade... Analisou as próprias mãos. Será que desenvolveria alguma? Precisava treinar. Levantou-se e decidiu procurar por Marta, para melhorar seus ataques e ajudar a amiga que se arriscaria por ele.

Encontrou a vampira no quintal com chamas em suas mãos. Ela jogava o fogo em várias direções, porém não demorou para que caísse de joelhos no chão. Diogo se aproximou e lhe estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

— Ainda não consigo resistir por muito tempo — ergueu-se com a ajuda dele.

— Não sei se acho uma boa ideia você ir atrás do Conselho.

— Não se preocupe, vou conseguir dominar isso melhor, você vai ver — piscou para ele e sorriu.

— Falando em habilidade, como que você descobriu a sua?

— Nem eu mesma sei. É difícil de explicar, simplesmente senti aqui dentro — tocou o peito.

— Por que a pergunta?

— Queria saber como que é.

— Faz pouco tempo que você é um vampiro. Ainda vai demorar. Não se esqueça de que a maioria de nós não possui habilidade.

— Eu sei — ficaram em silêncio por um tempo indeterminado. Seus olhares não desgrudavam um do outro. Percebendo o clima que se formava, Diogo desviou a vista, pigarreou e deu um passo para trás. — Posso te ajudar com o treinamento?

— Claro, gatinho, vai ser de grande ajuda.

Pararam um de frente para o outro com uma boa distância entre eles. Diogo acendeu seus olhos e mostrou as presas, encurvou o corpo e partiu para cima de Marta. A vampira desviou da primeira investida do garoto e usou sua velocidade para aparecer a alguns metros de distância. Criou em volta do próprio corpo várias esferas de fogo que ao seu controle, partiam para cima do jovem vampiro, que desviava delas.

Concentrou-se demais em desviar das chamas que não percebeu a morena surgir às suas costas, lhe acertando. Diogo voou para frente e caiu com o rosto no chão. Marta não esperou que se levantasse e o pegou pelos braços, puxando-os para trás, impossibilitando seus movimentos. Ele ainda gritou quando ela trouxe para mais perto de si os braços dele.

— Você perdeu — disse Marta.

— Ainda não!

Com um dos pés, deu uma rasteira nela, que caiu sentada. Aproveitando a brecha, saltou para cima dela, segurou seus braços com as mãos e as pernas com os joelhos. Viu o peito da vampira subir e descer como se precisasse que o ar lhe enchesse os pulmões mortos. Os seios dela moviam-se junto com o movimento respiratório. Sem que percebesse, algumas esferas de fogo formaram-se atrás de si e sem que desse tempo de reagir, elas o atingiram em cheio. Diogo gritou mais uma vez de dor e caiu para o lado. Foi a vez de Marta ficar por cima.

— Agora você perdeu.

— Tudo bem, eu perdi. Aliás, não tenho chances contra uma vampira com habilidade.

— Depende: qual a chance que você procura? — sorriu e fitou profundamente os olhos verdes de Diogo. Perderam a noção do tempo. Cada vez mais suas faces se aproximavam. Ela encostou seu nariz ao dele, ambos estavam agora de olhos fechados. O beijo aconteceria se Marta não tivesse se afastado. Ele abriu os olhos, vendo-a sorrir. Ela voltou a se inclinar e, dessa vez perto do seu ouvido, sussurrou: — Ainda gosto de você, sabia? Mas você fez sua escolha — fez uma pausa e passou levemente a língua pela orelha dele. — Eu também não sou tão forte assim, não posso fingir que você não existe e que não sinto atração por você. Por isso — levantou um pouco a cabeça o encarando —, temos que ficar longe um do outro — encostou seu lábio delicadamente nos de Diogo antes de sair de cima dele.

O garoto vampiro se levantou e bateu as mãos na roupa para retirar a sujeira. Ao passá-las nas costas notou a própria pele em vez do tecido. Retirou a camiseta vendo um enorme buraco.

— Você acabou com a minha camiseta — disse, chamando a atenção da vampira. Assim que ela olhou, arremessou o tecido rasgado em sua direção.

— Vai fazer striptease agora, gatinho? — levou o tecido ao rosto e inalou aquele cheiro masculino que lhe trazia tantas lembranças. Jogou a camiseta de volta. — Saia da minha frente agora. Você não está facilitando as coisas para mim. Vá logo! Sai daqui antes que eu te queime de novo.

— Não, não, não precisa me queimar de novo, já tô indo nessa — ameaçou deixá-la sozinha, mas antes se voltou para ela. — Amanhã, antes de você sair, venha se despedir de mim, ok?

— Por que isso, garoto? — empurrou-o com a mão. — Não vou morrer, se é isso que você está pensando. Você não vai se livrar de mim tão fácil assim.

— Assim espero.

Deu-lhe as costas, deixando-a sozinha. Sem que pudesse ver, uma grossa lágrima vermelha escorreu pela bochecha da vampira. Estava com medo, sim, de enfrentar os vampiros do Conselho. Entretanto, o que mais a deixava aflita era a hipótese de nunca mais ver Diogo.

Júlia fechou as grossas cortinas com as mãos trêmulas e sentou-se na cama, olhando para os próprios pés. Percebeu que dessa vez lágrimas não lhe molhavam o rosto como teria acontecido anteriormente. Caminhou até o guarda-roupa, abriu-o e de dentro dele pegou um pequeno espelho. Fitou seus grandes olhos castanhos. Afastou um pouco o objeto e pôde ver todo o rosto e os cabelos vermelhos. Era linda, sabia disso, mas sua beleza era diferente da de Marta. Enraiveceu-se.

Arremessou o pequeno espelho com força na parede do outro lado do quarto. Não choraria mais. Ele prometeu que ficaria com ela, unicamente com ela, só que a cena que presenciou há pouco tempo dizia o contrário. Viu que Diogo ainda se sentia atraído por Marta e ela também não escondia seus sentimentos.

Júlia voltou a se acomodar na cama. Com uma das mãos tocou o ventre crescido. Teria que ficar calada por mais alguns meses. Porém, assim que sua gravidez tivesse chegado ao fim, se vingaria de Diogo, o faria passar pelas mesmas coisas que ela passara, pagaria na mesma moeda... Mas por enquanto a prioridade era manter-se viva e depois se vingar. Demonstraria seu amor da mesma forma que ele.

Capítulo 12

— Droga! — levou o dedo indicador à boca depois de prendê-lo em uma gaveta.

Estava distraída demais, não conseguia se concentrar nem ao menos nas ações mais simples. Como poderia ir atrás dos vampiros do Conselho naquele estado? Marta respirou fundo como se enchesse os pulmões mortos de ar para tomar coragem. Pegou do chão a blusinha preta, que caíra após prender o dedo na gaveta, e a vestiu. Caminhou até a mesinha onde ficavam suas maquiagens. Passou os produtos para deixar a pele menos cinza, pintou os olhos com sombra escura, lápis de olho e rímel. Por último, abusou do batom vermelho.

Abriu a porta do quarto e se dirigiu pelo corredor até a escada, mas antes de alcançar seu destino cessou o caminhar e deu meia volta ao se lembrar do que prometera a Diogo na noite anterior. Parou em frente de outra porta e antes de bater, ela abriu-se sozinha.

— Então você veio me dizer tchau? — perguntou Diogo, sorrindo.

— Por que estou sentindo que alguém aqui está se gabando? — empurrou o peito do garoto com a mão, abrindo passagem para dentro do quarto.

— Não estou me gabando. Só estou dizendo que você veio se despedir de mim — fechou a porta e caminhou até a vampira.

— Isso eu sei, mas o seu tom de voz mostra um pouco de convencimento.

— Não é nada disso, só estou feliz por você ter vindo até aqui.

— É melhor você parar com isso agora — disse, apontando o dedo na direção do rapaz.

— Parar com o quê? O que eu tô fazendo?

— Você não é nada bobo, Diogo. Sabe muito bem como levar uma mulher no papo. E não pense que falando desse jeito vai conseguir alguma coisa de mim. Não se esqueça de que você fez sua escolha e, graças a ela, estamos todos bem fodidos agora.

— Calma, calma... Não estou querendo nada.

— Melhor assim, mesmo — passou por ele e andou até a saída. — Vim apenas dizer que estou indo, tchau — ao colocar a mão na maçaneta sentiu seu braço ser puxado. A força que Diogo usou foi o suficiente para trazê-la bem perto de si. Seus rostos se encostaram. — Não... — murmurou Marta, quase sem voz.

— Não diga nada — Diogo tocou-lhe os lábios vermelhos com o indicador e encostou seu nariz ao dela. — Eu sei que o que estou fazendo não é certo, sei também que você não concorda com isso e que estou sendo um cafajeste. Sei de tudo isso. E sei que se a Júlia descobrir vai ficar ainda mais chateada comigo, só que mesmo sabendo de tudo isso não consigo mais me controlar.

Segurou a morena pelo queixo e moveu-se lentamente até ela, beijando-a. O desejo que percorria seus corpos intensificava-se a cada instante e a cada novo beijo. Colocou as mãos na cintura da vampira e acariciou, trazendo-a para mais perto, deixando seus corpos ainda mais unidos. Subiu lentamente as mãos até alcançar os seios, mas antes de dar continuidade às carícias, Marta o empurrou com força, fazendo-o cair sobre a cama.

— O que foi isso? — perguntou desorientado.

— Você não presta, mesmo! — fitou fundo os olhos verdes e caminhou até ele, pegou-o pela camiseta, levantando-o da cama. Falou baixo: — Não gosto de ser a outra, mas depois de hoje não sei mais se farei isso de novo. Além do mais, eu gosto de você — empurrou-o novamente, fazendo-o afundar no colchão. — Só fique sabendo que se sua namorada descobrir e quiser te matar vou dar todo meu apoio a ela.

Marta puxou a própria blusa para cima descobrindo o umbigo e logo depois o sutiã. Por último, retirou a peça e a jogou longe. Deslizou seu busto sobre o tórax do garoto. Com as duas mãos segurou a camiseta dele fazendo força para rasgá-la e deixando à mostra o peito e o abdômen definidos. Encostou a língua no peito de Diogo e depois o beijou. Com as coxas, enlaçou a cintura do jovem vampiro sentindo seu membro enrijecer.

Diogo sabia que não deveria estar fazendo aquilo, ainda mais com sua namorada, a mulher que amava, em um quarto próximo. Sentia-se culpado, no entanto essa consciência não o impediu de retirar o sutiã de Marta e deitá-la na cama para terminar de despi-la e de amá-la.

Ainda nua, ela pôs-se de pé e recolheu rapidamente suas peças de roupa do chão. Vestiu-se em poucos segundos. Sentou-se ao lado de Diogo para colocar as botas. Ele também se vestiu com as calças e continuou com o tronco nu. Marta passou as mãos pelos cabelos para arrumá-los e olhou seu reflexo na janela.

— Você bagunçou meu cabelo — reclamou, ainda tentando arrumá-los.

— Você está linda — disse, beijando-a no pescoço.

— Não precisa falar assim, gatinho, como se estivesse tentando me seduzir. Guarde esses elogios para a sua namorada.

— Sei que parece estranho, mas eu te amo.

— O quê? Ama?!

— Amo e sei que você também sente algo por mim...

— Ei, ei, ei! Pare já com isso! — interrompeu-o. — Não coloque palavras na minha boca,

nunca disse que te amava...

— Não se faça de difícil, Marta. Sei que você gosta de mim e eu também gosto de você.

— Cale a boca! — levantou-se. — Não quero mais ouvir uma palavra sobre isso.

— Por quê?

— Por quê?! — gritou virando-se para encará-lo. — Tem uma menina de 16 anos num quarto perto daqui que te ama e que está carregando um filho seu e, graças a isso, está com a própria vida em perigo! Quer mais um motivo?

— Eu sei disso... Não me esqueci dela...

— Mas parece que se esqueceu! Não se lembrou dela na última hora.

— Eu a amo e vou protegê-la até o fim! — também alterou o tom da voz.

— Você está se contradizendo agora. Primeiro diz que me ama e agora diz que ama a ela? O que você tem na cabeça?

Diogo bufou, passou as mãos pelo rosto e depois pelos cabelos. Refletiu sobre o assunto antes de encarar a vampira e dizer calmamente:

— Eu amo vocês duas.

Marta estremeceu. Fitou os olhos de Diogo e percebeu que ele realmente dizia a verdade. Não conseguia acreditar naquilo. Balançou negativamente a cabeça em desaprovação às palavras proferidas pelo garoto. Deu as costas a ele e se dirigiu para a porta, abrindo-a e deixando o aposento. Seus passos pelo corredor revelavam o nervosismo que percorria seu corpo. Nervosismo que surgia tanto pelo fato de ter que ir atrás dos membros do Conselho quanto pelo o que acabara de ouvir de Diogo.

Desceu as escadas e entrou na sala tão apressadamente que a atenção de todos voltou-se para ela. Sem nada mencionar, caminhou até o bar, pegou um copo e o encheu de uísque. Sorveu o líquido em segundos. Ainda com o olhar de todos sobre ela, voltou a preencher o copo e a beber novamente. Com o utensílio de vidro ainda em mãos, o arremessou na parede gritando logo em seguida. Todos ali presentes miravam a morena um pouco preocupados com suas ações e, ao mesmo tempo, curiosos para ver o que aconteceria. O peito da vampira subia e descia rapidamente. Fechou os olhos para se acalmar. Precisava estar bem psicologicamente para cumprir com êxito a missão para qual fora designada. Virou-se e encarou Fábio, Vítor e Leandro.

— Vamos acabar logo com isso.

O quarteto deixou o covil dentro de uma BMW M3 recentemente adquirida pelo líder. Antes de saírem, Augusto passou para cada um a habilidade de camuflagem que duraria por algumas horas, assim poderiam procurar pelo Conselho sem se preocuparem com suas presenças. Seguiram de carro pela Avenida Paul Harris até atingirem o muro do parque ecológico da cidade, virando para a

esquerda e entrando em outra avenida.

— Onde vamos procurar por eles? — perguntou Marta.

— Não sei, mas estou com um pressentimento — disse Fábio ao volante.

— Pressentimento?

— Um pouco antes de sairmos, liguei o rádio na frequência policial e ouvi algo sobre um grupo de jovens que assaltaram uma casa na zona rural.

— O que tem isso?

— Sendo jovens a probabilidade de serem vampiros é grande. Pode ser o Conselho se alimentando...

— Duvido muito que eles fariam algo assim. Eles são espertos e foram treinados, não atacariam dessa forma — falou Leandro.

— Eu sei, Leandro, mas não custa nada averiguar. E estou sentindo que tem alguma coisa errada nisso aí.

Seguiram pela Avenida Joaquim Lopes Águila em alta velocidade. Para todo lado que se olhava, via um grande movimento de veículos por ser véspera de Natal. Muitas pessoas a caminho da casa de parentes para cearem e aguardarem a meia-noite, quando celebrariam o nascimento de Jesus.

Marta olhou pelo vidro, vendo as luzes pisca-pisca espalhadas pelas casas e comércios ao longo do caminho. Não se lembrava da última vez que comemorara essa data especial, nem mesmo quando era humana festejava. Voltou a atenção para dentro do veículo ao ouvir Fábio xingar novamente ao passar em uma lombada. A quantidade de quebra-molas ao longo da avenida era grande, impedindo que andassem em uma velocidade digna daquele automóvel.

Em pouco mais de quinze minutos deixavam a avenida e entravam na estrada que os levaria aos bairros rurais. Mesmo com o limite de velocidade estampado nas placas de trânsito, Fábio chegou a mais de 180 km/h em linha reta. Entretanto, não conseguia manter a velocidade, tendo que reduzir a cada curva, que não eram poucas.

Mais vários minutos se arrastaram até que avistassem ao longe as luzes vermelhas e azuis dos carros de polícia. Logo que viu a coloração das luzes, o vampiro negro diminuiu a velocidade bruscamente e adentrou com o automóvel em uma estreita rua de terra aberta ao lado de uma plantação de laranja. Assim que parou, todos desceram. Nada disseram, apenas se entreolharam. Sorrateiramente, se enfiaram entre a vegetação para que alcançassem o local sem serem notados pelos humanos. Sem demora, atingiram os arredores da casa já cercada de policiais.

Fábio pediu para que os demais permanecessem onde estavam e avançou sozinho. Percebeu os policiais caminhando de um lado para o outro e assim que surgiu uma brecha, adentrou o imóvel. Esgueirou-se pelas paredes, sempre tomando cuidado para não ser visto. Nesse momento, o cheiro de

sangue já invadia suas narinas. Olhou para cima e percebeu que não havia forro no teto. Vía somente as telhas e as vigas de madeiras que as sustentavam. Saltou e suspendeu-se entre as madeiras, movendo-se em direção ao odor adocicado e enjoativo. Ao atingir o destino, avistou três corpos no chão, cercados pelos homens da Lei. Reparou que tinham profundas marcas de garras pelos corpos, ainda escorrendo sangue.

— O que você acha que foi isso? — perguntou um dos policiais para outro.

— Não faço a mínima ideia — virou-se para outro companheiro. — Já foi averiguado se houve arrombamento e furto?

— Sim, senhor. Os assassinos entraram pela janela da sala e parece que levaram objetos de valor, como a televisão e outros aparelhos eletrônicos. Por enquanto é só o que sabemos...

O vampiro deixou a residência. Retornou até onde os outros aguardavam e contou em poucas palavras o que vira. Sem mais demora, fazendo uso de suas velocidades, eles adentraram ainda mais a vegetação ao redor da cena do crime. Fábio apurou seu olfato, concentrando-se na procura de um único odor: o de vampiro. O quarteto percorreu a plantação em busca de pistas que os levassem até os assassinos.

Após minutos de procura todos pararam e entreolharam-se, enquanto o mesmo cheiro invadiu suas narinas. Calmamente caminharam mais alguns metros, encontrando à frente uma estrada de terra, onde terminava a plantação de laranja e começava uma de café. Olhando na direção da estrada, podia-se ver ao longe uma grande árvore. Vítor acendeu seus olhos e assim pôde notar três silhuetas escoradas ao tronco. Vagarosamente iniciaram a abordagem. Fábio e Leandro foram à frente, dando a volta no lugar onde se encontravam as misteriosas figuras, parando às suas costas. Marta e Vítor ficaram com o ataque frontal. Após se acomodarem em seus esconderijos, aguardaram mais breves instantes.

O trio de vampiros, escorados ao largo tronco da árvore e sentados ao chão, riam alto. A atividade da noite rendera a eles uma boa refeição e objetos de valor que estavam ao lado e seriam vendidos nos próximos dias. Sem que percebessem, quatro pares de olhos vermelhos apareceram e em poucos segundos as sombras saltaram sobre eles. Antes de serem atingidos, tentaram usar a velocidade vampírica para fugirem. Pedro correu por entre o pomar, notando a presença de alguém em seu encalço, perseguindo-o de perto. Mesmo tentando se deslocar o mais rápido possível, não era capaz de criar uma boa distância para despistar aquele que o perseguia. Não foi capaz de pensar em alguma estratégia de fuga: sem que pudesse fazer algo, foi atingido nas costas por chamas que o envolveram, fazendo-o cair no chão coberto de mato e folhas secas. Ouviu passos em sua direção. Marta o puxou para cima pelo cabelo castanho.

— Por que você saiu correndo de uma mulher? — fez com que ficasse em pé. Segurou as

mãos do jovem nas costas e o empurrou para que andasse.

Durante o caminho de volta, Pedro ainda tentou se livrar da vampira, mas não obteve sucesso. A cada nova tentativa, Marta golpeava o rapaz. Este, já muito machucado e sem conseguir se curar, desistiu de fugir. Retornaram à grande árvore onde o trio de vampiros havia se escorado minutos atrás. Ao chegarem, notaram que Leandro e Vítor prendiam os outros dois. Marta se aproximou dos companheiros e jogou seu cativo ao chão, imitando os loiros. Com o rosto na terra e a cabeça pressionada pela bota de salto fino da vampira, o rapaz indagou:

— O que vocês querem com a gente?

— Eu faço as perguntas aqui — avisou Fábio, agachando à frente do rapaz. — Quem são vocês?

Não obteve resposta. Olhou para a vampira, que retirou seu pé de cima da cabeça do jovem. Fábio puxou-o pelos cabelos castanhos e voltou a perguntar, mas não houve retorno. Marta puxou os braços do moço mais para cima, torcendo as mãos para averiguar os dedos. Isso o fez gritar com as presas à mostra.

— Ele não usa o anel do Conselho — avisou, encarando os outros dois companheiros que repetiram os mesmos movimentos nos jovens detidos.

— Não tem anel nenhum aqui — falou Leandro.

— Aqui também não — disse Vítor.

— Muito bom — Fábio caminhou até os outros dois rapazes. — Vocês sabem que pelas ordens do Conselho, vampiros vadios devem ser exterminados, não sabem?

— Não me faça rir — disse o cativo de Leandro. — Vocês são ainda mais vadios do que nós.

— O que você disse? — Leandro o puxou para cima, fazendo com que ficasse em pé. Pegou-o pela garganta, encostando-o ao tronco da árvore.

— Vampiros do Augusto são mais vadios que a gente — falou com dificuldade, devido à pressão no pescoço.

— Cale a boca, Alex! — gritou Valter, com o rosto no chão sendo segurado por Vítor.

— Não vou ficar quieto! — fechou o punho e acertou Leandro no estômago. Este deu alguns passos para trás. — Vocês não tem mais autoridade nenhuma sobre a gente.

— Quem são vocês? — Fábio repetiu a pergunta.

— Não está claro, Fábio? — falou Vítor. — Eles são crias do Nelson.

Fábio encarou o companheiro de olhos azuis por instantes antes de partir para cima do jovem. Alex ameaçou fugir, só que ao dar o primeiro passo não conseguiu mover as pernas. Olhou para baixo e as viu congeladas no chão. O vampiro negro desferiu um soco no rapaz.

— Onde é o esconderijo de vocês?

Alex limpou com as costas da mão o espesso sangue que escorria pelo lábio inferior e nariz.

Sorriu antes de responder:

— Você acha mesmo que vou te contar?

— Maldito! — chutou-o repetidas vezes.

— Vamos levar eles para o Augusto — sugeriu Vítor. — Ele já conseguiu dominar aquela habilidade de leitura de mente? — indagou.

— Não sei — respondeu o vampiro negro. — Ele estava com muita dificuldade para dominar essa. Não sei como, mas tem algumas habilidades que ele demora muito para dominar e às vezes nem consegue.

— E o que vamos fazer em relação ao Conselho? — perguntou Marta.

— Vamos levar eles até a casa primeiro. Depois vemos o que fazer.

Fábio refez todo o caminho para buscar o carro, enquanto os outros o aguardavam, sempre tomando cuidado para que não fosse visto, ainda mais com uma quantidade grande de policiais naquela região. Ao chegar ao veículo, logo ligou-o e partiu em direção aos seus amigos. Antes de acomodarem os três vampiros dentro do automóvel, Fábio prendeu seus pulsos e tornozelos com uma camada de gelo, impossibilitando assim que se movessem. Dois deles foram colocados no porta-malas e um no banco traseiro, junto de Marta e Leandro. Demoraram um pouco mais de meia hora até atingirem o destino.

Arrastaram o trio para dentro da casa assim que estacionaram na garagem, jogando-os em um canto da sala para esperarem a chegada de Augusto. Sem que precisassem chamá-lo, o líder da cidade apareceu na sala. Leandro relatou a ele o que acontecera e que acharam melhor trazê-los até a casa.

— Cláudio já me contou onde fica o covil de Nelson — informou Augusto.

— E você acha mesmo que nós ficaríamos lá depois que esse daí nos traiu? — falou Alex, encarando Cláudio que se juntara aos demais.

— Você é mesmo muito burro, Alex! — gritou Pedro. — Por que você está dando a eles essas informações?

— Não se preocupe, meu rapaz — disse Augusto. — Posso retirar essas informações de vocês a qualquer momento. Porém, agora, não estou nem um pouco interessado no Nelson — fitou o trio e ficou em silêncio por alguns segundos antes de dizer: — Mas por desengargo de consciência...

Augusto colocou uma das mãos sobre a cabeça de Alex, que se debatia. Conseguiu ver poucas imagens embaralhadas e sem ligação uma com a outra, dificultando assim seu entendimento. Desistiu de Alex passando para outro. Ao colocar a mão na cabeça do rapaz, o nome dele já lhe veio

à mente: Valter. Com ele conseguiu ver a nova localização do covil de Nelson e seus demais subordinados, tendo os rostos e os nomes de cada um. Viu também Samantha, mas nesse exato momento cancelou a leitura.

— Muito bem, já sei onde é o esconderijo e conheço os rostos e nomes de todos os outros vampiros — levantou-se e apontou para Alex. — Vi que vocês são bem jovens. Nelson demorou muito para ter subordinados, um grande erro dele — sorriu. — A existência de vocês acaba hoje, Alex, Valter e Pedro — mirou os demais. — Podem matá-los.

Júlia saiu do quarto andando calmamente pelo corredor. Colocou uma das mãos junto ao cós da calça para averiguar se não esquecer o revólver. Ao pisar no primeiro degrau da escada ouviu vozes. Hesitou por alguns instantes. Olhou ao redor, não vendo ninguém. Decidiu continuar a descida. Movimentou-se vagorosamente, como se estivesse contando cada degrau que descia. Parou ao conseguir avistar boa parte da sala. Viu três rapazes jogados ao chão, machucados. Augusto os deixou, dando ordem para que os matassem. Júlia arregalou os olhos e colocou as mãos na boca para abafar um grito involuntário.

Diogo estava entre os vampiros da casa que sorriam com malícia. Ouviu seu namorado expressando a vontade de matá-los, pois há muito não fazia isso. Ela não queria acreditar naquilo. O garoto de olhos verdes acertou o primeiro com um soco. Pedro caiu de costas com o nariz sangrando e com o osso abaixo do olho esquerdo quebrado, o que desfigurou sua face. Diogo ainda pisou com o pé direito na cabeça de Pedro, fazendo o crânio despedaçar-se e espirrar sangue por todo o lado.

Nesse momento, Júlia perdeu as forças nas pernas e caiu sentada nos degraus. Não conseguia desviar o olhar — por mais horrível que fosse presenciar a cena. Continuou a ver seu namorado matar os outros dois sem nenhuma piedade. Não se contentava apenas em matá-los, precisava destroçar cada pedaço de seus corpos e ver o sangue escorrer.

Ao terminar de fazer em pedaços os corpos, algumas gotas de sangue grudaram-se em seu rosto. Júlia viu Marta chegar perto de Diogo e com o dedo indicador, tocar o lugar manchado de vermelho, levando à boca uma pequena quantidade de sangue. A garota ruiva enjoou-se ainda mais com a cena e correu de volta para o quarto. Ao entrar, sentou no chão encostada a uma parede.

A respiração acelerada dificultava seu controle sobre a vontade de vomitar. Colocou a cabeça entre os joelhos e respirou fundo. O líquido fervente lhe subiu pela garganta. Virou-se rapidamente para o lado, jogando para fora o pouco que havia conseguido comer. Ao limpar a boca com a mão ergueu a cabeça e, ao fazer isso, teve a sensação de ter visto algo, uma sombra que sumiu

quando olhou.

Júlia balançou a cabeça e levantou-se escorando na parede. Ao dar o primeiro passo em direção à cama, viu outra sombra que sumiu ao chegar perto da porta. Um pouco tonta, caminhou lentamente e se deitou na cama. Sua visão oscilava, embaçava por alguns instantes e depois voltava. Os olhos pesaram. Começou a ouvir vozes em sua mente e cada vez que abria os olhos, via inúmeras sombras percorrerem o cômodo. Puxou o edredom para cima, cobrindo-se até a cabeça. Mesmo passando calor não se descobriu, com medo. O corpo tremia todo. Fechou os olhos e implorou para que o sono viesse e a tirasse de lá. Colocou as mãos trêmulas sobre os ouvidos, tentando impedir que aquelas vozes falassem com ela. Não queria ouvir as coisas horríveis que diziam, tanto sobre ela quanto Diogo.

Repetiam a todo o momento: *ninguém lhe disse que seria fácil namorar um vampiro.*

Capítulo 13

Assim que despertou, saiu do quarto. Mesmo morando na mesma casa, já fazia dias que não via Júlia. Sempre que parava em frente ao quarto da garota, notava a porta trancada e ao chamá-la, a namorada nem sequer respondia. Achou que ela não quisesse vê-lo, deixou isso de lado, mas agora ficara preocupado. Até perdera a conta dos dias sem vê-la.

Ao parar em frente ao quarto, bateu na porta e chamou por Júlia. Não obteve resposta. Bateu novamente. Nada. Diogo coçou a cabeça e olhou para os lados a tempo de ver Murilo terminar de subir a escada. Chamou-o.

— Cara, preciso de um favor seu — disse Diogo.

— Pode falar.

— A porta do quarto da Júlia está trancada e estou ficando preocupado. Por isso vou entrar lá. Quero que fique de olho em mim: se eu mudar de voz ou qualquer outra coisa me tire de perto dela o mais rápido possível.

— Pode deixar.

Diogo colocou a mão sobre a maçaneta, forçando-a. Com um pouco de concentração, controlou a força para não arrancar a porta e sim somente abri-la. Após quebrar a fechadura, empurrou-a. A luz do quarto estava acesa. Em cima da cama estava alguém coberto pelo edredom. O garoto vampiro chamou por Júlia. Ao ver que ela não respondia, retirou o edredom de cima da namorada. Viu uma Júlia pálida, suada e com os olhos arregalados. Diogo a pegou pelos ombros e balançou-a. Ela piscou os olhos. Virou-se para o rapaz e gritou, enfiando a cabeça no travesseiro.

— O que você tem, Júlia? — perguntou o namorado.

— Tem gente atrás de mim. Eles ficam falando aqui... — colocou as mãos na cabeça. — Eles passam na parede... Correm para a parede... Ficam atrás de mim...

— O que você está falando?

— Tá ali, ó — apontou para o outro lado do quarto. Diogo olhou para o lugar indicado.

— Não tem nada ali, Júlia.

A garota sentou-se e fixou os olhos no local. Arrepiou-se ao ver inúmeras sombras passarem de um lado para o outro. Júlia colocou-se em pé e saiu correndo quarto afora. Diogo foi atrás dela e a pegou pelo braço.

— Me larga! — gritou. Ao ver que o garoto não a soltaria, fechou os punhos e golpeou repetidas vezes o peito de Diogo.

— Para com isso! — foi a vez dele gritar. — Não tem nada ali, você está vendo coisas...

— Tem sim, tem sim... — deixou-se cair de joelhos no chão.

Diogo agachou-se na frente da namorada, que tinha um olhar perdido. A boca dela movia-se como se quisesse dizer algo, mas nenhuma palavra era pronunciada. O peito da jovem subia e descia apressadamente por causa da respiração alterada. Os olhos dela, que antes eram quase dourados, agora se encontravam com as pupilas dilatadas, estavam um tanto negros, com os globos cheios de pontos vermelhos e olheiras profundas. O jovem olhou para Murilo que deu de ombros. Direcionou a atenção para a amada e a abraçou.

— Eles já foram, Ju — disse ao seu ouvido. — Já foram.. Vai ficar tudo bem agora.

Ela nada disse e só retribuiu o abraço após alguns minutos. Diogo a encarou, percebendo que seu olhar não estava mais perdido e as pupilas voltaram ao tamanho normal. Ele se levantou e pegou-a pela mão, para que também ficasse em pé. Sem dizer nada, levou-a em direção à escada. Desceram juntos e logo depois entraram na cozinha.

Júlia acomodou-se à mesa, enquanto Diogo procurava algo para a namorada comer. Encontrou na geladeira uma vasilha com arroz, feijão e um bife. Deparou-se também com alface cortado e lavado. Retirou os objetos de dentro da geladeira, levou o recipiente com comida para o micro-ondas e o outro colocou sobre a mesa. Depois de alguns minutos, Júlia se alimentava. Ficou ao lado dela esperando que terminasse.

— Você comeu esses dias? — indagou, assim que ela acabou de comer.

— Não sei.

— Não sabe? Como não sabe?

— Não me lembro de ter saído do quarto para comer.

— Você ficou todos esses dias sem comer?

— Não sei, Diogo. Para de perguntar, não quero mais ouvir sua voz — respondeu secamente.

— O que está acontecendo com você?

— O que está acontecendo comigo? — esbravejou. — Olha pra mim! Olha pra minha cara! Você acha que estou bem? Olha essa barriga que não para de crescer. E além do mais, tudo que eu como, vomito. Não era mais pra isso estar acontecendo... Já estou com 5 meses.

— E o que você quer que eu faça?

— Me deixe em paz. Fico enjoada só de olhar pra sua cara — levantou-se da cadeira sem encarar o namorado. Ao aproximar-se da passagem da cozinha deu de cara com Marta. Analisou a vampira de cima a baixo antes de deixar o cômodo.

— O que aconteceu com ela? — questionou Marta, sentando-se ao lado de Diogo.

— Não sei — passou as mãos na cabeça. — Ela tá estranha.

— Ela não descobriu...

— Não, não. Ela não sabe do que aconteceu entre a gente.

— Você não se sente mal com isso?

— Um pouco — encarou-a —, mas eu gosto de você também.

— Para com isso, Diogo. Já disse que não quero mais ouvir você falar sobre isso — também se levantou e começou a deixar a cozinha.

— Agora as duas vão ficar de cara virada comigo? Merda! — socou a mesa.

Marta olhou para Diogo. Balançou negativamente a cabeça. Ao virar-se novamente para frente, deparou-se com Júlia parada na entrada com uma pistola nas mãos, apontada para Marta. A garota ruiva atirou sem ao menos hesitar, não dando tempo da vampira desviar. A bala de prata atingiu em cheio o meio do peito da morena, que caiu ao chão, agonizando de dor.

Diogo correu até Júlia, tirando de suas mãos a arma. Em seguida, encaminhou-se rapidamente na direção da vampira. Rasgou a blusa dela e viu um enorme buraco se formando no peito de Marta. A cada segundo que se passava, o ferimento aumentava gradativamente, acompanhado de uma fumaça negra. Diogo retirou a própria camiseta, enrolou-a na mão e a introduziu no ferimento. Remexeu dentro da cavidade em busca daquilo que feria ainda mais a vampira. Encontrou a bala de prata, retirando-a o mais depressa possível e a arremessando para longe, junto com a peça de roupa.

O rapaz levantou Marta do chão e a encostou na parede. Ela ainda sofria. O sangue escorria do enorme machucado, do nariz e dos olhos dela. O garoto acariciou o rosto e o cabelo da vampira antes de pegar algumas bolsas de sangue dentro da vasilha em cima da mesa. Abriu uma bolsa e fez o líquido escorrer para dentro da garganta dela. Repetiu o movimento com mais duas bolsas. Ao terminar a terceira, notou que a cavidade se fechara e os seios, que antes se desfaziam conforme o buraco se abria, voltaram à perfeição de antes.

— Você está bem? — perguntou para a vampira.

— Estou melhor. Nunca imaginei que a prata doía tanto. Ainda está doendo... — tocou o peito nu. Respirava com dificuldade e às vezes tossia sangue.

O sangue ainda marcava o rosto dela. Diogo fechou os olhos e suspirou num lamento.

— Me desculpa.

Dirigiu-se até Júlia, que ainda permanecia parada na entrada da cozinha. Pegou-a pelo braço, forçando a garota a percorrer o mesmo caminho que o seu. Jogou-a no sofá assim que chegaram à sala.

— O que você acha que fez? — questionou irritado. — Ficou louca? Podia ter matado ela!

— Foda-se! — ameaçou se levantar, mas o namorado a empurrou de volta para o sofá. — O que você vai fazer comigo, me matar? — disse com o olhar gélido e fixo em Diogo.

— O que está acontecendo com você, Júlia? Você não é assim.

— Muita coisa mudou, Diogo! — de repente começou a gargalhar, só que em poucos segundos ficou séria. Levantou-se novamente. — Saia da minha frente! — gritou.

O vampiro a pegou pelos ombros e apertou. Involuntariamente seus olhos acenderam vermelhos e as presas se alongaram. Grunhiu, deixando os dentes pontiagudos à mostra.

— Vá para o seu quarto agora e não saia de lá!

— Você não manda em mim! — com um movimento circular dos braços, retirou as mãos do garoto de seus ombros.

Deixou-o sozinho no cômodo e se encaminhou para seu quarto, que agora não trancava mais. Pegou o relógio sobre a mesinha e o arremessou na parede. Depois segurou o móvel de madeira, virou-o e as poucas coisas caíram com o baque. Andou de um lado para o outro por um tempo indeterminado. Não sabia o que sentia. Na verdade, não queria ter atirado na vampira, atirou por puro impulso. Sentou-se. Sabia que algo estava acontecendo com ela, algo muito estranho.

Viu uma sombra passar à sua frente. Fechou os olhos e respirou fundo. Ao abri-los não viu mais nada. Deitou-se na cama. O que estava acontecendo? Seus pensamentos embaralhavam-se. Conforme os minutos passavam, a lembrança do que tinha acontecido se dissipava. Voltou a sentar-se. Inquieta, tornou a andar de um lado para o outro. Só parou quando seu ventre foi chutado de dentro para fora: seu bebê. Sorriu. Saiu correndo do dormitório à procura de Diogo. Viu-o em uma poltrona apoiando com as mãos a cabeça abaixada.

— Coloca a mão aqui — disse, assim que parou diante dele.

Diogo ergueu a cabeça, fixando a namorada. Ficou sem reação. Ela sorria. Pegou a mão dele e a colocou sobre o ventre crescido. O rapaz sentiu a barriga se mexer. Também sorriu. Júlia o abraçou. Após soltar-se do abraço, acomodou-se no colo de seu namorado e afundou a cabeça no peito dele. Ele acariciou os longos cabelos ruivos de Júlia. Reparando melhor, notou-os ainda mais compridos. Viu Marta entrar ainda com o busto descoberto. Ela encarou seus olhos verdes por breves instantes, mas desapareceu assim que a menina olhou na mesma direção que Diogo.

— Eu te amo, Júlia — pronunciou as palavras de amor em voz baixa.

— Eu também te amo — encostou seu nariz ao dele e o beijou logo em seguida.

— Acho melhor a gente parar — afastou-se do beijo.

— Por quê?

— Não quero que o Henrique te machuque de novo.

— Não vai — beijou-lhe o pescoço, passou para a bochecha e depois para a boca. — Faz tempo que a gente não faz.

— O que está acontecendo com você? Até pouco tempo atrás você estava com muito ódio de

mim.

— Cala a boca e me beija.

Júlia mudou a posição, sentando-se de frente para o namorado. Puxou a cabeça de Diogo pelos cabelos, lhe mordendo levemente várias partes do rosto e também a boca. Sem ao menos pensar, a garota retirou a própria blusa e com ela enlaçou o pescoço dele, trazendo-o para mais um beijo.

— Você está louca!

Diogo olhou para os lados, não havia ninguém. Pegou Júlia nos braços e se levantou da poltrona, levou-a escada acima. Solto-a delicadamente sobre a cama. Foi sua vez de iniciar o beijo que durou um longo tempo, enquanto ambos acariciavam o corpo um do outro. O ventre crescido de Júlia incomodava um pouco, só que por outro lado seus seios estavam mais fartos, junto com as coxas e o bumbum.

Enquanto amava sua namorada, concentrava-se para que, se algo diferente acontecesse, pudesse se afastar dela antes que Henrique tomasse seu corpo. Durante o ato, inalou o cheiro de Marta por perto e olhou para a porta entreaberta, pois não possuía mais fechadura. Com a fresta que se formou conseguiu ver a vampira que o olhava fixamente. O jovem sorriu. Excitou-se ainda mais por notar que ela o observava durante o ato de amor com outra.

Marta não conseguia desgrudar os olhos de Diogo. Seu corpo fervia por dentro, num misto de raiva e excitação. Seus olhos acenderam e se apagaram. Não fazia nada. Fechou os olhos e deu passos para trás. Achou-se uma completa idiota por amá-lo. Via que ele usava as duas. Ela ainda sabia do triângulo amoroso que se formara, mas a menina era o que mais a preocupava. Júlia não sabia de nada.

Ficou com muita raiva de Diogo. Cogitou em contar tudo para a namorada dele, porém se fizesse isso ela poderia cometer alguma loucura, pois já fora traída por ele anteriormente. Marta inspirou uma boa quantidade de ar para se acalmar. Não havia nada que pudesse fazer, a não ser deixar de amá-lo, o que sabia ser uma tarefa difícil.

Capítulo 14

Sorveu mais um gole do copo de vinho. A quem queria enganar? Aquilo não era sangue. Precisava caçar, correr atrás de um humano assustado, com medo e lhe tirar a vida. Bebeu mais um gole. O álcool não fazia efeito em seu corpo como no dos humanos. Olhou ao redor, vendo inúmeras pessoas nas mesas espalhadas pelo restaurante do hotel. Reparou em jovens casais e outros nem tanto assim. Muitos dos homens acompanhados, assim que adentravam o recinto, fixavam seus olhos na linda negra de lábios vermelhos, sentada sozinha. A maioria deles, mesmo após acomodar-se com a família em mesas próximas ou distantes, continuavam a mover o olhar em direção a ela. Karen sorria ao ser observada por tantos homens. E não eram só eles que olhavam: as mulheres também, incomodadas com tal beleza misteriosa.

A vampira ergueu delicadamente uma das mãos para que o jovem garçom a atendesse. O rapaz, assim que a viu chamando, moveu-se rapidamente e tropeçou nos próprios pés. Não foi ao chão, mas chamou a atenção de muitos. Aproximou-se da linda mulher que sempre marcava a taça de vinho com batom vermelho.

— Deseja mais alguma coisa, senhora? — perguntou o garçom.

— Já disse para você não me chamar de senhora — falou Karen, com a voz sedutora. — Meu nome é Karen.

— Me desculpe... Karen.

— Assim é bem melhor — sorriu, mostrando os lindos dentes brancos. — Qual é o seu nome, rapaz? — indagou, deixando o jovem vermelho. Ele respondeu, gaguejando.

— Túlio.

— Muito bem, Túlio querido, você pode me trazer outra taça de vinho? — piscou para ele sedutoramente.

Túlio não respondeu, apenas meneou a cabeça. Correu até o bar e pegou outra taça, encheu-a e voltou à mesa de Karen. Colocou a taça diante dela e a vazia sobre a bandeja. Viu a moça agradecer com um lindo sorriso. Dirigiu-se à cozinha para deixar o copo. Assim que entrou, percebeu que não havia ninguém. Túlio pegou a taça pousando-a sobre a pia. Paralisou ao reparar na marca de batom. Olhou para os lados. A marca vermelha o chamava. Pegou o objeto na mão e tocou com os lábios o mesmo local em que os lábios da sedutora mulher tocaram anteriormente. Excitou-se ao imaginar sua língua percorrer dentro da boca dela num beijo molhado. Ouviu em sua mente aquela voz o chamando, querendo que fosse até ela. Viu seus corpos unidos queimando de prazer. Queria aquela mulher, desejava-a mais que tudo naquele momento.

— O que você está fazendo?

Túlio assustou-se e derrubou a taça no momento em que outro funcionário entrou na cozinha. Não conseguiu responder, tamanho era o constrangimento que o abateu. Balançou a cabeça negativamente e deixou o cômodo. Parou em frente ao balcão de onde podia observar Karen bebendo tranquilamente. Por algumas vezes ela o olhou e lhe mandou um sorriso ou uma piscada, seguida de um acenar de mão. O jovem não conseguia mais pensar direito ou se concentrar no trabalho. Não ouviu quando o chamaram para atender a uma mesa, e quando por fim os atendeu, depois de muitas tentativas dos fregueses, derrubou neles as bebidas que estavam sobre a bandeja.

— Que merda você pensa que está fazendo? — irritou-se o gerente do estabelecimento. — Você derrubou tudo em cima dos clientes!

— Me desculpa, senhor. Não sei o que está acontecendo comigo hoje.

— Eu sei, você está jogando seu emprego no lixo!

— Por favor, senhor, não me mande embora! O senhor sabe como é difícil arranjar emprego nessa cidade.

— Fique quieto! Se você sabe disso deveria cuidar melhor do emprego que tem.

— Isso não vai mais acontecer, eu prometo.

— Dessa vez passa, mas da próxima é rua.

Saiu da dispensa, deixando o rapaz sozinho. Túlio retornou ao trabalho e continuou a servir as mesas sem dirigir atenção à Karen para que não se distraísse novamente. As horas foram se arrastando madrugada adentro. Os clientes saíam e chegavam, mas a linda negra de lábios vermelhos continuava sentada. Por volta das 3h, Karen saiu da mesa e, antes de ir embora, parou ao lado de Túlio que, em pé, próximo ao bar, esperava alguns dos poucos clientes o chamarem. Engoliu em seco quando ouviu a voz de Karen próxima ao seu ouvido.

— Que horas você sai?

— Às, às... Cinco — gaguejou.

— Assim que você sair vá me ver nesse quarto — estendeu a ele um pequeno pedaço de papel com o número do quarto. — Ficarei esperando — sorriu.

Túlio não conseguia acreditar no que acontecia. O coração quase lhe saía pela boca. Viu Karen sair. Com o olhar acompanhou cada passo dela até perdê-la de vista. Passou as mãos no rosto para limpar o suor frio que escorria. Respirou fundo. Precisava aguardar até às 5h.

Karen subiu as escadas e encaminhou-se para o quarto de hotel. Ao adentrar o cômodo viu os outros três vampiros. Pablo estava deitado em uma cama, com uma das mãos atrás da nuca e a outra apontando o controle remoto para a televisão, mudando os canais da TV a cabo. Rafaela e Anderson sentavam-se diante de uma pequena mesa com o notebook aberto sobre ela. Assim que

Karen entrou, todos se viraram para ela.

— E aí? — perguntou Rafaela.

— O Augusto não deixa a casa. Passei todos esses dias monitorando, mas ele não deixa o covil por nada.

— Que droga! — falou Anderson levantando para andar pelo cômodo.

— Veja o lado bom disso tudo, Anderson — comentou Pablo. — Pelo menos não precisamos sair daqui para ficar de olho no Augusto. Ainda bem que tem esse hotel perto da casa dele.

— Cala a boca, moleque!

— Iiiiixi, mano, por que você já tá nervoso?

— Por quê? Faz semanas que estamos enfiados dentro desse hotel e não avançamos em nada na missão. E quando pensamos em usar as famílias humanas do casal, descobrimos que eles não estão em lugar nenhum. Aquele Augusto pensou em tudo. Maldito!

— Você está certo, Anderson, não progredimos em nada — Karen acomodou-se na cadeira ao lado de Rafaela. — O que você está olhando?

— Entrei aqui nos registros do Conselho — virou o notebook para que a vampira enxergasse a tela. — Como já sabemos, os registros referentes a Augusto estão errados. Aqui consta que ele não possui nenhuma habilidade.

— Por que o Conselho nunca viu isso? — indagou Pablo, parando em pé atrás das duas.

— Não sei. Aqui diz que há muitos séculos o Conselho Internacional aplicava nos vampiros um tipo de teste de força e com isso era possível analisá-la e descobrir a habilidade.

— E por que não acontece mais isso?

— Porque o Miguel, como líder do Conselho Brasileiro, não implementou isso.

— Muito burro mesmo.

— Ei, garoto, não fale assim daquele que te transformou — repreendeu Karen.

— Mas olha também o que eu achei — Rafaela clicou em um link com o nome de Conselhos Internacionais. — Aqui fala que logo que o Conselho foi formado em outros países, mais especificamente na Europa, tinha um vampiro que era contra a formação do Conselho. Ele achava que a criação de uma organização tiraria a liberdade dos vampiros. Por isso ele reuniu outros que também eram contra e organizou uma revolta. Pelo o que está escrito aqui, o Conselho recém-formado foi quase todo dizimado por ele. Diz que ele possuía uma habilidade nunca antes vista, que quando mordida um vampiro ele era sugado para dentro de seu corpo.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Anderson, parando atrás de todos.

— Ele sumiu. Parece que desencanou do Conselho e sumiu no mundo.

— E quando foi isso?

— Por volta do ano 900.

— Nossa, ele deve ter virado uma múmia — riu Pablo.

— E por que a gente nunca soube disso? — questionou Karen.

— Não sei. Acho que o Conselho não acha importante o nosso estudo acerca da história dos vampiros. Até parece o descaso do governo com a escola pública — foi a vez de Rafaela rir. — Enfim, essa habilidade se assemelha a de Augusto.

— É praticamente a mesma, Rafaela.

— É... — disse pensativa. — Não sei por que, mas acho que isso tem algo a ver com o Augusto — percebeu o olhar de interrogação de todos sobre ela. Balançou negativamente a cabeça. — Pode ser que não seja nada, não. Afinal, não tem como isso ter a ver com o Augusto.

— Parando com a aula de história... — Pablo andou pelo quarto. — O que vamos fazer com a missão? Não aguento mais ficar enfiado aqui dentro. Ao contrário de vocês, eu sou um adolescente de verdade, preciso me divertir.

— Calma, moleque. Uma das virtudes de um vampiro é a paciência e como você mesmo disse, ainda é uma criança. Temos a eternidade pela frente.

— Você pode até estar certa, só que a criança não vai esperar a eternidade para nascer.

— Tudo bem, garoto. Você tem alguma ideia?

— Vamos invadir a casa e matar todo mundo — gargalhou.

— Estou falando sério, Pablo.

— Eu sei, eu sei, estava só brincando. Mas tive sim uma ideia. Pelo pouco que sei sobre as regras do Conselho não podemos nos expor para os humanos — todos acompanhavam o raciocínio do jovem. — Se a gente expusesse o Augusto para os humanos isso traria grandes problemas para ele, vocês não acham?

— Não tenho tanta certeza. Quais tipos de problemas? — falou Rafaela.

— Problemas com a cidade, com os políticos e a polícia, coisas assim. Ele não pode simplesmente matar essas autoridades. Deve sempre se manter nas sombras — mudou o tom de voz nessa última frase como se estivesse imitando alguém que sempre repetia aquilo.

Rafaela ameaçou dizer algo, porém desistiu. Pensou no que Pablo falara: se desenvolvessem um bom plano até que poderia dar certo.

— Precisamos então pensar no que fazer para atingir o Augusto dessa forma — encarou Pablo. — E você, fica calmo. Não vamos fazer isso amanhã e nem depois, precisamos pensar em tudo para que nada dê errado.

— Ok, mas enquanto isso posso dar umas voltas pela cidade?

— Você que sabe da sua vida. Só cuidado para não morrer.

— Ótimo — andou até a porta. — Tô indo nessa.

Deixou o hotel o mais depressa que pôde. Tinha que aproveitar as últimas horas antes que o sol nascesse. Por mais que Rafaela lhe tivesse dito que a virtude de um vampiro é a paciência, ainda não estava pronto para aquilo. Era impaciente e ansioso. Sua falta de paciência era tanta que andar para ele era perda de tempo. Por isso fez uso de sua velocidade vampírica para percorrer a avenida. Queria encontrar gente, muita gente.

Parava sempre que farejava cheiro de humano por perto, mas na maioria das vezes era apenas uma ou outra pessoa zanzando pela rua. Após passar por debaixo da rodovia Anhanguera, usando um viaduto, pôde ouvir ao longe uma música muito alta. Música eletrônica. Pablo sorriu. Chegara a hora de cair na gandaia.

Correu seguindo o som e só parou ao chegar a uma casa noturna. Andou calmamente até a calçada do estabelecimento. Percebeu que não era mais permitida a entrada, somente as pessoas que ali dentro se encontravam podiam sair. Pablo atravessou a rua. Olhou para o andar de cima da casa noturna, vendo inúmeras pessoas. Aquela parte da casa era aberta, os frequentadores podiam ficar sentados no pequeno sofá para tomarem um ar ou fumarem, já que era um lugar ao ar livre.

O vampiro olhou à sua volta e viu que um dos seguranças logo na entrada não tirava os olhos de cima dele. Pablo resolveu sair dali e seguiu a rua andando, desviando assim o olhar do segurança. Ao perceber que não era mais vigiado, voltou para a boate. Parou debaixo de uma árvore, que com a sombra escondia a presença do vampiro. Permaneceu imóvel esperando o momento certo para entrar, empregaria ali a virtude dos seres da noite. Aguardou por alguns minutos, quando viu que o terraço esvaziara, saltou e aterrissou com leveza. Reparou que no pequeno sofá havia um jovem casal no maior amasso, tão ocupados que não notaram a entrada clandestina e sobrenatural.

Encaminhou-se para dentro do local, no qual a música alta irritava um pouco seus ouvidos. O ambiente escuro e abafado estava repleto de gente. Até o acesso pela escada era difícil, quase impenetrável. Desceu para a pista de dança, parando degraus antes para observar. Garotas lindas e bem arrumadas dançavam, algumas acompanhadas de outros garotos e outras com amigas. Terminou de descer os degraus e se embrenhou entre os jovens. A música era tão alta que a vibração do som atingia em cheio seu corpo morto, como se este tivesse um coração que pulsava o sangue. Seu cabelo castanho, curto e arrepiado, e a pouca estatura não o ajudavam a chamar a atenção das garotas. Não que fosse feio... Nunca teve problemas com a beleza, mas sempre tinha um cara mais alto que ele e de olhos claros para chamar a atenção das moças.

No entanto, uma coisa que aprendeu em pouco tempo de vida noturna foi que conseguiria qualquer uma que quisesse, já que nenhuma mulher resistia ao poder de sedução de um vampiro.

Antes de escolher uma jovem para se divertir, parou próximo ao DJ. Deixou a harmonia tomar conta de si e iniciou os movimentos com o corpo seguindo o ritmo da música. A atenção das pessoas à sua volta foi direcionada para ele. Seus passos começaram a ser imitados por outros e mais e mais garotas mantinham os olhos fixos nele.

Uma moça chegou bem perto, quase encostando seu rosto ao dele. Pablo a encarou: era linda. Sua escolha da noite fora feita. Segurou-a pela cintura e a puxou para mais perto. Dançaram juntos com os corpos colados. Ela passou a mão pelos cabelos dele. Respirou fundo e se aproximou ainda mais, aguardando o beijo, mas Pablo não a beijou, só continuou a seduzi-la. Ela o olhou fixamente e não mais esperou, tomou a frente e iniciou o beijo caloroso.

— Qual é o seu nome? — perguntou a garota próximo ao ouvido de Pablo após o término do beijo.

O vampiro tocou a própria orelha, pois a jovem falara muito alto por causa da música. Por sua audição ser sensível, o som emitido por ela fez o ouvido doer.

— Pablo. E o seu? — ao ver que ela se aproximava novamente para responder, colocou a mão em frente ao rosto da menina. — Não precisa chegar tão perto pra falar, eu escuto muito bem. Se quiser pode até sussurrar que eu vou ouvir você.

— Me chamo Isabela — disse muito baixo, inaudível para um humano.

— Muito prazer, Isabela.

— Não acredito que você ouviu. Nem eu mesma consegui ouvir — falou incrédula.

— Tem muitas coisas que eu posso fazer.

— E por que você não me mostra? — puxou-o pela camisa para mais um beijo.

Isabela pegou Pablo pela mão e o direcionou novamente para a escada. Subiram e pararam no terraço onde a música não chegava com seu volume máximo, permitindo assim que pudessem conversar melhor. Ela escorou os cotovelos na grade e fitou a rua, Pablo repetiu os movimentos dela.

— E então, o que você pode fazer?

— Humm... Deixa eu ver — segurou a grade com as mãos e esticou os braços, levando o corpo um pouco para trás. Olhou para o vestido que ela usava, um tecido bem leve num tom azulado, a mais de um palmo acima do joelho. — Acho melhor você segurar seu vestido.

— Por quê? — perguntou não entendendo.

Pablo sorriu e usando sua habilidade fez com que a roupa dela subisse pelas coxas. Isabela o puxou para baixo, assustada. O garoto gargalhou.

— Foi você que fez isso?

— Eu disse que podia fazer várias coisas.

— Mas como? O que mais você faz?

— É basicamente isso — percebeu que ela esperava por mais. Encostou seu rosto próximo ao dela e sussurrou: — Tá vendo aquele casal ali no sofá? — Isabela confirmou. — Preste atenção.

O móvel saiu poucos centímetros do chão e continuou a se afastar gradativamente. Por causa do amasso, ambos sequer notaram o movimento do sofá. Isabela colocou as mãos sobre a boca para conter a surpresa. Ao atingir cerca de cinquenta centímetros, Pablo soltou o estofado que tocou o chão com um baque. O casal assustou-se tanto que gritou, enquanto o vampiro não se segurou e riu alto. Os jovens, que antes se acariciavam intensamente, deixaram o terraço o mais depressa possível.

— Como você faz isso?

— Eu sou especial — foi a vez de Pablo dar início a um caloroso beijo. — Você não quer sentar? Acho que tem um sofá livre logo ali.

Isabela sorriu e o acompanhou. Acomodaram-se e se entreolharam. O amasso foi inevitável. As mãos de Pablo percorreram as coxas dela, deixando-a com os pelos dos braços eriçados.

— Você está com a mão gelada... Até arrepiei.

— Meu corpo todo é gelado — voltou a beijá-la.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você é gelado?

— Se eu te contar terei que te matar.

— Estou falando sério — afastou ele com a mão.

— Eu também — no exato momento de sua fala conseguiu ouvir o coração dela acelerar. — Não precisa ficar com medo, só estou brincando. Não vim aqui para matar ninguém.

— Que papo é esse? — levantou-se espantada.

— Calma, minha linda — pegou-a pela mão, fazendo com que sentasse novamente. — Você sabe guardar segredo? — ela anuiu. — Eu sou um vampiro.

— O quê?! Vampiro?!

— É — acariciou o rosto dela. — Você acredita em vampiros?

— Não — respondeu calmamente, escolhendo as palavras.

— Pois deveria. Eles estão à solta por aí, em todos os cantos. Você nunca olhou o brasão da sua cidade? Se prestar atenção nele vai encontrar evidências da existência dos vampiros.

— Não consigo acreditar... Você só pode estar brincando comigo.

— Então como você acha que eu fiz aquilo, levitar seu vestido e o sofá?

— Não sei...

— Se você quiser posso te mostrar outra coisa, mas acho que você vai ficar com medo.

— Pode mostrar — falou convicta.

Pablo olhou para os lados. Alguns casais ali presentes estavam ocupados demais para prestar atenção neles. Encarou a jovem e fez seus olhos castanhos ficarem vermelhos e em seguida suas presas cresceram. Isabela abafou o grito com as mãos.

— Eu disse que você ia se assustar — comentou após voltar à feição normal.

— É claro que me assustei! Não se encontra um vampiro por aí todos os dias.

— Por isso mesmo que você deve aproveitar a oportunidade — encostou os lábios na orelha dela. — Você nunca mais vai ter a chance de passar a noite com o melhor amante desse mundo.

— Melhor amante, é?

— Lógico. Vampiros são amantes da noite. Se você deixar, esse será o melhor fim de noite de toda sua vida. E depois, você vai poder se gabar para as suas amigas dizendo que ficou com um cara maravilhoso.

— Nossa! Você é muito convencido mesmo. Mas e se você não for tudo isso?

— Eu sou tudo isso e muito mais, e você só vai saber se provar — fechou um pouco os olhos e sorriu com o canto da boca.

Isabela também sorriu. Ele acabara de despertar nela uma vontade incontrolável de experimentar passar a noite com o “melhor amante desse mundo”. Levantou-se e voltou a pegar Pablo pela mão, puxando-o para a saída do terraço, mas antes de saírem ele parou.

— Não posso sair por lá.

— Por quê?

— Eu entrei sem pagar e não tenho comanda.

— Então me espera do lado de fora.

Deu as costas ao jovem e saiu. Antes de deixar a boate, procurou por suas amigas e as avisou que precisava ir embora. Passou no caixa, pagou a comanda e saiu rapidamente. Só não correu porque o salto alto não lhe permitia. Parou na calçada e olhou para os lados à procura de Pablo e assustou-se quando ele apareceu do nada, às suas costas.

— Vamos?

Isabela segurou-o pela mão. Assim que andaram por um quarteirão, o vampiro olhou para trás, vendo que já tinham se afastado consideravelmente da casa noturna. Parou e pegou a garota no colo.

— Sou muito impaciente. Se eu te levar vamos chegar bem mais rápido. Me diz onde fica sua casa.

— Para sua sorte não moro longe daqui... É só seguir essa rua até o fim. Moro no último quarteirão antes da avenida, em uma casa amarela de portão branco.

O vampiro correu tão rápido que Isabela não conseguiu nem ver a paisagem em volta. Em

poucos segundos ele a colocava em pé, no portão de sua casa. Ela demonstrou sua surpresa com uma exclamação. Retirou de dentro da pequena bolsa um molho de chaves e abriu o portão. Começou a atravessar o quintal com Pablo sempre a seguindo de perto. Chegou até a porta de entrada e a abriu. Assim que entraram, ele a pegou no colo novamente.

— Onde é seu quarto?

— Silêncio, não quero acordar meus pais. Meu quarto é lá em cima, segunda porta à direita.

Quando deu por si, Pablo a acomodava na cama. Já estava se acostumando com toda aquela praticidade. Puxou o garoto para mais perto pela camisa, beijaram-se longamente enquanto seus corpos se enroscavam. Ela abriu a camisa dele com tanta força que quase arrancou os botões. Assim que tirou a peça, descobrindo o peito e os braços dele, notou uma tatuagem que se iniciava no ombro e só terminava no pulso do braço esquerdo. Não conseguiu definir o desenho, pois as sensações do momento a deixaram desorientada.

Isabela perdeu totalmente a noção do tempo. Foi envolvida pela presença do vampiro, quase perdendo a consciência de tanto prazer. Teve a sensação de que ele conhecia cada parte de seu corpo, pois a tocava exatamente nos pontos desejados, causando muito deleite sexual. Era delicado nas horas exatas e a pegava com mais força também nos momentos que desejava, sem ao menos perguntar. Parecia que ele lia seus pensamentos. Foi amada como nunca antes.

Pablo acariciou por algum tempo os cabelos castanhos e ondulados de Isabela, fazendo com que ela fechasse os olhos, quase adormecendo. Para que ela não caísse em sono profundo, continuava com os beijos. A garota rolou e se suspendeu nos cotovelos para encará-lo. Direcionou o olhar para a mão do vampiro, pegando-a logo em seguida.

— Que anel é esse? — tocou a pedra escura com o dedo indicador.

— É o anel do Conselho dos vampiros. Isso mostra que sou um vampiro comportado que serve aos seus superiores — riu.

— E essa tatuagem, doeu para fazer? — perguntou, tocando-lhe o braço.

— Doeu muito, só que valeu a pena. Ficou lindona, né não?

Isabela confirmou. Ela se deteve por um longo tempo no objeto dourado com uma pedra negra e uma rosa branca e também na tatuagem tribal desenhada sobre a pele extremamente pálida. Depois voltou a atenção para os olhos penetrantes de Pablo.

— Vou te ver de novo?

— Provavelmente não — acariciou-lhe o rosto.

— Por quê?

— Não sou daqui. Vim de São Paulo só para fazer um trabalho e espero terminar isso logo e voltar.

— Que pena.

— Passar a noite com um vampiro e ficar viva para contar é um privilégio de poucas. Por isso lembre-se de mim para sempre.

— E você acha que eu vou conseguir esquecer? Acho até que você destruiu minha vida amorosa, nunca mais olharei para outro homem da mesma forma.

— Mas pelo menos você teve coisas que nenhuma outra terá. Eu disse que era tudo isso, não disse? — sorriu, convencido.

— É, não consigo nem mentir para parecer que não foi tão bom assim. Só sinto em não poder te ver mais.

— Me dá seu número, então — ela arregalou os olhos. — Só não se iluda, não sei se vou ligar, mas qualquer coisa eu apareço de novo.

Isabela deixou a cama rapidamente correndo até a escrivaninha. Pegou uma caneta e um pedaço de papel e anotou o número de seu celular. Voltou para perto de Pablo e lhe entregou. Ele olhou os números e o colocou sobre suas roupas no chão. Puxou a garota para mais um beijo.

— Preciso ir agora.

— Já?

— Você quer que eu morra? Daqui a pouco o sol aparece e se eu não estiver dentro de um lugar onde ele não me pegue vou ser um vampiro realmente morto.

— Mas vocês não brilham no sol?

— Pô, meu! Brilhar no sol? — gargalhou. — Já até sei da onde você tirou isso. Não se iluda com essas historiazinhas de vampiros que mais parecem fadas. Não sou a Sininho... Sou um vampiro de verdade, e vampiros são pulverizados pelo sol. Infelizmente, essa é nossa maior fraqueza — tocou-lhe o rosto. — Preciso realmente ir agora.

— Tudo bem. Vou deixar você ir com um aperto no coração.

— Não aperte seu coraçãozinho por mim — beijou-a.

Levantou-se da cama e pegou suas roupas do chão, começando a se vestir. Isabela mantinha o olhar fixo no garoto de pele extremamente branca. Quando terminou, guardou com cuidado o pedaço de papel no bolso da calça. Encarou a jovem nos olhos. Podia ver que despertara nela sentimentos profundos. Passou a mão no rosto e se agachou à sua frente.

— Eu sou um vampiro muito burro que ainda não consegue dominar seus sentimentos humanos.

— Por que você está dizendo isso?

— Sei que você quer me ver de novo e não consigo simplesmente deixar de lado como deveria — beijou-a. — Prometo que volto para te ver uma última vez.

— Sêrio?

Ele afirmou com a cabeça. Ela sorriu e pulou nele, abraçando-o.

— Mais uma coisa... Como eu faço para chegar ao Leme Plaza Hotel? — Isabela explicou detalhadamente.

Despediu-se dela com um beijo que lhe tirou o fôlego. Aproximou-se da janela do quarto, abrindo-a. Deu uma última olhada em Isabela antes de saltar para fora. A garota ainda correu até a janela esperando vê-lo indo embora, mas sua tentativa foi vã: ele desapareceu. Voltou e se jogou sobre a cama. Fitou o teto do quarto com o olhar perdido. Não conseguia pensar em mais nada a não ser no vampiro que a presentou com a melhor noite de amor de sua vida.

Não conseguia desgrudar os olhos do grande relógio da parede do restaurante, olhava para ele a cada minuto. Desde o momento em que a linda mulher lhe entregara o número de seu quarto, as horas se arrastavam. Foram as duas horas mais longas de sua vida.

Túlio serviu as várias mesas ainda com o olhar fixo nas horas. Por voltas das 4h não havia mais cliente no bar, fazendo com que sua aflição aumentasse porque agora não tinha nada para fazer a não ser fixar os ponteiros que se moviam vagorosamente. Limpou as mesas, arrumou as cadeiras, lavou alguns copos e até limpou o chão. Já sem mais nada para fazer, sentou-se com os outros garçons diante da televisão. Não conseguia nem se concentrar na programação. Sua mente dirigia-se para Karen. Imaginou como ela o estaria esperando no quarto... Viu-a deitada na cama com uma linda lingerie vermelha, ela o chamava com aquela voz sedutora. Chegou bem perto, pegou-a com força e beijou os maravilhosos lábios carnudos e vermelhos. Voltou a si ao sentir alguém tocar-lhe o ombro.

— Já está na hora, Túlio, vamos embora — avisou um colega de trabalho.

O rapaz saltou da cadeira o mais ligeiramente que pôde, correu para o banheiro dos funcionários e retirou o uniforme. Vestiu-se com sua roupa o mais rápido que conseguiu. Revirou a mochila em busca do desodorante, ninguém merecia ir para um encontro depois de uma noite toda de trabalho. No entanto, não havia alternativa. Passou o produto nas axilas e logo em seguida saiu em direção ao seu tão desejado destino.

Parou adiante da porta do quarto indicado no pedaço de papel entregue por Karen. Engoliu em seco antes de bater. Viu a maçaneta girar e a porta se abrir. Apareceu em sua frente uma mulher de

cabelos trançados. Ela o olhou e sorriu.

— Karen está esperando você — passou por ele, deixando a porta aberta. Viu-a entrar em um quarto ao lado.

Hesitou por um breve instante e voltou a respirar fundo. Adentrou o cômodo. Karen o aguardava em pé no centro do quarto. Túlio andou até ela, que estava de costas. Ela se virou e sorriu ao vê-lo.

— Que bom que você veio.

Ele não conseguia responder. Ela caminhou até ele, tocando-lhe o rosto ao se aproximar. Ouvia o coração do jovem batendo acelerado e inalou o cheiro da excitação que emanava dele. Sem que ele se preparasse, Karen o beijou. Túlio congelou ao ter a boca dela na sua. A vampira se soltou do beijo com o olhar fixo nos olhos dele.

— Olhe bem no fundo dos meus olhos, Túlio — as pupilas dela se dilataram. — Hoje você vai me dar do seu sangue, não vai?

— Vou — respondeu o rapaz, totalmente hipnotizado.

— Ótimo! Mas não se preocupe, não vou te matar. Só vou me alimentar o suficiente...

— Alimentarei a senhora o suficiente.

— Na sua mente teremos feito amor do jeito que você imaginou e, por causa dessa noite maravilhosa que passamos juntos, você ficou muito cansado. Por isso, quando acordar se alimentará muito bem depois de boas horas de sono — Túlio balançou positivamente a cabeça.

Karen passou a mão no pescoço do jovem sentindo a pulsação do sangue. Seus dentes alongaram-se para fora da boca e com eles mordeu o pescoço de Túlio. Ele não demonstrou dor, nenhum músculo de seu rosto se alterou. A vampira sugou uma boa quantidade de sangue, a quantidade exata para lhe forrar o estômago vazio sem matar sua preciosa vítima. Ao retirar as presas da jugular, o sangue continuou a escorrer. Tocou as feridas com os dedos, pressionou. Em poucos segundos o sangue parou de vazar e os pequenos buracos se fecharam, deixando duas manchas roxas. Karen ainda lambeu o sangue que manchava o pescoço dele.

— Agora vá embora, Túlio querido. Não se esqueça de que essa foi a melhor noite da sua vida — beijou-o.

O rapaz virou-se automaticamente e deixou o quarto, sem nada dizer. Andou para o estacionamento do hotel e pegou sua motocicleta, ligando-a para ir embora. Alguns minutos depois estacionou o veículo na garagem de sua casa. Entrou no dormitório e caiu na cama, dormindo logo em seguida. Em sua mente as lembranças da noite maravilhosa foram enraizadas para que se tornassem mais reais e convincentes.

Capítulo 15

Júlia sentou-se no chão e fitou a chuva que batia na janela, como se contasse cada nova gota que se chocava contra o vidro. Às vezes via uma forte luz e em seguida ouvia o barulho estrondoso: mais um raio que tocava a superfície da terra. Todas as noites eram chuvosas, não somente as horas em que a lua dominava o céu como também as horas de sol, nas quais nuvens carregadas impossibilitavam que as poças evaporassem. Pela quantidade de água que caía do céu só poderiam estar no primeiro mês do ano, no qual a quantidade de chuva sempre era maior do que o esperado. Podia até deduzir o período do ano, apenas não sabia a data. Há muito não olhava para um calendário. Só sabia que os dias não paravam de passar e com isso seu ventre crescia ainda mais. Talvez estivesse com seis meses... Não, talvez cinco... Não, era mais provável que fosse um pouco mais de seis.

A maioria das roupas que dona Neide lhe dera já não servia mais. Júlia vestia agora uma camiseta preta de Diogo e um short de pijama. Não conseguia mais se olhar no espelho e evitava a presença de seu namorado. Sentia-se com uma aparência desagradável. Não só pela barriga cada dia maior, mas também pelas profundas olheiras que não a deixavam, junto à pele que ficava cada vez mais pálida pela falta de contato com a luz solar. Seus cabelos tonavam-se cada vez mais secos e ainda continuava a passar mal ao se alimentar. Isso sem contar as fortes tonturas que a acometiam, seguidas das coisas que via e ouvia. Suas crises pioravam a cada dia.

Levantou-se sobressaltada. Olhou para o canto do quarto e teve a impressão de ver algo atravessar a parede. Sem mais pensar, deixou o cômodo rapidamente. Correu pela grande casa sem que encontrasse alguém. Os seres que via a seguiam por toda a parte, independente de onde estivesse. Direcionou-se para a porta da sala, abrindo-a e entrando na garagem. Caminhou até atingir o corredor que a levaria para o quintal do covil dos vampiros.

Assim que chegou ao destino, parou para que o sol tocasse sua pele, que agora se assemelhava a de uma das criaturas que residia naquela casa. Júlia fechou os olhos para apreciar melhor aquele momento. Mesmo com a chuva que caía podia captar o fraco calor. Há quanto tempo não saía durante o dia? Aquilo não era vida para uma garota. Viver enfiada em uma casa com seres que a qualquer momento poderiam lhe fazer mal, principalmente o próprio namorado que tinha o corpo possuído por outro daqueles seres. Arrepiou-se só de lembrar o que lhe fizera.

Sentiu em seu íntimo uma forte raiva que trazia consigo muita vontade de se vingar. Vozes em sua mente diziam que ela precisava fazer aquilo, que era necessário para o seu próprio bem-estar. Não tinha certeza se aquilo era certo, mas resolveu voltar para dentro da casa. Mesmo com as roupas

molhadas, subiu as escadas que davam acesso aos dormitórios. Parou em frente à porta do quarto de Diogo e a abriu. Mesmo com a falta de luminosidade viu o garoto deitado na cama, imóvel. Júlia se aproximou e lhe tocou o rosto mais gelado do que o normal. As vozes não paravam de falar, diziam-lhe coisas absurdas. Júlia colocou as mãos na cabeça, tentando se livrar do burburinho. O falatório foi abafado. Voltou a olhar para Diogo. Uma aversão à imagem dele tomou conta de seu corpo. Fechou um dos punhos e com ele atingiu o peito do vampiro. Ele não se moveu. Assustada, deu alguns passos para trás encontrando a parede. Junto dela notou a grossa cortina que cobria a janela. Sem ao menos titubear puxou o tecido com força, fazendo soltar-se do varão. Mesmo com a chuva, raios de sol penetraram no quarto, anteriormente escuro, atingindo o vampiro deitado sobre a cama.

Diogo arregalou os olhos no instante em que a pele começou a queimar. Fumaça negra emanava de cada novo ferimento no rosto, nos braços, em todo o corpo. Os olhos verdes ficaram vermelhos e as presas se alongaram. Ao perceber o que estava acontecendo, o garoto urrou de dor. Não tinha forças para se afastar do sol, não conseguia usar sua velocidade, era como se toda a sua força de vampiro tivesse sido anulada. A cada segundo que passava as feridas consumiam cada vez mais seu corpo.

Os gritos de Diogo invadiram os ouvidos de Júlia, que voltou à consciência. Pegou do chão a grossa cortina e correu na direção do namorado. Jogou o tecido sobre ele e o puxou para longe dos raios do sol. Encostou o jovem na parede onde a luz solar não o atingia. Retirou a cortina e se espantou com os horríveis ferimentos, sem dizer no fétido cheiro que exalava, deixando-a enjoada.

As dores dos machucados causaram um atordoamento em Diogo, mas assim que a namorada o descobriu e pôde ver a claridade no cômodo, seus olhos arderam como nunca e lágrimas de sangue escorreram involuntariamente. O vampiro acuou-se ainda mais próximo à parede, como um animal escondendo-se do predador. A garota, percebendo que o sol ainda o atingia, tirou-o do quarto, levando-o para o corredor escuro.

— Me desculpa, Diogo, me desculpa mesmo — choramingou Júlia.

O jovem nada respondeu. A cabeça ainda rodava e fortes dores vinham dos mais novos ferimentos. Não tinha forças nem para ficar em pé. O corpo tremeu. Viu Júlia à sua frente, desculpando-se e chorando. Não deu importância. A única coisa que lhe chamou a atenção foi o pulsar do sangue dela. Aproximou vagorosamente o nariz do pescoço da namorada, que ficou paralisada. Diogo passou a língua sobre o local. Afastou-se e a encarou.

— Isso é culpa sua — disse com a voz fraca e rouca.

Reuniu o pouco de força que tinha para puxá-la pelo cabelo para perto de si. Com as presas perfurou a jugular de Júlia, que gritou. O sangue dela escorreu para dentro de sua garganta e do estômago vazio. As feridas causadas pelo sol demoraram mais do que o normal para se curarem.

Quando percebeu que não havia mais vestígios dos machucados largou Júlia, que caiu ao chão com a mão no pescoço e com o corpo tremendo. Diogo retirou a própria camiseta, rasgou-a e usou-a para estancar o sangue que ainda esvaía da garota. Com um pedaço do tecido, pressionou os orifícios e com outro envolveu o pescoço de Júlia. Levantou-se e pegou-a pelo braço fazendo-a ficar de pé.

— Mas que merda você acha que estava fazendo? Você quer me matar? — Júlia ainda tremia. Puxou-a novamente pelo braço, fazendo-a seguir seus passos. Parou diante da porta do quarto dela e a empurrou para frente. — Entra aí e olha se tem alguma luz — ordenou.

Júlia entrou no cômodo e notou a claridade que vinha da janela descoberta pela cortina. Moveu o tecido, fazendo-o impedir que a pouca luz do sol iluminasse o quarto. Voltou para o corredor parando à frente do namorado.

— Não tem luz.

Diogo passou por ela, adentrou o cômodo e sentou-se na cama. Júlia o seguiu e acomodou-se ao seu lado. Ele a encarou.

— Por que você fez aquilo, Júlia? Esqueceu que sou um vampiro?

— Me desculpa, não sei o que aconteceu comigo...

— Você está muito estranha ultimamente. Podia ter me matado.

— Não era bem eu... Tinha alguém falando aqui — tocou a cabeça. — Não era eu... Eu juro.

— Não sei o que está acontecendo com você, mas assim que o Augusto acordar vou perguntar pra ele. Não sei mais o que fazer e o pior é que nem posso te levar no médico.

— Me desculpa... — começou a chorar.

— Não vou dizer que está tudo bem porque não está. O que você fez foi muito perigoso e não foi a primeira vez. Ainda não me esqueci do tiro que você deu na Marta.

— Vai falar dela agora?! — gritou.

— O quê?

— Você sempre tem que falar dela! Por que não vai correndo pra ela e me deixa em paz?! — ameaçou levantar, mas Diogo a segurou.

— Você está percebendo o que está falando? Você está distorcendo as coisas, Júlia.

A jovem abraçou o namorado e voltou a chorar.

— Eu não sei o que está acontecendo comigo. Eu ouço vozes e vejo vultos. Quando me dou conta do que está acontecendo, já fiz algo que não deveria — encarou-o. — Me ajuda, Diogo, por favor.

Foi a vez do garoto vampiro a abraçar. Diogo a deitou na cama ao seu lado e acariciou os cabelos de Júlia, que agora viviam emaranhados. Ela não demorou a adormecer. Enquanto a namorada caía num sono profundo, pensou em tudo que vinham passando juntos. Sabia que Júlia não

estava feliz em viver naquela casa com ele, podia ver isso em seus olhos. Há muito não sorria, não era mais aquela garota meiga e sensível que conhecera na escola, que queria ser amada de verdade pelo garoto mais cobiçado do Ensino Médio. Via-se destruindo a vida dela, acabando com seus sonhos.

A cada mês que se passava via uma Júlia mais abatida, como se a vida deixasse seu corpo dia após dia. Por que imaginou que seria perfeito tê-la ao seu lado? Nada se mantinha perfeito. Ela apenas sofria ao ficar perto dele. E para melhorar as coisas ainda tinha seu sentimento por Marta. Não conseguia tirar a vampira da mente, amava-a tanto quanto Júlia.

Diogo passou as mãos no rosto. Às vezes era claro que não deveria cometer tais ações, porém, em outras, isso não era tão claro assim. Pensava nas consequências só depois. Voltou a acariciar a namorada percebendo suas roupas molhadas. Era como se Júlia fosse sua parte humana, só sentia-se humano por causa dela. Quando não a tinha por perto seu lado vampiro dominava-o completamente, impossibilitando a demonstração de suas emoções. Tocou o ventre da jovem e ao fazer isso ele mexeu. Sua criança crescia bem, só que à custa da vida da mulher que amava. Júlia morria aos poucos para dar vida àquele ser. Diogo a abraçou com força. Não queria perdê-la, amava-a muito.

A estrela que iluminava o céu e não permitia que nenhum ser das trevas saísse foi deixando seu posto, abrindo lugar para a escuridão, uma noite onde não se via a lua e nem estrelas, onde as nuvens carregadas continuavam a encharcar o solo. Depois de passar muito tempo em seus devaneios, Diogo voltou para o transe vampírico despertando assim que o sol retirou-se por completo do céu. Ao seu lado viu uma Júlia toda encolhida por causa do frio e com os pelos dos braços eriçados. Ameaçou abraçá-la, porém parou. Não adiantaria, pois seu corpo não mais podia transmitir calor, sendo impossível aquecê-la. Levantou-se da cama, andou até o guarda-roupa e pegou algumas peças que manteriam sua namorada aquecida. Aproximou-se dela e a chamou. Júlia abriu os olhos lentamente.

— Vem, Ju, vou dar banho em você.

Ela nada respondeu, apenas anuiu com a cabeça. Diogo colocou as peças de roupa em um dos ombros e com as mãos ajudou Júlia a ficar em pé. Ainda sonolenta, ela seguiu o namorado sem questionar. Assim que entraram no banheiro, Diogo a despiu e a colocou debaixo da água quente. Júlia não conseguia ficar em pé e acabou sentando. Os orifícios em seu pescoço não sangravam mais. No entanto, ainda possuía sangue seco e manchas roxas ao redor. Ao terminar com o banho, ele a vestiu com roupas quentes. Voltou a pegá-la pela mão e levou-a à cozinha para que se alimentasse.

Após a refeição, Júlia aparentava estar melhor. Levantou-se da cadeira e foi ao banheiro para pentear os longos cabelos ruivos que já alcançavam o bumbum. Enquanto a namorada não estava por

perto, o garoto vampiro pegou uma bolsa de sangue. Despejou o líquido em um copo e o sorveu calmamente. Sentia um incômodo nos locais que anteriormente foram atingidos pelo sol, como se ainda não tivessem se curado completamente. Exalava também um odor diferente. Júlia entrou na cozinha minutos depois, portava nas mãos uma escova de cabelo e uma tesoura.

— Corta meu cabelo pra mim? — perguntou estendendo os objetos para Diogo.

— Até onde você quer que eu corte?

— Até aqui — virou-se de costas e colocou a mão na costela, um pouco acima da cintura.

Diogo passou a tesoura, fazendo com que três palmos de cabelo vermelho caíssem ao chão. Com a escova o penteou inúmeras vezes para alinhá-lo. Em poucos minutos terminou o corte. Júlia sorriu ao ver os cabelos mais curtos. Não aguentava mais aquele tamanho.

— Obrigada — agradeceu.

— Não precisa agradecer, meu amor — abraçou-a. — O que você quer fazer agora?

— Como assim?

— Percebi que não estou dando muita atenção pra você. Por isso, quero me redimir. Quero fazer você sorrir novamente.

— Não sei... — disse pensativa.

— Pense em algo — ouviu a porta do quarto de Augusto se abrir. — Preciso falar com o Augusto agora, mas você pode subir lá no quarto que assim que eu terminar de falar com ele subo também.

Júlia concordou e antes de deixarem a cozinha, beijaram-se demoradamente. Enquanto a namorada voltava para o dormitório, Diogo foi para o quarto de Augusto. Assim que se chegou perto da entrada, ouviu-o dando a autorização para entrar.

— O que você quer, garoto?

— Preciso conversar.

— Pode falar — saiu da frente do computador e encarou o jovem, em seguida franziu o cenho ao fitá-lo. — O que aconteceu com você?

— Nada, por quê?

— Como nada, moleque? — andou até Diogo, pegou-lhe o braço e cheirou. — Você foi queimado pelo sol?

— Fui.

— Você é idiota ou o quê? Sabe muito bem que não po...

— Eu sei, Augusto, eu sei — interrompeu-o. — Foi a Júlia que fez isso.

— E por que ela fez isso?

— Eu também não sei — acomodou-se na cama. — Ela está estranha, disse que às vezes não

sabe o que está fazendo, que ouve vozes e vê vultos. Ela está enlouquecendo, às vezes fica agressiva e de repente muda de humor. Não sei mais o que fazer.

Augusto nada mencionou, só continuou a encarar Diogo. Andou de um lado para o outro do cômodo, parando alguns minutos depois. Pediu para que o garoto o acompanhasse. Deixaram o aposento do líder e adentraram a biblioteca. Augusto caminhou por entre os livros, parando em uma prateleira ao fundo, próxima ao enorme quadro, no qual se via Augusto e Henrique ainda humanos e sorridentes. O vampiro estendeu a mão na direção de um livro, retirando-o da prateleira logo em seguida. Abriu-o e folheou algumas páginas antes de entregá-lo a Diogo. O rapaz pegou-o e leu Esquizofrenia em letras prateadas numa capa verde musgo. Antes de perguntar o que era, Augusto lhe respondeu:

— Esquizofrenia é uma doença mental — voltou a andar pela biblioteca com Diogo em seu encalço. — Pelo que você me disse e pelo que conheço, acho bem possível que seja isso. Leia o livro que você vai entender melhor. Porém há a possibilidade de ela ter desenvolvido isso por causa da gravidez.

— E como a gente cura?

— Curar? — parou a caminhada e o encarou. — Não tem como curar, precisa de tratamento.

— Então vamos tratá-la.

— Garoto, não podemos tirá-la daqui e levá-la para que receba tratamento. Ela vai ter que ficar assim até podermos transformá-la, só assim para realmente a curarmos.

— O quê?! Transformar em vampira?!

— No que mais seria?! — continuou a caminhar. — Cada coisa que tenho que ouvir...

— Espera aí, Augusto! — correu para alcançá-lo. — Quem disse que quero transformar ela em vampira?

— Não me venha agora com sentimentalismo, moleque. Ou vai me dizer que não quer transformá-la porque ela não vai ser a mesma pessoa, vai virar um monstro como nós e blá, blá, blá... Já cansei de ouvir essa conversa, vi muitos casos parecidos.

— Mas...

— Mas nada, Diogo! — encarou-o. — Você acha que vou deixá-la voltar para o mundo humano com tudo o que ela sabe? Entretanto, para ser bonzinho vou deixar você escolher, transformá-la ou matá-la, pois ficar como humana não vai acontecer.

Sem mais nada a dizer desapareceu da frente do jovem. Diogo pensou em procurá-lo, mas desistiu da ideia, não queria levar outra comida de rabo do líder. Voltou sua atenção para o livro em suas mãos. Abriu na primeira página e começou a ler. Percebendo que a leitura seria demorada resolveu dar um jeitinho vampírico naquilo. Usando sua velocidade, conseguia ter acesso às

informações ali contidas em tempo recorde. Virava as páginas mais rápido do que os olhos humanos poderiam acompanhar.

Em um pouco mais de um minuto chegou ao fim da obra. Não era um livro de difícil entendimento, dava somente uma visão geral do que era a doença e contava alguns casos. Refletiu sobre a leitura. Realmente achava que sua namorada tinha esquizofrenia: seus sintomas assemelhavam-se bastante com os descritos no livro. Mas como poderia ajudá-la? Será que o desenvolvimento da doença se deu por sua causa ou ela desenvolveria de qualquer jeito? E também tinha a influência da gravidez de um ser não totalmente humano...

Eram questões sem respostas. A única coisa que poderia fazer no momento era ficar ao lado dela. Guardou a obra na prateleira onde a encontrara. Durante seu caminhar em direção ao dormitório pensou nas palavras de Augusto. Nunca tinha lhe passado pela cabeça em transformar Júlia em vampira. Descartara essa hipótese desde o início. Bem, pelo menos achava que tinha. Entrou na sala ainda perdido em seus pensamentos, só voltando a si ao ouvir a voz de Leandro.

— Você quer que a gente traga um lanchinho para você?

— Não precisa, estou bem. Aonde vocês vão?

— Fazer a ronda atrás dos vampiros do Conselho.

Diogo os viu deixar a casa. Olhou em outra direção e viu Marta em um sofá de frente para a televisão. Aproximou-se.

— Você não vai com eles? — sentou-se ao seu lado.

— Com essa chuva? Não, não. Sou inútil debaixo de tanta água. Ainda preciso aprender a controlar melhor minha habilidade para não deixar apagar com água.

Sua atenção foi direcionada para o telejornal. Viu uma reportagem sobre o pacote bilionário que o presidente dos Estados Unidos, Bush, anunciava para tentar evitar que a economia americana entrasse em uma recessão. Logo em seguida, notícias sobre a chuva em São Paulo que voltava a matar pessoas e a deixar centenas de famílias desabrigadas, como em todo início de ano.

A imagem mudou dos dois apresentadores para o repórter que falava ao vivo de um dos bairros mais atingidos da capital paulista, como sempre a periferia. Via-se ao fundo a água cobrindo a rua e inúmeras pessoas que passavam carregando móveis e eletrodomésticos, tentando salvar o que podiam do alagamento. Ao iniciar sua fala o repórter datou aquele dia, 17 de janeiro, como sinônimo de perda para vários moradores. A data se repetiu na mente do garoto vampiro. Diogo levantou-se rapidamente repetindo em voz alta e trazendo à memória o significado do dia:

— Hoje é dia 17 de Janeiro!

— É sim — Marta o encarou. — E o que tem demais nisso?

— É aniversário da Júlia — bateu a mão na testa. — Como sou burro, como foi que eu

esqueci?

— Você lembrou agora... — murmurou a vampira, afundando-se ainda mais no sofá. — Vá correndo até ela e lhe dê os parabéns — disse com a voz fraca.

— Não fique assim — voltou a se sentar ao seu lado. — Você também é importante pra mim — tocou-lhe o rosto.

— Sai de perto de mim! — gritou e lhe deu um tapa na mão. — Não quero mais ter nada com você, nunca mais.

— Para com isso, Marta, eu sei que você não resiste a mim — sorriu.

— Seu merda! — a vampira acertou um soco no rosto do rapaz que o fez cair do sofá com o nariz quebrado e sangrando. — Nunca mais toque em mim!

— Que droga! — xingou, colocando a mão no nariz. Com um pequeno movimento pôs o osso na posição certa. — Vocês duas combinaram alguma coisa hoje? Não é possível! Primeiro uma tenta me matar e agora a outra me acerta um soco. Isso que dá ter duas namoradas.

— Eu não sou e nunca serei sua namorada!

— Não vou discutir mais com você hoje — levantou-se e deu as costas à vampira, caminhando até a escada. — Deve existir algum tipo de TPM de vampiras... — resmungou baixinho.

— Eu ouvi isso! — falou Marta, arremessando um cinzeiro nas costas de Diogo, que desviou a tempo.

Saiu correndo para a escada antes que Marta o acertasse com mais alguma coisa. No fundo achava tudo aquilo engraçado. Riu. Com as costas da mão, limpou o sangue que escorrera de seu nariz. Logo em seguida entrou no quarto e viu Júlia parada em frente à janela. Diogo a chamou, mas ela não respondeu. Caminhou até ela e lhe tocou os ombros. A garota gritou e virou-se, desferindo golpes cegamente, acertando alguns no namorado.

— Júlia! Calma, sou eu.

Ela abriu os olhos cerrados. Ao ver os olhos verdes de seu namorado o abraçou. Diogo percebeu a respiração dela alterada e também o cheiro do suor frio.

— Eles tavam aqui... — começou a dizer. — Atrás de mim.. Olhando pra mim.. Correndo...

— Tudo bem, meu amor, eles já foram embora — afastou-se dela e fitou profundamente seus olhos castanhos. — Não se esqueça de que seu namorado é um vampiro, ninguém pode comigo, vou afastar qualquer coisa que esteja atrás de você.

Júlia o encarou por alguns segundos sem nada dizer. Girou os olhos para ver o quarto e logo após sorriu.

— Não tem mais ninguém mesmo — voltou a abraçar Diogo. — Você afastou todos eles.

— E eles não vão mais voltar. Aliás, você sabe que dia é hoje?

— Não — disse pensativa.

— Hoje é o dia em que uma linda garota que eu amo muito está completando 17 anos — Júlia arregalou os olhos, esquecera-se do próprio aniversário. — Feliz aniversário, meu amor — beijou-a.

— Nem lembrei.

— Percebi — sorriu. — Desculpa não ter comprado nada, acabei de lembrar. Mas te prometo que vou comprar algo.

Viu a namorada sorrir por causa das palavras que dissera. Um calor dominou seu peito, causado pela felicidade que emanava dela à sua frente. Se ela estava feliz, ele também ficava. Pensou em beijá-la novamente, mas antes que pudesse mover-se para a realização de seu desejo, sua visão ficou turva. Os olhos arderam e uma forte dor de cabeça o acometeu. Diogo deu dois passos para trás com os olhos fechados e com as mãos na cabeça. Começou a perder a consciência, ficando cada vez mais longe da realidade, sendo engolido pelas trevas. Enquanto caía em um buraco sem fim pôde ouvir a gargalhada de Henrique.

Voltou à postura ereta. Ao abrir os olhos viu Júlia se espantar. Ela sabia que seu namorado já não dominava mais aquele corpo, estando ali outro vampiro que há muito deixara de ser humano e viver entre eles, cujos sentimentos eram unicamente de ódio, vingança e realização própria. Mais nenhuma emoção humana pairava sobre aquela alma de morto-vivo.

— Sentiu minha falta, ruivinha? — perguntou Henrique com um sorriso maligno nos lábios. — Só não vim te ver de novo porque queria que o moleque esquecesse um pouco de mim — iniciou a caminhada até a garota.

Júlia esgueirou-se, encostando-se à parede. Olhou rapidamente em volta buscando a pistola, porém lembrou-se que Diogo não lhe devolvera depois do que fizera com Marta. Pensou em correr, mas sabia que se fizesse isso ele a alcançaria num piscar de olhos. Decidiu então fazer a única coisa que conseguiria no momento. Encheu os pulmões de ar e gritou o mais alto que pôde. Henrique correu até ela e lhe tampou a boca.

— Silêncio, menina. Não quero que Augusto nos ouça. Vim aqui só para brincar um pouquinho.

Lágrimas escorreram dos olhos castanhos de Júlia, que balançava a cabeça em sinal de negação. Não queria passar por aquilo de novo. Não queria ser novamente violentada. Com a boca ainda aberta entre os dedos dele, Júlia o mordeu. Henrique retirou a mão dos lábios da garota e viu sangue em seus dedos e nos dentes brancos dela.

— O que você pensa que está fazendo? — acertou o rosto dela com um tapa que a fez cair no chão. — Você tem que me obedecer!

— Você não vai mais machucá-la!

Henrique se virou para a porta e viu Marta parada diante dele. A vampira acendeu seus olhos e fez as presas se alongarem. Encurvou um pouco as costas e rosnou. Partiu para cima dele. Henrique tentou se desviar dela, só que a vampira foi mais rápida. Com um dos braços enlaçou-lhe o pescoço e com a outra mão prendeu suas mãos para trás, impossibilitando que se movesse. Henrique ainda tentou se desvencilhar, mas ao perceber que suas tentativas não surtiriam efeito, parou de lutar e começou a gargalhar.

— O Augusto é um merda mesmo. Onde já se viu transformar uma mulher e ainda por cima deixar que ela tenha toda essa liberdade?

— Você é que está há tempo demais longe desse mundo, Henrique.

Foi a vez de Augusto aparecer no aposento. Atravessou o cômodo parando de frente para ele.

— Você deveria ter me trazido de volta antes.

— Eu tentei, mas não foi possível — olhou para Júlia caída ao chão com os lábios manchados de sangue e com o rosto extremamente vermelho. Voltou a encará-lo. — Não quero mais que você trate nenhuma mulher que esteja dentro da minha casa dessa maneira. Elas não são simples objetos como você acha.

— Não me venha com essa agora. O que aconteceu com você?

— Vivi 100 anos a mais que você, não se esqueça disso — fez uma pausa. — Vou te trazer de volta, Henrique, só que se você continuar a se comportar dessa forma posso muito bem te mandar de volta para o inferno.

— Você vai me ameaçar agora? Sempre fui mais forte que você.

— Conjugou o verbo perfeitamente... Foi, não é mais. Agora vá embora e deixe o garoto em paz. E não quero mais que você possua o corpo dele dessa maneira.

— Não me faça rir. Mas tudo bem, eu vou. Só quero dizer uma coisinha para a ruivinha aí antes de ir — Júlia ergueu a cabeça para olhá-lo. — Sabe o seu namorado? Então, ele anda transando com essa aqui. Ele não é fiel e está usando vocês duas — encarou Augusto. — E você ainda vem me falar que os tempos mudaram? Estou vendo mesmo.

A risada de Henrique foi a última coisa que ouviram antes do corpo de Diogo cair inerte nos braços de Marta.

— Coloque-o na cama — ordenou Augusto. Voltou-se para Júlia e tocou-lhe os lábios com o dedo indicador, manchando-o assim de vermelho. — Você engoliu esse sangue? — a menina balançou positivamente a cabeça. — Isso não é bom. Venha comigo.

Júlia seguiu Augusto de perto até chegarem à cozinha. Viu-o remexer em uma gaveta do

armário e retirar dela uma cabeça de alho. Ele pediu para que ela se acomodasse em uma das cadeiras, sentando-se ao seu lado. Com as mãos, Augusto começou a descascar os dentes de alho. A garota notou que ao fazer isso bolhas apareceram na pele do vampiro onde a planta o tocava. Após terminar, estendeu-os para a garota.

— Coma — mandou.

— Por quê?

— Você ingeriu sangue de vampiro. Se não comer isso agora vai se transformar.

Assustou-se com as palavras dele. Pegou um dente de alho e o levou à boca, mastigando-o. Fez inúmeras caretas. O gosto era horrível.

— Coma tudo — falou o vampiro. — Por sorte você ingeriu uma quantidade pequena, talvez não se transforme se comer alho, mas provavelmente vai sentir algumas dores.

A menina não comentou nada, apenas continuou a colocar na boca os dentes de alho um após o outro. Augusto ficou ao seu lado até que terminasse com tudo. Assim que terminou, ele pediu para que retornasse ao quarto e descansasse, pois iria sentir-se mal nas próximas horas. Júlia concordou e voltou para o dormitório.

Ao adentrar o quarto de Diogo, viu-o deitado na cama desacordado e Marta ao seu lado, lhe acariciando a face. Ao perceber a chegada da garota, a vampira afastou-se dele, levantando-se. Ambas se encararam por algum tempo. As palavras de Henrique ainda permaneciam em sua mente. Porém, não sabia se podia acreditar nele. Lembrou-se da vez que viu os dois juntos no quintal da casa. Fechou o punho de raiva. Era bem possível que eles tivessem ficado juntos novamente. Júlia continuou a entrar no cômodo, só parou de andar ao sentar-se ao lado do namorado. Fitou-o, mas logo em seguida abaixou os olhos e suspendeu a cabeça com as mãos. Não sabia mais o que fazer.

— Você está bem? — perguntou Marta, aproximando-se dela.

— Estou sim — encarou-a. — Obrigada por ter vindo me ajudar.

— Não precisa agradecer. Quando ouvi você gritar imaginei mesmo que o Henrique pudesse ter aparecido de novo.

— Ele é horrível — tocou o rosto machucado, esfregando-o. Hesitou por alguns instantes. Respirou fundo e voltou a olhar a vampira, perguntando: — Você e o Diogo... — engoliu em seco. — Ficaram juntos mesmo?

A vampira desviou os olhos e mordeu o lábio inferior. Chegou ainda mais perto de Júlia, sentando-se à sua frente no chão.

— Não tenho como me desculpar, eu também quis.

— Então é verdade... — lágrimas involuntárias lhe escorreram pelas bochechas.

— Juro que estou tentando me afastar dele, mas eu...

— Você gosta dele, não é? — interrompeu-a com a pergunta. Marta fechou os olhos e afirmou.

— Sinto muito.

— Não sinta. Acho que na verdade ele está usando nós duas — olhou para Diogo, ainda desacordado. — Não conte para ele que eu descobri sobre vocês.

— Por quê?

— Só não quero que ele saiba. Preciso pensar em algumas coisas e no momento certo eu mesma conto pra ele.

— Você que sabe — levantou-se. — Se ele acordar e não for ele é só você gritar que eu apareço de novo.

— Obrigada.

Marta deixou-a sozinha com o namorado desacordado. Várias coisas passaram por sua mente. Estava confusa. Por mais que odiasse ser traída, ainda amava muito Diogo. Não entendia o porquê de ele estar fazendo aquilo novamente.

Seus devaneios foram interrompidos por uma forte dor de estômago. Júlia deitou-se ao lado do namorado. O mal-estar espalhou-se por todo o corpo. Seus braços e mãos formigavam, sua cabeça rodava e a boca secara. Provavelmente era por causa do alho que comera. Sentiu-se tonta e voltou a suar frio. A visão começou a escurecer e acabou desmaiando.

Capítulo 16

Os dias continuavam longos. Na maioria deles não tinha nada para fazer. Conversava às vezes com Jeferson e Sofia e em outras brincava com Natália. A irmãzinha de Diogo era uma graça. Os pais de Diogo e Júlia ficavam sempre juntos, mas Ruth raramente conversava com eles. O clima era sempre tenso e na maior parte do tempo todos choravam. Não sabia mais o que fazer. Sempre repetia para ela e os outros que o jovem casal estava bem e tudo daria certo. Só que depois de tantas semanas sem notícias deles não tinha mais certeza.

Acordou com o barulho da chuva que caía com violência. Deixou o quarto ainda de camisola e caminhou para a cozinha, onde encontrou dona Carmen à mesa de café da manhã, com o rosto todo molhado pelas lágrimas. Ruth já imaginava o motivo do choro. Sentou-se ao lado dela, e antes que pudesse ter perguntado algo, ela disse:

— Hoje é aniversário da Júlia — mais lágrimas escorreram pelos seus olhos.

— Eu sei — respondeu sem encará-la.

Não demorou muito para que as outras pessoas mantidas escondidas naquela casa entrassem na cozinha. O clima continuou tenso durante o café da manhã. Ruth não suportava mais tudo aquilo. Deixou o cômodo sem que terminasse de comer. Voltou para o quarto e desabou a chorar. Não queria, porém não havia mais nada que pudesse fazer. Minutos depois viu Jeferson sentar-se ao seu lado na cama.

— Como você está? — perguntou ele.

— Nada bem. Não aguento mais ficar dentro dessa casa sem saber o que realmente está acontecendo com a Júlia.

— Todos nós estamos assim.

Jeferson abraçou Ruth até que esta conseguisse controlar o choro. Assim que ela se acalmou, recebeu um beijo que a fez esquecer-se de tudo por breves segundos.

— Obrigada.

— Pelo quê? — indagou, não entendendo o agradecimento.

— Por você me amar — sorriu.

— Se for assim, eu que te agradeço por gostar de um tiozão como eu — riu. — Vim aqui para te avisar que vou embora daqui alguns dias.

— Embora para onde?

— Preciso voltar para a faculdade.

— Mas não é perigoso você sair daqui?

— Eu falei com o Éder e ele me disse que, por ser em outro Estado, não tem problema.

Partirei em uma semana.

Ruth não disse nada. Só continuou a fitar os olhos castanhos de Jeferson por um longo tempo. Teve vontade de chorar novamente, mas se segurou. Não queria parecer fraca na frente dele. Levantou-se da cama e andou pelo aposento. Piscou várias vezes para que as lágrimas não saíssem. Quando teve certeza de que não choraria, parou à frente de Jeferson.

— Tudo bem, é melhor mesmo que você fique longe dessa cidade.

— Eu volto assim que me formar.

Os braços grandes e fortes dele envolveram-na em um abraço aconchegante. A garota loira sentiu um nó na garganta. Não queria que ele fosse embora, no entanto, não podia fazer nada para mudar a situação. Decidiu que precisava voltar a ser forte como sempre fora e deixar que ele seguisse seu caminho. Tinha esperado 4 anos para vê-lo novamente, aguentaria mais 1 ano. Respirou fundo e se soltou do abraço. Andou alguns metros tomando distância para tê-lo dos pés à cabeça em seu campo de visão. Ruth sorriu maliciosamente. Deu as costas ao rapaz e encaminhou-se até a porta, trancando-a. Virou-se e o encarou com um sorriso de canto de boca.

— O que você está aprontando? — perguntou ele com uma das sobrancelhas levantadas.

— É só uma despedida — puxou a camisola para cima e a retirou deixando à mostra a lingerie vermelha. Foi para perto de Jeferson e o abraçou.

— Não posso fazer isso — soltou-se de seu abraço e se afastou.

— Por que não?

— Você é só uma menina.

Ruth não acreditou no que ouvia. Achou aquilo tão engraçado que começou a rir sem parar. As lágrimas de tristeza que antes escorriam do seu rosto, agora eram de tanto rir.

— O que é tão engraçado?

— Você é engraçado — Ruth balançou as mãos na frente do rosto, agora vermelho, para conter o riso. — Você realmente me vê como uma menininha inocente?

— Não é o que você é?

— Não, Jeferson, não sou — caminhou até ele. — Posso ter 17 anos, mas já fiz coisas que você nem imagina.

— Fez o quê?

— Acho que não é um bom momento para te contar isso. Você só precisa saber que não sou mais virgem e isso já faz alguns anos.

Jeferson deixou transparecer a surpresa em sua face e isso fez com que Ruth sorrisse. Não esperou que ele falasse algo: beijou-o. Percebeu que seu amado não sabia bem o que fazer e com

isso decidi que mostraria para ele que ela não era mais uma garotinha e sim uma mulher.

Segurou-o pela camiseta e o conduziu até a cama, empurrando-o e fazendo com que caísse nela. Ruth subiu nele e o puxou para cima, sentando em seu colo. Entre um beijo e outro, retirou sua camiseta. Empurrou-o novamente. Passou a língua por todo o abdômen de Jeferson e assim que chegou até a calça, desabotoou-a com a boca. Ele estremeceu quando ela percorreu com a língua suas partes íntimas. Realmente ela sabia exatamente o que fazia.

Após alguns minutos de carícias foi a vez de Jeferson deitar Ruth na cama, ficando sobre ela.

— Tudo bem, já entendi que você não é uma menininha inocente.

— Que bom — beijou-o. — Vamos aproveitar o momento, pois terei que ficar 1 ano inteiro sem isso.

Uma semana se passou e com ela Jeferson deixou a casa na qual se escondiam. Um vazio tomou conta do peito de Ruth ao vê-lo ir embora, porém não deixou que ele notasse seu sentimento. Despediu-se e disse que no fim do ano se encontrariam. Logo após a ida de Jeferson, as aulas de Ruth também iniciaram. Éder mandava o motorista levá-la até a escola e depois trazê-la de volta, fazia o mesmo com Natália. Tornou-se difícil inventar mais desculpas para a mãe da garota loira. No início, Ruth lhe contou que passaria algumas semanas viajando com a família de Júlia, só que agora, com o início do ano letivo, era complicado convencê-la de que precisava ficar perto de Júlia. Até chegou a contar que sua amiga engravidara e que precisava de um ombro amigo, mas não foi o bastante para ela acreditar.

Não conseguindo mais mentir, Ruth decidiu voltar para a casa. Conversou com o subordinado de Augusto e lhe explicou a situação. Ele hesitou, mas acabou dizendo que assim que possível ligaria para seu chefe perguntando se ele autorizava. No dia seguinte, Ruth foi informada de que poderia retornar à sua casa e recebeu uma lista de coisas que precisava fazer, como comer certa quantidade de alho todos os dias e não sair durante a noite. Recebeu também uma pistola com bala de prata.

Assim que foi deixada em casa, Ruth correu para seu quarto onde escondeu a arma dentro da gaveta de sua escrivaninha, que possuía chave. Sabia que não poderia deixá-la em algum lugar de difícil acesso e também não poderia correr o risco de sua mãe encontrar a pistola.

Depois de ajeitar as coisas, pegou o telefone e ligou para seus amigos. Eles deveriam estar preocupados. Na escola, Francine sempre tentava conversar com ela, entretanto, Éder a orientou a não falar nada com ninguém, por isso sempre desviava da amiga. Os problemas com os amigos só não foram maiores porque a maioria deles concluíra o Ensino Médio no ano anterior, sobrando assim

apenas Francine em seu encalço. Contudo, agora precisava esclarecer as coisas. Ligou para Francine, Fernando, Robson e Carlos. Marcou com eles para que viessem até a sua casa naquela tarde.

Por volta das 15h estava preparando alguns aperitivos para seus convidados quando ouviu a campainha. Chegou ao portão e viu todos juntos. Sem mais demora, pediu para que entrassem. Enquanto todos se acomodavam na sala, ela correu até a cozinha para buscar a comida. Assim que retornou já foi bombardeada de perguntas sobre Diogo e Júlia.

— Infelizmente, não sei como eles estão — respondeu desanimada e deixou-se cair no sofá.
— Pedi para que vocês viessem aqui para eu esclarecer algumas coisas. Vocês devem ter ficado preocupados com o meu sumiço.

— Preocupados? Eu quase surtei — respondeu Francine.

— Onde você estava? — perguntou Fernando.

— Fui levada junto com a família da Júlia e a do Diogo. Ficamos escondidos todo esse tempo.

— Então se você está aqui quer dizer que eles estão bem? — indagou Robson.

— Não sei dizer, pois só fui liberada porque não era ligada à família deles. Mas acho que eles estão vivos pelo menos, pois se eles tivessem morrido, os pais deles não estariam mais sendo protegidos.

— Mas que coisa... — comentou Carlos, olhando para cima, pensativo.

— Queria só contar isso para vocês e pedir para tomarem cuidado. Esta cidade está cheia de vampiros e eles estão brigando entre si, por isso se cuidem. Não fiquem na rua até tarde da noite, por favor.

Todos se entreolharam e logo em seguida concordaram com as palavras da amiga. Ruth respirou fundo e fitou seus amigos. Agora sabia que não havia mais nada que pudessem fazer, a não ser tentar proteger as próprias vidas e esperar que Júlia e Diogo ficassem bem.

Capítulo 17

E lá estava ele inquieto novamente. Por mais que se ocupasse com outras tarefas, era só parar por poucos minutos para se sentir entediado e com vontade de fazer algo diferente. Em uma dessas suas crises, resolveu acompanhar Anderson na busca pelos traficantes da cidade para que pudessem dar início ao plano para tirar Augusto do covil. Os dois vampiros rodaram o município de Leme atrás de maus elementos. Demoraram vários dias, mas conseguiram o que precisavam.

Depois disso, Pablo voltou à sua rotina de tédio e inquietude. Quando acordou, saiu do quarto e andou por todas as dependências do hotel tantas vezes que tinha até perdido a conta. Não sabia mais o que fazer. Acomodou-se em uma cadeira ao lado de Karen no bar. Ela continuava a monitorar Augusto todas as noites, sem sucesso algum.

Pablo queria fazer alguma coisa. Não aguentava mais ficar lá dentro, enfurnado. Lembrou-se da noite em que saíra e conhecera Isabela. Um sorriso apareceu em seu rosto pálido ao se recordar. Realmente gostara dela. Será que se apaixonara? Deu de ombros. Aquilo não importava. Ela era apenas uma humana e ele sabia que não deveria ter passado aquelas horas com ela, ter-lhe revelado seu segredo e, ainda por cima, tê-la deixado viva. Entretanto, Pablo não se importava tanto assim com as regras do Conselho. Sempre repetia para si mesmo que faria tudo o que lhe desse vontade.

Com esse pensamento em mente, despediu-se da vampira e se direcionou de volta para o quarto. Chegando lá, vasculhou algumas roupas e encontrou o pequeno pedaço de papel com um número escrito. Saiu do cômodo e foi para a recepção. Perguntou para a funcionária se poderia usar o telefone. Ela lhe estendeu o aparelho sem questionar. Teclou os números.

Reuniam-se todos ao redor da mesa de jantar. Isabela remexia a comida no prato com o garfo, sem vontade de comer. Todos a olhavam.

— Você não vai comer de novo? — perguntou a mãe num tom de repreensão.

— Não estou com fome — respondeu desanimada.

— Acho que ela está apaixonada, mãe — disse rindo a irmã caçula.

— Não me enche o saco!

— Olha o palavreado na mesa, menina!

— Desculpe, mãe — fitou com raiva a irmã que continuava rindo.

Desde que o garoto vampiro passara por sua vida, ela não conseguia mais esquecê-lo.

Olhava o tempo todo para o celular esperando alguma ligação dele, só que não recebera nenhuma. Sempre que o aparelho tocava corria desesperadamente, como um corredor de 100 metros com barreiras, na esperança de que fosse Pablo querendo vê-la. Porém, sempre se desanimava quando atendia.

Os dias se arrastavam e a jovem permanecia horas deitada na cama mirando o teto, lembrando-se de cada segundo que passara com ele. Aquela vontade de vê-lo ficava cada vez mais insuportável. Pensou inúmeras vezes em ir até ao Leme Plaza Hotel procurar por ele, mas sempre que ameaçava, um arrepio lhe subia pela espinha. Medo. Não sabia se o encontraria tão doce quanto fora com ela naquele dia. Afinal de contas, ele era um vampiro.

As horas que passou em frente ao computador procurando sobre o tema também foram muitas. Sempre encontrava lendas, mitos e livros de terror, nada que indicasse a real existência daqueles seres.

Voltou a remexer a comida no prato. Percebeu que emagrecera, suas roupas começavam a ficar largas, não sentia fome, não queria comer... Desejava somente reencontrar Pablo, apenas isso.

Todos olharam para o aparelho celular, que se encontrava em cima da mesa ao lado do prato de Isabela, quando ele tocou. Ela o pegou e olhou para o número desconhecido no visor. Atendeu:

— Se você adivinhar quem é vai ganhar um presente.

Isabela levantou-se apressadamente da cadeira, derrubando-a para trás. Mesmo com sua mãe a chamando de volta, ela deixou a sala de jantar e correu para fora da casa, parando na garagem.

— Não acredito que é você — a felicidade transpareceu na voz.

— Eu disse que ia te ligar, não disse?

— Falou, mas pensei que já tivesse se esquecido de mim.

— Nunca vou me esquecer de você — aquelas palavras fizeram o coração da garota bater com mais força dentro do peito. — Quero te ver hoje, tem como?

— Claro! Onde?

— Posso ir até a sua casa?

— Claro que pode. Quanto tempo você vai demorar para chegar?

— Mais rápido do que você pode imaginar — riu.

— Só preciso de um tempo para despistar meus pais, acho que uns dez minutos.

— Ok. Estarei aí daqui dez minutos. Até mais.

Seu peito subia e descia rapidamente. Não acreditava que finalmente o veria de novo. Voltou para dentro da casa com um sorriso estampado no rosto que não conseguia disfarçar. Sentou-se à mesa.

— Quem era? — indagou seu pai, olhando-a desconfiado.

— Uma amiga.

Pegou o copo de suco de laranja e bebeu tudo de uma única vez.

— Deve ter sido uma amiga e tanto pra te deixar tão feliz — comentou a mãe.

Isabela não falou nada, só continuou a beber. A refeição permaneceu no prato sem que ela a tocasse. Levantou-se e disse que não estava passando muito bem, inventou uma cólica. Avisou que ficaria descansando no quarto e que não era para ninguém incomodá-la, pois tentaria dormir. Subiu a escada correndo e se trancou no aposento.

A ansiedade dominava seu corpo. Foi até o guarda roupa e escolheu um lindo vestido preto de tecido bem leve e curto. Vestiu-o. Encaminhou-se para o banheiro que ficava dentro do seu quarto. Parou em frente ao espelho e soltou os cabelos anteriormente presos em um coque. Penteou as madeixas, escovou os dentes e passou um batom nos lábios. Não conseguia parar de se olhar no espelho. A todo instante arrumava alguma coisa: era o vestido que estava torto, algum fio de cabelo que se rebelara, o batom que às vezes achava fraco demais ou forte demais.

O coração quase lhe saiu pela boca quando ouviu a janela de seu quarto sendo aberta. Era ele! Correu para dentro do cômodo. Não o viu. Caminhou até a janela e olhou para fora. Avistou somente a chuva que continuava a cair em grande quantidade. Realmente pensara que era ele. Fechou-a. Ao se virar, espantou-se ao ver um Pablo todo encharcado.

— Sentiu minha falta?

— Você não tem ideia.

Pulou nos braços do garoto vampiro e o beijou. Há muito esperava por aquilo.

— Preciso me secar primeiro — disse ele, afastando-se da jovem. — Senão vou molhar todo esse seu vestido que, aliás, é muito bonito — tocou-lhe o rosto. — Você está linda.

Isabela sorriu. Enquanto Pablo tirava as roupas, ela pegou uma toalha e lhe entregou. Seus olhos percorriam o corpo dele sem se cansarem, prestando atenção em cada parte, em cada mínimo detalhe. Apanhou as roupas do chão e as levou para o banheiro, onde as torceu e as pendurou no box do chuveiro para que secassem. Voltou para dentro do quarto e o viu deitado na cama, completamente nu. Ao se aproximar, ele a puxou, fazendo-a cair sobre ele.

— Senti muita falta sua — disse a jovem, enquanto fixava os olhos castanhos de Pablo.

— Estou aqui agora e você pode matar toda a saudade que quiser — beijou-a.

O som da chuva que batia na janela não foi ouvido em momento algum por Isabela. Todos seus sentidos direcionavam-se para o vampiro que agora a amava. Perdeu a conta dos sonhos que teve, nos quais idealizava aquele momento em que estaria novamente em contato com a pele fria de Pablo que começava a esquentar ao ser tocada pela sua.

Mais uma vez perdeu a noção do tempo, não sabia ao certo se havia passado minutos ou

horas. Apenas saía do transe que ele a proporcionava quando precisava abafar com as mãos algum som involuntário que emitia, devido aos orgasmos múltiplos, fazendo com que as pernas tremessem e as costas se arqueassem, afastando-as do colchão.

Toda a força de seu corpo fora drenada pelo vampiro, como se o próprio ato de respirar precisasse da energia que ela não mais possuía. As pálpebras pesavam, não por causa do sono, mas porque não as conseguia manter abertas. Pablo a tocou no rosto levemente. Isabela abriu os olhos, fechando-os logo em seguida.

— Você está tão fraquinha — disse o vampiro. — Quer que eu pegue alguma coisa para você comer?

Ela não respondeu. O vampiro se levantou da cama e caminhou até o banheiro, onde vestiu suas roupas úmidas. Saiu do quarto e andou pelo corredor cautelosamente: podia farejar cheiro humano. Desceu as escadas e antes de terminar, viu um casal ao sofá assistindo televisão. Imaginou que fossem os pais de Isabela. Usou sua velocidade para desaparecer e se materializar na cozinha. Mexeu na geladeira e no armário até encontrar o que queria. Em poucos segundos estava ao lado de Isabela. Pegou-a e colocou-a sentada na cama, encostada na parede. A garota abriu os olhos e sorriu ao vê-lo.

— Trouxe umas coisinhas para você — segurou a mão dela e pôs uma maçã. — Come isso primeiro.

Ela levou a fruta até a boca e com um pouco de dificuldade conseguiu morder. Tudo o que ele colocava em suas mãos ela comia sem questionar. Ingeriu desde frutas, pão, bolo e até bebeu uma xícara de café.

— Não aguento mais — disse sentindo-se satisfeita.

— Não quer comer mais nada mesmo?

— Não — balançou a cabeça junto com a fala. — Desse jeito você vai me matar com tanta comida.

— Você quase desmaiou, fiquei preocupado.

— Então quer dizer que vampiros também se preocupam com humanos? — sorriu.

— Com humanos não, mas eu me preocupo com você.

— Você não vai mais voltar, não é? — o sorriso em seu rosto se desfez e ela olhou para baixo.

— Não — tocou-lhe a face e colocou uma mecha de cabelo que lhe cobria o rosto para trás

da orelha.

— Vou sentir sua falta...

— Não vamos falar de despedida agora — abraçou-a. — Ainda temos muito tempo juntos.

O que você quer fazer?

Ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder:

— Quero que me conte sobre você.

— O que sobre mim?

— Sua vida.

— Minha morte, você quis dizer — riu. — Tudo bem, então. Deixa eu ver por onde começo — refletiu por um breve instante. — Bom, nasci em São Paulo, mais especificamente em São Miguel Paulista, conhece? — ela balançou negativamente a cabeça. — Morei numa casa pequena, de três cômodos, com meus pais e mais dois irmãos. Não fiz nada de interessante, só fui normal. Ia pra escola todo dia de manhã e quando chegava em casa tinha que arrumar minha bagunça e depois ia pra rua brincar com meus irmãos e com os vizinhos. Quando fiquei mais velho a rotina mudou, passei a estudar a noite e trabalhar durante o dia em um supermercado perto de casa. Minha família não possuía muito dinheiro, por isso tive que começar a trabalhar desde que entrei na adolescência.

— Você já teve namorada? — perguntou interrompendo.

— Já sim. Namorei duas garotas, uma da escola quando eu tinha 14 anos e outra que conheci no trabalho quando eu estava com 17. Minha vida humana foi muito chata, não fiz nada de surpreendente. Tinha que trabalhar e estudar. Quando terminei o Ensino Médio queria muito fazer faculdade, só que com o meu salário de fome não dava para pagar uma e meu ensino foi muito precário, impossibilitando que eu conseguisse uma vaga em alguma universidade pública. Não conseguia nem atingir uma boa pontuação no ENEM, não dando para concorrer a uma bolsa de 100% pelo PROUNI. Pô, meu, isso é muito injusto! Eu trabalhava o dia todo e os fins de semana também, como que eu ia conseguir tempo para estudar? Minha vida era uma droga mesmo. Depois de um tempo acabei desistindo de algumas coisas e acabei me envolvendo com as pessoas erradas.

— Que tipo de pessoas?

— Uns caras aí. É difícil ser um jovem pobre. Sempre quis ter coisas como os outros, mas nunca tive dinheiro para comprar o que queria. Foi aí que conheci esses caras. Eles tinham de tudo, pois conseguiam comprar as coisas com dinheiro dos assaltos que cometiam — fez uma pausa. — Eu também acabei entrando na onda deles e foi com dinheiro de assalto que consegui fazer essa tatuagem — tocou o próprio braço. — Mas fiquei nessa vida por pouco tempo. Não queria ser preso, isso seria um desgosto enorme para minha mãe. Enfim, fiz basicamente isso quando era humano.

— Então me conta da sua vida de vampiro.

— Ah, sim! Essa foi mais legal — riu. — Logo depois que completei 19 anos fui numa balada com uns amigos. Na hora de voltar pra casa me perdi deles e acabei voltando sozinho mesmo. Foi aí que o conheci: Miguel. Ele é o vampiro mais forte do Estado de São Paulo, talvez o mais forte do Brasil. Ele que comanda o Conselho dos vampiros onde eu trabalho, é o chefe — voltou a rir. — Encontrei com ele na rua, parado no ponto de ônibus. Enquanto eu esperava o meu ônibus, acabei conversando com ele. E na conversa ele perguntou se eu estava satisfeito com a minha vida, eu respondi que mais ou menos. Não era grande coisa, só que infelizmente era a única que eu tinha. Aí ele perguntou o que eu faria se tivesse a chance de mudar para uma vida melhor. Eu respondi que mudaria sem ao menos pensar. Foi nessa hora que ele me atacou.

— Que horror!

— Ha, ha, ha... Não foi tão horrível, não. Em pouco tempo perdi a consciência. Acordei depois de alguns dias. Foi aí que descobri que tinha me transformado em um vampiro. Não faz muito tempo isso, acho que um pouco mais de um ano.

— Só isso?

— É. Por isso que disse a você que eu era um vampiro muito burro que não conseguia controlar meus sentimentos humanos. Ainda tenho muito de humano dentro de mim. Mas esses sentimentos vão diminuir com o passar dos anos. Enfim, depois que me tornei vampiro as coisas ficaram mais legais. Não precisava mais trabalhar e podia sempre curtir uma balada. Passei a morar no prédio do Conselho, um lugar bem melhor que a casa em que eu vivia. Às vezes precisava fazer um servicinho ou outro para o Conselho, nada demais. Eles não me mandam para grandes missões porque ainda sou novo. Só vim pra cá porque meus poderes começaram a se desenvolver muito mais rápido do que o esperado. Aí fui escalado para uma missão de alto nível.

— E o que você veio fazer aqui em Leme?

— Isso eu realmente não posso te contar, só que se nos próximos dias ouvir falar de algumas atrocidades, tenha certeza de que eu estarei no meio — abraçou-a. — Agora vamos parar de falar de mim, quero aproveitar as horas que tenho com você.

Voltou a pegar suas peças de roupa do chão e vestiu-as, ainda úmidas. Isabela o observava com o coração ainda mais apertado, pois sabia que dessa vez seria para sempre.

— Agora é adeus — falou Pablo, sentando-se ao seu lado na cama. — E vê se trata de se alimentar direito, mocinha, não quero você passando mal de novo.

— Vou me alimentar, sim — abraçou-o. Engoliu em seco, segurando o choro. Parecia que tinha um nó na garganta. Piscou os olhos tentando evitar que as lágrimas escorressem, porém não obteve sucesso. Não conseguindo mais segurar, iniciou o choro.

— Não faz isso, não — soltou-se do abraço para olhar-lhe o rosto. Com as mãos frias secou as lágrimas que escorriam dos olhos de Isabela.

— Eu me apaixonei por você... — choramingou.

— Me desculpa por ter feito isso...

— Me leva junto com você, me transforma também.

— Não posso fazer isso.

— Por quê?

— Você ia conseguir viver sem sua família? Sem esse luxo todo? — indagou apontando para o quarto. — Você é uma menina muito bem de vida. É melhor que fique por aqui.

— Do que adianta viver aqui se vou passar o resto da minha vida sentindo sua falta?

— Você vai se acostumar com isso.

— Por favor, me leva junto...

— Já disse que não posso. Vai ser perigoso demais você ficar perto de mim agora. Não sei se estarei vivo daqui alguns dias.

— Então me leve com você depois que tudo isso acabar.

Pablo a fitou profundamente nos olhos. Ela realmente queria ir com ele. Andou pelo cômodo por alguns minutos refletindo sobre o que faria. Também se apaixonara por Isabela. No entanto, tentava esconder isso no fundo de seu coração morto. Pensou por um longo tempo. Depois de tomar a decisão, voltou-se para garota.

— Quantos anos você tem?

— 20.

— Vai aguentar ter essa idade para sempre? — ela meneou positivamente a cabeça. — Você não sonha em um dia se casar e ter filhos? Pois isso é impossível quando se é um vampiro, nós não nos procriamos.

— Já pensei nisso sim, mas ter filhos é o de menos se eu estiver com você.

— Tudo bem, então. Acho que vai ser legal ter uma companheira para não passar a eternidade sozinho — ela deu um gritinho de excitação e pulou no pescoço do rapaz. — Só que não vou te transformar agora, só quando eu tiver terminado o que vim fazer aqui.

— Tudo bem, eu espero.

— Só quero que você reflita muito bem sobre o que vou te falar agora. Você nunca mais vai poder ver sua família, nunca mais. Vampiros são seres malignos, não são iguais esses personagens que você vê em filminhos de romance. Nós matamos pessoas. Você está prestando atenção? — Isabela balançou a cabeça. — Drenamos todo o sangue de dentro das pessoas. Precisamos matar para nos mantermos vivos. Não vai ser um conto de fadas, tudo bem?

— Eu entendi.

— Não é porque eu sou bonzinho com você que os outros vampiros serão. Pode-se dizer que é um pouco complicado viver entre outros vampiros. Preferia viver sozinho. Me prometa que você vai pensar sobre isso, tudo bem?

— Tudo bem, mas acho que minha decisão não vai mudar.

— Ok, menina decidida — beijou-a. — Eu também me apaixonei por você — sorriu. — Preciso ir agora.

— Você sabe quando vai voltar?

— Não tenho a menor ideia. Nem sei se vou estar vivo daqui uns dias. Mas prometo que vou tentar ficar vivo só para vir buscar você depois — pegou-a pela mão. — Posso ter uma coisa sua antes de ir embora?

— Claro. O que você quer?

— Seu sangue.

Isabela arregalou os olhos, tamanha a surpresa. O coração quase lhe saiu pela boca. Não tinha certeza do que ele faria, só que mesmo assim assentiu. Pablo puxou a mão da garota para mais perto de seu rosto. Encostou seus lábios gelados no pulso e beijou. Isabela arrepiou-se. Deu uma última olhada para a jovem antes de fazer suas presas crescerem e cravá-las.

A dor que sentiu foi intensa e penetrante. A sensação de ter seu sangue drenado por ele era assustadora e ao mesmo tempo excitante. Após alguns segundos, o vampiro retirou suas presas do pulso dela, dando uma última lambida para limpar o sangue que ainda escorria. Vê-lo fazendo aquilo deixou-a hipnotizada. Pablo encaminhou-se até o banheiro e pegou uma toalha de rosto, levando-a para a garota que estancou o ferimento com ela.

— Já vai parar de sangrar — informou o vampiro.

— E qual é o gosto do meu sangue?

— Maravilhoso, como tudo em você — beijou-a ainda com vestígios do líquido vermelho na boca. — Lembre-se de mim toda vez que olhar para a marca que vai ficar aí.

— Nem que eu quisesse conseguiria me esquecer de você.

O beijo de despedida foi longo, o suficiente para que Isabela sonhasse com ele durante meses. Pablo se aproximou da janela e saltou, caindo com leveza no gramado. Olhou para cima vendo a jovem acenar. Sorriu. Realmente era um vampiro muito burro. Pulou o muro da casa caindo na rua deserta. O céu ainda nublado não mais despejava água sobre a superfície da terra. Ele apenas sentia o vento tocar suas roupas ainda úmidas e o cheiro da noite, que era mais agradável do que o da capital paulista.

Caminhou tranquilamente pela rua. Sua falta de paciência não mais o acometia, agora era

sereno como a noite. Riu de si mesmo. Uma mulher era capaz de acalmar até um dos seres mais perversos desse mundo. Pensou que não seria má ideia ter Isabela ao seu lado para sempre. Pablo continuou a andar pelas ruas do bairro até atingir a Avenida Berta Buhrnheim, deserta por causa do horário. O garoto caminhava como se contasse cada passo que dava, às vezes mirando os próprios pés. Outras vezes, mirava o céu ou perdia seu olhar no horizonte.

O veículo em alta velocidade percorria as ruas desertas da cidade de Leme. Naquela noite de chuva era quase impossível encontrar alguém zanzando por ali. Há horas procuravam pelos vampiros do Conselho, como todas as noites. A madrugada já ia alta sem que tivessem encontrado um deles. Sabiam que os membros do Conselho conseguiam esconder a própria presença, mas em algum momento teriam que encontrá-los. Eles também precisavam se alimentar e quando baixassem a guarda, seriam encurralados pelos subordinados de Augusto.

— Acho melhor voltar, não vamos encontrar nada hoje — sugeriu Leandro.

Os outros dois companheiros concordaram com o vampiro loiro. Por isso, resolveram retornar ao covil. Leandro, no banco traseiro, olhou para suas presas, um casal, ambos amordaçados, amarrados com cordas e em sono profundo. O vampiro balançou a mulher, fazendo com que abrisse os olhos e assim que ela o fitou, fez crescer suas presas e deixou os olhos vermelhos. Ela começou a chorar enquanto Leandro gargalhava.

— Para com isso, Leandro — repreendeu Vítor.

— Só estou brincando com a comida — continuou rindo.

Percorriam os arredores do estádio Bruno Lazzarini quando os três vampiros se entreolharam. Perceberam ao mesmo tempo um odor de vampiro. Fábio, ao volante, acelerou o máximo que pôde, entrando na Avenida Berta Buhrnheim. Ao longe avistaram uma silhueta andando sozinha pelo canteiro da avenida.

Caminhava totalmente distraído. Ao ouvir barulho de carro, voltou à consciência, percebendo que não escondia a própria presença. Olhou para trás e viu um veículo se aproximando em alta velocidade, vindo em sua direção. Pablo farejou o ar, cheiro de vampiro. Da janela do automóvel viu um homem loiro de cabelos compridos e com a mão esticada à frente. Meia esfera negra se materializou vindo para cima do garoto vampiro. Usou sua velocidade para se desviar,

contudo, foi atingido no ombro direito.

— Mas que merda! — xingou. — Justo agora que prometi para a Isabela que ficaria vivo.

Com a mão esquerda, Pablo mirou o veículo que ainda vinha em sua direção. O carro saiu do chão e levitou alguns metros. Ainda com a mão estendida, movimentou-a bruscamente para baixo, fazendo com que o automóvel se movesse também.

Os vampiros, juntos de suas vítimas, chocaram-se com o teto logo que o carro voltou a tocar o chão, só que dessa vez violentamente. Fábio deixou o banco do motorista e correu usando sua velocidade até onde anteriormente vira o jovem vampiro. Porém, não o encontrou. Após poucos segundos, Leandro e Vítor juntaram-se a ele.

— Não acredito que ele fugiu — reclamou Leandro. — Covarde!

— Ele foi esperto — disse Fábio. — Não quis se arriscar em enfrentar nós três juntos.

— E agora ele escondeu a presença, não vamos conseguir encontrá-lo.

Leandro bufou e retornou ao veículo. Olhou para suas vítimas, agora mortas.

— E ele ainda matou minha refeição, não acredito nisso.

— Então é melhor comer logo antes que o sangue coagule — sugeriu Vítor.

— É isso que vou fazer.

Entrou no veículo que se arruinara um pouco com o forte impacto. Em poucos segundos drenou o sangue da primeira vítima, partindo para a segunda. Fábio assentou-se no banco do motorista e tentou ligar o veículo que ameaçou não responder na primeira tentativa, mas que na segunda funcionou. A lataria rangia com a velocidade e os pneus ziguezagueavam. Demoraram mais do que o normal para conseguirem retornar à casa de Augusto.

Capítulo 18

Chegou ao local de trabalho mais cedo que o normal. Colocou sua motocicleta no estacionamento destinado aos empregados. Dirigiu-se para o banheiro do restaurante onde deixou sua mochila. Encaminhou-se diretamente para o quarto de Karen. Ao se aproximar, a porta se abriu sozinha sem que ao menos a tocasse. Ouviu-a chamando por ele. Túlio adentrou o cômodo, avistando mais três pessoas junto da linda mulher negra. Ela foi até ele e encostou seus lábios vermelhos suavemente nos do rapaz.

— Que bom que você veio — disse a vampira. Fitou-o profundamente nos olhos. — Agora preste atenção: hoje você vai servir do seu sangue aos meus amigos. Em sua mente, eu e você passamos algum tempo juntos antes de você começar a trabalhar, entendeu?

Túlio anuiu com a cabeça, completamente hipnotizado. Rafaela foi a primeira. Pegou o rapaz pelo pescoço e cravou suas presas. Sorveu uma boa quantidade de sangue. Anderson foi o próximo e repetiu os movimentos da vampira. Pablo também se alimentou. Karen foi a última a beber e, após retirar seus caninos do local, agora extremamente machucado, tocou-o com os dedos. Os ferimentos cicatrizaram-se instantaneamente, deixando apenas um tom arroxeadado.

— Você pode ir agora, Túlio. Vá trabalhar — com os olhos fixados nos do rapaz, a vampira cortou o efeito da hipnose. — Foi ótimo te ver de novo, adorei — falou com a voz sedutora e meiga.

— Que bom que você gostou — respondeu o jovem. — Te vejo depois — beijou-a e deixou o quarto.

— Como que você tem tanta paciência assim? — perguntou Rafaela. — Eu não ia aguentar um humano achando que está me pegando.

— Já me acostumei com isso. E além do mais, é a única coisa que sei fazer. Não sou uma vampira muito forte, só uma rastreadora e manipuladora — riu.

— Mas isso é ótimo. Pelo menos agora estamos alimentados — encarou Anderson. — Você conseguiu o que pedi?

— É claro que sim, gatinha — agachou-se ao lado de uma das camas e retirou dela uma mala. — Não foi nada fácil, só que estão aqui — abriu-a, mostrando o conteúdo: uma boa quantia de armas, alguns papелotes de cocaína e comprimidos de ecstasy.

— É hoje que o bicho vai pegar — falou Pablo rindo e esfregando as mãos uma na outra.

Deixaram o hotel logo em seguida com Anderson carregando a mala. Assim que alcançaram a rua, Karen direcionou-se para um homem parado na entrada, o segurança. Sem que este percebesse foi hipnotizado por ela. Colocou a mão no bolso, retirando uma chave que entregou à vampira. O

quarteto encaminhou-se para o estacionamento, onde puderam se apossar do carro que pertencia ao sujeito.

— Não acredito que vou ter que andar num carro desses — resmungou Anderson, olhando para o Gol 1000.

— Pare de reclamar, pelo menos não vamos a pé — falou Rafaela.

Anderson, ao volante, tirou o veículo do estacionamento e entrou na avenida. Minutos depois desciam a principal avenida de Leme, a 29 de Agosto que, por ser fim de semana, estava bem movimentada. Estacionaram o veículo em frente a uma loja de roupa feminina. Todos desceram e encostaram-se ao automóvel. Anderson olhou ao redor. Com sua visão apurada conseguiu encontrar todas as câmeras de segurança, desde as das outras lojas até as das agências bancárias do outro lado da rua. Estendeu um dos braços e várias pequenas esferas se desgrudaram, indo cada uma na direção de uma câmera diferente. Logo após todas terem chegado ao destino desejado pelo vampiro, este estalou os dedos fazendo com que todos os dispositivos de filmagem se despedaçassem. Voltou a olhar ao redor. Com todo o barulho que os humanos produziam era impossível que ouvissem qualquer explosão que fosse. Encarou os demais, confirmando o sucesso da primeira parte do plano.

Pablo encaminhou-se para a porta de vidro do estabelecimento. Fitou a fachada e a vitrine iluminadas, onde se via as manequins com as roupas da estação. Cumprimentava todas as garotas que passavam por ele com um sorriso, distraíndo-as de sua real intenção. Rapidamente encurvou-se um pouco fingindo amarrar o tênis e, com o movimento, fixou os olhos na fechadura, mirando especificamente a lingueta. Controlou sua habilidade para mover exclusivamente o pequeno objeto que era responsável pelo trancamento da porta. Após abri-la se afastou. Anderson se aproximou e, ainda do lado de fora, observou o interior da loja, fixando o olhar nas câmeras internas. Repetiu o uso de sua habilidade e as pequenas bolinhas grudaram nos dispositivos.

Depois de todas as câmeras destruídas, retornou ao veículo para buscar a mala. Fez uso de sua velocidade vampírica, impossibilitando assim que os humanos o vissem e dessa forma entrou, carregando o objeto. Levou-a para um cômodo no fundo. Lá a abriu, despejando as drogas. Empilhou-as em uma prateleira antes de sair. Com a mala, que agora só possuía armas dentro, andou à parte principal da loja, vendo Rafaela e Karen olhando as peças de roupa.

— Essa é linda também — comentou Karen para Rafaela, que segurava uma blusinha vermelha junto ao peito.

— Não é hora para isso — disse irritado. — Era só o que me faltava... — passou por elas resmungando.

Voltaram para dentro do automóvel, que foi estacionado minutos depois na Rua Paulo Rebessi, um quarteirão depois da casa noturna Touch Lounge Bar. O quarteto de vampiros do

Conselho aguardou algumas horas para que o momento certo chegasse. Quando o relógio alcançou a 1h30, deixaram o veículo e se encaminharam para a casa noturna. As pistolas foram colocadas debaixo das camisetas dos rapazes, seguradas pelos cós das calças.

Karen foi a primeira a entrar e a única que usou a entrada. Passou pelos seguranças, parando em uma mulher que a revistou. Pegou sua comanda e se dirigiu para o ambiente escuro e abafado, repleto de pessoas, na sua maioria adolescentes e jovens. Enquanto todos dançavam, ela procurou com os olhos o lugar desejado. Com sua velocidade embrenhou-se atrás do palco sem que ninguém a notasse. Calmamente iniciou sua busca pela sala de monitoramento. Andou por mais alguns minutos até que a encontrou e, ao abrir a porta, viu um homem sentado em uma cadeira, olhando para as várias telas à sua frente, que transmitiam em tempo real o que acontecia dentro do salão. Ao notar a bela moça entrar, levantou-se sobressaltado e veio em sua direção.

— O que você está fazendo? Não pode ficar aqui.

— Eu me perdi, me desculpa — disse a vampira chegando ainda mais perto dele. Encarou profundamente os olhos do homem. — Você vai fazer um serviço pra mim hoje — iniciara sua hipnose.

— Farei tudo o que você quiser — falou o homem com os olhos arregalados.

— Hoje você vai desligar todas as câmeras de segurança e vai substituir por isso — retirou de dentro de sua bolsa um DVD. — Em vez de gravarem as pessoas o conteúdo disso aqui ficará gravado — o sujeito assentiu.

Pegou o DVD da mão da vampira e voltou para a cadeira, colocando-o dentro de um dos vários aparelhos. As telas que anteriormente mostravam a casa noturna ficaram negras e logo em seguida frases em branco subiram. Karen sorriu. Agora era só partir para a parte mais legal do plano. Caminhou novamente até o indivíduo e sussurrou em seu ouvido:

— Você não vai lembrar que eu estive aqui. Ficaré aí paradinho por horas, só voltando ao normal quando a alvorada surgir.

Saiu deixando-o inexpressível, com o olhar perdido. Ao pisar na pista de dança, viu os demais vampiros espalhados. Rafaela estava na parte superior de onde tinha uma visão privilegiada. Anderson se encontrava próximo aos banheiros e Pablo circulava entre os jovens. Andou até o garoto vampiro.

— Já está pronto, podemos começar — avisou.

Pablo colocou a mão debaixo da camiseta tocando a arma para retirá-la do esconderijo e entregá-la à vampira. No entanto, não conseguiu concluir os movimentos, pois alguém pulou em suas costas e enlaçou-lhe o pescoço com os braços. Ao virar-se viu Isabela sorrindo. Olhou da garota para Karen. Retirou os braços dela de sua volta se afastando. Fitou a vampira.

— Me dê apenas dez minutos — disse num sussurro. Karen anuiu positivamente.

Ele pegou Isabela pelo braço e a puxou para a parte superior da casa noturna, o mesmo local em que revelara para ela que era um vampiro. Encostou a garota na grade.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou secamente.

— Nossa, parece que você não está feliz em me ver — disse ela desanimada.

Pablo passou as mãos pelo rosto. Aproximou-se dela e encostou levemente seus lábios aos de Isabela.

— Não é isso. Não esperava te ver aqui.

— Só vim me divertir um pouco com algumas amigas.

— Tudo bem, você não precisa me dar explicação, só quero que você vá embora agora.

— Por quê?

— Por causa disso — ergueu a camiseta para que ela visse as duas pistolas que carregava. A garota arregalou os olhos. — Vai acontecer uma chacina aqui hoje — percebeu que ela se assustara com suas palavras. Pôde ouvir seu coração disparar. — Não quero você aqui no meio. Vá embora agora!

— Preciso tirar minha amigas daqui também.

— Faça isso rápido. Vou te acompanhar.

Isabela desceu correndo a escada, procurando desesperadamente por suas amigas. Pablo a seguia. Assim que as encontrou, puxou-as pelos braços para perto do bar. Avisou que precisavam ir embora o mais rápido possível. Elas pediam explicações do ato repentino. Disse que não podia explicar agora, que precisavam sair de lá primeiro. As duas se entreolharam e aceitaram o que Isabela dizia. No caixa, pagaram as comandas e saíram rapidamente. A jovem correu para o meio da rua de onde podia enxergar a parte superior da casa noturna. Procurava por Pablo. As amigas gritaram ao ver o garoto extremamente pálido surgir atrás de Isabela. Esta se virou e o abraçou.

— Fique o mais longe possível daqui.

— Vou ficar — beijou-o. — Não se esqueça de que vou ficar te esperando.

— Não vou esquecer. Agora vá embora.

Afastou-se de Pablo e andou até as amigas, que olhavam aterrorizadas para o rapaz. Pegou-as pelos braços e as puxou pela rua, distanciando-se assim dele. O vampiro a seguiu com o olhar e só voltou para dentro da boate após ter certeza de que elas foram embora.

Procurou Karen com o olhar, encontrando-a onde deixara.

— O que foi aquilo? — perguntou a vampira.

— Assunto meu — estendeu a arma para ela. — Vamos começar logo a bagunça — riu.

Karen olhou para cima e cintilou os olhos. Rafaela brilhou os seus também. Buscou Anderson

e assim que o encontrou ele acendeu seus olhos. Pablo se distanciou da vampira, andando até o outro lado do salão. Viu quando eles levantaram as armas. Sorriu. A sua também foi erguida. Deu-se início ao tiroteio.

As pessoas mais próximas aos vampiros foram as primeiras a serem atingidas. A gritaria começou. Os jovens atingidos tentavam correr, porém acabavam trombando com outros e caindo ao chão. A música alta não era mais capaz de abafar os gritos e choros desesperados. Os projéteis queimavam a carne dos humanos, fazendo com que dores desconhecidas os dominassem, dores que nunca antes tinham sentido. Alguns perdiam a consciência e caíam, sendo pisoteados pelos tantos outros que corriam para salvar a própria vida.

A saída da casa noturna, que era a mesma que a entrada, ficou abarrotada de adolescentes exasperados, que faziam de tudo para passar pela pessoa da frente e escapar o mais rápido que pudessem. Os vampiros continuavam a atirar. Quando o salão começara a esvaziar alguns seguranças entraram, também portando armas. Revidaram na direção dos membros do Conselho. As balas que penetravam em seus corpos mortos causavam incômodo, mas nada que os fizessem cessar fogo. Logo os seguranças juntaram-se aos mortos.

Minutos após o princípio da chacina, os vampiros pararam com os tiros e admiraram o salão forrado de corpos jovens. Pessoas que em sua maioria não haviam atingido os 20 anos de idade. Corpos mortos de garotos e garotas repletos de sonhos e desejos que nunca iriam se realizar. Mortos inocentemente pelas intrigas dos seres da noite, causadas por um único vampiro...

— É melhor a gente ir agora — falou Rafaela, caminhando até os demais.

— Tô com fome — Pablo agachou-se ao lado de um corpo ao chão e sorveu uma boa quantidade de sangue pelo ferimento da barriga.

Os outros três se encararam e resolveram aproveitar o banquete também. Serviram-se de vários mortos dos mais diferentes tipos sanguíneos, corpos jovens e saudáveis. Após a boa refeição, deixaram o estabelecimento pela parte superior. Ao saírem, viram carros de polícia chegando.

O quarteto pulou no telhado de uma casa vizinha e correu pelas demais até atingir o final da rua. Andaram tranquilamente depois disso. Ouviam ao longe o som dos carros chegando até a casa noturna, junto de choros e gritos. Dobraram a esquina à frente e caminharam pela outra rua, atingindo logo em seguida o carro estacionado. Adentraram o veículo e voltaram para o hotel, felizes e bem alimentados. Assim que chegaram, Rafaela ligou e fez uma denúncia anônima sobre as drogas na loja de Augusto. Agora era só esperar que os humanos fizessem sua parte no plano e, após isso, atacariam novamente, só que dessa vez com a morte de uma garota já marcada.

Capítulo 19

Júlia deitava-se no sofá com a cabeça no colo de Diogo, que acariciava seus cabelos. O filme que passava deixava a garota com os olhos vidrados na televisão. Adorava Harry Potter. Os demais vampiros espalhavam-se pela sala conversando, bebendo ou lendo algum livro. Augusto, acomodado em uma poltrona, fumava um cigarro e dava goles no copo de uísque. As horas se passaram sem que o líder da cidade deixasse a posição. A menina ruiva adormeceu. Assim que percebeu que sua namorada dormira, Diogo retirou-a de cima dele e encaminhou-se para a cozinha. Pegou uma bolsa de sangue e sorveu o líquido rapidamente. A falta de sangue humano tirado direto de um corpo começava a fazer o garoto se sentir mais fraco. Há tempo demais bebia somente o doado pelos subordinados de Augusto. Lembrou-se de quando provou do sangue de sua amada para se recuperar dos ferimentos causados pela luz solar. Queria mais daquele líquido.

Marta entrou na cozinha, mas assim que viu Diogo à mesa virou-se e iniciou o caminho de volta.

— Ei! — correu atrás dela — Por que você está me evitando?

— Não quero falar com você.

— Não precisa falar, pode apenas me beijar — pegou-a pelo braço, puxando-a para perto de si.

Marta colocou as duas mãos no peito de Diogo e o empurrou para longe, fazendo-o chocar-se com o chão a mais de três metros de distância.

— Eu disse que não era pra você chegar perto de mim de novo!

O jovem levantou-se com os olhos vermelhos e fez uso de sua velocidade para voltar a se aproximar da vampira, pegando-a novamente pelo braço.

— O que você acha que está fazendo?

— Eu que pergunto isso. Como você tem coragem de fazer isso com sua namorada ali na sala?

— Eu já disse o que sinto por você.

— Disse sim, só que eu não quero você, não o amo.

— Eu sei que você me ama — puxou-a para mais perto. — Consigo sentir isso vindo de você — encostou seus lábios aos dela.

Assim que seus lábios se tocaram, Marta virou o rosto. Diogo pegou-a pelo queixo fazendo com que voltasse a cabeça para a posição anterior e a beijou. Ela manteve a boca fechada para que a língua dele não penetrasse. Entretanto, ele insistiu no beijo. Passou a lambar delicadamente seu lábio

inferior, passando posteriormente para o superior. Quase como um movimento involuntário, sua boca se abriu, permitindo assim que Diogo efetivasse o que queria.

— Vocês não deveriam estar fazendo isso.

Afastaram-se no mesmo instante que ouviram a voz de Leandro. Ele olhava Diogo com um largo sorriso nos lábios.

— E as mulheres diziam que era eu que não prestava, mas agora tenho um bom ponto de referência — riu o vampiro loiro.

Marta deixou a cozinha sem mencionar nenhuma palavra. Leandro ainda mantinha o olhar fixo em Diogo.

— Para de me olhar assim — reclamou o garoto, voltando à mesa.

— Você tem que me dar uma boa explicação, mocinho — sentou-se ao seu lado.

— Não tenho que te dar explicação nenhuma — falou sério.

— Relaxa, cara — tocou-lhe o ombro. — Só estou te zuando. Se você quer ter várias mulheres ao mesmo tempo, não tenho nada a ver com isso, só vê se faz isso escondido pelo menos. Poderia ter sido sua namorada a entrar na cozinha em vez de mim.

— Eu sei, foi impulso.

— Então você está com as duas mesmo?

— Acho que sim, mesmo com a Marta dizendo que não quer ficar comigo.

— E o que você vai fazer quando a Júlia for vampira? Vai ser difícil manter duas vampiras sob controle. É bem possível que elas se matem, mas antes disso uma delas te mata primeiro — riu.

— Não sei. Não quero pensar sobre isso. Até pouco tempo atrás não pensava na Júlia como vampira. Só que o Augusto mandou... — ficou por alguns instantes calado, pensativo. — Depois eu penso nisso.

— É bom pensar logo, vai que acontece um imprevisto... Sei lá.

No momento que Leandro terminou sua fala ouviram o celular de Augusto tocar. Diogo encarou o vampiro. Um mau pressentimento o acometeu. Levantou-se e correu para a sala. Viu o líder atender o aparelho. Apurou sua audição para conseguir escutar a pessoa do outro lado.

— Augusto, temos más notícias.

— O que aconteceu?

— Houve um ataque na sua casa noturna. Indivíduos atiraram em inúmeras pessoas lá dentro e muitas morreram.

— As câmeras de segurança não pegaram ninguém?

— Não, senhor, os vídeos foram apagados. Só havia uma mensagem... — hesitou.

— Que mensagem? Fala logo!

— Dizia que você tinha organizado o ataque, pois estava cansado dessa juventude. Que eles iam até a boate só para consumir as drogas que você fornecia.

— Que merda está acontecendo?

— Eu também não sei, mas a polícia está indo aí, Augusto.

— Era só o que me faltava. Isso vai repercutir no país todo.

— Acho melhor você sair da cidade.

— Se eu fizer isso serei um foragido. Resolverei do meu jeito — desligou o aparelho e encarou Diogo. — Prepare-se para ter que sair da cidade se tudo der errado daqui pra frente.

O garoto engoliu em seco. Augusto mandou que todos subissem para seus aposentos e pediu para que não saíssem de lá. Somente Fábio permaneceu com ele no andar de baixo. Diogo pegou Júlia no colo, que ainda dormia, e a levou para seu quarto. Quando a colocou na cama, ela abriu os olhos. Ele remexeu dentro do guarda-roupa até encontrar uma mochila e entregou-a para a garota que já sentara.

— Pegue algumas roupas. Talvez teremos que fugir.

Augusto continuou em sua poltrona por mais alguns minutos. Pensava no que faria. Há muito tempo que não se encontrava com uma autoridade humana. Cogitou em matar a todos. Entretanto, logo essa ideia deixou sua mente... Seria burrice demais, precisava contornar a situação usando tudo o que tinha.

Não demorou muito para que ouvissem a campainha tocar. O vampiro negro caminhou até o portão, por onde três policiais uniformizados passaram, seguidos de outro de terno, o delegado. Todos adentraram a imensa sala da casa e pararam à porta enquanto Augusto se levantava e vinha lhes cumprimentar.

— Boa noite, senhor delegado — estendeu a mão para ele.

— Eu não diria tão boa assim, senhor Augusto — teve uma sensação ruim ao tocar a mão gelada do homem.

— O que posso fazer por vocês?

— O senhor já deve ter sido informado do que aconteceu na sua casa noturna essa noite — Augusto assentiu. — Precisamos do seu depoimento.

— Entendo — dirigiu-se ao bar e pegou um copo. — Aceita uma bebida?

— Não, senhor, estou em horário de serviço.

— Se incomoda se eu beber? — o delegado deu de ombros. O vampiro colocou bebida até a metade do copo e depois se encaminhou para uma poltrona, pedindo para que todos se acomodassem. Assim que a autoridade policial sentou-se, perguntou: — Qual o nome do senhor?

— Agenor.

— Muito bem, delegado Agenor, um dos meus funcionários me ligou e contou o que houve na casa noturna. O que eu não entendo é por que o senhor veio até aqui sendo que poderia ter me ligado e avisado do ocorrido. Acha mesmo que eu mandei matar os jovens?

— Se coloque no meu lugar. Daqui a poucas horas essa cidade vai estar cheia de repórteres querendo saber as causas do massacre e o culpado. Preciso ter algo para reportar. Foram mais de cinquenta jovens que morreram e isso é horrível.

— Entendo, mas eu não tenho nada a ver com isso. Você acha mesmo que eu mandaria matar os frequentadores do meu estabelecimento e ainda por cima colocaria um aviso nas câmeras de segurança me acusando? Só se eu estivesse muito insano para fazer isso.

O delegado puxou ar para responder, porém não o fez, pois seu celular tocou. Ele pediu licença para Augusto e atendeu o aparelho, saindo da sala para fazê-lo. Infelizmente o vampiro não conseguiu ouvir a conversa e quando Agenor retornou ao cômodo, olhou desconfiado para Augusto.

— Com certeza, senhor Augusto, concordo com o que o senhor disse. Só que precisamos partir de algum ponto e, além do mais, acabamos de encontrar uma imensa quantidade de entorpecentes em sua loja. Recebemos uma denuncia anônima dizendo sobre as drogas. O senhor pode me explicar isso?

Augusto ficou sem reação. Era do seu conhecimento que a posse de drogas poderia causar muitos problemas. Deu mais um gole no uísque antes de responder:

— Compreendo que essa cidade ficará um inferno assim que os repórteres começarem a chegar. Isso vai se espalhar mais rápido que o vento e provavelmente hoje a noite vai até passar no Fantástico — balançou negativamente a cabeça. — No entanto, as drogas provavelmente foram colocadas no meu estabelecimento pelas mesmas pessoas culpadas do massacre. Isso está óbvio para mim. E além do mais, eu não estava presente no local e tenho muitos funcionários que possuem acesso à loja.

— Isso não está tão óbvio assim para mim, senhor Augusto. Posse de entorpecentes é algo grave. Como o senhor não foi pego em flagrante, não será preso de imediato. Só que as drogas estão em um local de sua responsabilidade. Por isso, peço que o senhor me acompanhe até a delegacia para prestar depoimento, pois é o nosso principal suspeito da chacina e agora há o problema com os entorpecentes.

Augusto viu que não teria jeito, então resolveu usar outra estratégia.

— Irei onde o senhor quiser, porém não agora.

— E posso saber o por quê? — franziu o cenho.

— Sou um homem doente, senhor delegado, não posso sair de casa assim — percebeu que ele não se inclinava a acreditar. — Já ouviu falar da doença Xeroderma Pigmentoso? — o homem negou.

— Pois bem, eu tenho isso. É uma doença que não me deixa andar durante o dia, por isso sou tão pálido assim. Minha pele não absorve os raios ultravioletas, causando queimaduras com poucos segundos de exposição ao sol. Posso morrer em menos de um minuto.

O vampiro fez um gesto de cabeça para Fábio, que logo entendeu e se retirou da sala voltando segundos depois com um papel que estendeu para o delegado. Agenor estreitou os olhos e leu. Na folha constava um parecer médico sobre a doença de Augusto, comprovando o que ele lhe dissera. O delegado devolveu o documento para Fábio e encarou Augusto.

— Mas ainda não amanheceu.

— Sei muito bem disso, no entanto, essas coisas de delegacia demoram e tenho certeza de que não sairei de lá antes do amanhecer.

Agenor olhou para o relógio em seu pulso que marcava 2h30. Encarou Augusto por segundos antes de dizer:

— O senhor parece ser mais novo do que consta nos registros dos seus estabelecimentos.

— Sou mais velho do que o senhor imagina — sorriu. — Porém aparento ser mais jovem justamente por causa de minha doença.

— Vamos fazer assim então: o senhor nos acompanha até o 1º DP e antes das 6h o senhor estará de volta à sua residência. E se for necessário, poderá voltar para a delegacia nessa noite de domingo para terminar com o depoimento.

Augusto o encarou com os olhos gélidos, que fizeram com que um arrepio percorresse a espinha do delegado. O silêncio predominou no ambiente enquanto o vampiro terminava com sua bebida. Assim que bebeu o último gole, levantou-se e iniciou sua caminhada em direção à escada, falando:

— Irei com o senhor, mas primeiro preciso avisar ao meu sobrinho. Ele está passando um tempo aqui comigo. Volto em poucos minutos. E também ligarei para o meu advogado.

O líder do covil pegou o celular e ligou para o seu advogado enquanto subia a escada e se encaminhava até o quarto de Diogo. Quando seu advogado atendeu, explicou a ele tudo o que ocorrera. O sujeito compreendeu a situação e avisou que estaria na delegacia o mais rápido possível. Ao entrar no dormitório, viu que o casal colocava roupas da garota em uma mochila.

— Vocês terão que fugir agora — avisou.

— Pra onde a gente vai, Augusto? — perguntou Diogo, aproximando-se dele.

— Estou pensando em mandar vocês para a zona rural. Mas o que me preocupa é que assim que eu deixar essa casa os vampiros do Conselho virão até vocês, tenho certeza disso — fez uma pausa para pensar. — Mandarei Fábio, Leandro, Vítor e Marta com vocês — colocou a mão no bolso e retirou uma chave de veículo que estendeu para o garoto. — Você seguirá pela estrada em direção

ao Taquari Bairro, sabe onde é? — Diogo afirmou com a cabeça. — Passará por ele sem parar até alcançar o Taquari Ponte. Assim que chegar lá, alguém estará lhe esperando sobre a ponte para esconder vocês. Entendeu?

— Entendi.

— Não quero que você desça agora, pois os policiais estão lá embaixo. Podem te reconhecer como desaparecido. Contudo, assim que eu deixar a casa vocês devem sair imediatamente — deu as costas para sair do cômodo, mas parou. — Já avisei os outros mentalmente — hesitou por alguns instantes, antes de virar o pescoço para encarar Diogo. — Tente não morrer, garoto — saiu.

Diogo pegou a mochila e a colocou nas costas. Segurou Júlia pela mão e a puxou para fora do quarto. Encontrou Marta, Vítor e Leandro próximos a escada, prestando atenção no que Augusto dizia aos policiais.

— Podemos ir agora — falou o líder da cidade.

Fábio os acompanhou até o portão de entrada. Viu Augusto entrar na viatura e deixar o local. Quando não avistou mais o veículo, correu para a garagem onde encontrou Diogo no banco do motorista, com Júlia ao seu lado. Leandro, Vítor e Marta acomodaram-se em outro carro, esperando o vampiro negro. Ele adentrou o veículo já ligado, com Leandro ao volante. Diogo foi o primeiro a sair da garagem, sendo sempre seguido de perto pelo outro, que zelava por sua segurança. Chegou a pensar que o caminho até o novo esconderijo seria realizado tranquilamente... Apenas pensou.

Assim que chegaram ao fim da avenida, viu um jovem rapaz parado na esquina. No momento em que ele estendeu a mão o carro subiu mais de dois metros do chão. Júlia gritou desesperadamente. Diogo não sabia o que fazer. Colocou a cabeça para fora do vidro a tempo de ver uma meia esfera negra atingir o jovem — a habilidade de Vítor. O veículo onde se encontrava voltou a tocar o chão violentamente. Sem ao menos esperar, pisou fundo no acelerador, afastando-se rapidamente.

Enquanto tentava fugir olhou para o retrovisor não vendo mais o rapaz, só o automóvel com seus companheiros. As placas de trânsito que indicavam a velocidade máxima de 50 km/h não eram respeitadas. O que atrapalhava a fuga eram as inúmeras lombadas que se estendiam por toda a avenida.

Em poucos minutos entraram na estrada que os levariam para os bairros rurais que Augusto mandou que fossem. A mesma estrada onde Diogo se alimentou pela primeira vez de sangue humano vindo direto da fonte. Nesse momento cogitou de que não seriam mais incomodados pelo Conselho, só que mais uma vez errara.

Quando olhou novamente pelo retrovisor, além de ver o carro que o protegia, notou também outro veículo que vinha em alta velocidade. Viu-o chegar mais perto e antes que pudesse ter feito algo, o carro conduzido por Leandro explodiu. O som ensurdecedor fez com que sua namorada

pulasse do banco do passageiro. O fogo que se espalhou pela estrada foi capaz de iluminá-la. Diogo sentiu em seu íntimo vontade de parar e ajudar, pois naquele carro também estava uma mulher que amava, mas não podia. Primeiro precisava proteger Júlia. Marta era uma vampira, não era tão vulnerável quanto a sua pimentinha.

A todo instante voltava a olhar para o retrovisor, vendo unicamente o imenso clarão. Passou pela rua principal do Taquari Bairro, não avistando nenhum morador. Continuou seguindo pela estrada, saindo da área habitada por humanos e caindo em território que não se conseguia nem ao menos farejá-los. Apenas se via imensas plantações e árvores nativas. Fixou a vista por um instante em sua namorada que mantinha o rosto molhado de lágrimas e as mãos sobre o ventre extremamente crescido. Diogo respirou fundo, precisava acabar logo com aquilo.

Quando voltou a prestar atenção na estrada, avistou ao longe, no céu estrelado, uma luz que se movia velozmente de encontro ao chão. Não demorou muito para ver o veículo que antes os seguia, responsável pela explosão daquele que fazia sua segurança, cair metros à frente. O garoto vampiro pisou fundo no freio, o que fez o automóvel marcar o asfalto com os pneus e rodar. Antes de o carro se estabilizar, Diogo colocou a mão no cinto de segurança de Júlia, puxando-o e deixando-a livre. Pulou em cima dela, abraçando-a e abrindo a porta, protegendo-a com o próprio corpo.

No exato momento em que tocou as costas no asfalto, o calor emanou da explosão do carro ao seu lado. O casal foi arremessado por metros em alta velocidade só parando quando Diogo chocou-se com as costas em uma árvore de tronco largo. Porém não se soltou de sua namorada em momento algum. Uma dor descomunal o acometeu ao tentar mexer o corpo, provavelmente quebrara algum osso. Com um pouco de esforço ergueu uma das mãos e tocou a cabeça de Júlia. Assustou-se ao ver que ela não se mexia.

— Júlia! — chamou com dificuldade.

Nada. Apurou sua audição. Conseguiu ouvir o coração dela batendo lentamente. Diogo jogou o corpo para o lado fazendo com que ela também caísse no mato. Fitou o rosto pálido de sua namorada, desacordada. Captou um forte odor de sangue. Acendeu os olhos e viu uma grande mancha de líquido vermelho se estender pela virilha dela manchando a calça jeans. O garoto vampiro desesperou-se. Tentou se mover, porém seu corpo não respondia, sentia somente a intensa dor. Sua atenção desviou de seu corpo ao ouvir passos. Ficou em alerta com os olhos vermelhos e presas à mostra. Viu uma silhueta caminhando até eles. Diogo grunhiu. Dentes extremamente brancos se mostraram em um largo sorriso. O sujeito parou próximo ao casal.

— O Augusto é um merda mesmo.

O garoto vampiro teve a impressão de já ter ouvido aquela voz antes, mas o tempo necessário ao seu raciocínio não lhe foi oferecido. Seu corpo, junto com o de Júlia, foi envolto por uma esfera

de luz que os retirou do chão. O homem parado à sua frente também foi levitado por tal esfera. Começaram a tomar distância da terra, ficando acima das árvores. Ao avistar a estrada, ainda iluminada pelo fogo da explosão do veículo, Diogo viu os membros do Conselho olharem para cima, na sua direção.

— Que porra é essa?! — gritou Anderson ao estender o braço para aquilo que protegia suas vítimas e lançar sua habilidade. As microesferas negras liberadas pelo vampiro explodiam involuntariamente assim que tocavam a superfície da esfera de luz.

Rafaela também mirou o círculo de luz, atingindo-o com jatos de água sem que causasse algum efeito aparente. A cada segundo que passava as esferas ganhavam mais altitude e distância.

— Rastreie eles, Karen — mandou Rafaela.

— Não consigo — avisou a vampira, abrindo os olhos e abaixando os braços. — Aquilo deve ser algum tipo de defesa absoluta, não consigo nem saber quantos vampiros ou humanos tem ali dentro.

— Então quer dizer que vai ficar assim? — esbravejou Pablo, zangado. — Estamos enfiados há meses nessa cidade planejando essa merda toda, para simplesmente aparecer um vampiro de não sei onde e levar eles?! — passou as mãos no rosto.

— Se não conseguirmos mais rastreá-los nossa missão acaba aqui — falou Rafaela. — Quem os levou pode mantê-los em segurança por muito tempo.

— O que vamos fazer agora?

— Não sei — disse pensativa. — Acho que agora esse caso está nas mãos dos superiores, provavelmente Miguel terá que intervir.

Os demais vampiros se entreolharam. Sabiam que se Miguel se locomovesse até Leme nada ficaria bem, nem para os vampiros de Augusto, nem para a própria população. Se o líder do Conselho quisesse poderia fazer aquela pequena cidade do interior paulista sumir do mapa, com apenas um estalar de dedos.

Capítulo 20

Seu corpo tocou o terreno coberto de mato. Viu toda aquela luminosidade ao seu redor desaparecer, de modo que conseguiu ver Júlia ao seu lado. Diogo se arrastou até a menina, que ainda permanecia inconsciente. Tocou-lhe o rosto, percebendo a pele fria.

— Ela está morrendo.

Virou-se assustado ao ver aquela figura se aproximando. Um homem robusto, com barba no rosto e queixo quadrado. Agora conseguia reconhecê-lo: Nelson.

— O que você quer com a gente? — indagou com as presas à mostra.

— Não me faça rir, garoto. Olhe as suas condições. Acha mesmo que pode fazer algo contra mim?

Ele estava certo, Diogo não conseguia nem sustentar o próprio corpo. Fez com que seus caninos voltassem ao tamanho normal. Encarou Nelson.

— Por que você nos ajudou?

— Fiquei com vontade — agachou-se ao lado de Júlia e lhe tocou o ventre. — Sem essa criança o Henrique não volta e tenho assuntos pendentes com ele.

— Então você só nos salvou para se vingar do Henrique?

— Mais ou menos isso, garoto — sorriu. — Também fiquei com vontade de ter essa criança para mim.

— O quê?

— Não se preocupe, não farei nada agora. Primeiro vou me resolver com o Henrique, depois vejo o que faço — fitou os olhos verdes de Diogo. — Provavelmente vocês estavam indo a algum lugar, não é?

— Sim. Augusto mandou a gente ir para o Taquari Ponte.

— Entendo — levantou-se. — Não estamos muito longe de lá — voltou a se agachar, só que dessa vez ao lado de Diogo. Estendeu seu pulso para o garoto. — É melhor você beber um pouco de sangue. Mesmo sendo sangue de vampiro isso vai te ajudar.

O rapaz nada respondeu, só sabia que precisava de algo para recuperar seu corpo danificado. As presas se alongaram e foram cravadas na pele fria de Nelson. O sangue de um vampiro não era como o de um humano, era mais espesso, sem vida. Os poucos goles que tomou foram capazes de fazer com que seus ossos regenerassem. Diogo se colocou em pé logo em seguida. Andou até Júlia e a pegou no colo. Ela realmente morreria em breve.

Nelson iniciou a caminhada por entre a vegetação de árvores altas e muito mato que, em

alguns pontos, ultrapassava a altura da cintura de ambos os vampiros. Após minutos de caminhada foi capaz de farejar o odor da água. Finalmente chegavam ao destino. Desembrenharam-se da mata a poucos metros da ponte. Assim que pisou no asfalto, Diogo viu um sujeito parado em pé próximo à construção. Andou até ele com Júlia nos braços.

— Que bom que você conseguiu chegar, Diogo — disse o homem.

O garoto olhou para trás à procura de Nelson, mas esse não mais se via. O subordinado de Augusto abriu a porta do veículo estacionado ao seu lado e pediu para que entrasse. Diogo acomodou-se no banco traseiro enquanto o sujeito dirigia-se à posição de motorista. Enquanto o veículo era conduzido por uma estrada de terra, o jovem abraçava sua namorada. Sentia a cada novo minuto o pulso de Júlia ficando mais fraco e o sangue continuava a escorrer pelas pernas dela. Perderia a mulher amada e sua criança. Abraçou-a com mais força. Não poderia permitir que aquilo acontecesse. Depois de tudo pelo que passaram juntos, Júlia não podia morrer daquela maneira, em seus braços, sem que pudesse fazer algo para mudar esse injusto destino.

O veículo parou em frente a um grande barracão, que à primeira vista parecia abandonado. Do lado direito apareceu uma mulher que foi a responsável pela abertura da imensa porta de ferro. O motorista conduziu o carro para dentro e assim que o veículo parou, o sujeito desceu e abriu a porta para que Diogo também repetisse seus movimentos. O interior daquele barracão era completamente escuro, precisando que os humanos ali presentes usassem lanternas para enxergar o chão.

— Augusto está a caminho — informou-lhes a mulher.

O rapaz caminhou até uma das paredes e lá se escorou para esperar que seu protetor chegasse. Sua preocupação com a vida de sua pimentinha tornava-se cada vez maior. Não sabia o que fazer. Sentia-se incapaz, não podendo salvar a pessoa que mais amava nesse mundo.

O tempo foi se arrastando. Augusto não chegava e a cada minuto a vida abandonava o corpo de sua namorada. A cabeça de Diogo pesou e junto dela veio um sono incontrolável. Chegou a fechar os olhos por um breve instante, só que com muita luta conseguiu mantê-los abertos. Seu corpo também começou a formigar, contudo, a vontade de ficar acordado era maior do que seu transe vampírico.

O homem que o levara até lá se aproximou com um grosso tecido em mãos.

— Augusto está quase chegando, vou colocar isso sobre você, pois já amanheceu e teremos que abrir a porta para que Augusto entre.

O garoto meneou positivamente a cabeça. O sujeito jogou sobre ele o pano. Após cobrir o jovem, dirigiu-se para a entrada onde ficou aguardando. Não demorou muito para que ouvisse o som do motor. Abriu a porta, vendo à sua frente um grande carro funerário. A luz do dia que acabara de nascer invadiu o ambiente. O veículo adentrou o barracão e assim que terminou de passar pela

entrada, a porta voltou a ser fechada, impossibilitando que a luminosidade natural do sol permanecesse lá.

Do banco do motorista desceu outro sujeito que foi cumprimentado pela mulher. Ele dirigiu-se até a parte traseira do carro e abriu o porta-malas. Com a ajuda dos demais, retirou de dentro do veículo um caixão que foi posto no solo. Todos se abaixaram e retiraram os lacres. Logo em seguida, Augusto se levantou.

— Odeio andar em caixão — reclamou o vampiro.

Sem que os outros precisassem avisá-lo da localização de seu protegido, ele andou para um dos cantos escuros e retirou o grosso tecido de cima de Diogo.

— Ela está morrendo, Augusto — disse, com os olhos manchados de lágrimas de sangue.

Augusto retirou Júlia dos braços dele e a colocou no chão. Examinou-a minuciosamente com o olhar.

— Ela ainda está viva, mas não sei por mais quanto tempo vai aguentar — tocou-lhe o ventre. — Vamos ter que tirar a criança.

— O quê? Não podemos fazer isso, ela ainda não completou os 9 meses.

— Eu sei disso, garoto, no entanto, se ela morrer a criança também morre. Se pelo menos tirar o bebê posso transformá-la.

— Ainda não me decidi sobre isso.

Augusto virou-se para Diogo, pegou-lhe pela gola da camiseta e o encostou na parede.

— Então você quer que ela morra?

— Não, Augusto, não quero.

— Então, cale essa boca! — soltou-o.

Voltou-se para Júlia e colocou a mão na cabeça da jovem. Augusto fechou os olhos e se concentrou. De repente, ela respirou fundo e abriu os olhos, seguida de uma crise de tosse na qual sangue foi expelido.

— Júlia! — Diogo correu até ela. — Você está bem?

Ela não respondeu, apenas levou as mãos ao ventre e começou a chorar e gritar de dor.

— Ela está em trabalho de parto — avisou Augusto. — Vamos tirar a criança agora.

A empregada do vampiro se aproximou e ficou ao lado de Júlia, ajudando-a a manter as costas longe do chão. Diogo pegou a mão de sua namorada que suava frio. Augusto, sentado em frente às pernas dela, despiu-a das roupas de baixo. Viu muito sangue saindo por entre as pernas da garota. O vampiro colocou a mão direita logo abaixo dos seios de Júlia e apertou. Ela urrou de dor.

Por várias vezes, Diogo teve que sacudir e bater no rosto de sua namorada para evitar que desmaiasse. Ela chorava e gritava até se esgotar e quando parava, seus olhos fechavam e a

respiração quase sumia. Não soube ao certo quanto tempo Júlia ficou em trabalho de parto, porém via em seu rosto que ela não aguentava mais. As forças a deixavam. Ela morreria a qualquer momento.

Após mais um desmaio, o garoto vampiro tentou reanimá-la, só que dessa vez não obteve sucesso, ela não voltava. Encostou o ouvido no peito dela e não escutou mais o coração bater.

— Ela morreu! — gritou desesperado.

— Que droga! — xingou Augusto.

Ele saiu de sua posição e parou ao lado da garota. Mordeu o próprio pulso provocando um profundo corte. Com o sangue escorrendo, levou-o até a boca de Júlia, despejando assim uma grande quantidade daquele líquido grosso e escuro.

— Vamos ter que tirar à força agora — disse, voltando para a posição de parteira.

Júlia não mais gritava e nem tinha pulso. Agora era um corpo pálido caído ao chão. O vampiro abriu as pernas da garota e sem hesitar enfiou a mão dentro dela, penetrando cada vez mais o braço. Ao ver aquela cena, Diogo virou o rosto. Mesmo sendo um vampiro aquilo estava sendo demais para ele, tanto que não conseguia olhar. Fixou o rosto pálido da mulher que amava e esperou que aquilo acabasse logo.

Passaram-se alguns segundos que mais pareceram horas. Diogo só voltou a olhar na direção de Augusto quando ouviu um choro de criança. Saiu do lado de Júlia para sentar-se ao lado do vampiro, que tinha nos braços um pequenino ser coberto por sangue, ainda ligado ao corpo morto de sua mãe pelo cordão umbilical. Augusto colocou o bebê nos braços de Diogo para, com as mãos livres, cortar o cordão.

Ele não conseguia desviar o olhar de sua criança. Tão pequenina, seu corpo cabia nas palmas de suas mãos. Observou cada detalhe, tocando-os com cuidado, desde os minúsculos pés até as quase irreconhecíveis unhas das mãos. Diogo passou a mão pela cabeça coberta de sangue do bebê revelando cabelos ruivos iguais aos de Júlia. Embalou-o no colo por algum tempo para que cessasse o choro. Assim que aquele pequeno ser parou de chorar, acalmado-se no colo de seu pai, abriu os pequeninos olhinhos, que se mostraram num tom tão verde quanto aos do garoto vampiro.

Capítulo 21

— Eles não vão voltar! — adentrou o quarto de hotel furioso e chutou uma das camas. — Faz dias que a Karen não encontra o Augusto, nem o garoto ou a menina humana.

— Acho que não temos outra escolha a não ser voltar pra São Paulo — disse Rafaela, cabisbaixa.

— Ficamos todo esse tempo aqui para nada?! — Anderson voltou a chutar o móvel.

— Você quer que eu faça o quê? — a vampira de cabelos trançados levantou-se, parando de frente ao seu companheiro. Pegou-lhe pela camiseta e acendeu seus olhos. — Estou tão frustrada quanto vocês. Queria ter concluído essa missão com êxito, mas isso não aconteceu — empurrou-o, fazendo com que se chocasse com a parede. — Provavelmente vamos ser rebaixados por causa disso.

— Não sei não, Rafaela — interveio Pablo. — Não sei se alguém além do Miguel pode dar um jeito no Augusto. Essa missão já tinha fugido do nosso controle quando vimos que não poderíamos enfrentar ele — andou calmamente pelo cômodo e parou diante da vampira. — Vamos colocar nossos rabinhos entre as pernas e deixar que o Conselho resolva isso.

— Nós somos o Conselho.

— Eu sei disso, mas os velhotes não movem suas bundas das poltronas para nenhuma missão. Dessa vez eles vão ter que fazer alguma coisa.

— Se vamos deixar a cidade, vamos fazer isso agora — falou Anderson. — Só que antes de irmos quero deixar um presentinho para o Augusto.

Enquanto Pablo dirigia-se até o bar para avisar Karen que voltariam para a capital paulista, Anderson e Rafaela arrumaram suas coisas para deixar o hotel. O fechamento da conta foi realizado rapidamente.

Os membros do Conselho, agora sem um automóvel, iniciaram a caminhada calmamente pelas ruas do Jardim do Bosque. Após alguns minutos, pararam à frente de uma imensa casa na Avenida Paul Harris, o covil de Augusto. Sem hesitar, o quarteto pulou o muro da residência. Karen conseguia rastrear vampiros e nenhum deles era capaz de saber que o grupo que iria dizimá-los estava por perto.

Anderson foi na frente e logo que chegou à porta de entrada, fez uso de sua habilidade para explodi-la. Os residentes da casa, acomodados na sala naquele exato momento, levantaram-se e se prepararam para a batalha. Outros se deslocaram do andar superior até o inferior para ajudar seus companheiros. Guilherme e Jarison foram os primeiros a partirem para cima dos invasores.

Anderson ergueu o dedo indicador e o balançou de um lado para o outro.

— Cansei de brincar, estou muito putto hoje.

Sem que os dois pudessem evitar, pequenas esferas negras penetraram em seus rostos. Com um estalar de dedos o vampiro do Conselho arrancou a cabeça deles, fazendo com que os corpos caíssem inertes ao chão. Os demais saltaram para cima deles, entretanto, Pablo, também usando sua habilidade, fez com que se chocassem com o piso, impossibilitando assim que continuassem o trajeto.

Enquanto seus corpos eram pressionados contra o solo, as vampiras andaram até eles e com as mãos arrancaram as cabeças dos subordinados de Augusto, uma por uma. No instante em que o chão começou a ser banhado pelo sangue grosso dos vampiros assassinados, os membros do Conselho olharam ao mesmo tempo para a porta de entrada, a tempo de ver passar por ela um vampiro ruivo.

Cláudio ficou estarrecido com a cena assim que adentrou o cômodo. Todos mortos. Ele titubeou por breves segundos, só que ao ameaçar se mover para escapar, foi puxado para perto de Pablo. O garoto pegou-lhe pela camiseta e o jogou no chão.

— O que vamos fazer com esse aqui? Deixa vivo ou mata?

— Vamos matar todos — falou Anderson.

Pablo levantou o pé direito e, com ele, pisou sobre a cabeça de Cláudio. O vampiro ruivo ainda tentou se desvencilhar, mas não obteve sucesso. Seu crânio agora se fundia com o piso quebrado e o sangue misturava-se ao dos demais. Karen ainda se concentrou para rastrear mais algum vampiro pelos arredores, porém não encontrou nada.

— Agora podemos voltar — disse Rafaela.

— Ainda não — falou Pablo. — Tenho um assunto pendente para resolver antes da gente ir.

— Que assunto, moleque? — perguntou Anderson.

— Uma companheira para a eternidade.

— Companheira? — riu. — Não vai me dizer que você se apaixonou por uma local! Que imbecil.

— Deixa o garoto, Anderson — repreendeu Karen. Fitou Pablo. — Então aquela garota que vi na casa noturna será sua companheira pela eternidade? — ele confirmou. — Muito bem, garoto — caminhou até ele e lhe tocou o ombro. — Seria bom se todos os vampiros pensassem como você — mirou Anderson de rabo de olho. — Vamos buscar sua garota, então.

— Mas primeiro preciso de um telefone — comentou. Rafaela se aproximou de Pablo e lhe estendeu o aparelho que retirou de sua bolsa. — Por que eu não tenho um celular? — perguntou encarando a vampira. Ela deu de ombros. — Onde já se viu um jovem como eu não ter um desses?

Mas que coisa...

Teclou os números sem precisar olhar para o pequeno pedaço de papel que lhe foi entregue por Isabela. Passado alguns toques, ela atendeu.

— Chegou o dia. Você vai vir comigo? — indagou, logo que ouviu a voz dela pelo aparelho.

Isabela hesitou. Pablo conseguia ouvir a respiração forte dela junto com os batimentos cardíacos.

— Estou pronta — disse ela, finalmente.

— Daqui a pouco passarei para te buscar — desligou o celular.

Isabela correu pelo quarto, não sabia o que fazer. Não sabia se precisava pegar alguma coisa. Chegou a apanhar uma mochila e enchê-la com roupas, no entanto, acabou desistindo e jogando-a de volta para dentro do guarda-roupa. Decidiu que apenas calçaria os pés com um tênis. Ficou sentada em sua cama por alguns minutos pensando. Chegara a hora de deixar sua família. Saiu de seu quarto e caminhou até o andar de baixo, onde encontrou seus parentes. A garota parou em frente à televisão impedindo a visão daqueles que a assistiam.

— O que você está fazendo aí parada? — questionou sua irmã caçula.

Isabela foi até ela e lhe abraçou. Seus pais trocaram olhares preocupados. Ela voltou a se levantar, dessa vez andando até sua mãe e pai e também os abraçou.

— O que está acontecendo com você? — perguntou a mãe, desconfiada.

— Só queria dizer que amo muitos vocês, muito mesmo — sorriu.

Deixou a sala e voltou para seu quarto. Acomodou-se na cadeira diante da escrivaninha e redigiu uma carta para seus familiares, na qual contava que estava indo viver sua vida e que infelizmente nunca mais voltaria, mas que não era para eles se preocuparem ou procurarem por ela, pois estaria bem. Pediu desculpas por desaparecer daquela forma, sabia que ficariam tristes e preocupados, entretanto, ela já se decidira há muito tempo em deixá-los.

Após terminar a escrita, apoiou-se no encosto da cadeira e fitou o cômodo. Abandonaria tudo por um amor? Sim. Essa foi a decisão que tomara. Viveria eternamente ao lado de Pablo. Olhou o mural que tinha sobre a escrivaninha, sua atenção ficou presa em várias fotos. Imagens essas que contavam um pouco de sua história, de sua vida. Fotos de quando ainda era um pequenino bebê no colo de sua mãe. Outra na qual ela, já mais crescida, brincava com a irmã em meio a um mar de bonecas. Viu outras nas quais se encontrava com amigas e antigos colegas de classe, na escola onde cursara o Ensino Médio.

As fotos mais recentes eram de Isabela vestida com roupas brancas e jaleco. E pensar que abandonaria o curso de Psicologia que tanto amava. As lágrimas rolaram, molhando o rosto, que logo foram secadas com as mãos. Respirou fundo. Precisava se acalmar. Levantou-se e caminhou até o

banheiro, onde lavou o rosto. Ao encarar sua imagem no espelho, tocou com a ponta do dedo as bochechas vermelhas. Sabia que não demoraria para que elas ficassem sem vida. Todo seu corpo se assemelharia ao de Pablo, pálido. Retornou para dentro do quarto e sentou-se na cama. Logo em seguida, viu uma sombra passar pela janela. Isabela não se assustou, pois sabia do que se tratava. Andou até ele.

— Você está pronta? — perguntou Pablo.

— Sim.

— Tem certeza? — tocou-lhe o rosto. — Parece que está triste.

— Só um pouco, mas porque é triste pensar que não vou mais ver minha família.

— Ainda dá tempo de desistir. Você não precisa fazer isso.

— Já fiz minha escolha — beijou-lhe. — Quero ficar com você.

O rapaz vampiro sorriu. Sem que ela pudesse ver seus movimentos, Pablo a pegou no colo e pulou para fora da casa. Dirigiu-se para a rua, colocando-a em pé após parar diante dos membros do Conselho. Isabela sentiu-se nervosa ao ver os demais vampiros que a olhavam.

— Podemos ir agora? — perguntou Anderson.

— Podemos — respondeu Pablo.

Iniciaram a caminhada. Isabela pegou na mão de Pablo e disse ao seu ouvido.

— Nós vamos do quê?

— Você já vai ver.

Karen, que caminhava à frente, andou mais rápido para ganhar distância dos demais. Chegando a esquina da Avenida José Antônio Fercem, ela parou e estendeu a mão. Em poucos segundos, um Eco Sport cinza parou diante da vampira. Ela andou até a janela do motorista e o fitou nos olhos, hipnotizando-o. Após ter certeza de que sua habilidade funcionara, ela ergueu a mão em sinal para que os outros se aproximassem. Assim que todos adentraram o automóvel, Karen, no banco ao lado do motorista, pediu para que este saísse do veículo. O homem sorriu e deixou a posição que foi assumida pela vampira negra.

— Como ela fez isso? — perguntou Isabela, sussurrando ao ouvido de Pablo.

— Não precisa sussurrar, menina — falou Karen. — Posso ouvir até os seus pensamentos se eu quiser — olhou-a pelo retrovisor. — Eu o hipnotizei, essa é minha habilidade: consigo controlar os humanos. Depois o Pablo te explica melhor sobre isso.

Isabela, mesmo um pouco nervosa, sorriu. Realmente achara incrível o que a vampira fizera. Encostou a cabeça no ombro do garoto vampiro ao seu lado e assim ficou por todo o caminho percorrido de Leme a São Paulo. Às vezes tinha vontade de perguntar alguma coisa para ele, mas acabava guardando para si, pois não queria que os outros ouvissem. Não via a hora de chegarem à

capital paulista e descobrir mais sobre a vida que levaria dali para frente. A eternidade que passaria ao lado de Pablo.

Ao perder-se em pensamentos, o sono tomou conta de seu corpo ainda humano. Só voltou a abrir os olhos quando o veículo parou. Acordou assustada por não saber onde se encontrava. Olhou pela janela, vendo-os parados em frente a um prédio que logo teve o portão do estacionamento aberto. Assim que Karen desligou o veículo, todos desceram.

— Onde a gente está?

— Aqui é o prédio do Conselho — informou Pablo. — Preste bem atenção — fixou-a fundo nos olhos —, não quero que você se afaste de mim. Aqui dentro tem um monte de vampiros e eles vão saber que você é humana assim que colocar o pé lá dentro. Por isso, fique grudada em mim.

Ela meneou a cabeça, concordando com tudo o que ele lhe dizia. Pablo a pegou pela mão e seguiu o caminho dos outros, que já haviam começado a andar. Assim que atingiram o saguão do prédio, todos ali presentes miraram o quinteto. Um arrepio percorreu a espinha de Isabela. Pablo lhe soltou a mão e passou o braço pelos ombros da garota.

Logo que Anderson encostou-se ao balcão da recepção, requisitou falar com os seus superiores. A atendente pediu para que aguardasse enquanto pegava o telefone.

— Olha só quem retornou.

Todos se viraram por causa da voz e avistaram Breno caminhando na direção deles. O vampiro parou ao lado de Anderson e lhe tocou o ombro.

— E aí, como que foi lá? — sorria sarcasticamente.

— Não é da sua conta — o vampiro retirou a mão do outro de seu ombro.

— Humm... Não é da minha conta, é? — gargalhou. — Então quer dizer que o fodão aí não conseguiu dar um jeito num vampiro de um pouco mais de 100 anos de uma cidadezinha do interior? Que coisa feia, Anderson.

— Escuta aqui — virou-se, com os olhos acesos e as presas à mostra, pegou Breno pela camiseta. — Pensei que Augusto era só mais um, só que estava errado. Nenhum de nós aqui consegue com ele. Nenhum.

— Então você deixou seu orgulho de lado e voltou com o rabo entre as pernas, não é? — empurrou Anderson, fazendo com que o soltasse. — Dá próxima vez não se ache o bonzão. Avisei que Augusto era diferente — disse, quase encostando sua face na dele. — Preferia que você tivesse morrido em vez do Jaime — cheio de raiva, afastou-se.

Anderson fechou o punho. No entanto, antes que pudesse ter feito algo, Rafaela pegou-lhe pelo braço e balançou a cabeça em negativa. A moça da recepção avisou que eles poderiam subir. No mesmo instante se dirigiram para o elevador que os levou para o último andar. Voltavam agora à

mesma sala na qual estiveram meses antes, quando aquela missão lhes fora designada. Nela se encontravam as mesmas três figuras. Cristiane foi a primeira a ficar em pé.

— O que é isso? — perguntou, indicando Isabela.

— É assunto meu — disse Pablo. — Ela vai ficar comigo a partir de hoje.

A vampira levantou uma das sobrancelhas e encarou a menina.

— Isso não me interessa — comentou com desdém e se sentou. — Podem contar o que aconteceu.

Rafaela foi quem tomou a iniciativa e narrou os acontecimentos anteriores.

— Acho que essa missão não está no nosso nível. Não conheço ninguém além de Miguel e Açucena que possa resolver isso — concluiu a vampira.

— Açucena está resolvendo alguns assuntos pessoais e Miguel não está no país.

— Vamos ter que avisá-lo — disse Donizete. — Ele não vai gostar nada de saber que não conseguimos resolver esse problema.

— Por que vocês não vão até lá, então? — falou Pablo. — Nunca fazem nada mesmo.

— Com quem você pensa que está falando, moleque? — questionou Arthur com a voz elevada.

— Estou falando com alguém que só sabe mandar os outros fazerem trabalhos e que não move um músculo pra nada.

Os olhos de Arthur cintilaram, vermelhos. Ele materializou-se diante de Pablo e o pegou pela garganta, arremessando-o para o outro lado da luxuosa sala. Isabela gritou.

— Mais respeito, moleque! O fato de você ser o protegido do Miguel não me impede de acabar com sua miserável existência — encarou Isabela, que permanecia pálida. — Leve logo essa humana daqui e a transforme o mais rápido possível, se não arrancarei sua cabeça.

Pablo caminhou com um pouco de dificuldade até a garota. Pegou-a pela mão e a levou para fora da sala.

— O que vamos fazer? — perguntou Donizete, olhando para os demais.

— Vamos pedir para o Miguel voltar e, assim que ele chegar, contamos o que aconteceu — disse Cristiane.

Pablo ainda conseguia ouvir a conversa mesmo estando no corredor. Já era tempo de Miguel voltar para o Brasil. Não podia mais deixar o comando do Conselho nas mãos daqueles três. Assim que entraram no elevador, Isabela o abraçou, trêmula. O garoto beijou-lhe a testa na tentativa de acalmá-la. Desceram no quinto andar. Pablo a conduziu até uma das primeiras portas que surgiram no caminho. Parou à frente de uma e retirou do bolso uma chave que a abriu. No cômodo havia uma cama de casal, um guarda-roupa e as janelas eram protegidas por grossas cortinas negras. A garota

notou também uma porta ao canto que imaginou ser o banheiro.

— Seja bem-vinda ao meu quarto — falou ele, acomodando-se na cama.

Isabela sorriu e se sentou ao seu lado. Abraçou-o novamente.

— Quando você vai me transformar?

— Quando você quiser.

— Aquele homem disse para você fazer isso logo.

— Ele não manda em mim, faço o que quiser.

— E como que vai ser?

— Sua transformação? — ela assentiu. — Você vai ficar algum tempo desacordada para que a transformação se realize. O normal é um ou dois dias. Mas primeiro vou me alimentar do seu sangue para não desperdiçar — sorriu.

Ela olhou dele para o próprio pulso onde se via marcas já cicatrizadas de presas. Tocou o lugar com a mão e depois encarou Pablo, sorrindo.

— Pode fazer, estou pronta.

Segurou os cabelos com as mãos, retirando os fios de um lado do pescoço, deixando-o livre. O vampiro aproximou a boca e beijou exatamente em cima da jugular pulsante.

— Eu te amo — disse, antes de fazer suas presas crescerem e cravá-las perfurando a pele macia dela.

A dor que sentiu ao ter sua pele penetrada pelos dentes dele foi indescritível. Pior do que a em seu pulso, muito mais profunda. O grito subiu por sua garganta e seus olhos encheram-se de lágrimas. O sangue que escorria do ferimento já manchava sua blusa. Respirou fundo. A cabeça começou a rodar e os olhos a pesarem. Foi perdendo a consciência aos poucos, até seu corpo cair nos braços do vampiro.

Pablo recolheu as presas e a fitou. A cor desaparecera de sua face. Mordeu o próprio pulso e despejou seu sangue escuro na boca de Isabela. Beijou seus lábios vermelhos assim que terminou. Agora era só aguardar que ela voltasse para ficarem juntos por toda a eternidade.

Capítulo 22

A explosão do veículo os feriu gravemente, impossibilitando que continuassem com a proteção de Diogo e Júlia. O vampiro negro, mesmo sem um braço e uma perna, ainda conseguiu arrastar-se pela estrada embrenhando-se na vegetação. Procurou por algum animal que pudesse alimentá-lo. Viu ao longe um gambá e assim que o bicho notou sua presença, correu por entre as árvores. Fábio reuniu toda a força que tinha e usou sua velocidade vampírica, alcançando assim o pobre animalzinho. Assim que o pegou arrancou sua cabeça com as presas e sorveu o sangue. Não foi o bastante para recompor sua força, porém foi o suficiente para fazer curar alguns ferimentos e conseguir manter-se em pé.

Voltou para a estrada e pegou os membros desgrudados do corpo. Colocou-os no lugar e soprou uma fina camada de gelo para mantê-los presos. Depois de vários minutos já conseguia movê-los. Pegou os corpos de seus companheiros e os arrastou para dentro da mata, não esquecendo também dos membros soltos. Como se montasse um quebra-cabeça colou com gelo as partes de seus amigos.

Deixou-os sozinhos e caminhou por entre a vegetação. Precisava encontrar um lugar o mais rápido possível. Sabia que a alvorada não tardaria a chegar. Durante o trajeto encontrou outros animais e se alimentou deles. Não era a mesma coisa que sangue humano, só que pelo menos ajudava a curar os ferimentos.

Depois de mais um longo tempo andando, encontrou uma pequena casinha entre as árvores. Fábio colocou a mão na maçaneta e forçou a porta trancada até que abrisse. Era apenas um cômodo, não havia piso e nem janelas. Olhou para cima e viu buracos nas telhas. Saiu de dentro da pequena casa e subiu no telhado. Retirou a camisa de manga longa que usava e tentou cobrir a maioria deles. Tirou também a regata que usava por baixo. Contudo, suas roupas não foram capazes de cobrir todas as aberturas. Desceu do telhado e fez o caminho de volta encontrando Marta, Vítor e Leandro onde os deixara. Colocou os três em seus ombros e andou novamente para o casebre.

Assim que adentrou o cômodo, colocou-os encostados às paredes e retirou deles as camisetas. Usou as de Leandro e Vítor; caso não fosse o bastante, pegaria a pequena blusinha de Marta. Felizmente, as peças de ambos serviram para impedir que os raios de sol penetrassem. Quando terminou seu serviço, entrou na casa e fechou a porta. Ao fazer isso, percebeu que a parte de baixo dela era mais alta que o normal e provavelmente a luz entraria por ali. Olhou para Marta, ainda desacordada e desfigurada. Andou até ela e também retirou sua roupa, usando-a para cobrir a última fresta.

Escorrou-se na parede e respirou fundo. Mesmo tendo se alimentado de sangue animal ainda não se sentia totalmente recuperado. Pensou em Diogo e Júlia. Torceu para que eles estivessem bem. Nesse exato momento ouviu a voz de Augusto em sua mente:

— *Onde vocês estão?*

— Estamos escondidos aqui na floresta. Fomos atingidos e ficamos muito debilitados. Os outros ainda estão desacordados. O que aconteceu com o Diogo e com a Júlia?

— *Não se preocupe, eles estão bem. Fui informado de que conseguiram chegar até a ponte.*

Um dos meus empregados está levando eles para a fazenda. Estou indo para lá.

Aquela informação fez com que Fábio ficasse aliviado.

— *Vocês estão bem?*

— Estamos bem, dentro do possível. Consegui encontrar um lugar para passarmos as horas de sol.

— *Muito bem. Assim que estiverem recuperados me procurem.*

Essa foi a última frase de Augusto. Depois disso o sol nasceu e com ele Fábio entrou em transe.

Assim que o sol se pôs, Fábio foi o primeiro a abrir os olhos, vendo seus companheiros debilitados. Ele, por ser mais antigo que os demais, conseguiu se recuperar rapidamente. No entanto, Vítor, Leandro e Marta estavam quase mortos. Aguardou por algum tempo que seus companheiros também despertassem. Não demorou muito para que abrissem os olhos. Seus ferimentos se curaram um pouco durante as horas de transe, mas não o bastante para conseguirem manter o corpo em pé. Vendo que ainda continuavam enfraquecidos, o vampiro negro deixou o cômodo e foi em busca de alimento. Encontrou alguns gambás, tatus e pequenos roedores. Assim que os colocou diante dos vampiros famintos, os animaizinhos foram destroçados.

— Onde está o Diogo? — foi a primeira pergunta que Marta fez assim que se recuperou.

— Não se preocupe, ele está com o Augusto.

A vampira se tranquilizou com a notícia. Depois que todos já tinham condições de prosseguir, Fábio avisou que precisavam ir até Augusto. Deixaram o casebre e iniciaram uma longa caminhada. Felizmente, Fábio sabia exatamente a localização do líder. Ele se encontrava nas antigas terras de seus pais: uma pequena fazenda há anos desabitada. Logo após o falecimento dos pais de Augusto, este adquiriu a propriedade.

Demoraram um pouco mais de uma hora para chegarem ao destino. Mas assim que chegaram, viram Augusto acomodado em uma velha cadeira de balanço ao lado de uma pequena casa. Ele tinha em mãos um cigarro que fumava calmamente. Os vampiros se aproximaram e o cumprimentaram. Augusto os saudou com um movimento de cabeça, sem dizer nada.

Marta afastou-se dele e entrou na casa. A residência abandonada possuía móveis muito antigos e em péssimo estado de conservação. A vampira andou pelo que havia sido uma sala e notou na parede uma foto em preto e branco, na qual se encontravam dois jovens garotos: Augusto e Henrique. Continuou a passar pelos cômodos. O cheiro que exalava daquela residência incomodava seu olfato sensível. Parou à porta do que teria sido um quarto décadas atrás e assim encontrou o que procurava: Diogo sentado no chão com um pequeno bebê no colo e Júlia ao lado dele, desacordada.

Ao notar a vampira, Diogo sorriu. Colocou sua criança em um cesto ao lado, que encontrara na antiga casa do líder, e encaminhou-se até ela. Ambos se encararam por um tempo incerto, sem mencionarem nenhuma palavra. Marta levantou a mão e tocou o rosto de Diogo, que fechou os olhos por causa do carinho. O silêncio foi quebrado com as palavras dela:

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

O beijo foi tão intenso e repleto de saudade que parecia que não se viam há anos.

Capítulo 23

Alguns dias se passaram e com eles a notícia de que os vampiros que ficaram na casa de Augusto foram mortos chegou até aqueles que permaneciam na zona rural.

Naquela noite, ao pôr do sol, o primeiro a deixar seu canto escuro foi Augusto. Ele andou até o pequeno moisés. Olhou dentro dele e viu que a criança dormia. Com o cesto nas mãos, caminhou para o carro e o acomodou no banco traseiro. Em poucos minutos, todos os demais despertaram. Diogo pegou o corpo de Júlia e o colocou dentro do veículo junto a ele e ao cestinho. Marta, Leandro e Vítor apertaram-se junto ao garoto. Fábio foi ao lado do motorista e Augusto conduziu o automóvel para fora da antiga propriedade de seus falecidos pais.

Todos ali sabiam que os vampiros do Conselho haviam deixado a cidade uma semana atrás. Mas mesmo com essa notícia, o líder achou melhor que ficassem longe da cidade por mais algum tempo, para realmente terem certeza de que quem os perseguia realmente tinha abandonado tal missão.

O caminho de volta para o covil foi realizado calmamente, sem que ninguém pronunciasse nenhuma palavra. Logo que o automóvel foi estacionado na garagem todos desembarcaram. Diogo subiu as escadas com Júlia nos braços e assim que entrou no quarto a acomodou na cama. Marta, que o seguia, trazia o cesto com o bebê. O garoto de olhos verdes pegou sua criança no colo e a embalou, antes de colocá-la de volta no moisés sobre a mesinha. A vampira estendeu a mão para Diogo. Ele a olhou e a segurou. Os dois deixaram o cômodo.

Júlia abriu os olhos no instante seguinte, movendo-os nas órbitas sem nenhum destino traçado. Quando tomou consciência de si, forçou o corpo para cima na tentativa de se levantar, só conseguindo dores difíceis de suportar que a mantiveram deitada. Levou a mão involuntariamente à barriga procurando pelo ventre crescido, não o encontrando. Assustou-se. Forçou-se novamente para cima, conseguindo dessa vez se sentar.

Olhou para o ventre. Não havia mais barriga de grávida. Ergueu a blusa. Viu apenas o abdômen liso, como se nunca tivesse carregado uma vida ali. Tocou outras partes de seu corpo. Tudo normal. Até os seios, que cresceram por causa da gestação, regrediram ao tamanho anterior. A garota achou tudo aquilo muito estranho. Ao tentar se levantar sentiu uma forte pontada no estômago, que a fez cair de joelhos no chão e vomitar suco gástrico. Mas o que estava acontecendo com ela?

Vasculhou sua memória à procura de respostas. A última coisa de que se lembrava era de estar dentro do carro com Diogo, nada mais. Apoiou uma das mãos na cama para ajudar na nova investida. Com um pouco de dificuldade conseguiu ficar em pé. Olhou ao redor e reconheceu o

quarto do namorado. Pensou em andar até o andar inferior, porém seu pensamento foi interrompido por um som. Encarou o pequeno cesto em cima da mesa. Virou-se e caminhou até ele.

Ficou sem reação ao ver um pequenino ser de cabelos ruivos e de olhos extremamente verdes. Seu bebê. Com o dedo indicador, Júlia tocou o rosto rosado da criança e depois as mãozinhas. Sentiu-se hipnotizada. Pegou-o no colo. A boca sem dentes moveu-se num sorriso rápido que fez a jovem mãe sorrir também. Uma felicidade tremenda tomou conta de seu corpo. Ver o rostinho de seu bebê era maravilhoso. As lágrimas de emoção lhe molharam os olhos. Ao levar a mão para secá-las, ela ficou vermelha. Lágrimas de sangue. A inesperada cor delas a fez emitir um grito, pois sabia o que aquilo significava.

Diogo entrou no cômodo, sobressaltado. Viu Júlia com a criança nos braços e sangue pelo rosto.

— O que você fez comigo? — perguntou ela, com a voz trêmula.

Ele nada disse, andou até ela e retirou o bebê de seus braços. Em uma das mãos trazia uma mamadeira. Balançou o líquido branco dentro do recipiente e levou o bico até a boca da criança, que começou a sugar. Júlia deixou-se cair de joelhos e mais lágrimas rubras lhe mancharam o rosto.

— Eu não queria...

— Você queria que eu fizesse o quê, Júlia? — falou zangado. — Você morreu enquanto estava em trabalho de parto. Preferia ter ficado morta?

— Mas eu estou morta! — esbravejou.

— Pelo menos está aqui comigo e com sua filha.

— Filha? — arregalou os olhos, fitando a criança nos braços dele.

— É, filha — agachou-se ao lado dela. — Ainda não escolhi o nome, achei que você fosse querer fazer isso — estendeu o bebê para que ela segurasse.

Júlia pegou a criança no colo e continuou a amamentá-la. Olhou seu rostinho, prestando atenção em todos os detalhes. Desde as sobrancelhas quase inexistentes até os olhos verdes idênticos aos de Diogo.

— Beatriz.

— O quê?

— O nome dela vai ser Beatriz. Sempre achei esse nome bonito.

— Ótimo nome — aproximou seu rosto do de Júlia, fazendo com que ela o encarasse. — Eu amo você e estou feliz que esteja aqui comigo. Cheguei a pensar que você não iria acordar, passou muito tempo desacordada.

— Quanto tempo?

— Mais de uma semana.

— E como ela nasceu? Eu estava só com 7 meses.

— Você morreu antes de conseguir dar à luz. Aí o Augusto teve que tirar ela de dentro de você. Nos dias que ficamos escondidos, ele pediu para um médico ir até lá para consultá-la. O doutor disse que ela está ótima, nem parece ser prematura.

— E você cuidou dela sozinho esses dias?

— A maior parte, mas tem uma empregada do Augusto que fica com ela durante o dia. Falando sobre isso... Iremos fazer o ritual daqui a alguns dias para trazer o Henrique de volta.

— Ela vai ficar bem?

— O Augusto disse que não vão machucar ela. Parece que só precisam de um pouco de sangue.

— Tudo bem. Espero que ele saia do seu corpo logo — fez uma pausa. — Falando nele... Eu sei o que você tem aprontado.

— Aprontado? O que eu fiz?

— Sei que você ainda está envolvido com a Marta. E não adianta negar, foi o Henrique que me contou e ela também confirmou.

Diogo engoliu em seco. Não sabia o que dizer.

— Eu ia...

— Ia o quê? Me contar? Não me faça rir, Diogo. Você ainda gosta dela e sei que ela também gosta de você — retirou a mamadeira de Beatriz e encostou a cabecinha dela em seu peito. Tocou levemente suas costas para que arrotasse. — É melhor você ficar bem quietinho por esses dias, pois se eu descobrir que você se encontrou com ela de novo a coisa vai ficar séria — fitou-o profundamente nos olhos. — Não se esqueça de que agora também sou uma vampira — levantou-se e entregou Beatriz nos braços dele. — Estou com muita dor no estômago.

— É seu corpo pedindo por sangue.

— Então vou atrás de sangue.

— Assim? Sem ao menos hesitar?

— Não há mais nada que eu possa fazer, não é? Já sou uma de vocês — olhou para o próprio corpo. — E até que gostei de ter voltado ao que era antes — sorriu.

Saiu do cômodo e andou pelo corredor. No entanto, antes de chegar à escada parou em frente a uma porta. Titubeou por breves instantes antes de bater. Marta apareceu.

— Oi — cumprimentou ela, surpresa. — Que bom que você acordou.

— Quero que você saia comigo hoje.

— O quê?

— Diogo disse que preciso de sangue e quero sair para conseguir. Por isso pensei se você

não gostaria de ir comigo.

— Mas por que eu?

— Não sei, só senti vontade de te chamar. Já que o Diogo ama nós duas, pensei em te conhecer melhor.

Marta franziu o cenho, desconfiada, só que acabou aceitando.

— Mas antes vamos te arrumar. Agora você é uma vampira e precisa se vestir como uma — puxou Júlia para dentro de seu quarto. — Tenho umas roupas aqui que ficam pequenas em mim, mas acho que vão servir perfeitamente em você — remexeu nas gavetas e retirou algumas peças pretas. — Experimente.

Júlia retirou a própria roupa, peças que lhe foram dadas por dona Neide e vestiu as que a vampira lhe entregou. A blusinha e a saia justa couberam perfeitamente nela. Marta a conduziu para que se sentasse em uma cadeira diante do espelho. Pegou algumas maquiagens e entregou a ela.

— Minha pele é muito diferente da sua, mas você pode usar essas.

A garota ruiva se fitou no espelho vendo-se muito pálida. Seu rosto mudara, tornara-se mais bonita, uma beleza misteriosa. Seus cabelos ruivos ganhavam mais destaque por causa da pele. Sorriu e os escovou. Em seguida começou a pintar os olhos passando sombra, lápis e rímel. Por último, tingiu os lábios de vermelho. Marta entregou a ela um par de sandálias de salto fino que também serviram. Não demorou para as duas vampiras saírem de casa em um carro.

— Como que é matar pela primeira vez? — perguntou Júlia.

— Primeiro sentimos muita pena da pessoa, mas assim que o sangue entra pela sua garganta esse sentimento some e tudo fica maravilhoso — encarou-a. — É divertido — Júlia sorriu. — Que tipo de gente você quer matar?

— Quero um homem.

— E por que um homem?

— Não sei, só estou com vontade. Acho que quero de algum jeito me vingar do Henrique e do Diogo ao mesmo tempo.

Marta concordou e continuou a conduzir o veículo. Percorreram boa parte da cidade até encontrarem o que queriam. Estacionaram em frente a um pequeno bar no bairro Quágliã. Viram três jovens figuras em uma mesa sobre a calçada. Por causa da noite quente eles não usavam as camisetas, somente bermudas e chinelos. Ao ver suas presas, Júlia excitou-se. Desceu e analisou os homens, que ficaram em silêncio assim que ela encostou-se à porta do automóvel.

— Olá, moça bonita — cumprimentou um deles. — Posso te ajudar?

— Claro — sorriu. — É que estou com muita fome hoje. Vocês não querem dar uma volta comigo e com minha amiga?

Os três se entreolharam com largos sorrisos em suas faces. Um deles abriu a carteira e retirou uma nota de dez reais e a colocou sobre a mesa. Eles despediram-se do dono do pequeno estabelecimento e, sem ao menos pensarem muito sobre o assunto, levantaram-se e adentraram o carro. Júlia voltou a se sentar ao lado da motorista.

— E o que duas lindas garotas querem com a gente?

— Só brincar — falou Júlia.

Marta parou o veículo debaixo de uma grande árvore em uma rua pouco iluminada e movimentada. Virou-se para trás.

— Quem quer ser o primeiro? — ninguém respondeu, apenas sorriram.

— Posso escolher? — indagou Júlia.

— Claro, essa noite é sua.

A garota pulou para o banco traseiro e sentou-se no colo do sujeito que estava do lado esquerdo, atrás de seu assento. Ele a tocou nas coxas com as mãos calejadas. Ela farejou cada um deles, inalava a excitação que emanava de seus corpos e o sangue fervendo. Encostou o nariz no pescoço daquele que a acariciava, sentia o cheiro do sangue.

Primeiro beijou sua vítima. Durante o beijo caloroso, as presas cresceram pela primeira vez e seus olhos se acenderam. Mordeu a boca do rapaz fazendo com que uma pequena quantidade de sangue escorresse. Experimentar o gosto do sangue foi maravilhoso. Soltou-se dos lábios do rapaz e direcionou sua atenção para o pescoço. Assim que penetrou a pele com os dentes o homem gritou e se debateu. Os outros se assustaram com a cena, mas antes que pudessem ter feito algo, Marta pegou-os pela garganta.

— Silêncio! — ordenou ela, mostrando seus olhos vermelhos.

O sangue que descia por sua garganta caía em seu estômago trazendo um conforto nunca antes experimentado. Acalmava a febre e os ânimos. Parou assim que mais nenhuma gota saiu daquele corpo. Com o rosto manchado de vermelho, virou-se para o outro ao seu lado. Marta o soltou. Júlia, sem esperar, também o mordeu. O medo que percorria o corpo daquele sujeito podia ser captado em seu sangue, tornando-o ainda mais saboroso para a jovem vampira. O outro homem começou a chorar, só que antes que continuasse com o drama, a morena lhe quebrou o pescoço e também pulou para o banco traseiro para se alimentar.

— O que achou? — indagou Marta olhando para Júlia que, após se alimentar, deitava-se no banco inclinado o máximo possível para trás.

— Maravilhoso. Sinto o sangue aqui dentro e junto com ele esse poder, essa confiança que nunca senti antes. É como se eu pudesse fazer tudo. E também tem esse cheiro — farejou o ar. — Consigo farejar odores muito diferentes, nunca senti isso — ficou em silêncio por algum tempo

vendo Marta sorrir. Júlia também retribuiu. Pensou durante vários minutos antes de dizer: — Vamos voltar, quero dar um presente para o Diogo.

— Presente?

— É. Você vai ver quando a gente chegar.

Assim que chegaram à casa, as duas arrastaram os corpos para fora do carro e os jogaram no quintal. Com um único movimento de dedos, todos pegaram fogo. Enquanto o odor de carne queimada subia, Júlia foi procurar por Diogo, encontrando-o no quarto com Beatriz.

— Onde você foi?

— Fui provar essa maravilhosa sensação que é ser uma vampira — aproximou-se dele e o beijou. — Como que ela está?

— Está bem, ela é bem quietinha, acabou de pegar no sono.

— Ótimo. Coloca ela ali, então — indicou o cesto com a cabeça. — Como estou de muito bom humor hoje vou te dar um presente.

— O que é?

— Só vai saber se vier comigo.

Diogo colocou sua filha no moisés e seguiu Júlia. A garota ruiva pediu para que ele esperasse no quarto que antigamente pertencia a ela. O rapaz deu de ombros e sentou-se na cama para aguardar. Em poucos segundos, Júlia entrou no cômodo acompanhada de Marta.

— O que é isso, Júlia? — perguntou, encarando as duas.

— Você disse que me ama, não é? — caminhou até ele e lhe beijou novamente.

— Amo.

— E o que você disse para a Marta? — ele não respondeu. — Vamos lá Diogo, você não está ajudando. Me conta o que você disse para ela.

Ele encarou os olhos castanhos da morena.

— Disse que amava ela também.

Júlia sorriu maliciosamente e caminhou até Marta. Pegou-a pela mão.

— Então vamos comemorar — falou, levantando os braços.

— O quê? — a mesma pergunta saiu da boca de Marta e Diogo ao mesmo tempo.

— Mas que caras são essas? Só disse para comemorarmos.

— Comemorar o quê, Júlia?

— O amor que você sente por nós duas, Diogo. Ou vai me dizer que você nunca sonhou em ter nós duas de uma vez? — ele engoliu em seco. A garota fitou a morena. — O que você acha?

— Não sei.

— Sei que você ama ele. Eu também amo. Por isso vamos nos divertir os três juntos.

Puxou Marta para perto de Diogo. Júlia o beijou e depois indicou para que a vampira fizesse o mesmo. Ela hesitou por breves instantes, mas acabou cedendo. O garoto vampiro de olhos extremamente verdes possuía naquele momento algo que nunca imaginou que pudesse ter: as duas mulheres que amava ao mesmo tempo, juntas. Desde o momento em que Júlia acordara como vampira notou-a diferente, algo em seu íntimo mudara profundamente. Não sabia o que era, porém estava gostando, ainda mais por ela ter-lhe preparado tal surpresa. A melhor noite de amor da sua vida.

Capítulo 24

A noite era perfeita, sombria e fria como aquele que retornava ao seu país de origem. Logo que colocou os pés para fora do avião pôde perceber o clima mudar drasticamente. O vento gélido soprava tão forte que chegava a atravessar todos os casacos daqueles pobres humanos, fazendo com que o frio chegasse aos ossos. Mesmo ao adentrar um espaço fechado podia sentir o vento batendo com grande intensidade nas janelas e paredes, ouvia com clareza os sons trazidos por aquela tempestade, como se a própria cidade estivesse com medo por causa de sua presença, medo esse que foi esquecido com seu afastamento, mas que agora retornava ainda mais intenso, fazendo com que todos ao seu redor sofressem por algo desconhecido.

Viu seus subordinados esperando-o logo que desembarcou. Ao se aproximar, eles pegaram sua bagagem e se dirigiram para a saída do aeroporto. Caminhar entre os humanos não era algo que o agradava. Não suportava a ideia de que um ser tão superior como ele tinha que se infiltrar entre aqueles de raça inferior. Contudo, iniciou mesmo assim seu caminhar por entre os seres mortais. Podia notar o arrepio que causava neles com um único olhar. Crianças começavam a chorar, idosos faziam o sinal da cruz e todos os outros abriam passagem para aquela criatura tenebrosa, soturna, sem mesmo saber o porquê. Aliviou-se por alguns instantes ao ver um carro estacionado o esperando. Um de seus subordinados abriu a porta para que pudesse entrar. Ao adentrar o veículo, surpreendeu-se com a presença de Pablo.

— Olá, Pablo, faz tempo que não o vejo — disse, logo que se acomodou no banco traseiro e retirou o chapéu que usava revelando cabelos castanhos e curtos. Encarou a garota ao seu lado. — Quem é ela?

— É bom te ver também, Miguel. Essa aqui é Isabela, eu a transformei para ser minha companheira.

— Interessante. E por que você veio me receber?

— Peço mil desculpas por te incomodar com isso, mas o que tenho para lhe dizer é algo que não pode esperar. Tenho informações sobre Augusto — falou o garoto, fixando firmemente os olhos azuis de Miguel.

Mesmo sabendo que ele era o vampiro mais poderoso do país, ainda não conseguia acreditar que aquela figura que aparentava ser pouquíssimos anos mais velho que ele era tão forte assim.

— Augusto? — mandou que o motorista tocasse o carro. Voltou-se para o garoto. — O que aconteceu com ele? Tem alguma coisa a ver com o pedido de que eu retornasse rapidamente? — Pablo meneou positivamente a cabeça.

— O Conselho se reuniu e me autorizou a vir te encontrar para falar sobre o assunto.

— O Conselho se reuniu? Para isso ter ocorrido algo muito importante aconteceu — olhou pensativo para o rapaz. — Fale logo o que houve.

Pablo contou todos os detalhes do que ocorrera em Leme, desde a vez em que Breno, Alexandre e Otávio foram escalados para a missão até sobre os outros que para lá também foram encaminhados junto com ele.

Ao término de seu relato, Miguel apenas o observava calado. Fizeram todo o caminho em silêncio, do Aeroporto Internacional de Guarulhos até São Paulo. Cerca de uma hora depois, o veículo foi estacionado na garagem do edifício do Conselho. Miguel desceu sem mencionar uma única palavra a Pablo. Este também saiu do automóvel e seguiu o chefe do Estado de perto, sempre acompanhado de Isabela. Entraram no elevador, seguidos de outros subordinados de Miguel. Ao chegarem ao último andar, desceram. Caminharam pelo corredor até entrarem em uma imensa sala de reuniões, onde se encontravam inúmeras pessoas presentes. O vampiro ancião, de aparência extremamente jovem, parou diante da grande mesa. Seus olhos azuis fitavam friamente cada um dos presentes. Respirou fundo e tomou seu lugar na ponta.

— Eu ainda não consigo acreditar que um vampiro de pouco mais de 100 anos está causando todo esse alvoroço! — acendeu seus olhos e gritou. — Como que ele conseguiu mentir desse jeito para todo o Conselho? Como ninguém foi averiguar aquela porcaria de cidade antes? Eu ainda não acredito!

— Senhor...

— Cale a boca! Ainda não terminei de falar. Se for preciso quero aquela cidade toda destruída, quero Augusto e toda aquela corja em migalhas! — fez-se silêncio. Nenhum dos participantes da reunião ousava discutir com Miguel. Este suspirou e voltou a falar, desta vez mais calmo. — Não posso deixar esse país por algum tempo que coisas como esta acontecem. Francamente — balançou negativamente a cabeça. — Posso saber por que não fui informado antes do que estava acontecendo?

Todos na sala se entreolharam, fez-se um minuto de silêncio antes que alguém tomasse coragem para responder.

— Pensávamos que seríamos capazes de resolver a situação sem precisar incomodar o senhor.

— É, mas não foi isso que aconteceu. Quanto tempo faz isso?

— A humana já estava com a gravidez avançada quando a vimos pela última vez — informou Rafaela.

— E por que não a mataram?

— Algum vampiro a levou de nós — interveio Karen. — Ele possuía um tipo de habilidade de total defesa, não pude sequer rastreá-lo.

— E quanto tempo faz isso?

— Umas três semanas.

— E alguém aqui sabe me informar por que o Augusto quer um mestiço? — todos negaram. — Mas é claro que não. Deixei esse país por um pouco mais de um ano e olha só o que aconteceu.

— Tentamos fazer tudo o que estava ao nosso alcance, senhor. Vários vampiros foram enviados até a cidade, porém nenhum deles conseguiu enfrentar o Augusto — falou Cristiane.

— Então quer dizer que eu vou ter que ir até aquele fim de mundo para resolver algo que já era para estar resolvido? — balançou novamente a cabeça em desaprovação a tudo o que ocorria.

Saiu sem mais nada dizer e encaminhou-se até o elevador, descendo um único andar. Seu quarto mantinha-se exatamente como o deixara há meses atrás. Andou em direção a uma cadeira em frente ao computador e ligou a máquina. Enquanto esperava o aparelho iniciar, deixou seus pensamentos percorrerem suas memórias acerca de Augusto. Fazia anos que não via sua cria. Depois que transformou Henrique e Augusto, nunca mais retornara à cidade de Leme.

Assim que o desktop surgiu diante de seus olhos, clicou no ícone de navegação de internet. No site do Conselho visualizou páginas restritas que somente membros exclusivos podiam acessar. Percorreu a lista de cidades do Estado de São Paulo, em ordem alfabética, e clicou na palavra Leme. Um resumo da história do município se abriu e junto dela o nome de Augusto vinha em destaque como o líder. Havia também outros inúmeros nomes, de todos os vampiros que ali tinham vivido ou ainda residiam na cidade.

Ao clicar no nome de Augusto, informações sobre ele apareceram e, pelo que Pablo lhe dissera, todas estavam erradas. Voltou à lista de nomes e dessa vez clicou no nome de Diogo. Não havia quase nada a respeito, apenas a data de transformação. Miguel coçou a cabeça. Aquilo tudo era muito estranho. Augusto não colocaria a vida de seus subordinados e dos habitantes de Leme em risco por nada. A história daquele mestiço envolvia mais alguma coisa e ele, com séculos de existência nas costas, podia pressentir isso. Sua experiência de vida não o enganava. No entanto, mesmo com um ótimo motivo para aquele alvoroço todo, sua cria desobedecera às regras e aquilo o deixava furioso.

Depois de passados mais de 100 anos, Miguel visitaria a cidade de Leme para dar um jeito em tudo aquilo, esclarecer as coisas e se reencontrar com Augusto.

Capítulo 25

Desejou, na noite anterior, que despertasse antes de todos, logo que os raios de sol não mais pudessem extinguir sua existência.

Júlia desceu até a cozinha o mais rápido que pôde, via pelas janelas uma noite recém-iniciada com o céu não tão negro ainda. Vasculhou uma gaveta à procura de algo e assim que o encontrou, colocou sobre a mesa. Com as mãos descascou os dentes de alho, um por um, causando ferimentos em seus dedos. Após terminar, os colocou dentro do liquidificador, batendo-os com um pouco de água. O líquido que se formou foi armazenado em três agulhas que Júlia guardou dentro de um saco plástico. Pronto. A parte inicial de seu plano fora concluída. Encaminhou-se para o quarto de Beatriz e assim que entrou encontrou uma mulher com ela.

— Você pode ir agora — disse Júlia.

A mulher anuiu e saiu. A garota escondeu as seringas dentro do guarda-roupa. Depois de ter certeza de que ninguém as encontraria, voltou sua atenção para a criança. Pegou Beatriz no colo e a embalou. A cada dia que passava, ela se assemelhava ainda mais com a mãe. Exceto pelos olhos, esses eram do pai. Via em sua filha alguns traços que faziam-na lembrar-se de Natália, irmã de Diogo. Deu de ombros. Nada mais que pertencia ao mundo humano lhe importava, a não ser Beatriz, que nem era totalmente humana. Nessa hora recordou-se de Cláudio. Queria que pelo menos o tio estivesse ali com ela.

Enquanto se mantinha acariciando a criança, seus pensamentos voaram para o plano traçado em sua mente. Desde o dia de sua transformação em vampira, ele se impregnara nela, não dando espaço para cogitar o contrário. Faria aquilo para proteger o que mais amava naquele mundo.

Diogo entrou no quarto pouco tempo depois e ao ver Júlia, beijou-a. Nos últimos dias ele tornara-se mais carinhoso e atencioso, isso sem dizer na felicidade que emanava. A garota ruiva sabia de onde vinha tudo aquilo: eram os sentimentos que mantinha por duas mulheres e que agora não precisava mais esconder de nenhuma delas.

— Vai ser hoje mesmo?

— Vai sim — respondeu ele, pegando Beatriz no colo. — Espero que tudo ocorra como o esperado.

Colocou-a no pequeno cesto e com a mão direita pegou a alça. Desceram até a sala e lá aguardaram a chegada de Augusto. Assim que apareceu, junto de Fábio, dirigiu-se até a pequena biblioteca particular, atravessou-a e abriu a porta de ferro ao fundo. A caixa com o corpo de Henrique foi arrastada para fora e colocada com cuidado no mesmo carro funerário que levou

Augusto até o barracão, onde realizaram o parto de Júlia. O líder da cidade acomodou-se em uma poltrona próximo ao casal.

— Ainda é cedo para irmos. O ritual só será realizado à meia-noite. Por isso vamos sair daqui uma hora antes — vasculhou o bolso da calça e dele retirou o punhal. Estendeu para Diogo. — Não o perca novamente.

— Nossa! Nem lembrava mais disso, pensei que tivesse perdido.

— E perdeu, mas mandei que o procurassem. Faz tempo que está comigo. Só não te entreguei antes porque não queria que perdesse, pois vamos precisar usá-lo no ritual de hoje.

Diogo assentiu. Não via a hora de tirar a alma de Henrique de seu corpo. Por mais que ele não tivesse voltado, odiava-o pelo o que fizera com Júlia. Aquilo não foi esquecido por ele e a sede de vingança corroía suas entranhas, ainda mais agora que se aproximava a hora de encarar Henrique nos olhos. Poderia feri-lo sem que precisasse fazer aquilo com seu próprio corpo. Ter novamente a independência de si seria ótimo. Poderia viver mais tranquilo.

As horas passaram rapidamente e antes que se dessem conta, Augusto pedia para que fossem. Júlia despediu-se de Beatriz com um beijo e palavras carinhosas, o mesmo fez com Diogo. Enquanto os via partindo, em sua mente surgiu um cronômetro, no qual marcava o tempo máximo para a conclusão de seu plano. A vampira voltou para o andar superior e pegou as seringas de dentro do guarda-roupa. Colocou-as no cós da calça, encostadas em sua lombar. A blusinha larga que usava escondeu-as perfeitamente. Caminhou até o quarto de Marta.

— Vou sair um pouco para respirar e para ver se o tempo passa logo e esse ritual acaba o mais rápido possível — informou. — Você não quer vir comigo?

Marta sorriu e prontamente aceitou. As duas saíram da casa a pé mesmo. O caminho percorrido entre o covil e o cemitério foi traçado por ambas sem que notassem, pois a conversa fluía naturalmente. Sentaram-se em um dos bancos da praça deserta e continuaram a conversar e inalar os maravilhosos cheiros que o vento da noite trazia.

— É bom ter uma amiga para conversar — falou Marta. — Há muito tempo não sabia o que era isso.

— É bom mesmo — o sorriso saiu forçado, entretanto, a outra não percebeu.

Após alguns minutos, Júlia sugeriu que fossem ver os túmulos, pois há anos não entrava lá. Marta aceitou e foi a primeira a se levantar. Nesse exato momento, usando sua velocidade vampírica, a garota retirou de trás de suas costas uma seringa que usou para injetar a substância de alho na morena. Marta foi atingida na cintura e seu corpo amoleceu, não conseguindo mais controlá-lo, deixando-se cair no chão. Júlia arrastou a outra para dentro das dependências do cemitério e a jogou sobre uma sepultura qualquer.

— Por quê? — perguntou Marta, com a voz fraca.

— Por quê? — gargalhou a ruiva. — Como você tem coragem de perguntar? É por causa do Diogo, lógico.

— Mas foi... Você...

— Eu sei o que fiz. E isso foi justamente para ele achar que estava tudo bem. Queria que pensasse que aceitaria nosso relacionamento triplo — encarou a vampira. — Mas isso não vai acontecer.

— Eu confiei em você — juntou forças para conseguir pronunciar tais palavras.

— Eu sei, e foi exatamente por isso que o plano funcionou — sentou-se ao lado dela. — Não me entenda mal, realmente gosto da sua companhia, só que não vou mais dividir o Diogo com você. Ele te ama também e por causa disso não vai conseguir te deixar, então a única alternativa que encontrei foi essa — acariciou o rosto de Marta. — Mas antes queria te agradecer por tudo que você ensinou a ele. Graças a você, ele é capaz de fazer coisas na cama que nunca imaginei que pudesse. Você transformou o Diogo de garoto inexperiente em um homem que sabe o que faz. Mas a partir de hoje ele fará só comigo.

— Ele vai te odiar quando descobrir.

— Ele não vai descobrir. Serei a mesma de sempre, meiga, delicada, amorosa, todas as qualidades que ele mais preza em mim. Nunca desconfiará — retirou das costas mais uma seringa que aplicou na vampira. Marta gritou. — E além do mais, sou mãe agora, preciso prezar pela minha família e você não faz parte dela. O Diogo é meu homem e sempre será unicamente meu.

— Eu o amo tanto... — lágrimas rubras mancharam os olhos de Marta.

— Eu também o amo e é por isso que sua existência acaba aqui. Eu sempre fui a oficial e continuarei sendo por toda a eternidade.

Aplicou a última seringa. Marta não mais gritou, não conseguia. A quantidade excessiva de alho em seu corpo fazia-o não mais responder às suas vontades. Júlia a pegou pelos ombros, colocando-a sentada, escorada abaixo de uma estátua negra de um anjo com asas abertas. Júlia olhou para cima vendo o anjo que parecia rezar e chorar. Sorriu para ele e depois mostrou o sorriso mais lindo e inocente desse mundo para a morena antes de virar-lhe a cabeça.

Ouviu os ossos se quebrarem. Com um pouco mais de força separou o crânio do tronco. Levou os restos mortais da vampira para um canto do cemitério, junto ao muro, colocando-os lá. Deixá-los-ia ali pois, assim que amanhecesse, o sol cuidaria do resto. Ainda agachou-se à frente do corpo e fitou-o por tempo indeterminado. Em seu íntimo uma realização tremenda a dominava. Um misto de vingança, ódio, alegria e satisfação. Agora teria Diogo exclusivamente para ela como antigamente. Voltaria a ser a única mulher na vida dele, sem mais nenhuma para ter que dividir a

atenção. Levantou-se. Contudo, se por acaso voltasse a aparecer outra mulher na vida de seu amado, ela também mataria. Colocaria fim à vida de qualquer mortal ou vampira que cruzasse seu caminho novamente.

Com praticamente todo seu plano concluído, Júlia pulou o muro do cemitério e andou calmamente pela rua deserta. Agora só faltava uma coisa: pagar a traição de Diogo na mesma moeda. Já que ele teve outra em sua cama, era a vez dela experimentar aquilo também. E não podia se esquecer de se livrar do odor do sangue de Marta que ficara em suas mãos. Mas pelo o que sabia, o cheiro de um humano encobriria seu crime. Enquanto caminhava tranquilamente pela cidade, seus pensamentos se perdiam em vários assuntos: sua filha, seu amado e sua vingança. Sabia que o desaparecimento de Marta deixaria Diogo muito triste, porém em sua mente aquilo era o certo a se fazer. Aliás, que mulher quer dividir o homem que ama com alguém?

Após vários minutos de caminhada, parou diante de uma simples casa que se localizava no bairro Bela Vista, não muito longe da residência da família de Diogo. Júlia olhou para os lados antes de saltar para dentro da casa. Não tinha ideia de como era o cheiro daquele que procurava, mas sentia alguns odores humanos por perto. Voltou a parar, só que dessa vez em frente a uma janela. Aproximou o rosto para farejar melhor, o cheiro humano se intensificava.

Colocou as mãos nas esquadrias de madeira e as puxou. Quando foi abrir a parte de vidro não conseguiu, pois estava trancada. Bufou. Não poderia simplesmente quebrar porque causaria muito barulho, acordando assim todos os residentes da casa, não somente aquele que queria acordar. Pensou um pouco. Resolveu arriscar. Se aquele que aparecesse não fosse quem procurava, matá-lo-ia sem hesitar. Júlia suspirou e deu três leves batidas no vidro. Conseguiu ouvir o coração daquele que residia no quarto acelerar. Ouviu também os passos receosos e nervosos vindo em sua direção. Assim que aqueles olhos azuis se detiveram nela, a garota ruiva sorriu inocentemente.

Mário espantou-se com a jovem parada à sua janela. Fazia tantos meses que não via Júlia, a garota por quem sempre fora apaixonado; a garota que infelizmente começou a namorar o cara mais galinha da escola e que, por causa disso, nunca mais prestou atenção nele, um simples menino de cabelos loiros que sempre ficava vermelho diante dela. Quando via Diogo ao lado de Júlia, sempre saía o mais rápido possível, pois não queria que ele desconfiasse de seus sentimentos. Fugia da mesma forma como fez no aniversário de Ruth, última vez que os viu juntos.

Ainda estarecido e com o coração chocando-se contra o peito, respirou fundo e levou a mão trêmula para a tranca que o separava de Júlia. Ela pulou para dentro assim que a passagem lhe foi liberada.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Mário trêmulo e com o rosto muito vermelho.

— Vim ver você — respondeu ela sorrindo e caminhando até ele para lhe tocar o rosto.

— Faz meses que não te vejo... Você sumiu, desapareceu. Nem a Ruth sabia onde você estava, fiquei preocupado — falou extremamente rápido e tropeçando nas palavras.

— Algumas coisas aconteceram comigo, mas isso não importa mais — encostou seu rosto ao dele e falou bem baixinho próximo ao seu ouvido: — Vim aqui para te dar uma coisa.

— Que coisa? — perguntou, engolindo em seco, com o pomo de Adão movimentando-se lentamente.

— O que você sempre quis.

Júlia encostou os lábios frios aos dele, fazendo-o estremecer ainda mais. Enquanto ela o beijava, Mário não sabia o que fazer. Tudo aquilo estava acontecendo muito rápido, não se preparara. Por alguns segundos não mexeu a boca, deixando que ela comandasse. Afastou-se tão depressa, sem ar e ainda muito mais vermelho.

— O que você acha que está fazendo? — seu peito subia e descia violentamente por causa da respiração descompassada.

— Você sempre gostou de mim, não foi? — ele pensou um pouco e confirmou com a cabeça. — Então, vim aqui para ficar com você.

— Mas, mas...

— Mas nada — interrompeu-o. — Se você não me quiser aqui basta dizer isso que vou embora agora mesmo, mas se quiser que eu fique, posso te proporcionar momentos inesquecíveis.

Seu coração só faltou parar por causa daquelas palavras. Fechou os olhos e se concentrou nas fortes batidas do seu órgão pulsante. Precisava se acalmar. Respirou fundo várias vezes antes de voltar a abrir os olhos e ver a garota que não se movera, continuava a fitá-lo. Ele resolveu tomar coragem e realizar seu desejo mais íntimo: ter aquela jovem ruiva em seus braços.

Andou até ela e a tocou delicadamente no rosto, sentindo a pele fria. Achou aquilo estranho, mas nada comentou. Passou as mãos nos cabelos dela e logo em seguida a abraçou fazendo com que Júlia encostasse a cabeça em seu peito. Por ser mais alto que ela, conseguiu apoiar o queixo no topo de sua cabeça permanecendo naquela posição por alguns segundos. Após a demonstração de carinho, beijou-a. Sempre sonhara com aquilo, idealizando cada momento. Não demorou muito para que ela colocasse a mão debaixo de sua camiseta para lhe acariciar o abdômen e para logo depois retirá-la.

Júlia sabia exatamente o porquê de sua visita. Tinha um propósito, apenas isso. Puxou-o para a cama de solteiro e sem mais delongas o despiu por completo. Enquanto ele a amava com o sentimento mais puro e verdadeiro que existia, ela só fazia aquilo por pura vingança e para provar do prazer proporcionado por um corpo humano.

Capítulo 26

Desde o começo da noite as três mulheres permaneciam inquietas, era como se algo em suas almas estivesse agitado, ansioso para sair.

Sílvia colocou Natália na cama às 21h. Depois disso, juntou-se à sua irmã e à sobrinha. Sentou-se no sofá ao lado delas. Percebeu que ambas, inclusive ela, balançavam o pé incessantemente e apertavam uma mão na outra, fazendo assim com que os dedos estralassem inúmeras vezes. Não conseguindo ficar sentada, levantou-se. Sentia que algo aconteceria, porém não sabia o quê. A sensação em seu íntimo a deixava louca.

Andou de um lado para o outro da imensa casa. Tinha vontade de fazer algo, só que não sabia o quê. Era incapaz de qualquer ação.

Assim que entrou na cozinha, encontrou Renato à mesa com os olhos fixados em uma caneca de café que tinha nas mãos. Sílvia foi até ele.

— Como você está? — perguntou ela.

— Entediado. Não aguento mais ficar preso nessa casa — encarou a esposa. — Precisamos voltar.

— Sei como você está se sentindo, mas não podemos fazer nada a respeito — tocou o peito. — Acho que alguma coisa vai acontecer.

— Alguma coisa o quê?

Sílvia caminhou pela cozinha, parando diante de uma janela. Nela viu o reflexo de seus olhos extremamente verdes. Fitou-os tão profundamente que teve a impressão de ver o rosto de seu filho. Nesse momento, ela gritou de susto. Renato correu até a mulher e a abraçou, perguntando o que acontecera. Sílvia respirou fundo e soltou-se dos braços do marido. Voltou a fixar seus olhos na janela. Pensou na imagem que tinha visto. Realmente parecia Diogo, mas ela, como mãe, sabia que não era. A figura daquele homem estava dentro dela. Percebia que a inquietude também o dominava.

— Vai acontecer alguma coisa hoje e acho que Diogo finalmente estará livre disso que nos persegue — fez uma pausa. Seus olhos não desgrudavam do reflexo. — Todos nós estaremos livres.

Renato não entendeu as palavras dela. Sílvia voltou a caminhar, dessa vez para fora da casa. Ao sair, a primeira coisa que viu foi o céu estrelado, no qual era possível notar-se uma grande quantidade de estrelas por não haver toda aquela iluminação da cidade. Seus olhos se arregalaram ao ver uma estrela cadente. Nesse mesmo momento, ela abaixou a cabeça e fechou os olhos. Pediu para que seu filho estivesse bem, por pior que fosse a situação em que se encontrava. Pediu também para que seu primeiro neto nascesse uma criança normal e que um dia pudesse vê-lo. Por último, desejou

que os três, Diogo, Júlia e a criança vivessem bem para sempre.

Sentou-se nos degraus da porta de entrada e ali ficou por muito tempo. Sempre que fechava os olhos, a imagem daquele homem muito parecido com seu filho lhe vinha à mente. Pelo relato que ouvira de Sofia, aquele sujeito deveria ser Henrique, seu bisavô, pois era impossível que fosse outra pessoa e sabia que todos da sua família estavam ligados a ele. Na verdade, não sabia se suas conclusões eram certas, mas no momento da dúvida sentiu uma pontada no peito revelando que tudo era a mais pura verdade.

A cada minuto que passava conseguia vê-lo mais nitidamente. Correu para dentro da casa quando o corpo começou a tremer. Assim que entrou na sala viu a irmã e sobrinha no sofá, abraçadas. Sílvia se aproximou e percebeu que ambas também tremiam. Aquilo estava acontecendo com elas também.

— Eu estou vendo um homem na minha cabeça... — disse Sofia com a voz trêmula.

— Deve ser o Henrique — falou Sílvia, acomodando-se ao lado dela.

Quando encostou a mão no braço de Sofia, um *flash* lhe veio à mente. Conseguia ver fragmentos de memórias que não eram suas lembranças e muito menos de sua sobrinha. Via Henrique. Eram suas memórias muito fragmentadas, impossibilitando que conseguisse entendê-las.

Sofia levantou-se sobressaltada e com a respiração alterada. Parou no meio da sala com as mãos na cabeça.

— Ele quer sair, ele quer sair — balançava a cabeça para frente e para trás.

— Temos que deixá-lo sair — falou Roseli, abraçando a filha.

Quando se tocaram, ambas entraram em estado de choque, paralisadas. Sílvia olhou a cena, assustada. Após alguns segundos, as duas se viraram na direção dela automaticamente, como se tivessem combinado, e lhe estenderam as mãos. Sílvia hesitou por um breve instante, mas algo dentro de si disse que aquilo era o certo a se fazer. Assim que segurou as mãos de Roseli e Sofia, Sílvia também ficou em estado de transe.

As antigas memórias de Henrique percorriam agora as mentes daquelas três mulheres como se fosse uma. Viram tudo o que acontecera pelos olhos dele.

Um pequeno menino de cabelos castanhos e bagunçados, com olhos da mesma cor, corria à sua frente pela grama. Sempre que olhava alegremente para trás, dizia com sua voz infantil que ele nunca conseguiria pegá-lo.

...

O mesmo menino de antes, agora sentava-se debaixo de uma árvore, chorando. Henrique se aproximou e o abraçou. Disse que sabia o motivo da tristeza do primo e que não era para ele

chorar, pois aquela era a sua família e ninguém mudaria isso. Puxou Augusto para cima e o abraçou novamente, chamando-o de irmão pela primeira vez.

...

Os dois meninos agora eram jovens rapazes e eles carpiam um pedaço de terra para depois plantarem. Mesmo cansados e suados, sorriam um para o outro.

...

Ao redor da mesa de madeira, via-se um homem de cabelos negros e barba pelo rosto. Notava-se vários fios brancos em sua cabeça. Ao lado dele, uma mulher sorridente de olhos verdes como esmeraldas, que sempre na hora do jantar perguntava quando os dois rapazes iriam arrumar moças de família para se casarem. Quando terminou a frase, olhou desconfiada para seu filho de olhos iguais ao seu, que desviou o olhar. Augusto foi o primeiro a responder que não queria se casar, pois para ele aquela família era mais importante que tudo nesse mundo e sendo assim, nunca os deixaria. Henrique riu do comentário do irmão e falou que ele não deveria ser tão apegado assim, pois um dia eles morreriam. Augusto mirou as mãos no próprio colo e apertou entre elas a calça, murmurando que não deixaria aquilo acontecer.

...

Havia algumas pessoas em volta, mas a atenção de Henrique mantinha-se em uma jovem que dançava alegremente com um rapaz robusto, de cabelos escuros e uma barba que começava a crescer. Os cabelos longos cor de areia da moça mexiam-se de um lado para o outro, conforme seus movimentos. Seu vestido claro ajudava a deixá-la ainda mais linda. Após muito tempo observando-a e percebendo que ela lhe direcionava o olhar, decidiu se aproximar. Apresentou-se e pediu uma dança com ela. Lurdes o encarou profundamente nos olhos e sorriu, dizendo que aceitava. Ela dispensou seu primo e estendeu seus braços para ele. Dançaram juntos por toda a noite.

...

Embrenhara-se na vegetação ao lado da casa dela. Quando se aproximou o suficiente, viu Nelson conversando com Lurdes. Ele pedia que a moça reconsiderasse sua proposta, mas ela balançava a cabeça em negativa. Falou que amava Henrique e era com ele que ficaria. Nelson se afastou cabisbaixo e deixou-a parada na entrada de sua residência. Quando Henrique saiu de entre as árvores e chegou mais perto, Lurdes pulou em seus braços e o beijou. Porém, durante o beijo, o pai dela apareceu e a puxou dele. O sujeito a repreendeu e a mandou para dentro da casa. Henrique foi questionado pelo senhor do que realmente queria com a filha dele. O homem de olhos verdes respondeu prontamente que queria se casar com ela.

...

A cerimônia simples reunia os familiares e os poucos amigos. O vestido de noiva de Lurdes a deixava mais bonita, como os anjos deveriam ser, na opinião do seu futuro marido. Vê-la passando pela porta da capela e ser conduzida pelo pai até o altar foi a imagem mais linda da sua vida.

...

Beijou o ventre extremamente crescido de sua esposa e depois a beijou. Despediu-se de Lurdes e disse que voltaria a noite com o doce de abóbora feito por sua mãe, que ela tanto gostava. Subiu na carroça na companhia de Augusto e acenou para ela parada à porta, com uma mão levantada e a outra sobre a barriga de grávida.

Tais lembranças de momentos felizes estavam fazendo falta para um vampiro que dominava o corpo de um garoto que se assemelhava em muito a ele. Sem tais memórias, Henrique não mais teria humanidade, seria apenas um ser da noite cuja vontade própria vinha em primeiro lugar e que seria capaz de cometer as maiores atrocidades desse mundo.

Os olhos do trio feminino abriram-se no mesmo instante. Se alguém estivesse presente naquele momento veria aqueles olhos extremamente verdes cintilarem a ponto de iluminarem qualquer ambiente escuro. Com a luz que se desgrudou das íris, uma pequena esfera verde formou-se no centro do círculo composto por elas. A esfera subiu lentamente até encostar-se ao teto e atravessá-lo. Assim que ela sumiu, as mulheres ali soltaram um grito intenso de dor e caíram desacordadas no chão. O grito foi tão alto e assustador que fez com que todos da casa corressem para averiguar a situação. E assim que adentraram o cômodo, viram as três caídas no meio da sala com os olhos verdes arregalados.

Capítulo 27

A mãozinha de Beatriz fechava-se sobre o dedo indicador de Diogo. Ele não cansava de olhar para sua filha e imaginar que aquele pequenino ser dependia dele. Imaginou como seria a vida a partir daquele dia. Infelizmente, Henrique voltaria e não sabia ao certo qual seria sua reação ao vê-lo, só que o ódio que sentia do seu parente era insuperável, não o perdoaria pelo que fizera. Mas não podia esquecer que agora tinha uma vida sob sua proteção. Beatriz era sua prioridade agora, teria que prezar por sua existência para poder ficar ao lado dela.

Augusto estacionou o veículo em uma rua paralela à Avenida Hermínio Ometto, próximo a um posto de saúde. Diogo desceu com o cesto nas mãos e se dirigiu, andando calmamente até a imagem de Nossa Senhora do outro lado da avenida. Augusto, que ficara no carro, pegou o caixão de Henrique e o retirou do porta-malas. Usando sua velocidade, percorreu o caminho rapidamente, parando atrás da proteção de pedra que abrigava a imagem. Tinham sorte de que aquela parte da avenida não possuía residências próximas. O terreno no qual ficava a imagem era desabitado e havia muitas árvores, com isso qualquer pessoa que se postasse atrás da proteção seria encoberta pelas sombras e não seria vista. Augusto fez com que suas presas crescessem e com elas cortou a palma da própria mão. Passou o sangue pela pedra que protegia a Santa.

— Pra que isso? — perguntou Diogo.

— Não se pode entrar sem que precise perder algo.

— E por que a entrada fica bem aqui na Santa?

— A entrada sempre foi aqui. A Santa foi colocada depois, justamente por causa disso. A energia boa que os humanos liberam quando veem a imagem faz com que a passagem mantenha-se fechada. Assim, os seres do submundo não passam para o lado de cá.

— E como você descobriu sobre eles?

— Muitas perguntas, garoto, muitas perguntas em um momento inoportuno — as pedras em formato retangular absorveram rapidamente o sangue do vampiro e em poucos segundos um buraco se abriu. Encarou Diogo. — Deixe o cesto aqui e segure-a nos braços.

Diogo obedeceu às ordens, colocando o moisés no chão de terra vermelha e pegando Beatriz nos braços.

— Você vai primeiro — avisou Augusto. — Coloque a mão no buraco. Vai sentir um puxão, porém será rápido.

O garoto se aproximou da proteção de pedra e enfiou a mão esquerda no espaço aberto. No mesmo instante a sentiu queimar e um forte puxão. Não soube quanto tempo passou, mas ao piscar os

olhos se encontrava em um ambiente escuro e úmido. Olhou para os lados, sem conseguir enxergar nada. Acendeu os olhos. Estava em uma caverna e à sua frente tinha um corredor cujo final não podia ver.

Augusto surgiu ao seu lado segundos depois e em seus braços viu o corpo de Henrique um pouco ressecado e uma pequena caixa na mão. Ele avisou que precisavam seguir em frente. Iniciaram a caminhada pelo trajeto escuro, fétido e úmido. Minutos depois, percebeu que o ambiente começava a ficar, aos poucos, mais claro. Logo em seguida, o estreito caminho alargou-se e eles entraram em uma sala circular, iluminada por tochas que se estendiam por toda a parede. No meio, havia uma grande pedra negra.

O vampiro andou até o centro e colocou o corpo de seu irmão sobre a pedra. Após acomodá-lo, virou-se e deu de cara com um ser de face escura e um capuz que lhe cobria mais da metade do rosto. Via-se unicamente a boca de poucos dentes afiados.

— Trouxe o que pedi? — indagou a criatura com uma voz rouca e sombria.

Augusto abriu a caixa que carregava nas mãos e de dentro retirou um objeto vermelho que ainda sangrava. Estendeu-o para a criatura.

— Coração de um recém-nascido, assim como você pediu.

Ela esticou as mãos ossudas, negras e com unhas compridas para pegar o pequeno órgão. Assim que o teve em mãos, colocou-o imediatamente na boca mastigando e o engolindo.

— Muito bem, Augusto — falou sorrindo. — Você nos serviu muito bem durante todos esses anos. Uma pena que está acabando... Você não quer reviver mais ninguém?

— Um vampiro já me deu muito trabalho, não vou mais fazer isso. Mas podemos conversar depois. Posso continuar servindo vocês se também me ajudarem sempre que precisar.

A criatura sorriu e se afastou. Diogo a fitou de cima a baixo. Viu que não possuía pés, movia-se cerca de uns quinze centímetros do chão sem tocá-lo. O mesmo tecido do capuz estendia-se por todo o corpo magro; um pano negro e rasgado, aparentando ser muito antigo. O ser encaminhou-se até a parede e lá parou, virando-se na direção de Augusto.

— Vamos começar — moveu a cabeça para Diogo. — Tire sua roupa e a da criança e deite sobre a pedra — voltou-se novamente para Augusto. — Retire a roupa de seu irmão também.

Augusto retirou de Henrique as peças do século passado. Diogo caminhou até a pedra, colocou Beatriz deitada e desabotoou o macacãozinho rosa. Tirou também a fralda plástica. Após deixá-la sem roupa, partiu para as suas, ficando nu. Subiu na pedra e deitou-se ao lado do corpo de Henrique. Moveu a cabeça para o lado e fitou seu parente de perto. Não gostava nem um pouco da semelhança física.

Outras quatro criaturas juntaram-se a eles, ficando cada uma encostada na parede, com a

mesma distância de uma para outra. Uma delas pediu para que Augusto saísse do círculo, permanecendo no corredor. Este, antes de se retirar, deixou o punhal sobre o corpo de Henrique. Os seres do submundo aproximaram-se ao mesmo tempo da pedra no centro; nesse exato momento, Beatriz iniciou o choro. Eles abriram os braços. Uma corrente de vento vinda de algum ponto desconhecido fez com que o fogo das tochas diminuísse, deixando o ambiente mais escuro. Um deles pegou o punhal e o levantou. Todos começaram a entoar um tipo de oração em uma língua nunca antes ouvida por Diogo. Não soube ao certo quanto tempo se passou, mas sua cabeça pesou e os olhos arderam. Quando o cântico chegou ao fim, a criatura que tinha o punhal nas mãos chegou ainda mais perto do garoto, cortou os pulsos dele e fez cortes também nas solas dos pés.

— O sangue de seu parente entrará em seu corpo, preparando-o para receber a alma — falou a criatura.

Voltou-se para Henrique e fez nele os mesmos ferimentos. Depois esticou a mão sobre Diogo e com um movimento guiou o sangue que escorria do rapaz para dentro do corpo do outro. Em seguida, com a mão livre pegou Beatriz, que ainda chorava, pelas pernas.

— O sangue de um ser ao mesmo tempo humano e vampiro é necessário para trazer essa alma de volta, pois este passou mais tempo como humano do que como vampiro — com a ponta afiada fez um pequeno corte no peito da criança. O sangue escorreu pela lâmina. — Apenas algumas gotas são o suficiente para trazer de volta um pouco de humanidade — virou o punhal com a ponta para baixo fazendo com que as poucas gotas se soltassem e tocassem o peito de Henrique.

Colocou o bebê de lado e pousou a lâmina sobre Diogo, encostando a ponta afiada em seu peito.

— A alma se reunirá nesse objeto sagrado para ser transportada ao seu corpo de origem.

Sem hesitar, perfurou o peito de Diogo que gritou. A criatura manteve o punhal no rapaz por alguns minutos. Diogo notou uma pequena esfera verde atravessar o teto e pousar calmamente no punhal, que a absorveu. A cabeça do garoto doeu fortemente e viu em sua mente as lembranças da vida noturna de Henrique.

Henrique corria pela noite junto de Augusto. Os dois recém-vampiros espreitaram-se perto da estrada e ali ficaram. Não demorou muito para avistarem uma carroça. Ambos pularam sobre os humanos e se alimentaram do sangue quente das vítimas.

...

Esperou que Augusto não estivesse por perto para ir até a cidade. Quando chegou à pequena casa que era sua, olhou para dentro vendo uma Lurdes de feição triste e acariciando os dois pequenos bebês. Henrique sentiu-se mal com a cena. Pensou em ir até ela e contar-lhe tudo o

que acontecera, mas antes de realmente ter cogitado essa hipótese, viu Nelson entrar no quarto e abraçá-la. Lurdes sorriu e agradeceu a ajuda do primo com as crianças. Henrique ficou furioso com o que presenciara, só que conseguia entender a necessidade de ajuda que sua esposa precisava. Decidiu que seria melhor para todos que ele continuasse nas sombras.

...

Parou diante do pequeno túmulo do seu filho e lamentou a morte do seu herdeiro. Lembrou-se das poucas vezes que o vira. Era um menino de 5 anos bem ativo que infelizmente não suportara a doença. Henrique saiu do cemitério e foi ver como Lurdes estava. Quando olhou pela janela do quarto, viu-a colocando Luiza no berço, ficando ali parada por um longo tempo. Não demorou para as lágrimas rolarem. Nelson adentrou o cômodo e afagou os cabelos da prima que virou-se para ele e o abraçou. Ela chorou desesperadamente com a cabeça no peito dele. Após ficar mais calma, encarou Nelson e agradeceu por todos aqueles anos que ele gastou para cuidar dela e das crianças. Ele falou que nunca a deixaria sozinha, pois sempre a amou e continuava amando. Ambos ficaram em silêncio se olhando. O beijo aconteceu logo em seguida. Uma raiva insuportável tomou conta de Henrique. Ficou ainda mais cego de ódio quando os viu indo para o quarto que era seu, deitarem-se na cama que era sua e ver outro homem amando a sua mulher.

...

A surpresa nos olhos de Nelson só deixou o momento mais saboroso para o vampiro. Arrastou o sujeito para longe da cidade e descontou toda sua raiva reprimida nele. Foram socos e chutes que o deixaram mais leve. Por fim, alimentou-se do sangue dele e o transformou em um igual. Quando Nelson acordou, só lhe foi informado de que não poderia mais ter contato com os humanos, pois agora ele era um amaldiçoado como ele, Henrique.

...

Despertou do seu transe vampírico por causa do corte em seu pescoço. Ainda conseguiu se esquivar e com o punhal em mãos, perfurou um dos humanos, mas antes que pudesse ter feito algo, um sujeito chegou por trás e lhe arrancou a cabeça com um facão.

As memórias passaram rapidamente e logo deixaram a mente do jovem, como se tivessem sido drenadas dele. Alguns segundos depois o ser do submundo retirou o punhal do garoto e o penetrou em Henrique, no mesmo local onde havia as gotas do sangue de Beatriz. Da mesma forma como ocorreu com Diogo, o punhal foi deixado em Henrique por alguns minutos. A visão de Diogo começou a ficar turva. Levou as mãos ao ferimento no peito e percebeu que ele e nem os outros se curaram, continuavam a sangrar.

Os outros seres do submundo aproximaram-se mais do corpo de Henrique e colocaram as

mãos no punhal. Uma luz negra emanou dos membros deles e passaram pelo objeto, chegando ao corpo, que começou a ter espasmos. Assim que retiraram a lâmina, Henrique arregalou os olhos, permanecendo com eles abertos, revelando olhos extremamente verdes. As criaturas se afastaram da pedra e a luminosidade do ambiente voltou ao normal.

— Você pode entrar agora — falou um deles para Augusto.

O vampiro andou na direção de Henrique, que acabara de piscar. Pegou-o pelos ombros, ajudando-o a endireitar o corpo.

— Você está bem? — perguntou Augusto.

— O que você acha? — disse com a voz rouca, quase inaudível. — Esse corpo está acabado, tudo está doendo.

— É normal, ficou muito tempo parado. Mas assim que você se alimentar as dores passarão — ajudou-o a se vestir e depois passou o braço dele pelo seu pescoço. — Vamos logo sair daqui, esse lugar nos enfraquece e não nos deixa usar nossos poderes. — olhou para Diogo. — Você consegue ficar em pé, garoto?

— Acho que sim.

Diogo forçou-se para cima com dificuldade. Seus ferimentos ainda sangravam. Sentia-se tonto. Ao tocar o chão com os pés, perdeu o equilíbrio e quase caiu. Escorou-se à pedra. Respirou fundo e apanhou suas roupas, vestindo-as. Pegou o macacão de Beatriz e também a vestiu. Notou que o corte dela ainda sangrava. Pressionou o ferimento com o dedo para estancar, contudo, de nada adiantou. Percebeu que o sangue dela tinha o cheiro diferente. Levou o dedo ao nariz e depois o colocou na boca. No mesmo instante um gosto horrível dominou seu paladar e a garganta fechou como se suas amídalas triplicassem de tamanho, não conseguia engolir a própria saliva. Colocou as duas mãos no pescoço em uma tentativa de tossir para se livrar do gosto e da pequena quantidade de sangue.

— O que você acha que está fazendo? Não podemos beber sangue de mestiço — repreendeu Augusto.

Demorou um pouco para conseguir responder.

— E você me diz isso só agora? Francamente...

Terminou de vestir sua filha e a pegou no colo, apanhando também o punhal.

— Você pode voltar sempre que precisar, Augusto — disse uma das criaturas.

— Voltarei se precisar.

Todos se dirigiram para o caminho escuro. Henrique andava com muita dificuldade, precisando que Augusto o amparasse. Demoraram mais para voltar do que para irem. Logo que atingiram o fim do corredor, Diogo passou o pulso na pedra. Um buraco semelhante ao de antes se

formou. Em poucos segundos o garoto surgiu do lado de fora, atrás da proteção de Nossa Senhora.

Olhou ao redor e viu o cestinho que deixara lá anteriormente. Colocou Beatriz dentro. Avistou também o que fora a caixa que guardava o corpo de Henrique, que agora era só um monte de metal retorcido e queimado. Os outros dois vampiros surgiram ao seu lado segundos depois e todos andaram em direção ao automóvel. Diogo não encarou seu parente em nenhum momento. Sentou-se no banco traseiro junto de sua filha. Augusto ajeitou Henrique no banco da frente.

— Preciso de sangue, Augusto — falou Henrique com a voz fraca.

— Tenho sangue em casa. Não vai demorar para chegarmos lá.

O caminho percorrido de volta ao covil não demorou muito a ser realizado. Assim que chegaram, Augusto conduziu seu irmão até a cozinha e o acomodou em uma cadeira. Despejou o sangue de uma das bolsas em um copo e o entregou a ele. O vampiro sorveu o líquido rapidamente, de uma só vez. Empurrou o copo para que seu irmão o enchesse novamente. Diogo também entrou no cômodo e pegou uma bolsa de sangue para si, pois seus ferimentos não se cicatrizaram por completo e também enfraquecera com o ritual. Colocou o cesto de Beatriz sobre a mesa para que pudesse se alimentar.

— Não vai falar comigo, garoto? — perguntou Henrique com a voz já recuperada.

— Não tenho nada para falar com você — rasgou a bolsa e bebeu o líquido.

Todos se viraram para a garota ruiva quando entrou. Ela paralisou ao ver Henrique. Como podia ser tão parecido com seu namorado? Era como ver Diogo mais velho, com um pouco mais de 30 anos. Não soube exatamente se era por ele ser a cara do seu namorado, mas sentiu-se atraída pela beleza mais madura dele.

— Olá, ruivinha. Lembra de mim? — levantou-se.

— Não fale com ela! — Diogo parou frente a ele e o empurrou com a mão. — Você acha que me esqueci do que você fez?

— Não precisa fazer isso, Diogo — Júlia segurou-o pelo braço. — Já passou.

— Vai fazer o que, garoto? Me matar?

Diogo fechou o punho e acertou um soco nele. Henrique deu um passo para trás e tocou o rosto atingido. Fitou o jovem de olhos idênticos aos seus. Fez suas presas crescerem e tornou o verde dos olhos em vermelho. Partiu para cima dele, pegando-o pelo pescoço. O garoto segurou o braço de seu parente e o apertou fazendo com que soltasse sua garganta. Henrique gritou de dor enquanto tinha o membro torcido, caindo de joelhos. Diogo aproveitou a posição dele e lhe chutou o rosto. O vampiro foi jogado com velocidade no chão, só parando quando encontrou a parede.

— Já chega — falou Augusto, andando até Diogo. — É melhor você subir.

Ele meneou positivamente a cabeça. Assim que Júlia pegou o moisés, eles deixaram a

cozinha. Augusto se aproximou de Henrique.

— Garoto maldito — resmungou ele, colocando as mãos no maxilar.

— Você também provocou, Henrique — ajudou-o a sentar-se. — Seu corpo ainda está fraco, talvez demore muito tempo para voltar ao normal. E não se esqueça que você viveu pouco tempo como vampiro, não conseguiu melhorar seus poderes.

— Vou acabar com ele.

— Não, você não vai fazer nada. Diogo recebeu do meu sangue. Ele deve ser mais forte do que você.

— Preciso de mais sangue — disse se levantando. — Preciso matar.

— Vamos sair, então. Preciso te explicar como esse mundo funciona.

Os dois acomodaram-se dentro de outro veículo. Agora, Henrique conseguia se mover sem dificuldade. No caminho, Augusto iniciava seu relato sobre o mundo moderno.

— Como assim? Não posso matar sempre que quiser?

— Os tempos mudaram. Hoje temos pessoas que conseguem descobrir do que as pessoas morrem. Se você sugar o sangue de alguém e abandonar o corpo eles vão saber. Os humanos podem nos matar muito mais facilmente do que antes, se assim quiserem.

— Vou ter que sempre tomar aquele sangue gelado?

— Na maioria das vezes, sim.

— Mas que droga!

— Você vai se acostumar e aprender rápido — fitou-o nos olhos. — Aprendeu até a falar como um adolescente, ficando pouco tempo em contato com o Diogo — riu.

— E como está sua situação com o Conselho? — perguntou, não dando atenção ao comentário do irmão.

— Ainda não sei, mas aposto que quando menos esperar vamos ter notícias deles.

— É só matar a criança e se desculpar com o Miguel que tudo se resolverá.

— Não vou matar a criança.

— Por quê? — questionou indignado.

— Eu gosto do garoto. Vou deixá-lo criar a menina.

— Mas que merda de sensibilidade é essa, Augusto? A criança é um mestiço, ela pode nos caçar quando crescer.

— Eu sei disso.

— E mesmo assim vai correr esse risco? Vai esperar que o Miguel se desloque até aqui e acabe com a sua raça?

— Vou resolver isso, não se preocupe. O que me espanta é te ver querendo matar um

herdeiro seu. Mesmo a criança sendo mestiça ela é sua parenta, assim como o garoto. Ele é a sua cara.

Henrique deu de ombros. Não discutiria mais esse assunto com seu irmão. Se ele queria se enfiar ainda mais em problemas com o Conselho, não iria se intrometer. Enquanto Augusto conduzia o carro, ele olhava a cidade pela janela. O que mais lhe chamava a atenção eram as luzes. Tudo era iluminado: ruas e casas, tudo muito diferente de 100 anos atrás. Será mesmo que aquela era a cidade de Leme? Percebeu que ficara muito mais difícil para um vampiro se esconder nas sombras hoje em dia.

A primeira coisa que viu quando o carro parou foi as pessoas à frente que caminhavam tranquilamente pela rua sem movimento. Sem que o líder precisasse avisar, Henrique deixou o veículo e andou até eles. Exatamente três humanos: duas mulheres e um homem. Suas presas cresceram e sem ao menos hesitar os atacou. Cravou os dentes na primeira mulher e sorveu o sangue quente. Os demais gritaram e correram, no entanto, Augusto os segurou, um em cada braço, e lhes tampou a boca. O vampiro largou a primeira vítima e dirigiu-se para a próxima. Realmente um banquete para um corpo que permanecera mais de um século guardado.

Com a ajuda de seu irmão, colocaram os defuntos no porta-malas. Henrique andou até a frente do carro, escorou-se nele e farejou o ar. Passou a mão pelo próprio pescoço notando a linha que prendia a cabeça ao resto do corpo. Sentiu os pequenos orifícios se fecharem assim que puxou a linha. Virou a cabeça de um lado para o outro ouvindo os ossos se estralarem.

— Agora você pode me contar sobre o Nelson — falou Augusto se escorando ao seu lado.

— Aquele maldito — fechou o punho. — Ainda não acredito que se manteve vivo.

— Sim, ele está bem vivo. Até ajudou a proteger Diogo e Júlia quando eu não pude — fez uma pausa. — Ele realmente quer acertar contas com você.

— O pior é que não sei se sou forte o bastante para enfrentá-lo. Ele viveu muito mais do que eu.

— Conte-me o que aconteceu.

— Ele era primo da Lurdes e assim que fui transformado, ele se enfiou na casa que era minha e dormiu com a minha mulher. Depois disso dei uma surra nele e o transformei. Se eu não podia ficar com ela mais ninguém ficaria também.

— Como você é inconsequente, Henrique.

— Sou só um homem que estava defendendo o que era meu de direito.

— Ela não era mais sua.

— Isso não importa mais, ela está morta agora — lembranças dela lhe vieram à mente. Entretanto, forçou-se a esquecê-las. — O que realmente importa é que preciso aumentar minha força

para acabar com a existência daquele maldito. Ele não deveria ter sobrevivido — fixou Augusto nos olhos. — Como você conseguiu essa sua habilidade?

— Eu ganhei.

— Ganhou? Como assim?

— Logo depois que você morreu, viajei para fora do país, fiquei alguns anos na Europa. Lá eu conheci um vampiro muito antigo que me presenteou com essa habilidade.

— E por que ele te daria isso?

— Ele estava cansado de ser imortal. Queria morrer. Só não tinha se matado antes porque queria passar sua habilidade para alguém, pois é muito rara. E depois que contei minha história ele decidiu me dar. Disse que seria muito bom que um vampiro de um país como o Brasil pudesse ficar mais poderoso do que os anciões que criaram o Conselho. Ele me pediu para que me tornasse o líder desse país e que depois destruísse o Conselho, pois ele o odiava. Lógico que eu aceitei a proposta. E ao invés dele me passar temporariamente a habilidade, transferiu-a completamente para mim.

— E por que ele mesmo não destruiu o Conselho?

— Ele tentou no começo, mas mesmo sendo muito poderoso não conseguiu. Depois disso ele acabou se conformando.

— E você, vai destruir o Conselho?

— Até cheguei a pensar nisso, mas mudei de ideia há pouco tempo. Não quero mais ser o chefe do Estado e líder nacional. Acho que Miguel faz um bom trabalho. E se o Conselho for destruído, haverá vampiros que sairão por aí matando humanos sem parar. Com isso, será apenas contar os dias para sermos destruídos pelos humanos — parou um pouco e fitou o céu. — E além do mais, eu gosto de viver aqui em Leme.

— Como você pensa pequeno, não tem ambição. Se fosse eu, daria uma rasteira no Miguel o mais rápido possível e tomaria seu posto.

— É, Henrique, mas ainda bem que não sou você.

— As coisas seriam mais legais se eu tivesse essa habilidade — riu.

Passaram mais algum tempo conversando, colocando um século de papo atrasado em dia. Retornaram para o covil um pouco antes do amanhecer. Quando chegaram, Henrique foi apresentado ao demais.

— Mas que cheiro é esse? — perguntou Diogo, logo depois que acomodou Beatriz no berço e se aproximou de Júlia para beijá-la.

— Do que você está falando?

— Esse cheiro, Júlia — encostou seu nariz na boca dela e depois no pescoço e em outras partes do corpo. Até mesmo as roupas tinham cheiro de humano, odor que exalava prazer.

— Não sei do que você está falando — tentou se afastar dele, no entanto, Diogo a pegou pelo braço, impossibilitando seu movimento.

— Não se faça de idiota — falou sério. — É o mesmo cheiro que ficava em mim depois que eu me encontrava com você quando ainda era humana. Só que eu era esperto o suficiente para disfarçar o cheiro — apertou ainda mais forte o braço dela. — Com quem você estava?

— Mas o que você pensa que está fazendo? — puxou seu braço com violência. — Está me repreendendo por algo que você sempre fez?

— Com quem você esteve? — alterou a voz.

— Fui atrás do Mário, lembra-se dele? Você realmente estava certo, ele sempre gostou de mim. Hoje fui presenteá-lo com momentos inesquecíveis.

Diogo bufou e lhe acertou o rosto com um tapa, fazendo com que Júlia caísse no chão. Pensou que ela fosse se irritar, mas ela começou a gargalhar. Ele ficou ainda mais furioso com a atitude dela. Agachou-se, pegou-a pelos ombros e a puxou para cima.

— Por que você transou com ele?

— Porque eu quis! — respondeu sem titubear.

O sorriso estampado no rosto de Júlia se dissolveu, dando lugar para olhos vermelhos e presas pontiagudas. Ela bateu com as mãos no braço de Diogo para que ele a soltasse e logo em seguida o empurrou com muita força, fazendo-o se chocar com a parede. Ela se encaminhou até o namorado e lhe acertou um soco que fez seu nariz entortar. Após o golpe, percebeu a fúria nos olhos dele e antes que ele pudesse ter feito algo, a garota o pegou pela garganta e o pressionou contra a parede.

— Você nunca mais vai encostar um dedo em mim para me bater — apertou com tanta raiva que foi possível ouvir os ossos trincarem. — Se fizer isso novamente, acabo com você. E em relação ao Mário, fiquei com ele só para te mostrar como é bom ser traído. Agora estamos quites — soltou o pescoço de Diogo e lhe acariciou os cabelos negros. — Apesar de tudo o que você me fez, ainda te amo muito — beijou-o.

O rapaz retribuiu o beijo apaixonado. Realmente se alterara com a notícia, porém ele não tinha moral nenhuma para repreender Júlia. Na verdade, tudo aquilo ocorreu por sua causa, ele que a tinha traído primeiro. Mas havia uma coisa que não conseguia entender, por que ela disse que agora estavam quites? Isso não se encaixava já que Marta continuava presente em sua vida, dividindo com Júlia o posto de mulher amada. Não se importou. Não queria mais pensar naquilo. Só de imaginar sua

namorada nos braços de outro, sendo acariciada por ele, ficava atormentado, querendo arrancar a cabeça de Mário. Pensou seriamente nessa possibilidade.

Depois de se acalmar, saiu do cômodo e se dirigiu para o quarto de Marta. Assim que chegou à entrada percebeu que ela não estava. Perguntou-se onde ela poderia estar, só que acabou deixando aquilo de lado.

Apenas se preocupou quando alguns dias se passaram e ela não mais retornou.

Capítulo 28

Andava com passos apressados pelo saguão de entrada do prédio do Conselho. Parou no balcão de recepção e perguntou se Miguel já respondera ao seu pedido. A moça à sua frente procurou em alguns papéis e assim que encontrou, estendeu um comunicado para Isabela. A jovem sorriu ao ler as poucas palavras e voltou correndo para o elevador. Desceu no quinto andar e encaminhou-se até a porta de seu quarto. Ao entrar viu Pablo deitado na cama fitando o teto. Pulou em cima dele.

— Ele permitiu! Ele permitiu! — repetiu ela, contente.

— Sério? — falou ele, sentando-se. Isabela lhe estendeu o papel. — Que bom, meu amor.

— Não vejo a hora de voltar para Leme. Nunca pensei que sentiria saudade daquela cidadezinha — sorriu.

— Não se esqueça que ninguém pode te ver.

— Eu sei, só quero ver como minha família está.

— E você sabe quando nós vamos?

— Acho que é amanhã, mas você poderia ir lá perguntar para ele.

— Depois eu vou — tocou o rosto dela. — Primeiro quero ficar aqui com você — beijou-a.

— Temos toda a eternidade, meu amor. Mas sabe o que queria fazer agora?

— O quê?

— Estou com fome.

— De novo? Você precisa se controlar mais, não pode ficar matando assim.

— Mas faz tempo que não bebo sangue quentinho — deixou a voz mais fina e beijou-lhe o pescoço. — Por favor, vamos sair.

— Tudo bem. Mas você precisa se controlar. Sabe muito bem que não pode ficar matando desse jeito.

— Eu sei, eu sei — levantou-se e o puxou pela mão. — Agora vamos.

Deixaram o quarto e se encaminharam para o estacionamento do edifício. Pegaram um carro qualquer e saíram para a rua um pouco movimentada. Ao entrarem na Avenida Ipiranga, a quantidade de veículos mais que dobrou. Por causa do trânsito demoraram a chegar ao destino desejado.

Pablo estacionou em uma das travessas com a Avenida São João. Isabela o beijou antes de sair. Caminhou na direção de um barzinho na esquina próxima. Havia muitas pessoas nas mesas e em pé, dançando. O rapaz olhou sua namorada se afastando pelo retrovisor. Voltou sua atenção para o rádio e o ligou. Passou por várias estações, parando quando ouvia uma música que o agradava, e assim que terminava, mudava novamente.

Não demorou muito para escutar a risada da mulher que amava. Viu-a saindo do estabelecimento, acompanhada de um homem mais velho. Pablo balançou a cabeça negativamente. Os humanos do sexo masculino eram muito idiotas. Não podiam ver uma mulher bonita que se deixavam levar pelos seus encantos, topando qualquer proposta que ela oferecesse.

Isabela parou ao lado do carro e abriu a porta de trás, pedindo para que ele entrasse. O sujeito, sorrindo maliciosamente, abaixou a cabeça para entrar, no entanto, logo que viu Pablo ao volante, estarreceu. O vampiro esticou o braço pegando-o pelo cabelo e o puxando para dentro. A garota entrou logo em seguida.

— Eu não tenho dinheiro — choramingou ele.

— Acaba logo com esse babaca — falou Pablo dando partida.

Foi a vez de Isabela pegá-lo pelo cabelo e trazê-lo para perto de si. Quando viu os olhos da garota se tornarem vermelhos e os caninos crescerem, ele se apavorou. Debateu-se desesperadamente na tentativa de salvar sua vida, mas a garota vampira não deu chances: segurou-o com força, impossibilitando seus movimentos e cravou os dentes na jugular pulsante, sentindo o gosto daquele sangue repleto de medo tomar conta de seu corpo faminto. Assim que terminou sua refeição, ela pulou para o banco dianteiro. Remexeu no porta-luvas e pegou alguns lenços de papel que usou para limpar a face manchada de sangue.

— Por que você sempre mata homens? — indagou ele, desviando a vista do trânsito e olhando-a rapidamente.

— Porque é mais fácil. Assim que eu apareço, eles me comem com os olhos — riu. — Aí fica fácil fazer o que quero. Por quê?

— Não gosto disso. Não gosto que outro homem a toque ou a deseje dessa forma.

— Olha só, que bonitinho — sorriu e o beijou no rosto. — Você tem ciúmes de mim.

— Claro que tenho. Você é minha mulher — fitou-a nos olhos — e eu te amo.

— Eu também te amo, mas não se preocupe, esse homens são só alimento, nada mais. Nunca trocaria meu vampirão por nada desse mundo.

— Vampirão, é? — gargalhou.

O casal não voltou para o prédio do Conselho. Encaminharam-se para a Rua Augusta. Escolheram um barzinho bem movimentado e com música alta. Antes de levarem o carro para o estacionamento do estabelecimento, eles colocaram o defunto no piso do veículo e o cobriram com um tecido que havia no banco traseiro, especialmente para casos como aquele. Passaram pela entrada, vendo muitas pessoas por metro quadrado.

Pablo ameaçou procurar uma mesa, mas ela não deixou que se sentasse, puxou-o para a pista de dança. Ele reclamou de início, só que aceitou o convite. Isabela queria dançar e também ver seu

amado movimentar o corpo. Ver novamente aquele rapaz que chamou sua atenção na casa noturna de Leme. O vampiro a seduziu somente com movimentos. E como esperado ele a conduziu pela pista de dança perfeitamente.

Os passos de ambos se destacaram entre os demais chamando a atenção dos mortais ao redor. Por mais que as luzes e o som incomodassem os sentidos daqueles seres sanguinários, eles eram capazes de desligar um pouco a sensibilidade e aproveitar a noite, que prosseguiu sem que se sentassem, continuaram na pista até um pouco antes do amanhecer. Só retornaram para o Conselho para não serem queimados pelo sol. E assim que entraram no saguão do edifício foram surpreendidos por Miguel. Pararam de rir no instante em que ele se aproximou.

— Vamos amanhã — avisou o chefe do Estado. O casal concordou prontamente. — Não se atrasem — disse antes de sair.

Os dois se entreolharam e esboçaram sorrisos. Isabela pegou seu amado pela mão e o levou para o quarto. Aproveitou o tempo que sobrava para ficar com ele, acariciando-o e o beijando, no entanto, não conseguiram permanecer acordados por muito mais tempo. Seus olhos começaram a pesar, um sono incontrolável tomou conta de seus corpos.

A jovem acomodou-se entre os braços de Pablo e esperou que o transe chegasse, mas antes de perder totalmente a consciência pensou sobre sua vida noturna. O poder que dominava era fascinante, sem contar a sensação maravilhosa que tinha quando o sangue humano descia pela sua garganta chegando sempre ao estômago, arrefecendo-o. Nos primeiros dias de transformação hesitou em tirar a vida de alguém, porém depois se acostumou, não queria mais parar, queria matar cada vez mais, ter sempre aquela sensação de satisfação. Ajeitou-se novamente sobre Pablo. Sua consciência se foi junto com a noite.

Miguel sentou-se na cama e viu uma bandeja no criado-mudo ao lado. Sobre ela um copo com sangue. O vampiro pegou o objeto e bebeu o líquido. Andou pelo cômodo e parou diante do guarda-roupa. Olhou para os vários ternos pretos, pensou em pegar um, mas mudou de ideia. Se vissem alguém com a aparência jovem como a dele andando de terno, ainda mais numa cidade pequena como aquela, achariam que era Testemunha de Jeová.

Desistiu da roupa formal e optou por uma calça jeans escura e uma camisa de manga longa também da mesma cor. Após olhar-se no espelho, deixou o quarto. Subiu até o último andar onde encontrou Cristiane, Donizete e Arthur. Informou a eles que estava saindo, resolveria o problema que eles não foram capazes de solucionar. Saiu sem esperar a resposta de seus subordinados.

Ao chegar à recepção, deparou-se com Pablo e Isabela o aguardando. Ele os cumprimentou com a cabeça e pediu para que o seguissem. Desceram até o estacionamento e andaram até um Mustang Shelby GT 500 prata que possuía duas listras pretas em cima. Miguel tomou a posição de motorista e conduziu a máquina para fora do edifício. Sabia que chamaria muita atenção com aquele veículo, mas não abriria mão do seu luxo e conforto. Demorariam cerca de duas horas para chegarem à Leme. Depois de muitos anos veria novamente sua cria malcriada.

Chegaram à cidade mais rápido que o esperado, pois Miguel não respeitava os limites de velocidade, alcançando às vezes 180 km/h em uma rodovia na qual o máximo permitido era 100 km/h. Logo que atingiu a rotatória que o levaria para a casa de Augusto, ele decidiu que antes deixaria sua marca no local para mostrar que realmente mandava naquela porra toda. Em vez de seguir para o Jardim do Bosque, conduziu-se para o centro. Estacionou o carro na Rua General Osório ao lado da escola Maria Joaquina de Arruda.

— Vocês vão ficar aqui — avisou para Pablo e Isabela, deixando o automóvel sem esperar por respostas.

Andou até a esquina da Avenida 29 de Agosto e olhou para o movimento de pessoas. Notou vários jovens subindo e descendo a rua e também um fluxo considerável de carros. Miguel respirou fundo, fechou os olhos e invocou sua habilidade. Assim que voltou a ver a avenida, todos ali presentes paralisaram, até mesmo os veículos.

O líder do Conselho encaminhou-se até a pessoa mais próxima: um rapaz que deveria ter por volta de uns 25 anos. Colocou as duas mãos na cabeça do jovem e a virou noventa graus. O corpo caiu no chão, morto. O vampiro gargalhou.

Percorreu cinco quarteirões repetindo a mesma ação com mais várias pessoas pelo caminho. Só cessou o massacre quando atingiu a Praça da Matriz. Refez o trajeto ao seu automóvel, sorrindo ao ver os vários corpos jogados, forrando as calçadas do centro da cidade. Agora era só esperar um pouco e depois partir para o acerto de contas com Augusto.

Capítulo 29

Diogo voltou a sair à procura de Marta. Não conseguia encontrá-la em nenhum lugar. Todas as noites, passava horas pelas ruas da cidade procurando por ela, só retornava ao covil quando a alvorada se aproximava e sempre sem nenhuma novidade.

Entrou na cozinha, após mais algumas horas de busca, vendo Augusto à mesa ao lado de Henrique.

— Teve alguma notícia da Marta? — perguntou aflito.

— Não, garoto, mas mandei que a procurassem e um dos meus subordinados encontrou isso — colocou a mão no bolso da calça e retirou um anel que possuía uma rosa branca gravada na pedra negra, símbolo cujo significado era desconhecido. Estendeu-o ao jovem. — Encontraram isso no cemitério.

O garoto levou o anel até as narinas. O cheiro de Marta. Inalou também o mesmo odor familiar de quando foi queimado pelo sol. Encarou Augusto.

— Ela... Morreu?

— Provavelmente. Deve ter sido queimada pelo sol.

— Mas como? Quem fez isso com ela?

— Não sei, garoto. Pode ter sido até escolha dela.

— Ela não faria isso... — apertou o anel na mão. — Aconteceu alguma coisa.

— Isso eu já não sei, mas não há mais nada que possamos fazer agora.

Diogo sentou-se à mesa e suspendeu a cabeça nas mãos. Lágrimas rubras lhe mancharam os olhos. Aquilo não podia estar acontecendo. Não conseguia entender. Justo agora que tudo estava dando certo, que tinha as duas mulheres que amava. Marta não sumiria de sua vida daquela forma, não o abandonaria sem nada dizer, não acabaria com a própria vida.

Só ergueu a cabeça quando alguém lhe tocou o ombro. Olhou para cima, vendo Júlia ao seu lado. Levantou-se e a abraçou. A dor em seu peito era tanta que não conseguia pronunciar nenhuma palavra. Era como se tivessem arrancado uma parte dele. A garota acariciou seus cabelos negros enquanto sentia o cheiro do sangue de seu amado saindo pelos olhos. Já presumira o motivo da tristeza.

Ele a soltou do abraço e a fitou nos olhos. Pegou a namorada pela mão e colocou no seu dedo anelar o anel que pertencera a Marta. Beijou a pedra negra e levantou os olhos para encarar a vampira. Moveu os lábios em um rápido sorriso forçado e deixou a cozinha. Júlia olhou de Augusto a Henrique e acomodou-se na cadeira, onde anteriormente estava Diogo. Pegou uma bolsa de sangue e

bebeu calmamente o líquido.

— *Foi você que fez isso, não foi?* — ouviu a voz de Augusto em sua mente. Olhou para ele.

— *Não sei do que você está falando* — respondeu mentalmente.

— *Sabe muito bem do que estou falando. Vítor viu você saindo com a Marta na noite em que ela sumiu.*

Júlia não respondeu, só abaixou os olhos e continuou a beber o sangue. Virou a vista rapidamente na direção de Henrique, que tinha a cabeça apoiada no encosto da cadeira e os olhos fechados.

— *Ele não está ouvindo, essa é uma conversa de duas pessoas* — disse a voz de Augusto.

— *Agora me conte o que você fez.*

— *Apenas defendi o que é meu de direito* — mirou-o nos olhos. — *Não queria dividir o Diogo com mais ninguém. Ele é meu, só meu!*

O vampiro sorriu e também pegou uma bolsa de sangue.

— *Gostei de você, menina, tem atitude. E pode ficar tranquila, pois não contarei nada para o Diogo.*

Foi a vez de Júlia sorrir. Ela terminou de sorver o líquido e também se retirou do cômodo. Os irmãos vampiros continuaram ali em silêncio. Henrique voltou a se alimentar de mais uma bolsa.

— *Estou parecendo um novato, minha fome não cessa* — comentou ele.

— *Logo isso vai passar.*

Ficaram em silêncio. Augusto pegou o celular e acessou ao e-mail. Não encontrou nenhuma mensagem do Conselho. Aquilo era estranho. Já havia se passado semanas desde que os membros do Conselho tinham deixado a cidade. Sabia que Miguel não estava no país na época, só que provavelmente já teria retornado. O que o angustiava era todo esse silêncio. Não recebera nenhuma ligação ou e-mail, nem que fosse uma ameaça sequer. Coçou a cabeça. Algo lhe dizia que alguma coisa não estava certa. Aconteceria algo, não demoraria para que... O celular tocou bem no momento em que guardava o objeto no bolso da calça. Fixou a vista no aparelho e reconheceu o número como sendo de um subordinado humano.

— *Aconteceu uma coisa horrível!* — gritou o homem logo que o vampiro atendeu. — *Mataram inúmeras pessoas no centro. A 29 está forrada de corpos por todo o lado, uma chacina.*

— *Calma* — pediu Augusto. — *Me explique melhor o que aconteceu.*

— *Ninguém sabe, Augusto. As pessoas que estavam nos carros disseram que num segundo estavam todos vivos e que no outro, vários corpos tomavam à calçada. A polícia não sabe o que fazer, não há sequer suspeitos, até parece coisa sobrenatural.*

As palavras do sujeito penetraram em sua mente. Aquilo só poderia indicar uma coisa: a

chegada à cidade de quem menos queria. O vampiro ameaçou responder algo para o seu empregado, mas antes que pudesse ter feito isso, algo familiar o impediu. Levantou-se sobressaltado ao sentir a presença de quem menos queria: Miguel. Deixou o cômodo, correndo até chegar à sala e dar de cara com àquelas três figuras. Miguel com um copo de bebida em mãos e sentado no sofá. Ao seu lado, Pablo e uma garota vampira que não sabia quem era. Assim que Henrique o alcançou, este também paralisou. O líder do Conselho franziu o cenho ao ver o homem de olhos verdes.

— Você não tinha morrido? — perguntou, apontando para Henrique.

— Morri, mas o Augusto me trouxe de volta.

— E como você fez isso, Augusto?

— É uma longa história, Miguel.

— Longa história... — repetiu pensativo. — Gostou do presente que deixei para você? Uma bela obra de arte para a sua cidadezinha — gargalhou e bebeu de um gole só a bebida do copo.

Augusto não conseguiu vê-lo se levantar, só percebeu sua presença quando foi pego pela garganta e encostado na parede. Miguel não era um homem alto, sendo assim Augusto maior que ele. Teve que abaixar os olhos para mirar os olhos azuis do líder do Conselho que aparentava ser muito jovem, quase um garoto, bem mais jovem do que o próprio Augusto que aparentava 30 anos.

— O que você acha que está fazendo me desafiando desse jeito? — perguntou irritado e com os olhos vermelhos.

— Não o desafiei — respondeu com dificuldade.

— Você matou membros do Conselho para defender um mestiço. Acha que isso não é me desafiar?

Augusto colocou as mãos sobre o braço de Miguel. Fez com que agulhas saíssem de seus membros e penetrassem a pele do vampiro. Ele se afastou por causa da dor causada.

— Não fiz isso para te desafiar, fiz isso apenas para trazer Henrique de volta.

— E por que mentiu para o Conselho sobre suas habilidades?

— Não queria o Conselho se metendo na minha vida e na minha cidade.

— Você não deveria ter feito o que fez.

Miguel colocou a mão sobre as agulhas em seu braço e em poucos segundos elas desapareceram. Voltou a encarar sua cria.

— Você sabe que posso por fim em tudo isso rapidamente, não sabe? Acabo com você e com toda essa corja num piscar de olhos. Podia muito bem já ter feito isso.

— Sei muito bem do que é capaz, porém não posso deixar que isso aconteça — fez uma pausa, achando melhor se explicar ao chefe do Estado. — Como disse, fiz isso para trazer Henrique de volta e para realizar o ritual precisava do sangue de um mestiço, por isso deixei que a criança

nascesse. E sobre minha habilidade... Queria manter segredo.

— Então agora você está arrependido?

— Não, não estou arrependido, só estou contando o que aconteceu.

— Augusto, Augusto, Augusto... — caminhou na direção dele. — Eu sabia que tinha algo por trás dessas atitudes, mas você tem que pagar pelo o que fez — fitou-o nos olhos. — Onde está a criança?

— Está com os pais dela.

Miguel sorriu e estalou os dedos. No mesmo instante tudo parou. Os presentes congelaram, menos Augusto. O líder do Conselho espantou-se com aquilo.

— Vejo que você ficou mais forte, Augusto — andou até ele. — Ou você está quase no meu nível ou já me ultrapassou para não ter sido pego por minha habilidade.

— Muita coisa mudou, Miguel.

— Percebi, mas sugiro que fique onde está.

Usou sua velocidade vampírica para subir as escadas e parar em frente a uma porta semiaberta. Empurrou-a. No quarto que se abriu, viu um jovem casal sentado na cama e um bebê no colo da garota ruiva. Ele se aproximou e observou a cena por alguns instantes. Eles pareciam felizes. Pensou no filho que nunca chegou a conhecer.

Pegou a criança no colo e a farejou. Realmente não possuía cheiro. Saiu do aposento e fez o caminho de volta para o andar inferior. Augusto observou a cena sem nada mencionar, pois sabia que Miguel gostava de jogar e por isso não mataria a criança antes de brincar. O líder do Conselho estalou novamente os dedos, fazendo com que os demais voltassem com os movimentos e a consciência do tempo.

— Se eu quisesse, já podia tê-la matado — disse Miguel mostrando Beatriz em seus braços.

Todos olharam na direção da escada quando ouviram um grito, e em poucos segundos Júlia estava na sala olhando fixamente para o vampiro que tinha sua filha nos braços. A garota acendeu os olhos e deixou a presas crescerem, curvou o corpo para frente.

— Devolva minha filha!

— Ela não é sua filha, é um ser que pode acabar com todos nós quando crescer — falou Miguel.

— É minha filha! — gritou a jovem partindo para cima dele.

Pablo tomou a dianteira e usou sua habilidade, fazendo com que ela se chocasse com o chão. Júlia berrou de raiva. Seus cabelos vermelhos se levantaram com a energia que emanou de seu corpo. Ela apoiou as mãos no chão e se levantou mesmo com a habilidade de Pablo pressionando-a para baixo. E mesmo com dificuldade deu alguns passos.

— Me devolve ela!

Pablo parou à frente dela e antes que pudesse ter feito algo, Júlia o atingiu com um soco, que o fez voar a metros de distância. Isabela correu para acudir o namorado. Sem mais pressão em seu corpo, Júlia pegou Miguel pela garganta. Ele começou a gargalhar.

— Você realmente acha que vai me matar?

Com um único movimento de mãos fez a ruiva voar para longe.

— Por favor, Miguel, não faça nada com o bebê — pediu Augusto.

— Me dê um bom motivo para não arrancar a cabeça dela agora mesmo.

— Se você poupar a vida da criança e deixar que eles a criem, eu me colocarei a disposição do Conselho Brasileiro. Farei qualquer missão para qual for escalado.

— E por que eu aceitaria isso?

— Porque essa habilidade que possuo não foi desenvolvida por mim. Eu a recebi de Laurent. Lembra-se dele?

— Aquele vampiro que queria destruir o Conselho?

— Ele mesmo. Ele me pediu para que destruísse o Conselho em troca de me dar sua habilidade. No entanto, isso nunca passou pela minha cabeça. Eu o respeito, Miguel, e gosto do trabalho que você faz com o Conselho Brasileiro. Não quero lutar contra você. Quero que você tome posse do Conselho Internacional e para isso me ponho ao seu dispor.

— E como você sabe que quero me tornar líder internacional?

— Lembro que você comentou quando me transformou. Agora estou aqui me colocando à sua disposição. Vou te ajudar se poupar a vida dessa criança.

— Não é uma má proposta. Mas do que você é capaz?

— Sou capaz de tudo. Possuo inúmeras habilidades, algumas uso plenamente, mas preciso me acostumar com a maioria, treiná-las. E posso absorver qualquer vampiro também, aumentando minha força.

— Então por que você não me absorve e tenta você mesmo tomar o Conselho Internacional?

— Porque não gosto dessas coisas. Ajudo você a atingir seu objetivo e depois volto para minha cidade.

Miguel fitou Augusto por alguns minutos antes de andar pela sala com Beatriz em seus braços. Realmente não seria uma má ideia. Sabia que precisava dos vampiros mais fortes para conseguir a liderança do Conselho Internacional, sabia também que ele sozinho não conseguiria. Mesmo tendo consigo alguns dos vampiros mais poderosos do Brasil, ainda não era capaz de lutar contra os de outros países. Eles tinham em média 900 anos e dos vampiros brasileiros ele era o mais antigo, com 474.

Voltou a olhar para Augusto. Ele possuía a habilidade de um vampiro de mais de 1.200 anos. Pensou em Arthur, Cristiane e Donizete. Eles eram muito poderosos. Se Augusto se juntasse a eles... Poderia também falar com os chefes dos outros Estados... Não. Não poderia contar com eles, mas talvez uma ameaça ajudasse na decisão de união de forças. Lembrou-se do vampiro que mantinha há décadas em cativeiro... Talvez conseguisse convencê-lo a ajudar. Pensou melhor, ele não era capaz de convencê-lo a nada, para isso precisaria da ajuda de Açucena.

Mirou a criança em seus braços. Valeria mesmo a pena deixá-la viva em troca do apoio de Augusto? Aquela criança se tornaria uma ameaça quando crescesse. Olhou o bebê mais atentamente antes de jogá-la nos braços de Augusto.

— Quero uma prova da sua habilidade — disse Miguel. — Quero ver todas elas.

Augusto assentiu. Entregou Beatriz para Diogo e se encaminhou para fora da sala. Todos o seguiram. Parou assim que chegou ao quintal. Esperou que os demais o alcançassem. Miguel parou de frente para ele, com a distância de uns dois metros. O vampiro respirou fundo e deu início ao show.

Estendeu os braços e abriu as mãos com as palmas viradas para cima. Demonstrou seu domínio sobre alguns elementos, fogo e ar. Raios também apareceram e assim que tocou o gramado com as mãos, blocos de terra se levantaram. Da palma de sua mão esquerda, na qual havia um buraco, retirou uma lança formada de sangue. Fincou-a no chão. Esticou os braços para cima e com este movimento todos ouviram um trovão e logo em seguida uma fina garoa os molhou, tornando-se, segundo depois, uma chuva intensa com ventos fortes.

Augusto bateu palmas uma única vez, que foi o bastante para o mal tempo mudar, voltando a aparecer o céu estrelado. Levantou as mangas da camisa e cruzou os braços diante do rosto, eles ficaram negros junto com o corpo. Em seguida, deixou-os transparente e esticou os membros agora flexíveis. Voltou ao normal. Caminhou até Pablo e parou à sua frente. Tocou a testa do jovem com o dedo indicador. Após pouquíssimos segundos, Augusto tomou a forma do garoto, ficando igual a ele. Retornou à sua antiga posição e voltou ao seu corpo. Encarou Isabela no fundo dos olhos. A garota os arregalou. Ela saiu do seu lugar e caminhou até o vampiro, assim que chegou lhe estendeu a mão. Augusto a pegou como um cavaleiro pedindo por uma última dança. Levantou a mão dela fazendo com que a jovem rodopiasse no mesmo local.

— Você está controlando ela? — perguntou Pablo, incrédulo.

— Estou — respondeu Augusto, sorrindo. Puxou a menina para mais perto de si e a embalou em uma dança com música inexistente. — Isso funciona plenamente com ela só porque ainda não é tão forte. Quanto mais poderoso o vampiro menos consigo controlar.

Parou com os movimentos. Fitou-a nos olhos. Isabela assustou-se e olhou para os lados, não

sabia o que acontecera. Augusto sorriu para ela e pediu para que voltasse para o lado de Pablo. Ela o olhou, desconfiada, porém obedeceu. Augusto colocou as mãos no bolso da calça e fixou a lança que fincara no chão. Ela se levantou e rodou no ar repetidas vezes, antes de ser cravada novamente no solo.

— *O que achou, Miguel?* — perguntou mentalmente para todos.

— Muito bom, Augusto, muito bom — respondeu em voz alta e bateu palmas. Andou até ele. — Acho que você me convenceu — tocou-lhe o ombro. — Mas lembre-se, esse é um caminho sem volta, vamos até o final.

— Eu sei, não se preocupe.

— Ótimo — sorriu. — Você não vai me oferecer uma bebida ou um copo de sangue? Me deslocuei de São Paulo até aqui só para te ver.

— Claro. Vamos entrar.

Todos os vampiros voltaram e se acomodaram nas poltronas e sofás da sala. Augusto, acompanhado de Henrique, foi até a cozinha. Pegaram copos e os encheram de sangue. Depois levaram para seus convidados. Miguel perguntou como conhecera Laurent, Augusto contou-lhe tudo o que precisava saber.

Enquanto os dois vampiros conversavam, Isabela olhava Diogo. Tinha a impressão de que já o vira antes, mas não conseguia se lembrar de onde. Fechou os olhos e vasculhou sua memória. A cada segundo que passava tinha mais certeza de que já o tinha visto. Após alguns minutos lembrou-se de um rapaz de cabelos arrepiados, óculos de sol e sobretudo. Recordou-se de seu beijo gelado. Abriu os olhos com a lembrança nítida em sua mente. Encarou Diogo com o dedo apontado para ele.

— Agora me lembrei da onde te conheço — ao dizer isso, Pablo e o jovem casal a olharam.

— Da onde você me conhece? — indagou ele, com o cenho franzido.

— Não sei se é uma boa ideia falar assim — sorriu. Percebeu que a garota ruiva e seu namorado a encaravam intrigados.

— Onde você conheceu ele? — perguntou Pablo.

— Em uma festa.

— Não me lembro de você — falou Diogo, dando de ombros.

— Imaginei mesmo — hesitou por alguns instantes. — Foi em uma festa de dia das bruxas que teve ano passado, você estava lá e... Me beijou.

Diogo arqueou as sobrancelhas, em sinal de surpresa. No mesmo instante fitou Júlia que, por incrível que pareça, não deu importância ao comentário, continuando a acariciar Beatriz ao seu colo. O único que se incomodou com o assunto foi Pablo. Ele olhava de Isabela para Diogo. De repente se levantou e puxou a namorada pelo braço para fora, levando-a para a rua. Assim que atingiu a calçada

parou.

— O que você está fazendo? — questionou ela.

— O que eu estou fazendo? O que você pensa que fez?

— O que eu fiz?

— Por que você teve que comentar aquilo lá dentro?

— Então é isso? — gargalhou. — Você está muito ciumento ultimamente. Foi só um comentário. Nada de importante.

— Não gosto disso.

— Para com isso, Pablo. Eu vivi por 20 anos antes de te conhecer, lembra? Ou você acha que eu era virgem quando te conheci? Se fosse, nunca teria te levado para o meu quarto naquela noite.

— Eu sei disso, mas não gosto que você comente sobre isso.

— Presta bem atenção no que vou te falar. Ciúmes tem limite. Ter ciúmes de algo que já aconteceu é idiotice — ele contraiu os lábios e virou o rosto. — Você vai ficar emburrado agora? — beijou-lhe a bochecha. — Para com isso, você sabe muito bem que te amo.

— Já ouviu dizer que homem que não teme é porque nada ama? Pois é, tenho medo de perder você.

— Você não vai me perder — beijou-o. — Quer prova maior de amor do que essa? — abriu os braços e rodou. — Virei uma vampira por você.

— Você tem razão, estou sendo um imbecil.

O casal voltou para dentro da casa e ao entrarem, ouviram Augusto convidando Miguel para passar a noite lá. O chefe do Estado concordou prontamente. Pablo avisou ao vampiro de que iriam dar uma volta e que não demorariam a retornar. Saíram caminhando pelas ruas desertas da cidade. A noite quente e sem nuvens permitia que o céu extremamente estrelado se mostrasse, junto a uma lua crescente. Não demoraram a chegar à antiga casa de Isabela.

Antes de adentrarem a residência, ela permaneceu alguns minutos parada em frente ao portão. Pularam o muro, caindo no gramado. A jovem colocou a mão na fechadura e a forçou. Trancada. Foram para o gramado e saltaram até a janela de seu antigo quarto. Logo que entrou, notou que tudo mantinha-se como deixara, menos a carta que tinha escrito, que não se encontrava mais lá. Ela passou pela porta, enquanto Pablo ficou olhando as fotografias no mural. Mesmo tendo visitado o quarto dela antes não reparara nas fotos. Prestou atenção em cada uma delas. Contavam um pouco do passado de sua amada. Ameaçou pegar uma e guardar para si, entretanto, ao levar a mão ao mural algo o fez parar. Olhou para a porta do aposento, assustado. Inalou cheiro de sangue. Sem ao menos pensar, correu em direção ao odor que o levou para um cômodo próximo. Ao entrar, viu Isabela com a própria irmã nos braços sugando-lhe o sangue.

— O que você está fazendo? — questionou incrédulo e espantado.

— Me alimentando — respondeu ela sorrindo e mostrando os dentes e lábios vermelhos.

— Eu não acredito nisso — passou a mão pelos cabelos. Aproximou-se dela e a pegou pelo braço. — Esqueceu que ela é sua irmã?

— Agora é só comida.

— Você disse que queria vir até aqui porque estava com saudade da sua família.

— E eu estava. Só que decidi que matarei todos eles para nunca mais sentir saudade.

— Você enlouqueceu — balançou a cabeça. — Sua sede por sangue está tão descontrolada que acaba dizendo asneiras.

— Não é asneira, Pablo. Só estou apagando sentimentos humanos — jogou o corpo da irmã no chão e o beijou. — Vamos lá, vamos aproveitar.

— Ainda não consigo acreditar.

— Cadê aquele vampiro que participou da chacina que matou um monte de inocentes?

— Era diferente, eu não conhecia eles.

— E você também não conhece minha família — sorriu. Puxou-lhe pelo braço. — Vamos até o quarto dos meus pais e acabar logo com isso.

Ele a seguiu. Entraram no corredor e pararam frente a uma porta. Isabela a abriu e entrou no quarto do casal. Andou até a cama e os viu dormindo. Sentou-se ao lado da mãe e lhe tocou os cabelos. Ela despertou e ao ver a filha sobressaltou-se.

— Isabela!

Pulou nos braços da jovem a abraçando. Nesse momento seu pai também acordou.

— Olá, mãe. Olá, pai — cumprimentou a garota.

A mãe a olhou e se assustou quando viu algo vermelho em seu rosto.

— O que é isso no seu rosto?

— Sangue — respondeu sem medir as palavras.

— Quem é você? — perguntou o pai encarando Pablo.

— É meu namorado — respondeu Isabela. Ficou em pé. — Vim aqui hoje para me despedir de verdade de vocês.

— O que aconteceu com você, querida? — indagou a mãe com uma voz nervosa. — Você está diferente. E onde você esteve todo esse tempo? Nos deixou muito preocupados.

— Isso não importa.

— Foi você que fez isso com ela? — perguntou o pai, irritado, olhando para Pablo. Levantou-se da cama e andou até o garoto, pegando-o pela camiseta. — O que você fez com ela?

— Não fiz nada que ela não quisesse.

Com aquelas palavras sentiu muita raiva emanar do pai de Isabela. O homem fechou o punho e acertou um soco no rapaz, que apenas virou o rosto sem expressar nenhuma emoção. Pablo pegou a mão dele que o segurava e apertou. O pai caiu de joelhos, gritando de dor.

— Faz logo o que você veio fazer — falou Pablo, fitando Isabela.

— Solta ele! — gritou a mãe. — O que vocês vieram fazer aqui?

— Como já disse, vim me despedir de verdade — abraçou-a. — Adeus, mãe.

Cravou suas presas na jugular. A mãe gritou desesperadamente e se debateu nos braços da filha. Isabela só soltou-a quando parou de se mexer, deixando-a sobre o leito. Andou até o pai.

— No que você se transformou? — perguntou, choramingando, com a voz trêmula e lágrimas nos olhos.

— Em uma vampira — pegou-o pela garganta e o arremessou sobre a cama. Puxou-o para cima pela camiseta e também o abraçou — Adeus, pai — só que em vez de lhe sugar o sangue, virou-lhe a cabeça quebrando o pescoço. O corpo caiu inerte ao lado do da esposa. Ela olhou para Pablo. — Vem — chamou lhe estendendo a mão. O vampiro sentou-se ao seu lado. — Deixei esse para você — sorriu.

Ele olhou dela para o homem morto. Deu de ombros. Agora a merda já fora feita mesmo. Puxou o defunto para perto de si e sugou o sangue ainda quente. Após terminar a refeição, Isabela enlaçou-se em seu pescoço, fazendo-o cair sobre ela.

— Vamos fazer amor? — indagou ela, beijando sua orelha.

— O quê? Aqui?

— É. Sempre tive vontade de transar na cama dos meus pais.

— Além de ser uma viciada em sangue e psicopata, agora você é ninfomaníaca?

Ela sorriu e meneou positivamente a cabeça. Ele também sorriu. Os seres malignos renderam-se ao desejo e se amaram entre os dois defuntos, numa cama manchada de sangue.

Após o ato, o casal de vampiros saiu do quarto e desceu as escadas. Encontraram na geladeira garrafas de refrigerantes: pegaram-nas e as esvaziaram. Andaram até a garagem. Isabela apanhou a mangueira do jardim e a usou para esvaziar o tanque dos dois automóveis da família, enchendo as garrafas. Voltaram ao andar de cima e despejaram a gasolina pelos corpos e por todos os cômodos.

Pablo foi até a cozinha e pegou uma caixa de fósforos. Aproveitou e espalhou combustível por todo o andar inferior. Retornou para perto de sua amada. Estendeu a ela a caixinha. Isabela riscou o primeiro fósforo e o jogou sobre o corpo da irmã, depois sobre os corpos dos pais. Deu uma última olhada no seu antigo quarto antes de pôr fogo em tudo.

Correram para baixo, fugindo do fogo que se alastrava. Jogou mais um fósforo em chamas na

cozinha e na sala antes de deixarem a casa. Pararam na calçada do outro lado da rua e observaram as chamas consumirem a residência mais e mais. Ao ver uma explosão, Isabela gargalhou. Assistiram ao espetáculo até quando deu, pois os vizinhos começaram a aparecer, obrigando assim os vampiros a se retirarem.

Enquanto caminhava para o covil de Augusto, a jovem olhou para trás ainda vendo o clarão causado pelo incêndio. Um alívio tomou conta de seu corpo. Agora estava livre de qualquer sentimento humano. Livre da saudade.

Capítulo 30

A única coisa que não gostava do covil era sua localização. Era uma mulher da cidade e viver no meio do mato não a agradava. Seus saltos afundavam na terra e suas botas ficavam vermelhas. Por mais que tentasse amar Nelson, às vezes se pegava pensando em Augusto. Sabia que era uma estúpida por pensar nele, pois ele nunca a amou de verdade ou retribuiu seu sentimento verdadeiro.

Samantha escorou-se em uma árvore e fixou o olhar no céu estrelado. Cogitou em procurar Augusto, mas sabia que se fizesse isso ele a mataria sem pensar duas vezes. Não sabia mais o que fazer, contudo, de uma coisa tinha certeza: não queria mais ficar naquele lugar.

O tempo que passou mirando o céu estrelado foi incerto. Deixou o local somente após decidir que precisava tomar uma providência e mudar o rumo de sua vida noturna. Caminhou entre as árvores por alguns minutos. À frente abriu-se uma enorme plantação de café. Andou por entre as plantas até chegar a uma casa. Assim que entrou, viu Nelson em uma cadeira na cozinha com os cotovelos na mesa e a cabeça apoiada pelas mãos. Samantha se aproximou e sentou-se ao seu lado.

— O que foi? — perguntou ela, tocando-lhe os cabelos escuros.

— O Henrique voltou.

— Como você sabe disso?

— Fui procurar pelo Augusto para ver o que estava acontecendo e vi o Henrique com ele.

— Não era isso que você queria? Se vingar?

— Era, mas não sei se quero mais.

— Por quê?

— Do que adianta eu matar o Henrique se nada vai mudar depois disso? Vou continuar sendo um vampiro vadio e isso não vai trazer Lurdes de volta.

— Você sempre tem que falar dela? Fazer tudo isso por ela?

— Você está com ciúmes de uma morta?

— Não é ciúme, Nelson, é indignação. Ela morreu. Acabou. Você conseguiu se vingar de Henrique uma vez, não foi? O que não entendo é por que passou todos esses anos atrás de Augusto querendo tomar a cidade. Isso não faz sentido. E agora você veio com esse papo de querer o mestiço.

— Queria apenas um motivo para continuar vivendo. Realmente não me importo com essa cidade e nem com o Conselho — fez uma pausa. — Percebi que nada mais importa, não quero mais viver para sempre.

— O que você está falando?

— Cansei, Samantha. Simplesmente cansei. Na verdade nunca gostei de ser vampiro. Não tenho motivo para viver eternamente.

— Eu não sou um bom motivo?

Ele encarou seus olhos negros e lhe acariciou o rosto. Sorriu.

— Não, você não é um bom motivo.

Ela não conseguia acreditar no que ouvia. Não amava Nelson, mas pelo menos pensava que fosse importante para ele. Samantha se levantou, ainda o encarando indignada. Ameaçou deixar novamente a residência, no entanto, foi surpreendida por ele lhe puxando pelo braço.

— O que você quer? Não está satisfeito com o que acabou de me dizer?

— Por que todo esse drama? Sei que você não me ama.

Ela engoliu em seco. Como ele sabia disso?

— Como você pode ter tanta certeza?

— Posso ver isso no seu rosto. Você ainda ama o Augusto, sempre amou.

Ela puxou seu braço com força, o suficiente para ele lhe soltar. Continuou a encarar Nelson até dizer:

— Você tem razão, ainda amo o Augusto, mas você mais do que ninguém sabe que se eu voltar àquela casa ele vai me matar sem hesitar.

— Não custa tentar — deu-lhe as costas.

— Você me quer morta, Nelson? Depois de tudo que fiz por você?

— Não quero você morta, só quero que seja feliz. Se Augusto algum dia sentiu algo por você ele vai te perdoar.

— O que você vai fazer se eu for embora?

— Vou matar o Henrique.

— Mas você disse que não queria mais se vingar.

— Não quero, mas vou. Vou acabar com ele e depois acabo com a minha existência. Nenhum de nós dois continuará nesse mundo.

Samantha nada disse. Já tinha ouvido falar de vampiros que simplesmente não desejam mais a imortalidade, entretanto, aquilo geralmente acontecia com vampiros muito antigos. Nelson tinha apenas um pouco mais de 100 anos, uma vida relativamente curta para um ser da noite.

A vampira continuou a olhá-lo enquanto ele se afastava. Não sabia o que fazer ou dizer. Voltou para fora da casa e iniciou uma caminhada que a levaria para a cidade. Durante o percurso, pensou nas coisas que Nelson lhe dissera. Ela também não tinha motivo para viver eternamente. Seus anos como vampira se resumiram a Augusto, todos eles. Agora que não o tinha mais, não sabia como proceder dali para frente. Nem a Nelson possuía. Uma lágrima de sangue escorreu pelo seu rosto.

Tentaria retornar para os braços daquele que amava, mas se este não a quisesse, pelo menos sabia que ele não a deixaria viver. Não viveria mais com aquele amor platônico.

A caminhada até a cidade foi longa. Poderia ter usado sua velocidade para atingir seu destino mais rápido, porém a vampira não quis. Preferiu andar calmamente para colocar seus pensamentos em ordem. Também preparava-se para a morte se chegasse a hora. Assim que se aproximasse da casa de Augusto, ele a farejaria e viria até ela. Infelizmente não possuía a habilidade para esconder sua presença.

Como sempre, a cidade não era movimentada durante a madrugada. Andou pelas ruas tranquilamente. Demorou mais alguns minutos para chegar até a casa. Olhou para os lados e respirou fundo. Chegara a hora. Junto com o odor da noite sentiu o cheiro de Augusto e de mais vampiros. Estranhou por haver alguns que não conhecia e também por poucos ali lhe serem familiares. Passou pelo portão da luxuosa residência e andou pela garagem até a porta da sala. Ao adentrar o cômodo, viu um jovem vampiro desconhecido. Ele a encarou e sorriu logo em seguida.

— Olá, Samantha — cumprimentou.

— Quem é você? — indagou ela.

— Não me conhece? — riu. — Que falha a sua. Sou o Miguel.

Na mesma hora a vampira deixou transparecer em seu rosto a surpresa ao vê-lo e também o medo. O que estava fazendo ali? Provavelmente veio dar uma lição em Augusto. Olhou para os lados e inalou o cheiro de seu amado. Não falou mais nada, apenas correu em direção à cozinha, onde encontrou Augusto junto de Diogo. Não, não era o Diogo, era velho demais para ser o garoto. Olhou novamente, só podia ser Henrique. Encarou ambos e sentiu-se aliviada por ver que o líder da cidade estava bem.

— O que você está fazendo aqui? — Augusto se levantou com uma feição nada alegre.

Não sabia o que dizer, não sabia se contava a verdade para ele. Só ficou parada esperando que o vampiro viesse até ela. Ele quase encostou o rosto ao seu, ainda esperando pela resposta. Samantha fechou os olhos e desfrutou das sensações e lembranças que a presença dele causava. Mais uma lágrima de sangue escorreu pelo seu rosto.

Augusto, não entendendo tal reação, pegou-a pela garganta e a suspendeu no ar. Seus olhos acenderam.

— Mas que merda você acha que está fazendo aqui? Veio aqui para eu te matar?

Mais uma vez ela ficou calada. Continuava com os olhos fechados e cada vez mais lágrimas molhavam seu rosto. Augusto a arremessou longe, fazendo com que se chocasse com a parede.

— Quem é ela, Augusto? — perguntou Henrique.

— Uma vadia que me traiu. Ela estava com o Nelson.

— Isso parece ser bom — disse Henrique, que caminhou até a vampira. Agachou-se à sua frente. — Você sabe me dizer onde encontro o Nelson?

— Não precisa procurar por ele, pois ele virá atrás de você.

— Sério?

— Posso garantir que sim.

— Não acredite no que ela diz — avisou Augusto. — Essa aí não presta — puxou-a para cima pelo braço. — Você ainda não me disse o que veio fazer aqui.

Ela fitou os olhos castanhos de Augusto por algum tempo antes de dizer:

— Eu te amo.

— Olha só, Augusto, ela gosta de você. Vai deixar passar essa?

— Cale a boca, Henrique!

Deixou a cozinha, puxando Samantha pelo braço. Assim que entrou em seu quarto, jogou-a sobre a cama. Andou de um lado ao outro e antes de parar, fixou nela o olhar e disse, friamente:

— O que você pretende vindo aqui?

— Não pretendo nada, Augusto. Vim dizer a você o que sinto.

— Você acha que sou idiota? Acha mesmo que vou acreditar nisso depois do que aconteceu?

Se não me der uma boa explicação para essa atitude te mato agora mesmo.

— Não há explicação. Só percebi que sempre te amei e não consigo mais ficar longe de você — levantou-se e andou até ele. — Não sei se todos esses anos que passamos juntos significaram alguma coisa para você, mas para mim foram muito importantes. Por isso vim até aqui. Se você estiver disposto a me perdoar ficarei feliz em voltar a ser sua mulher, caso contrário pode acabar comigo agora mesmo. Não vou resistir.

Foi a vez de Augusto ficar calado. O tempo que permaneceram se encarando foi incerto. O vampiro passou a mão pelos cabelos antes de continuar sua caminhada pelo quarto.

— Estou indo embora — disse ele ainda andando. — Fábio vai ficar responsável pela cidade.

— Pra onde você vai? Tem alguma coisa a ver com a vinda de Miguel?

— Claro que tem. Graças a você estou me colocando à disposição dele. Vou ajudar o Miguel a tomar o Conselho Internacional.

— Isso é suicídio, Augusto! Você sabe muito bem qual é a força desses vampiros.

— Claro que sei, mas você também não conhece minha verdadeira força.

Samantha correu até ele e pulou em seus braços, abraçando-o.

— Não quero que você vá.

— Não tem outra escolha. Se você tivesse me obedecido e ficado de bico calado, nada disso

estaria acontecendo.

— Me desculpa, mas se você tivesse me contado desde o começo quais eram suas intenções com o garoto e a criança... Você nunca me revelou nada.

— Isso não importa mais — soltou-se de seu abraço. — Consegui concluir aquilo que queria, isso já me basta.

— Mas como eu fico? Quero ficar com você.

— Deveria ter pensado nisso antes.

— Você realmente está falando sério? Quer dizer que tudo o que vivemos juntos não significou nada para você? Passei 30 anos ao seu lado e você nunca me amou? Nem mesmo um pouco? — ele não respondeu. — Sempre achei que essa sua indiferença era natural, que era seu jeito, só que pensei que minha presença te agradava, que você me amava — fez uma pausa para esperar que ele falasse, mas nada aconteceu. — Agora vejo que fui uma idiota todos esses anos.

Encarou mais uma vez Augusto, que mantinha o rosto firme e sereno, sem expressar qualquer emoção. Samantha secou as poucas lágrimas que escorreram pelo seu rosto. Respirou fundo para se recompor emocionalmente e ameaçou deixar o cômodo. No entanto, ao passar por Augusto, ele a pegou pelo braço. Virou-se para fitá-lo, vendo-o de olhos fechados. Espantou-se quando ele encostou sua testa na dela.

— Lógico que te amei. Como eu poderia não te amar?

— Mas por que sempre me tratou assim? Com essa indiferença?

— Não queria me sentir fraco. Esse sentimento enfraquece qualquer um. Por isso pensei que se fizesse o que fiz não me deixaria envolver. Porém isso não aconteceu. Ainda te amo muito e não acreditei quando te vi com o Nelson.

— Forma estranha a sua de amar.

— É, eu sei. Por isso fiquei tantos anos sozinho. Mesmo quando era humano não me deixava envolver e acabei não me casando.

Com os rostos ainda colados, Samantha teve a bochecha acariciada por Augusto. Um carinho nunca antes recebido. Ele colocou as mãos em seu cabelo e retirou o elástico que o prendia em um volumoso rabo de cavalo, afagando-o.

— Prefiro eles soltos — disse ele antes de beijá-la.

Por mais que desejasse aquilo, não acreditou no que acontecia. Augusto a beijava delicadamente, transmitindo todo o amor que sentia. Mais uma lágrima de sangue escorreu pelo seu rosto. Só depois de tantos anos teve certeza do sentimento dele. Ele sempre a amou.

— Me desculpa por ter sido frio com você todos esses anos.

— Não quero mais falar sobre isso — foi sua vez de lhe tocar o rosto. — Vamos começar de

novo.

— Mas dessa vez não sei se dará certo — afastou-se dela. — Pedi alguns meses para o Miguel para que eu possa organizar minhas coisas aqui na cidade, mas depois disso vou para São Paulo e depois partiremos para a Inglaterra.

— Então eu vou com você.

— É claro que não vai. Você vai morrer em segundos se for junto.

— Mas do que adianta eu ficar aqui? Vai demorar anos para vocês conseguirem tomar o Conselho. Isso se não morrerem tentando...

— Eu sei, por isso não quero que se meta nesse assunto.

— Não adianta falar mais nada, eu vou e ponto final.

Ele fixava seus olhos negros e via neles que ela realmente não mudaria de ideia. Caminhou até ela e a abraçou.

— Você é muito teimosa — beijou-lhe a testa. — Tudo bem então, você pode ir junto.

Ficou feliz com a resposta dele. Voltaram-se a se beijar como nunca fizeram antes. Samantha conduziu seu amado para a cama e deitou-se ao lado dele. Trocaram carícias e se amaram. Agora ficariam um ao lado do outro por toda a eternidade, isso se não morressem durante a empreitada para colocar Miguel no posto de líder do Conselho Internacional dos vampiros.

Miguel pegou o celular e tentou ligar mais uma vez para ela. O aparelho nem chamou, caindo direto na caixa postal. Desde que chegara, não conseguia de jeito nenhum se comunicar com sua amada. Suspirou. Se ela realmente estivesse no meio da floresta — como de costume — nunca se falariam. Resolveu deixar uma mensagem de texto, pelo menos ela veria quando o telefone móvel tivesse área.

Recostou-se no sofá e deu um longo gole no copo com uísque. Pensou em sua volta para São Paulo, mas antes precisava esclarecer algumas coisas com Augusto. Foi só mencionar o nome dele mentalmente que o líder da cidade de Leme entrou na sala.

— Estava mesmo pensando em você — falou Miguel. — Quero te perguntar uma coisa.

— Pode falar — sentou-se em uma poltrona próxima e acendeu um cigarro.

— Você me disse que consegui trazer Henrique de volta com a ajuda de umas criaturas, só que não me explicou sobre isso exatamente. Quero saber o que aconteceu e o que são elas.

— Não sei se você conhece, mas talvez já tenha ouvido falar delas já que é bem antigo — deu uma longa tragada e soltou a fumaça calmamente. — As criaturas me disseram que quando elas

fôram presas onde estão, começaram a chamá-las de criaturas do submundo — Miguel estremeceu e Augusto, percebendo a atitude dele, perguntou: — Você as conhece?

— Não exatamente — fez uma pausa para beber. — Só sei que elas não deveriam mais agir sobre o lado de cá. Elas foram presas no submundo porque ficaram poderosas demais e isso atrapalhava o equilíbrio.

— Que equilíbrio?

— Humanos, vampiros, criaturas e bruxas.

— Bruxas? Não sabia que elas existiam.

— Elas estão quase extintas — coçou a cabeça. — Então, você tem um bom relacionamento com tais seres?

— Não posso afirmar que seja um relacionamento e ainda por cima bom, porém nos entendemos. Sempre que procuro por elas tenho que levar alguma coisa, pois toda informação ou ajuda tem um preço.

— Você acha que elas nos ajudariam a tomar o Conselho Internacional se pedíssemos?

— Não sei dizer, mas posso averiguar.

— Não precisa fazer isso agora. Vamos dar tempo ao tempo e antes de você ir para São Paulo, pode visitá-las.

— Será que tais seres serão de grande ajuda?

— Talvez — pensou um pouco. — Mas não vamos contar com elas. Caso as criaturas queiram nos ajudar, será ótimo. Caso contrário, iremos sem elas mesmo. Devemos continuar como está e quem sabe não ganhamos força extra.

Augusto assentiu. Se as criaturas podiam trazer de volta à vida um vampiro, poderiam fazer qualquer coisa. Se elas ajudassem, suas chances de conseguirem tomar o Conselho Internacional eram maiores. No entanto, o que o preocupava era de que tudo tinha um preço. O que será que as criaturas do submundo pediriam em troca do apoio?

Capítulo 31

Semanas se passaram e com elas Miguel resolveu deixar a cidade de Leme, junto de Pablo e Isabela, e retornar à capital paulista.

Logo que adentraram o prédio do Conselho, Miguel dirigiu-se para a recepção, pois precisava organizar uma reunião com seus vampiros mais poderosos. Enquanto aguardava, um cheiro familiar lhe invadiu as narinas. Deu as costas para a atendente e fitou uma linda mulher atravessando o saguão do edifício. Todos ali tinham seus olhares presos por tal presença. A pele menos avermelhada que o normal pela falta de luz solar, se destacava dos demais; o cabelo comprido e liso balançava de um lado para o outro conforme andava; os olhos puxados e negros davam para aquela índia um ar mais misterioso.

— Faz tempo que não vejo você, Miguel — disse ela com uma voz suave e sedutora que foi proferida junto de um lindo sorriso, revelando dentes muito brancos.

— Não fiquei tanto tempo fora, Açucena — falou Miguel. Assim que ela se aproximou, ele a puxou pela cintura e a beijou.

Mesmo Miguel não sendo muito alto, Açucena era menor que ele, mas com a ajuda de sua bota de salto alto, ela conseguia lhe alcançar os lábios sem dificuldade. O gesto carinhoso de ambos deixou Isabela sem graça, que desviou o olhar, pois o beijo transbordava um sentimento verdadeiro misturado com a saudade que sentiam um do outro.

— Quando soube que você tinha voltado para o Brasil eu também decidi retornar apenas para te ver — seus olhos negros miraram cada parte do rosto de seu amado.

— Desculpe pela rápida mensagem que mandei, tentei te ligar inúmeras vezes, mas sempre caía na caixa postal. E além do mais, não tive tanto tempo livre, as coisas não estavam nada boas por aqui.

— O celular não funciona lá mesmo. Eu fiquei sabendo de tudo o que aconteceu.

— Falando sobre isso, preciso de sua ajuda.

Açucena esperou que ele falasse para o que precisava de sua ajuda. Entretanto, nada foi pronunciado. Ele pediu para que ela esperasse por alguns minutos. Assim que se voltou para a moça da recepção, esta lhe informou de que todos os membros do Conselho já haviam sido avisados da reunião que fora marcada para o dia seguinte. Miguel agradeceu, direcionou sua atenção para a índia e pediu para que ela o acompanhasse até seus aposentos.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Açucena, sentando-se na cama e pegando um copo com sangue sobre a bandeja em cima do criado-mudo.

— Quero que você converse com o Caramuru.

Ao ouvir esse nome o sangue que sorvia quase foi cuspidado para fora da boca.

— O quê?! Conversar com ele? Você está louco?

— Não estou louco, só quero que ele me ajude.

— Ajudar no quê?

Miguel explicou a situação. Contou que depois de tantos séculos decidira tomar o Conselho Internacional e que agora possuíam grandes chances de vitória, pois além de sua própria força e a de seus três subordinados, agora poderiam contar com a ajuda de Augusto, que possuía a habilidade de Laurent.

— Até aí eu entendi — falou ela. — Mas onde entra o Caramuru nessa sua história?

— Quero que você o convença a me ajudar nessa missão.

— E por que você acha que ele vai te ajudar?

— Primeiro porque quem vai pedir isso a ele é você — viu Açucena torcer os lábios. — E segundo que ele sempre odiou os europeus, vai adorar matá-los.

— Acho muito difícil que ele aceite — levantou-se da cama e andou de um lado para o outro. — É bem possível que ele me mate assim que eu chegar perto. Aposto que está irritado por eu não ir vê-lo há mais de 30 anos.

— Ele não vai te matar. Ele te ama, você é a irmã que ele lutou tanto para proteger.

— Lutou tanto para nada, não é? Acabei me tornando o que ele menos queria: a esposa de um branco.

— Eu sei, eu sei — andou até ela e a abraçou. — Vamos pelo menos tentar.

Ela o fitou fundo nos olhos. Depois de tantos séculos juntos, o amor entre eles continuava intacto. Como se ainda fossem dois jovens apaixonados fugindo de toda aquela loucura, correndo desesperados pela mata em busca de paz.

Açucena acabou aceitando conversar com seu irmão. Miguel sorriu ao ouvir a confirmação dela. Sem mais demora, os dois deixaram o quarto e se encaminharam para o elevador. Desceram em um andar abaixo do estacionamento. Andaram pelo corredor até alcançarem uma enorme porta de metal. Ao lado havia um pequeno aparelho com números, no qual o líder do Conselho digitou uma senha. Ao terminar, a porta se abriu automaticamente. O casal adentrou a sala que, ao fundo, possuía uma grande cela de prata e dentro dela um homem sentado em um dos cantos, abraçado com as próprias pernas.

Miguel parou no meio do caminho e deixou que Açucena percorresse o resto sozinha. A vampira andou até a jaula e chamou por seu irmão. Caramuru ergueu a cabeça lentamente e fixou os olhos em sua irmã por alguns minutos sem nada dizer. A índia não percebeu quando ele se levantou

usando sua velocidade, pegando-a pelo pescoço e apertando.

— O que você veio fazer aqui? — a pergunta pronunciada em tupi saiu em um tom que demonstrava toda a irritação dele.

Miguel correu até ambos e segurou o braço de Caramuru, fazendo-o soltar Açucena. Ela caiu de joelhos no chão, cuspidando sangue. O índio olhou a cena e voltou para o lugar em que estava, sentou-se no canto e abraçou as pernas.

— Preciso falar com você, Caramuru — disse ela.

— Não tenho nada para falar com você enquanto esse aí estiver aqui — continuou falando em sua língua materna sem ao menos erguer os olhos para a irmã.

Açucena encarou Miguel, pedindo para que os deixassem sozinhos. Ele ainda hesitou por breves instantes, mas por fim decidiu deixá-los. Assim que ele se foi, Caramuru voltou a se levantar e andou calmamente na direção da irmã.

— Quero pedir um favor para você — começou ela falando em português, pois sabia que ele entendia.

— Faz anos que não te vejo, Açucena — pronunciou-se em português como se não tivesse ouvido as palavras dela. — Por onde você andou? Por que não veio me ver?

— Sinto muito, irmão.

— Você prefere ficar com aquele branco em vez de ficar com alguém do seu próprio sangue...

— Para com isso! — interrompeu-o. — Depois de mais de 400 anos você ainda está bitolado com esse assunto?

— Você esqueceu o que eles fizeram com a gente? Com a nossa aldeia e nossos semelhantes?

— Não, Caramuru, não me esqueci. Mas o Miguel não tem nada a ver com tudo o que aconteceu.

— Ele era um deles, Açucena. Estava lá quando nos atacaram, quando nos dizimaram.

Por mais que amasse Miguel, as cenas daquele massacre retornavam ainda mais vivas em sua memória. Via seu amado empunhando uma arma de fogo que era usada para tirar a vida de seus semelhantes. Era como se tivesse acontecido no dia anterior. Em sua mente, as lembranças de sua vida humana insistiam em voltar. Lembrou-se de quando ainda era muito pequenina para saber o que acontecia. Sempre que deixava a aldeia e caminhava em direção ao mar, via muitos daqueles homens brancos percorrem a região. Não sabia por que, mas aquilo incomodava a tribo.

Ainda criança, por volta dos 9 anos de idade, durante uma caminhada pela floresta à procura de flores que pudesse usar para enfeitar os cabelos, encontrou um garoto branco mais ou menos da sua idade. O rosto dele e os olhos azuis ficaram vermelhos por causa das lágrimas que lhe molhavam a face. Açucena não sabia falar a língua dele na época, por isso a comunicação com o menino foi

difícil. E só depois de alguns gestos conseguiu perceber que ele estava perdido. Ela enlaçou a mão na dele e o levou para perto de onde sabia que haveria outros brancos. Após vários minutos de caminhada, avistaram algumas pessoas. Vendo que chegara o momento da despedida, a menina colocou a mão em seu próprio peito e pronunciou seu nome, depois tocou o peito do garoto esperando que ele entendesse. Ele ainda a olhou sem captar sua intenção. Açucena repetiu o nome e o movimento. Quando o significado foi compreendido, o menino tocou o próprio peito e pronunciou o nome Miguel. A pequena índia ficou feliz por se ter feito entender e por saber o nome dele. Despediram-se com sorrisos nos lábios.

Depois disso, sempre que conseguia fugir dos olhares de sua mãe, Açucena corria até próximo às terras dos brancos para se encontrar com Miguel. A língua portuguesa foi ensinada aos poucos para a índia, que ficou sabendo por Miguel que ele pertencia a uma das famílias nobres que habitavam na época o que era chamado de Capitania de São Vicente. Mesmo não entendendo aqueles termos não deu importância, continuando sempre a visitar seu amigo e também a lhe ensinar um pouco sobre sua língua e costumes.

Alguns anos se passaram e com eles as duas crianças também envelheceram. Ambos sabiam que a amizade transformava-se em algo diferente, porém não tinham certeza do que pudesse ser.

Um dia, quando Açucena foi procurar por Miguel, não o encontrou no lugar combinado. Devido a isso, aventurou-se mais a fundo na terra dos brancos para encontrá-lo. Andou bastante até vê-lo onde já não tinha tantas árvores como a floresta e assim que se aproximou, avistou-o discutindo com um homem. Ela se escondeu na vegetação para conseguir ouvir. O homem gritava com o garoto e dizia que ele não deveria ficar se encontrando com gente daquele povo selvagem, pois nem humanos eram e sim apenas bichos. Que o único dever dele, como filho de português, era de escravizar aquela gente e se isso não acontecesse, deveria matá-los um por um sem piedade.

Ao ouvir aquelas palavras a índia saiu correndo, ato que a revelou. Miguel ainda gritou por ela, mas Açucena não olhou para trás e continuou a se afastar. Assim que chegou à aldeia, ficou em um canto sozinha e pensou em tudo o que ouvira. Não sabia quase nada sobre os brancos, só que seu pai, líder da tribo, os odiava. Ouvira uma vez ele dizer que eles eram um povo ruim, que mesmo os índios tendo os recebido de braços abertos, eles os tratavam de forma distinta querendo os manter presos para que fossem servos. Na época a menina não acreditou naquilo. Contudo, agora não tinha mais dúvidas.

Semanas se seguiram sem que ela procurasse pelo garoto de olhos azuis. Não queria mais vê-lo. Em um dia qualquer, enquanto caminhava pela mata aos arredores da aldeia, avistou ao longe algo na vegetação. Ela se aproximou com cuidado e assim que percebeu que era um corpo, correu para ajudar. Ao chegar bem perto notou que aquele ali no chão era Miguel. Açucena o levantou e

encostou-o em uma árvore. Quando a viu, o garoto sorriu e a abraçou num abraço fraco. Disse que desde o dia anterior a procurava incessantemente. A índia o encarou e o percebeu enfraquecido, provavelmente não se alimentara. A garota o deixou sozinho por alguns minutos, enquanto corria de volta para a aldeia e pegava algo para que ele pudesse se alimentar. Miguel, já recuperado da falta de comida no organismo, pediu desculpas pelo modo como seu pai falara, que a briga só acontecera porque discordava dele. Açucena não queria ouvir aquilo e ameaçou deixá-lo, mas ele a impediu. Disse que não era igual aos outros brancos, que o que mais queria era ficar junto dela para sempre. Depois dessas palavras, o beijo inocente entre ambos foi inevitável.

Após o beijo, ela retornou para a aldeia com o acontecido em sua mente. Não sabia mais o que fazer e o que pensar. Era de seu conhecimento de que assim que se tornasse mulher deveria se casar com seu tio materno, pois a ele foi designada desde criança. Aquilo era normal para a tribo e a união entre ambos seria efetivada. Nunca nenhum membro da aldeia recusara um acordo de casamento. Aquilo não acontecia. Contudo, agora ela não queria mais ficar com o tio, queria ficar com Miguel, exclusivamente com ele. O que a deixava aliviada era que o dia ainda não chegara, podendo assim continuar a se encontrar com aquele a quem realmente amava. Os encontros entre ambos sempre eram realizados na floresta, o mais longe possível da aldeia e dos brancos. Em um dia de distração, Açucena não percebeu olhos atentos sobre ela e acabou sendo seguida pelo seu irmão, Caramuru. Ao vê-la com o garoto branco, o índio a pegou com violência e a levou de volta. Quando seu pai descobriu o relacionamento que mantinha com Miguel, ficou furioso. Não que os indígenas não pudessem se envolver com os brancos, mas seu pai, em específico, não queria que ninguém da aldeia, principalmente sua filha, mantivesse essa relação com aquele povo. Açucena não discutiu, só abaixou os olhos e concordou em nunca mais voltar a procurar por Miguel.

Poucos dias se passaram e com eles veio a primeira menstruação da jovem índia, marcando que agora ela deixava de ser criança para se tornar mulher. Quando isso acontecia, a índia ficava em reclusão por alguns dias para que pudesse aprender as tarefas de uma mulher, apenas recebendo o acompanhamento de sua mãe. E assim foi com Açucena. Quando ela deixou sua reclusão correu para um lago próximo onde o tio materno, seu futuro marido, deu-lhe um banho. Após a limpeza ela teve todo seu corpo pintado de preto e vermelho, embelezando-a. Com a pintura feita, a mãe a levou para realizar algumas das tarefas das mulheres, como cozinhar e plantar. E aproveitando que sua mãe tirou os olhos dela, Açucena deixou o local o mais rápido que pôde e correu pela floresta com destino certo. Logo que atingiu os arredores da Capitania de São Vicente procurou por Miguel. Não foi difícil de avistá-lo, pois este estava onde sempre se encontravam. Quando ela se aproximou, ele a olhou espantado, analisando detalhadamente a pintura em seu corpo. Açucena contou que queria se mostrar para ele como mulher. Miguel sorriu e a presenteou com um beijo. O que aconteceu em

seguida foi uma experiência nova para ambos que intensificou ainda mais o amor que um sentia pelo outro.

Mesmo sabendo que seus encontros com Miguel eram proibidos e que a cada dia que passava a população indígena dos arredores era cada vez mais dizimada, Açucena e Miguel continuavam a se amar. As várias tribos daquela região conflitavam com os portugueses, pois estes tentavam escravizar os nativos. Não aguentando mais tudo aquilo, somado ao medo que a percorria de que a qualquer momento teria de se casar com o tio, eles decidiram fugir para algum lugar distante.

Durante a noite, mesmo com o medo que tinha da escuridão da mata, Açucena saiu às escondidas da aldeia e correu até as terras pertencentes aos brancos. Assim que chegou à praia, encontrou Miguel sentado na areia, esperando-a. Como ele não conhecia muito bem a floresta, a índia o pegou pela mão e o conduziu cada vez mais fundo pela vegetação. Ela fez um caminho longo que os levavam para longe dos brancos e de sua tribo. Após muitas horas correndo desesperados pela floresta para conseguirem criar uma boa distância, eles decidiram parar próximo a uma nascente para descansarem. Com o dia começando a nascer, deitaram-se embaixo de uma árvore à beira da água e adormeceram.

Acordaram sobressaltados com alguns índios em volta deles. Dentre eles via-se Caramuru, que assim que avistou sua irmã a pegou pelo braço e a afastou de Miguel. O jovem garoto branco ainda tentou resgatar sua amada, mas foi impedido pelos demais.

Caramuru a arrastou de volta para a aldeia e lá a prendeu, impossibilitando que voltasse a se encontrar com o rapaz. Ela chorou, esperneou e de nada adiantou. Ninguém de sua família a queria envolvida com aquele povo. Nos dias seguintes, seu pai organizou o casamento, no qual ela teria que se unir ao tio. Por mais que ela não quisesse se unir a ele, não tinha como desobedecer ao patriarca. Só que para a felicidade dela e infelicidade de seus familiares, Açucena descobriu sua gravidez. Com isso o acordo de casamento foi desfeito, pois a vergonha que seu pai sentia impediu de casá-la. Para ele, ela não merecia mais aquilo: daquele dia em diante ela viveria sozinha, sem ter uma família para cuidar. Meses se passaram sem que Açucena pudesse deixar as dependências da maloca, e com esses meses seu ventre cresceu; carregava o filho de um homem daquele povo que a cada dia que passava matava mais da sua gente. Depois do período de gestação completo, lá estava a garota dando à luz. No momento em que sua criança veio ao mundo não lhe foi permitido nem ao menos pegá-la no colo. Sabia que aquilo aconteceria, mas nunca imaginou que a dor de ver seu filho sendo levado de si fosse tão intensa. Soube que era um menino, apenas isso. Seu pai levou a criança e a matou por causa do ódio aos brancos.

Alguns anos se passaram e com eles os confrontos entre os portugueses e os indígenas ficavam mais intensos. Os nativos eram cada vez mais dizimados, pois se recusavam a serem

escravizados, e as terras que antes pertenciam às aldeias agora eram de posse dos brancos.

Açucena continuou com sua tribo, que cada vez mais diminuía, tendo seu próprio pai morrido em um confronto direto com o outro povo. Seu irmão, Caramuru, mantinha-se sempre à frente dos guerreiros que enfrentavam os brancos, e graças a ele conseguiam afastar a ameaça da aldeia. Porém, como a cada dia que se seguia o número de guerreiros indígenas era menor, precisaram assim se unir a outras tribos para enfrentar os portugueses.

Em uma manhã, Açucena despertou com o som de arma de fogo e gritos. Deixou a oca desesperada e viu as mulheres e crianças correndo, corpos no chão e o sangue que escorria em abundância dos ferimentos à bala. Avistou ao longe Caramuru gritando para que ela fugisse, pois estavam sendo atacados. Sem pensar duas vezes, correu na direção dele e ao se aproximar o viu sendo atingido por um tiro que o fez cair. Nesse exato momento, ela ficou paralisada. Não sabia o que fazer. O homem que atingira seu irmão caminhou até ela com um sorriso debaixo do rosto coberto pela barba, mas antes que ele pudesse ter feito algo, Caramuru levantou-se com uma lança nas mãos e atravessou o meio do peito do sujeito. Depois que o corpo caiu no chão, ele andou até Açucena e a puxou para que se afastassem de lá. Percebeu o ombro de seu irmão muito ferido e que o sangue escorria por todo o braço, e mesmo com o ferimento, fez com que ambos corressem para a floresta.

Não demorou muito para avistarem à frente um pequeno grupo de homens brancos atirando em pessoas que pertenciam à sua aldeia. Por mais que os indígenas contra-atacassem, não tinham chance de vencer as armas apontadas para eles. As balas atravessavam as peles vermelhas e faziam o sangue jorrar. E ainda não satisfeitos com um único tiro, os portugueses continuavam a disparar até que o corpo não tivesse mais vida e não pudesse ser reconhecido.

Entre os brancos viu um homem de olhos tão azuis quanto o céu. Mesmo com o rosto sujo e coberto pela barba, dando assim uma aparência mais velha, Açucena reconheceu Miguel. Os traços de garoto haviam desaparecido dando lugar a contornos mais fortes. Sem ao menos pensar, saiu de seu esconderijo e correu na direção de seu amado. Caramuru ainda tentou impedi-la, só que o machucado em seu ombro não lhe permitiu fazer muita coisa. Assim que a índia se aproximou consideravelmente para ser notada, todos a fitaram e ao mesmo tempo apontaram as armas. Os olhos azuis de Miguel a encararam por alguns instantes. Conseguiu perceber que ele ficara sem reação com a sua presença. Ouviu algum dos homens gritar para que atirassem. Nesse momento ela fechou os olhos, esperando seu corpo ser atingido e, antes que pudesse ter acontecido algo, ouviu o grito de negação de Miguel. Voltou a abrir os olhos, vendo seu amado batendo a mão nas espingardas dos companheiros para que abaixassem, impedindo-os assim de atirar. Depois disso ele caminhou até ela e a abraçou. Infelizmente o gesto carinhoso durou pouco, pois Caramuru saiu correndo de seu esconderijo para cima dos brancos com uma lança em mãos. Percebendo o que aconteceria, Miguel

soltou-se de Açucena e atirou em seus companheiros para que estes não matassem o índio. Eles ainda revidaram, mas não atingiram ninguém. O único branco que não foi baleado correu para mais fundo na mata, impossibilitando que o acertassem.

Miguel voltou-se para a índia e a beijou. Disse rapidamente que a amava e que um dia voltaria para buscá-la. No entanto, precisava fugir, pois não ficaria impune por ter matado alguns dos seus. Deu mais um beijo de despedida nela e também correu, embrenhando-se na floresta.

Açucena e Caramuru abandonaram sua antiga aldeia e se encontraram com mais alguns índios fugidos. Junto deles foram para longe daquelas terras dominadas por brancos. A cada dia que se passou depois daquele, os poucos nativos que sobraram da antiga aldeia adentravam cada vez mais terras desconhecidas, procurando algum lugar seguro para que continuassem a viver.

O que aconteceu em seguida só foi de conhecimento da índia depois que a história lhe foi contada pelo próprio Miguel.

Capítulo 32

Depois da fuga, Miguel correu desesperado por todo o litoral da Capitania de São Vicente. Tinha certeza de que se fosse encontrado sua morte seria certa. Precisava achar um jeito de permanecer vivo e de voltar para buscar Açucena, mesmo não tendo ideia do que faria. Não soube ao certo quanto tempo passou fugindo, talvez semanas, ou meses. Enfrentou muitas dificuldades durante o caminho. Passou fome, frio, tomou chuva, sol e teve que percorrer a nado muitos metros que separavam a Capitania de São Vicente do continente. Não sabia se encontraria mais pessoas durante seu percurso sem destino certo e achou melhor sempre seguir pelo litoral, pois a chance de encontrar gente por ali era maior. Só cessou a fuga quando encontrou uma recém-estabelecida colônia francesa na baía de Guanabara. De início pensou que eles o ajudariam, mas enganou-se: foi capturado e preso. Tentou dizer aos franceses que era fugitivo e que não estava ali para confrontos, porém a dificuldade de comunicação por causa da língua complicou as coisas. Até tentou conversar em tupi, mas de nada adiantou. Foi amarrado a uma árvore e lá deixado por várias horas.

Durante a noite, enquanto muitos dormiam, um homem foi até Miguel, que também permanecia adormecido. Arregalou os olhos azuis assim que sentiu seu rosto sendo tocado por alguém. Viu à sua frente um sujeito de cabelos castanhos e compridos amarrados com uma fita branca; na face havia uma barba que começava a crescer; seus olhos castanho-esverdeados o miravam.

O homem se apresentou com um português mal pronunciado, como Jean Pierre; disse que era francês e que se encontrava ali para cumprir uma missão. Fez várias perguntas a Miguel, dentre elas sobre sua origem e há quanto tempo vivia na colônia de Portugal. Miguel respondeu que era filho de português e que chegara ainda criança naquelas terras. Foi questionado por Jean Pierre se ele pretendia morar ali para sempre. Com tal pergunta, a primeira coisa que lhe veio à mente foi a imagem de Açucena. Respondeu positivamente que ficaria ali para sempre.

Após o interrogatório, Jean pediu para que ele lhe contasse por que se encontrava naquele lugar, tão longe de terras portuguesas. Seu relato não durou muito, só o bastante para explicar o motivo de sua fuga e o amor por uma índia. Após terminar de ouvir a história, o francês voltou a lhe questionar, fazendo dessa vez somente uma pergunta: se ele gostaria de ter poder suficiente para enfrentar tudo aquilo que ocorria e, ao mesmo tempo, ter ao seu lado a mulher que amava sem que ninguém pudesse impedi-lo. Miguel disse que faria de tudo para ter Açucena com ele. Jean Pierre sorriu, deixando à mostra seus longos caninos afiados. Os olhos antes castanho-esverdeados tornaram-se vermelhos. Sem que pudesse impedir, Miguel teve seu pescoço perfurado pelo sujeito. Não demorou muito para que perdesse a consciência.

Despertou na noite seguinte. Encontrava-se debaixo de uma grande árvore na floresta, já não mais amarrado e sim deitado. Ao tocar o rosto percebeu que a comprida barba que o dominava não mais existia. Logo que se sentou e olhou ao seu redor viu Jean ao longe, na areia da praia, observando o mar. Assim que chegou perto o francês lhe revelou o que fizera. Transformara-o em um vampiro. Miguel não sabia o que era aquilo, precisando assim de uma boa explicação. Ouviu de Jean que vampiros tinham muita força, que agora ele poderia conquistar tudo aquilo que sempre quis, mas infelizmente havia duas coisas que precisava fazer. A primeira era tomar sangue humano para se manter vivo e a segunda era que não poderia mais andar durante o dia. O homem recém-transformado em vampiro ficou um pouco atordoado com a notícia, porém logo se sentiu feliz, pois agora poderia ter Açucena ao seu lado.

Antes que seu transformador pudesse lhe contar mais alguma coisa, Miguel lhe questionou sobre a barba. Recebeu a resposta de que o francês o barbeara e também ficou sabendo que a partir daquele dia não envelheceria mais, manteria a aparência jovem para sempre. E em relação à barba, poderia controlar o crescimento dela, do cabelo e das unhas conforme sua vontade.

Jean Pierre ainda lhe contou sobre a existência do Conselho dos vampiros, uma organização. Disse que fora enviado para aquelas terras para fundar uma filial do Conselho. Revelou também que essa obrigação deveria ter sido feita pelos vampiros portugueses. No entanto, naquele momento eles guerreavam com vampiros espanhóis, como sempre, por isso a tarefa acabou sendo transferida para a França.

Miguel não queria tomar conhecimento sobre aquele assunto, só queria saber quando poderia procurar por sua amada. Jean não permitiu que ele fosse atrás da índia, pois primeiro precisava aprender a se controlar. Apesar de contrariado, Miguel resolveu obedecer ao francês. Demorou um pouco mais de um mês para aprender tudo o que precisava sobre sua nova espécie. Com o aprendizado finalizado, Jean Pierre o deixou e antes de partir o colocou como responsável pelo Conselho daquela região, que a partir daquele dia todos os vampiros existentes naquela terra estariam sob sua responsabilidade.

O primeiro vampiro brasileiro, transformado no ano de 1556, voltou à Capitania de São Vicente à procura de Açucena. Sabia que ela não estaria na antiga aldeia, pois a maioria das pessoas que ali viviam haviam sido mortas. Procurou-a por dias, incansavelmente. Sua busca cessou quando encontrou um pequeno grupo de índios vivendo improvisadamente no meio da floresta, muito longe do antigo lar. Assim que viu sua amada sentiu-se aliviado por ela estar viva, mas algo nela e nos outros lhe chamou a atenção: estavam doentes. Provavelmente eram as doenças trazidas pelos brancos que causara a enfermidade nos nativos.

No meio da madrugada, quando todos dormiam, Miguel foi até Açucena. Pegou-a no colo e a

afastou dos outros, levando-a para longe. A índia despertou minutos depois e espantou-se ao vê-lo, pois notou algo de diferente em seu amado. Ao tocar-lhe a pele fria disse que um espírito mau o dominara, pois uma energia ruim emanava dele. Sem ao menos hesitar o vampiro lhe revelou sua verdadeira situação. Disse também que finalmente poderiam ficar juntos se ela aceitasse ser como ele. Ela pensou durante algum tempo e acabou aceitando. No momento que Miguel a pegou em seus braços para lhe sugar o sangue, suas costas foram perfuradas. Retirou dali uma flecha e assim que se virou, viu ao longe Caramuru que já corria em sua direção. Usando sua velocidade o vampiro jogou o índio no chão úmido da floresta e ameaçou matá-lo. Entretanto, um pedido de sua amada não o deixou terminar a tarefa.

Mesmo fraco por causa da doença que o acometia, Caramuru ainda tentou atacar Miguel inúmeras vezes, com este sempre desviando das investidas. Açucena pediu para o irmão que fosse embora, pois ela tomara sua decisão: ficaria ao lado de Miguel. O vampiro não esperou a resposta do índio, tomou a mulher novamente em seus braços e ambos saíram de lá.

A transformação de Açucena foi realizada na mesma noite, antes do nascer do sol.

Açucena respirou fundo e olhou mais uma vez para dentro da jaula de prata. Aquilo tudo era culpa sua, pois se não tivesse transformado o irmão nada daquilo estaria acontecendo. Mas na época o vampirismo era o único modo de salvá-lo da doença.

Em uma noite, logo que despertou, não encontrou a amada ao seu lado. Assim que saiu da caverna que usara para se proteger durante o dia, viu a índia em frente à entrada, com Caramuru nos braços. Miguel não entendeu aquilo, e quando se aproximou notou a boca do índio manchada de sangue. Açucena lhe contou que seu irmão morreria por causa da doença e que não poderia permitir que aquilo acontecesse. Por isso, havia resolvido transformá-lo.

O vampiro não se importou, pensou que conseguiria controlar a situação.

Como errara feio.

Logo que Caramuru despertou como vampiro, sua sede por sangue era insaciável. Corria pela floresta matando todos que cruzavam seu caminho, não se importando se eram índios ou brancos. Miguel e Açucena ainda tentaram controlá-lo, mas ele já não possuía mais domínio de si mesmo.

Mais de 100 anos se passaram. Às vezes conseguiam encontrar Caramuru, em outras,

perdiam-no de vista. A procura pelo índio não cessou, porém Miguel tinha compromissos como líder dos vampiros naquele lugar e não se importava tanto assim com Caramuru. Enquanto Açucena, junto de alguns outros vampiros, procurava pelo irmão descontrolado, Miguel consolidou a sede do Conselho na Capitania de São Vicente, usando terras e dinheiro de alguns humanos que matou.

Mais algum tempo se passou sem que conseguissem encontrar Caramuru.

Conforme os anos se seguiam, a população na colônia aumentava e dessa forma novas vilas e cidades eram criadas. Por causa disso, Miguel sempre recebia a notícia de que habitantes de alguma vila tinham sido mortos e pelo o que diziam, o assassino era algum tipo de demônio que habitava a floresta. Que este ser vinha sempre à noite e matava todos os brancos da região, não se importando com sexo ou idade. Miguel sabia que não era nenhum demônio e sim um vampiro descontrolado. Continuou a não mover nenhum dedo para procurar o índio, deixou aquele assunto nas mãos de Açucena.

Em uma noite qualquer, Miguel recebeu a visita de Jean Pierre. Este, furioso, disse que a notícia de um vampiro descontrolado se espalhara pela Europa e que se Miguel não desse um jeito naquilo imediatamente, a colônia de Portugal seria invadida e todos os vampiros que ali residiam seriam mortos, inclusive o líder do Conselho.

Não havendo mais alternativa, Miguel abandonou seu posto de líder e se embrenhou interior adentro do território. A procura foi intensa, mas Caramuru não era esperto o bastante para esconder suas vítimas. Seguindo o seu rastro, encontrou no caminho Açucena junto dos outros. Com sua participação, não demorou muito para que o grupo de busca encontrasse o índio. Foi nesse dia que descobriu que Caramuru desenvolvera uma habilidade de invisibilidade. Por isso sempre foi tão difícil de encontrá-lo.

A luta para prender o vampiro foi intensa. Ele matou quase todos ali presentes. Miguel também fez uso de sua habilidade de paralisação do tempo ao redor daqueles que desejava, e mesmo a usando não conseguia pegar o vampiro no momento certo; ele sempre estava invisível quando o tempo parava, mas graças a Açucena, que agarrou o irmão antes que esse sumisse novamente, Miguel conseguiu capturá-lo. Com o tempo ainda parado, o líder do Conselho abriu a boca de Caramuru e enfiou nela uma boa quantidade de alho que trouxera consigo, deixando-o, dessa forma, mais fraco.

Retornaram para a Capitania de São Vicente com o vampiro preso e sempre com alho no corpo para que não conseguisse fugir. Assim que chegaram à sede do Conselho, Miguel quis matar Caramuru e só não o fez por pedido de Açucena. A partir desse dia o índio ficou preso em uma jaula de prata.

No ano de 1830, Miguel transferiu a sede do Conselho Brasileiro para a cidade de São Paulo e depois disso passou a percorrer pequenas cidades do interior paulista e outras regiões do Brasil

para expandir o domínio do Conselho, dificultando assim que vampiros de outros países invadissem suas terras. Para facilitar a patrulha, filiais da organização foram criadas em todos os Estados, tendo cada um deles um vampiro responsável. Desse modo, Miguel responsabilizava-se apenas pelo Estado de São Paulo e com as alianças entre outras nações.

Após repassar em sua mente o passado, Açucena olhou para seu irmão, que permanecia naquela jaula já fazia mais de 300 anos. Desde o dia de sua prisão, ela sempre o visitava contando-lhe tudo sobre o que acontecia no país. Sentia pena por ele ter que ficar trancado, contudo, era do seu conhecimento que se o soltasse a primeira pessoa que ele atacaria seria Miguel e depois disso mataria qualquer branco que cruzasse seu caminho. Seu ódio dos colonizadores não diminuía com o tempo.

— Não vou dizer novamente que é por causa do Miguel que ainda estamos vivos — disse ela.

— Eu não estou vivo. Sou só um vampiro que está preso dentro dessa jaula.

— Você ainda está preso porque nunca colaborou. Esqueceu-se das inúmeras vezes que você fugiu? E lembra qual era a primeira coisa que você fazia? Corria ensandecido para atacar o Miguel.

— Isso não é motivo para me manter aqui.

— Como não é motivo, Caramuru? Você realmente acha que eu permitiria que o Miguel fosse morto?

Ele ainda andou pela jaula alguns minutos antes de dizer:

— Não sou mais assim e não quero mais ficar aqui dentro.

— Por isso que vim até aqui — aproximou-se da grade. — Miguel está disposto a te soltar mediante um acordo com você.

— Que tipo de acordo?

— Ele vai tentar tomar posse do Conselho Internacional e para realizar essa missão, estamos reunindo os vampiros mais fortes do Brasil, e você está entre eles. Se você concordar em ajudar estará livre.

— E se eu não concordar?

— Direi a Miguel que ele pode fazer com você o que deveria ter feito séculos atrás: te matar — ficaram em silêncio por breves instantes. — Você só está vivo até hoje porque eu não deixei que ninguém acabasse com você. Até o Conselho Internacional acha que você está morto.

Caramuru não disse nada. Deu as costas à irmã e andou de um lado para o outro.

— Não sou mais um vampiro descontrolado — falou, ainda caminhando. — Só fazia aquilo

para me vingar dos brancos. Matei sim alguns de nós, mas era porque estava com fome. Depois aprendi a me controlar — fez uma pausa e parou para fitar a índia. — Destruí todas aquelas vilas por vingança e, por mais que não me lembre exatamente do ocorrido, a cada ano que passava mais e mais brancos invadiam terras que antes pertenciam à nossa gente. Terras que foram lavadas com sangue indígena — fechou os olhos e passou as mãos no rosto e, logo em seguida, pelo cabelo liso. — Como você acha que me sentia? Ainda não consigo esquecer o que eles fizeram.

— Eu te entendo, mas não há mais nada que possamos fazer agora — colocou as mãos na grade. — Ainda existem poucas tribos espalhadas pelo país e elas ainda sofrem por causa do homem branco, mas sabe o que faço? — encarou os olhos negros do irmão. — Eu os ajudo. Não consigo ajudar a todas as aldeias, só que quando descubro que eles estão sendo ameaçados por algum proprietário de terra, eu vou até lá e acabo com ele. Mas infelizmente isso não é o suficiente, sempre aparece outra pessoa interessada em tirar a terra sagrada dos índios.

— Que bom que você não se entregou completamente para aquele branco.

— Não fale assim. Eu amo o Miguel desde que era uma criança e você sabe muito bem disso. E não se esqueça de que os vampiros não podem interferir desse modo na vida dos humanos. O que faço não é certo. Se eles quiserem se matar, não iremos fazer nada. E eu também não conseguia ver a cada ano que passava os indígenas sendo massacrados, mas infelizmente não consegui fazer muita coisa por eles, pois passei mais de 100 anos correndo atrás de *você* e depois que conseguimos te capturar, precisei ficar sempre em alerta para que *você* não escapasse e matasse o Miguel — percebeu o olhar desolado do irmão. Açucena respirou fundo e estendeu a mão para dentro da jaula. — Venha com a gente, Caramuru. Depois que tudo isso acabar podemos nos dedicar a ajudar as poucas aldeias que ainda existem.

O índio mirou aquela mão estendida para ele. Hesitou por um momento. No entanto, acabou caminhando até ela e lhe estendendo a sua também. Açucena sorriu com o gesto.

— Você promete que vai se comportar? Que não vai, em momento algum, tentar matar o Miguel?

— Faço tudo por você.

— Tenho sua palavra?

— Não só minha palavra como também minha lealdade.

Com o acordo firmado, Açucena deixou a sala para chamar seu amado. Miguel voltou para perto da jaula, acompanhado de outros vampiros. Ordenou que um deles desligasse o dispositivo que mantinha a prisão de prata fechada. Um sujeito andou até um aparelho eletrônico na parede e digitou uma senha. Após alguns segundos o aparelho emitiu um som e com ele as grades da jaula soltaram-se umas das outras e caíram para frente, causando um barulho estrondoso. Caramuru estava livre.

O índio olhou para todos, mas nenhum deles moveu sequer um único músculo. Iniciou sua caminhada para fora daquelas grades de prata que foram por tantos anos seu lar. Só cessou o andar quando parou diante de Miguel. O índio era um pouco mais alto que o vampiro de olhos azuis e possuía ombros e braços mais largos. Ambos trocaram olhares frios por alguns minutos. Por fim, o líder do Conselho lhe estendeu a mão.

— Temos um acordo? — perguntou Miguel.

Caramuru olhou da mão estendida para os olhos azuis do vampiro à sua frente.

— Temos um acordo — respondeu, apertando a mão dele.

Açucena ficou feliz com o gesto. Depois de tantos anos os dois homens mais importantes de sua vida começavam a se entender. Ela correu até Caramuru e pulou em seus braços com um forte abraço. Assim que se soltaram, conduziu o irmão para fora daquele lugar. Havia muita coisa que queria mostrar a ele. Mesmo vivendo todos esses anos, o índio não conhecia o mundo moderno. A primeira surpresa sofrida por ele foi quando entraram no elevador. Caramuru arregalou os olhos e assustou-se ainda mais quando a porta se abriu e à frente surgiu um ambiente totalmente diferente do anterior. Açucena o puxou pelo corredor e entraram no quarto de Miguel, que também lhe pertencia. Ela andou até o guarda-roupa e pegou algumas peças pretas que estendeu para o irmão. O olhar que ele lançou para as roupas era de que não as queria usar.

— Você não pode andar pelado por aí — falou Açucena.

Ainda desconfiado, resolveu colocá-las. Precisou que a índia o ajudasse, pois não se deu bem com os botões da camisa e nem com o zíper da calça. Mesmo com as roupas um pouco curtas, pois eram de Miguel, eles voltaram para o elevador e dessa vez desceram no estacionamento. Açucena entrou no Mustang Shelby GT 500 prata que pertencia ao seu amado e ligou o motor. Caramuru olhou espantado para aquele negócio e mesmo receoso, adentrou o veículo.

Tudo era novo para ele. Olhava curioso pela janela do carro. O que o incomodou foram os inúmeros prédios que impossibilitavam de ver o céu. A iluminação também era algo que chamava sua atenção. Mas algo que o deixou atordoado, fazendo-o cobrir as orelhas com as mãos, foi o barulho.

— Não vai demorar para se acostumar com todo esse som — disse sua irmã. — Hoje vou te mostrar um pouco da cidade.

— Que cidade é essa?

— Lembra-se da Vila de São Paulo? — ele meneou positivamente a cabeça. — Ela virou a maior cidade do Brasil e é capital do Estado.

Caramuru surpreendeu-se com a notícia. Direcionou sua atenção para fora do carro e olhou para as várias pessoas na rua e também para suas roupas. Felizmente foi obrigado pela irmã a fazer uso de roupas modernas. Não gostou nem um pouco, porém admitiu para si mesmo que se saísse

pelado por ali chamaria a atenção de todos. Lembrou-se das histórias que ela lhe contara sobre o mundo atual. Tudo que tinha imaginado em sua mente era muito diferente daquilo que via. Aquilo que ela chamou de carro era muito rápido e barulhento. Aliás, tudo era muito barulhento.

A índia conduziu o automóvel para longe da avenida movimentada. Sabia que seu irmão precisava aprender muitas coisas, mas o que mais necessitava agora era se alimentar, beber sangue vindo direto da fonte e sentir novamente o prazer da caça. Entraram em uma rua quase deserta, se não fosse pelos mendigos que por ali estavam, e continuaram o caminho. Alguns minutos depois, viram à frente um casal. Açucena encarou o irmão, que logo entendeu o recado. Ao parar o carro, ela estendeu o braço para a porta ao lado dele, destravando-a.

Ele saiu do veículo usando sua velocidade e assim que se aproximou do casal os empurrou para dentro de uma construção abandonada. Enquanto Caramuru se alimentava, a índia permaneceu do lado de fora vigiando. Ao perceber o fim da refeição do irmão, ela adentrou o local. Ao ver os corpos sem vida agachou-se ao lado deles. Tocou um dos defuntos com o dedo indicador da mão direita e o outro com o dedo da mão esquerda. No exato momento em que foram tocados, os corpos ficaram verdes e segundos depois desapareceram, transformando-se em dois montes de folhas.

Caminharam de volta para o Mustang e deram mais um passeio pela capital paulista. Um pouco antes do amanhecer, retornaram para o prédio do Conselho e assim que chegaram, Açucena levou seu irmão para os aposentos pertencentes a ela e a Miguel. Lá ela pôde explicar tudo o que ele precisava saber sobre o mundo atual. Contou também sobre as regras do Conselho e que não podiam mais matar pessoas com a mesma frequência de antigamente. Caramuru ouviu com atenção o relato de sua irmã. Realmente tudo mudara muito.

Miguel entrou no cômodo algum tempo depois e juntou-se a eles. Explicou como pretendia prosseguir com a missão e que ainda tinham muito tempo para pensar sobre aquilo. Primeiro precisariam esperar por Augusto e depois tentar reunir mais vampiros. Após tudo minuciosamente planejado, partiriam para a sede do Conselho Internacional, em Londres.

A noite seguinte iniciou-se tranquila. Quando chegou o horário da reunião, Miguel encaminhou-se para o último andar, enquanto Açucena foi buscar Caramuru. Assim que o líder do Conselho adentrou a imensa sala de reuniões avistou, sentados à mesa, Arthur, Cristiane e Donizete. Sem nada dizer acomodou-se em uma cadeira e esperou. Não demorou muito para que o casal de índios também entrasse. Miguel viu estampado no rosto de cada um dos seus subordinados o espanto por ver Caramuru fora da jaula e antes que eles pudessem dizer algo, falou:

— Sei que é uma surpresa ver o Caramuru solto. Só que isso tem um bom motivo — Cristiane abriu a boca para falar, mas ele levantou a mão em sinal para que ela não o interrompesse. — Como vocês sabem, há décadas desejo me tornar líder do Conselho Internacional, pois odeio o fato

daqueles arianos meterem o bedelho no meu país como se eles fossem superiores a nós — fez uma pausa. — Mas até então, mesmo com todo o nosso poder — fitou as três figuras e também Açucena —, eu não tinha certeza de que conseguiríamos sair vitoriosos. Contudo, quando fui para Leme dar um jeito em Augusto, ele me disse que se eu deixasse a criança mestiça viva, me ajudaria a tomar posse do Conselho.

— Você deixou a criança viva? — perguntou Arthur.

— Deixei. Sabe por que o Augusto é tão poderoso? — os três negaram com a cabeça. — É porque a habilidade que ele possui era de Laurent... E este entregou para Augusto antes de se matar — Arthur, Cristiane e Donizete ficaram boquiabertos. — Pois bem, agora temos Augusto e Caramuru no time — fitou o índio. — Ele disse que também vai nos ajudar, não é? — Caramuru anuiu. — Enfim, dentro de alguns meses, Augusto virá até nós e depois disso planejaremos nosso ataque e logo em seguida partiremos para Londres.

— Nós seremos suficientes para tal missão? — questionou Donizete.

— Você diz isso porque não viu o Augusto em ação — riu. — Não se preocupe, levarei conosco alguns não tão poderosos, mas que serão de grande ajuda, como por exemplo, a Karen, ela é uma rastreadora e tanto. Gosto também do Anderson e da Rafaela, ela é uma boa líder. Ainda estou em dúvida se levo o garoto Pablo.

— Ainda assim, acho que precisaremos de mais gente — comentou Cristiane.

— Se você achar melhor recrute mais gente, mas primeiro faça uma lista e depois me entregue para que eu possa analisar cada um deles. E também conversarei com os outros chefes de Estado — a vampira concordou. — Ótimo! Por hoje é apenas isso. Continuaremos a nos reunir para mais algumas coisas e para bolarmos uma estratégia de ataque.

Miguel se levantou e andou até sua amada. Com uma reverência, estendeu-lhe a mão. Ela sorriu e colocou a sua mão em cima da dele. O casal deixou a sala de reuniões e se dirigiu para o andar inferior. Assim que entraram em seus aposentos, viram um quarto tomado de rosas vermelhas, em vários vasos espalhados pelo ambiente, com pétalas também no chão e na cama. Açucena surpreendeu-se com a cena, virou-se para Miguel e o beijou.

— Que surpresa linda.

— Eu sabia que você ia gostar — falou o vampiro. Pegou-a pela mão e a levou até a cama.

— Mesmo depois de... Quantos anos mesmo?

— 452.

— Mesmo depois de 452 anos juntos, você ainda me surpreende — disse Açucena, rindo.

— Preciso ser criativo. Não é fácil manter uma mulher apaixonada por tanto tempo — beijou-

— Nem que eu quisesse conseguiria não te amar. Você foi e sempre será meu amor.

Ele sorriu, levantou-se da cama logo em seguida e pegou duas taças sobre uma mesa próxima à entrada. Preencheu os objetos com sangue e, assim que terminou, retirou uma rosa do vaso ao lado e a colocou dentro de uma das taças. Voltou para o lado de sua amada e lhe entregou a taça com a rosa. Eles brindaram.

Enquanto Miguel sorvia o líquido, Açucena tocou com os lábios a rosa vermelha. A planta, no instante em que foi tocada, perdeu sua coloração, tornando-se branca. A vampira sorriu e retirou a rosa branca de dentro de sua bebida. Entregou-a para Miguel que a cheirou antes de colocá-la de lado.

No tempo em que demorou para que a índia se alimentasse, o vampiro fitou rapidamente seu anel na mão esquerda. Um anel de ouro com uma pedra escura que tinha em cima o desenho de uma rosa branca. Ele sorriu e novamente olhou para Açucena. Ela era a única vampira de seu conhecimento que possuía total domínio sobre tudo o que era vivo, desde humanos, animais e plantas. Não era apenas capaz de se manter viva com o sangue humano ou de animais, mas também conseguia retirar a vida de plantas e de qualquer outra coisa viva somente com um toque, podendo assim passar anos sem precisar de sangue.

Miguel pegou sua amada pela mão e beijou seu anel, objeto este que todos os vampiros brasileiros, pertencentes ao Conselho, eram obrigados a usar. Símbolo que além de mostrar a fidelidade à organização, também simbolizava o amor entre dois vampiros antigos, uma das muitas provas de amor que Miguel já realizara para Açucena.

Uma singela flor branca em homenagem ao nome de sua amada.

Capítulo 33

Começavam a tirar a mesa do almoço quando ouviram o som de um carro estacionando. Renato deixou a cozinha e correu até a porta de entrada, a tempo de ver Éder descer da van. O empregado de Augusto chegou à residência por volta das 13h e desta vez tinha estampado no rosto, ao contrário da seriedade das outras vezes, um largo sorriso. Pediu para que todos se reunissem na sala de jantar e assim que eles acomodaram-se nas cadeiras, iniciou sua fala:

— Tenho uma boa notícia para vocês. Seus filhos estão vivos e livres de qualquer ameaça.

Quando terminou de falar, os olhos de todos encheram-se de lágrimas. As mulheres desabaram no choro e os homens ainda tentaram segurar, sem sucesso. As lágrimas escorreram involuntariamente.

— E como está a criança? — perguntou Sílvia entre os soluços.

— Ela está bem. Infelizmente, eles não podem se encontrar com vocês, mas Augusto me autorizou a trazer isso aqui — abriu o terno e do bolso interno retirou duas fotografias, uma estendeu para Sílvia e a outra para Carmen.

Na imagem via-se Diogo e Júlia com Beatriz nos braços, ambos sorriam. As mães ali sorriram mesmo com o choro. Carmen passou a foto para seu marido e fitou Éder.

— Por que minha filha não pode nos ver?

— Porque ela teve complicações no parto e acabou morrendo, precisando assim que o Augusto a transformasse em uma vampira.

Dona Carmen arregalou os olhos. Entretanto, sua expressão assustada não durou muito tempo, pois perdeu a consciência e caiu da cadeira, desmaiada. Alberto acudiu a esposa, balançando-a e lhe dando leves tapas no rosto. Logo que ela voltou a abrir os olhos começou a chorar, dessa vez desesperadamente.

— Eu não acredito, não acredito... Minha filha, minha menininha...

Jaqueline ainda se aproximou da mãe para consolá-la, só que de nada adiantou.

Sílvia, com Renato ao seu lado olhando a imagem, via a cena com um pesar no coração, mas por um lado sentia-se feliz, pois seu filho estava bem, apesar de ser um vampiro, e sua netinha parecia bem saudável.

— Qual o nome da minha neta? — perguntou para Éder.

— Beatriz.

Ao ouvir o nome, Carmen deu um grito de dor, pois sabia que Júlia sempre gostara daquele nome. Um buraco foi aberto no meio do seu peito. Nunca sentiu tanta dor, tanto sofrimento. Era como

se sua caçula tivesse morrido. Não sabia se aguentaria ficar longe de sua filha e de sua neta.

— Estou autorizado a levar vocês embora quando quiserem — informou Éder. — Me avisem quando estiverem prontos.

O empregado de Augusto retirou-se. Sílvia, com a fotografia ainda em mãos, pegou Natália no colo e mostrou para ela a foto.

— Essa daqui é sua sobrinha — falou ela, apontando o pequeno bebê nos braços de Júlia.

A menininha sorriu e não disse nada. Depois disso, Sílvia entregou a fotografia para Roseli e Sofia. Levou seu marido e sua filha para os quartos, onde puderam arrumar suas coisas para finalmente deixarem aquela casa.

Um pouco mais de uma hora depois, todos estavam de partida. Subiram na van e deixaram aquela casa na qual residiram por vários meses. Finalmente iam embora. Agora poderiam retomar suas vidas. Logo que chegaram à zona urbana da cidade de Leme, a primeira parada foi feita na casa de Carmen e Alberto. A mãe de Júlia abraçou Sílvia para se despedir e durante o gesto, ambas voltaram a chorar. O abraço demorou alguns minutos para acabar.

Os demais foram levados até a antiga casa de Diogo. Roseli e Sofia permaneceram poucos minutos, pois queriam voltar para a residência que lhes pertencia. Pegaram o carro na garagem, há meses deixado lá, e foram embora. Logo que entraram, Sílvia dirigiu-se até seu quarto e mexeu em uma gaveta da cômoda. Assim que encontrou o que queria, encaminhou-se até a sala. Sentou-se no sofá e pôs o porta-retratos no colo. Retirou a parte de trás do objeto e colocou a fotografia de seu filho, junto de Júlia e sua neta. Após encaixar novamente a parte de trás do objeto, levantou-se e andou até o rack. Colocou-o lá e afastou-se alguns passos para observar. Mais lágrimas escorreram dos seus olhos verdes. Por pior que fosse a situação, Diogo estava bem e quem sabe um dia não poderia conhecer pessoalmente Beatriz.

Capítulo 34

Alguns meses se passaram. A vida — ou morte — dos vampiros de Leme era bem tranquila ultimamente. Não havia mais preocupações. A única coisa que exigia toda a atenção de Diogo e Júlia era Beatriz. Ela era agora um bebê de seis meses, tornando-se mais risonha. O casal de vampiros passava todas as horas da noite ao lado dela e assim que a alvorada chegava, uma babá contratada assumia sua posição, trabalhando até o final do dia.

Dentro do possível, Augusto resolvia sua situação na cidade, passando tudo o que tinha para o nome de Fábio e também respondendo ao inquérito policial pela chacina em sua casa noturna e pelas drogas encontradas em sua loja. Já tinha sido inocentado pelo assassinato dos jovens, entretanto, ainda tinha o problema dos entorpecentes. Após vários meses de investigação, tudo encaminhava-se para a absolvição do vampiro. Porém, essas coisas demoravam, ainda mais alegando que era uma pessoa doente que não podia sair durante o dia. Só que Augusto não tinha pressa para se afastar de Leme e nem de passar suas propriedades para Fábio. Conseguiria resolver tudo aquilo mais rápido, mas não o fez, pois decidiu aproveitar todo o tempo com Samantha, amando-a como nunca fizera antes, tentando compensar tantos anos jogados no lixo.

Os demais vampiros continuavam com suas tarefas, como se nada tivesse acontecido. No entanto, infelizmente, sentiam falta dos outros que foram dizimados para trazer Henrique de volta.

Já Henrique melhorava cada dia mais. Sua sede já não o controlava e ele era totalmente diferente daquele Henrique que dominava o corpo de Diogo. Por muitas vezes, aproximava-se do jovem casal e da criança. Diogo recusava sua presença no início, mas agora ele estava sempre por perto. Percebeu-o diferente, como se tivesse se tornado mais humano após a realização do ritual. Conseguiu encontrar no vampiro um pouco da família que não podia mais ver e sabia que ele gostava de ajudar na criação de Beatriz, sendo o pai e avô que não lhe foi permitido ser graças ao vampirismo.

Em uma noite, todos estavam reunidos na sala, como uma linda e feliz família de vampiros. Diogo e Júlia brincavam com Beatriz, Augusto tinha toda sua atenção voltada para Samantha, Henrique sentava-se em uma poltrona lendo um livro e os demais, Fábio, Leandro e Vítor em frente à TV, assistindo qualquer coisa que passava.

Antes mesmo que pudessem ter feito algo assim que farejaram o cheiro de vampiro, um som ensurdecido adentrou o ambiente. Por causa do barulho, Augusto se levantou, permanecendo em alerta e logo em seguida ouviram outro som, de algo que atingira a parede da sala, deixando o cômodo tomado por poeira. O líder da cidade já imaginava o que acontecia, por isso correu até seu

irmão e lhe colocou a mão sobre a testa.

— Vou te passar algumas habilidades temporárias — avisou antes que Henrique pudesse perguntar o que era aquilo.

Entre a fumaça de poeira que se formou, surgiu uma figura de calça jeans clara e camisa branca. O sujeito não esperou mais que um segundo para partir na direção de Henrique, que felizmente conseguiu desviar da primeira investida e manteve uma boa distância para que pudesse falar:

— Então você finalmente veio me ver — disse ele, fitando Nelson.

— Não poderia deixar de vir aqui para te matar — comentou com um sorriso nos lábios.

Uma pequena esfera de luz se formou na mão de Nelson e ele a usou para investir novamente sobre Henrique. O vampiro de olhos verdes foi atingido no meio do abdômen. Isso o fez voar por metros, só parando ao chocar-se com a parede. Ao ver a cena, Augusto ameaçou correr para socorrer o irmão, mas seu braço foi segurado por Samantha, esta agora sempre com os cabelos soltos.

— Ele não vai querer sua ajuda — murmurou ela.

Augusto assentiu. Realmente aquele assunto precisava ser resolvido entre eles, ninguém poderia interferir.

Henrique se levantou e passou as mãos na roupa para limpá-la. Desapareceu de sua posição, reaparecendo atrás de Nelson. Ainda tentou atingi-lo com um soco, não sendo feliz na investida, pois o vampiro se esquivou.

— Você está muito lento, Henrique, o que aconteceu? Parece que ficou mais de 100 anos sem usar esse corpo — gargalhou. — O que te fez pensar que poderia comigo? Vivi muito mais que você.

— Eu não pensei, eu posso!

— Sabe o que você pode fazer? — perguntou ele, caminhando calmamente em sua direção. — Lembrar-se de todos os detalhes daquela noite maravilhosa que passei com a sua mulher, você se lembra? — viu os olhos de Henrique cerrarem. — Sei que lembra, sei que estava lá nos vigiando, sei que viu tudo...

Nelson ameaçou gargalhar novamente, porém foi surpreendido por um soco que o fez percorrer a sala. Seu encontro com a parede foi tão forte que ele a atravessou e caiu no chão frio da garagem. Henrique foi até ele rapidamente e o puxou para cima pela camisa. Sem que Nelson pudesse ter reagido de imediato, foi socado inúmeras vezes, a ponto do sangue escorrer pelo nariz, olhos e boca. A raiva que Henrique sentia era tanta que mal conseguia raciocinar. Recordou-se da surra que dera nele no dia seguinte, após ter dormido com sua mulher. Batera com muita vontade. Só que agora era diferente, queria ele morto e não mais zanzando por aquele mundo, e ainda por cima com ar de vitorioso. A sequência de socos continuou e quando pensara que tudo aquilo tinha chegado

ao fim, uma esfera de luz envolveu o corpo do vampiro, impedindo assim que mais golpes fossem desferidos nele.

Henrique foi repellido para longe. *Droga!* Ele ativara a habilidade. O corpo de Nelson foi suspenso no ar. Parecia desacordado. Assim ficou por breves minutos. Viu as mãos dele se mexerem e em seguida ele abriu os olhos e fitou Henrique, que parecia espantado. A luz em volta de seu corpo desapareceu e ele voltou a colocar os pés no chão. Antes que seu inimigo pudesse ter perguntado algo, ele falou:

— Minha habilidade, por ser de defesa, se ativa sozinha quando estou em perigo — o sorriso que mostrou ao término de sua frase deixou o outro vampiro ainda mais furioso.

Já que ele usaria sua habilidade, também faria uso daquelas que foram emprestadas por Augusto. Henrique concentrou-se um pouco no poder dentro de si. Não demorou muito para encontrar, em seu íntimo, as habilidades. Ainda com Nelson na mira de seu olhar, abriu o punho que deixara fechado e de dentro de um buraco formado na palma da mão, retirou uma espada. Pegou o objeto de sangue e partiu para cima dele. Nelson não desviou, apenas fez com que uma barreira de luz se formasse em sua frente, defendendo-se do ataque e repelindo Henrique. O vampiro de olhos verdes ficou enraivecido e voltou a desferir golpes quase que cegamente. Contudo, ambos continuavam a não atingir seu oponente. Após várias tentativas, percebeu certo desgaste em seu corpo, algo que não é normal para um vampiro. Ainda não se recuperara totalmente.

Respirou fundo como quem ainda tem os pulmões funcionando. Precisava tomar uma atitude. Vasculhou mais em seu íntimo e escolheu outra habilidade. Estendeu uma das mãos e estalou os dedos. Logo em seguida, uma esfera de fogo se formou no chão ao redor de Nelson, que sorriu. Usando sua velocidade e pulando sobre as chamas, deixou o círculo. Olhou para os lados à procura de Henrique para lhe dizer que aquilo não funcionaria com ele, mas ao se virar foi atravessado no meio do estômago por algo escuro. Ao abaixar os olhos, viu que o objeto que penetrava seu corpo era o braço negro de seu inimigo, com uma aparência mais rígida do que o normal. Nelson ergueu a vista para Henrique e voltou a sorrir. Antes que pudesse entender o motivo da alegria, o vampiro de olhos verdes foi jogado a metros de distância por uma luz que se originou pelo ferimento do outro.

— Já disse que minha habilidade é de total defesa, nada vai me matar — falou Nelson, ao iniciar uma tranquila caminhada na direção daquele que estava ao chão.

— Não fale asneiras — levantou-se. — Você não vai conseguir ir muito longe com esse ferimento aí — apontou com a cabeça.

— Não se preocupe, acabo com você antes disso aqui conseguir diminuir meu desempenho — riu.

Henrique fez com que suas presas se alongassem e os olhos acendessem. Usou sua velocidade

para aparecer atrás de Nelson, mas antes de pensar em atacá-lo, ele já não estava mais no mesmo local. Henrique espantou-se e não foi capaz de fazer nada quando suas costas foram queimadas ao ser jogado no piso da garagem. Colocou-se em pé rápida e furiosamente ao ouvir a gargalhada de Nelson.

— O que aconteceu com você, Henrique? Não disse que ia me matar? Estou esperando por isso.

— Vá para o inferno!

— Não sem você.

Foi a vez de Nelson iniciar o ataque. Aproximou-se de Henrique sem que este percebesse, pegou-o pela garganta e o jogou novamente no chão, fazendo com que o piso se quebrasse. Antes que pudesse se levantar, Nelson já o pisoteava. Henrique cruzou os braços na frente do rosto e fez seus membros ficarem negros, porém não conseguiu manter a habilidade por muito tempo, logo ela desapareceu e dessa forma a dor insuportável voltou com as incessantes investidas.

Com os poucos segundos que tinha entre um ataque e outro, conseguiu erguer uma das mãos e fazer com que chamas dominassem o corpo daquele que o feria. Nelson se afastou com as roupas pegando fogo. Entretanto, algumas batidas de mãos sobre as peças foram o bastante para apagar as brasas. O tempo de afastamento de Nelson bastou para Henrique se levantar e correr até a parede. Sentia tanta dor que não era capaz de manter-se em pé e precisou se escorar. Só que ao se recostar, deixou involuntariamente as costas deslizarem pela parede e cair sentado no chão. Ameaçou se levantar, só conseguindo com isso sentir ainda mais dor e cuspir uma boa quantidade de sangue. Não era de seu conhecimento estar tão fraco daquela forma, chegou a pensar que já se recuperara totalmente. Mas agora, por enfrentar um oponente poderoso, via como estava enganado. Voltou a cuspir mais sangue.

— Você não deveria ter usado, abusivamente, habilidades que não te pertencem, isso só o faz gastar ainda mais energia.

— Cale essa sua maldita boca! — gritou. Só que logo depois mais líquido vermelho foi expelido.

— Você vai morrer, Henrique. E vai morrer pelas mãos daquele que você transformou só por vingança.

— Então por que você não me mata logo?

— Já vai desistir assim? Augusto passou tantos anos tentando te trazer de volta para você morrer logo em seguida?

— Não me importo em morrer. Pelo menos tive uma vida que você nunca teve — encostou a mão na parede e se apoiou para conseguir ficar em pé. — Você sempre quis minha vida.

— Do que você está falando?

— Você sabe muito bem, Nelson — fez uma pausa para limpar o vermelho que lhe manchava os cantos da boca. — Sei que você sempre quis se casar com a Lurdes, não é? Mas sua prima decidiu ficar com um homem que apareceu num dia qualquer e fez com que ela se apaixonasse perdidamente, esquecendo-se assim das juras de amor que tinha feito ao primo — viu o olhar de Nelson mudar, percebeu que atingira o ponto certo. — Como pode estas coisas acontecerem, não é? Surgi na vida dela muito rápido e em poucos meses já estávamos casados e com ela carregando filhos meus na barriga. Vou te contar um segredo — abaixou o tom de voz como se realmente fosse contar algo que não queria que ninguém soubesse. — Enquanto estava com a Lurdes, continuei saindo com outras mulheres; sabe como é, sou um homem muito bonito e atraente, nenhuma mulher resiste a esses lindos olhos verdes. A Lurdes foi apenas mais uma das que desfrutei — riu. — Mas depois de um tempo percebi que realmente gostava dela e daí decidi me casar, pois queria constituir uma família.

— Não quero ouvir sua história de vida.

— Por que não? Vamos aproveitar os momentos existentes antes de você me matar — sorriu. — Como estava dizendo, no momento em que apareci na vida da Lurdes tomei uma vida que seria sua. Fui eu que me casei com ela, foi de mim que ela engravidou e fui, até os últimos dias de vida dela, o homem que ela sempre amou — fitou-o profundamente nos olhos. — Ela nunca te amou de verdade, nunca! Você não passa de um parasita sem vida. A condição de vampiro encaixou perfeitamente em você.

Aquelas palavras foram o suficiente para que Nelson perdesse a cabeça e partisse para cima de Henrique sem ao menos pensar, de modo que antes de percorrer todo o trajeto uma lança formada por sangue surgiu por debaixo do piso e atravessou o vampiro, das genitálias ao topo da cabeça. Nelson ainda tentou se mexer, só que os pequenos movimentos o faziam urrar de dor, só aumentando assim o sofrimento. A esfera de luz, proveniente de sua habilidade, começou a iluminá-lo. Pensou que conseguiria se livrar daquela lança, porém ao ver Augusto passar pela porta de entrada, sua habilidade cessou. O líder da cidade andou até ele e lhe mirou fundo nos olhos.

— Não queria intervir, mas como você mesmo disse, passei anos tentando reviver meu irmão, e por isso não vou deixar que você o mate.

— O que você fez com a minha habilidade? — indagou com dificuldade.

— Estou controlando-a e impedindo que você a use.

Nelson não respondeu. Tentou se concentrar para que sua habilidade voltasse, no entanto, isso não aconteceu. Enquanto ficava imóvel, Augusto distanciou-se dele e andou até Henrique. Logo que chegou, estendeu-lhe a mão para que ele se afastasse da parede e desse um passo à frente.

— Obrigado pela ajuda — falou Henrique, cuspiendo mais sangue.

— Pensei que você não fosse querer minha intervenção, por isso achei melhor te perguntar mentalmente primeiro.

— De início eu não queria, mas meu corpo ainda está fraco demais. Talvez demore décadas para eu me recuperar.

— Você quer terminar? — perguntou, apontando para Nelson.

— Não quero mais saber disso — iniciou uma caminhada na direção da porta. — Preciso me alimentar. Cuide dele você.

Observou Henrique se afastar e logo que não pôde mais vê-lo, voltou sua atenção para o vampiro preso pela lança de sangue. Andou tranquilamente até Nelson. Quando parou, murmurou em seu ouvido:

— Tenho um agradecimento a fazer — disse, quase inaudível. — Obrigado por ter mandado Samantha até mim. Você estava certo, eu a amo muito e mesmo com o que ela me fez eu a perdoei. Mas isso não quer dizer que eu goste de você — tocou-o na testa com a mão. — Aliás, você também dormiu com a minha mulher.

Os olhos de Nelson se arregalaram quando seu corpo foi sugado pela palma da mão de Augusto. Em poucos segundos, no lugar do vampiro, apenas sobraram as roupas que vestia. O líder da cidade fechou os olhos e sentiu o poder de Nelson percorrê-lo. Estendeu uma das mãos à frente e dela fez surgir uma pequena esfera de luz. Logo que cessou a habilidade, Samantha passou pela porta e foi até ele. Olhou das roupas no chão para o amado.

— Acabou? — perguntou, encarando-o.

— Esse assunto acabou — abraçou-a e lhe beijou a testa.

Epílogo

Corria a passos curtos com destino certo, mas infelizmente suas pernas não eram capazes de descer os degraus rapidamente. Precisou movimentá-las calmamente. Apoiou-se à parede e desceu o primeiro pé, depois trouxe o outro para o mesmo degrau. Repetiu esses movimentos até chegar ao fim da escada e voltar a correr, dessa vez pela sala.

Assim que viu o sofá pulou em cima dele, usando-o como cama elástica. Em um dos saltos fez uso de tanta força que acabou indo parar de cara no chão e, ao se levantar, bateu a cabeça na quina da mesinha de centro.

Ela sentou-se com lágrimas nos olhos e com a pequena mãozinha sobre a testa que possuía um corte. A criança sentiu o sangue escorrer e assustou-se com a mão vermelha. Mais lágrimas desprenderam-se dos olhos verdes, mas logo pararam. Antes mesmo de procurar por seus pais para chorar na frente deles, o ferimento em sua testa não mais existia. Olhou para os lados, infelizmente ninguém acordara.

Levantou-se e voltou a correr. Logo que entrou na cozinha, viu sobre a mesa uma travessa com algumas bolsas em cima. A menina olhou para aquilo curiosa. Sabia que seus pais não a queriam perto daquilo, porém sua curiosidade infantil fez com que as ordens recebidas fossem deixadas de lado. Andou até a mesa e subiu em uma das cadeiras, de forma a conseguir alcançar o móvel. Com um pouco de dificuldade, esticou-se e trouxe para perto de si a travessa. Assim que pegou uma das bolsas, um fraco cheiro adocicado invadiu suas narinas. Seu estômago roncou nesse momento. Apertou com tanta força a bolsa que em poucos segundos o sangue espalhava-se por toda a mesa, pelo seu rosto, mãos, cabelos e roupas. A criança sorriu com a cena. Passou as mãos pela superfície de madeira e em seguida as levou até a boca, lambendo todo o líquido.

— Beatriz!

Virou-se assustada com o grito da mãe. Júlia aproximou-se da menina e retirou de sua boca as mãos manchadas de sangue.

— O que você pensa que está fazendo?

— É gostoso, mamãe — respondeu ela com a voz infantil.

Júlia a encarou por alguns segundos, sem saber o que fazer.

— O que aconteceu? Por que você gritou? — perguntou Diogo, caminhando até ambas.

— O que você acha que aconteceu? — pegou Beatriz no colo. — Ela estava bebendo sangue de novo — o olhar de indignação dominava o rosto da vampira.

— De novo, Beatriz? Já não disse que não era para você fazer isso? — repreendeu ele,

encarando a filha. A menina fez cara de choro. Voltou a olhar para Júlia. — Onde está a babá dela?

— Mais uma pergunta que você já sabe a resposta — disse ela, colocando a mão no bolso da calça e retirando um bilhete que estendeu para o rapaz.

Diogo pegou o pedaço de papel e leu:

“Juro que tentei, mas não consigo mais cuidar dela. Ela é terrível e muito agressiva. Sempre acabo voltando para casa com enormes manchas roxas espalhadas pelo corpo. Sinto muito, não aguento mais isso.”

— E lá se foi mais uma babá — falou ele, desanimado.

— O que vamos fazer, Diogo?

— Não sei, realmente não sei.

Os dois ficaram em silêncio. Não sabiam mais o que fazer com Beatriz, as atitudes dela acabavam espantando todas as babás que eram contratadas. Ela era uma menininha de 3 anos muito violenta.

O casal de vampiros olhou ao mesmo tempo para a entrada da cozinha assim que viram Henrique passar por ela.

— O que aconteceu aqui?

— Mais uma dessa menina peralta — falou Júlia.

— Pode deixar que eu dou banho nela — Henrique estendeu os braços para Beatriz, que logo aceitou ir em seu colo. — O que você aprontou dessa vez, Bia?

— Nada, nada — respondeu ela, balançando a cabeça de um lado para o outro, fazendo com que seus cabelos ruivos balançassem.

O vampiro deixou a cozinha, enquanto Diogo e Júlia procuravam panos para limpar mais uma das bagunças realizadas por Beatriz. Ficaram em silêncio todo o tempo que demorou para que limpassem o sangue. Logo depois de se livrarem da sujeira, ambos sentaram-se à mesa. Diogo estendeu a mão para uma bolsa e antes de iniciar sua refeição, viu uma lágrima vermelha escorrer pelo rosto de sua amada.

— Não adianta chorar, você sabe que ela tem sede.

— Ela só tem vontade de tomar sangue porque vê essas bolsas aqui todos os dias.

— Eu já lhe dei uma opção, mas você recusou.

— Você acha mesmo que serei capaz de abandonar minha filha? — perguntou com a voz alterada.

— Não precisa gritar comigo. Você sabe muito bem que não há nada que possamos fazer.

Enquanto ela viver entre vampiros nunca ativará seu lado humano e continuará se alimentando de sangue.

— Eu não quero isso pra ela — disse quase inaudível.

— Eu também não — pegou a mão da sua eterna namorada. — Você não quer pensar melhor sobre aquilo que conversamos?

— Eu não posso... Não quero — mais uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Você acha que eu quero ter minha filha longe de mim? Não, não quero, mas sei que isso vai ser melhor para ela. A Beatriz vai poder crescer entre outras crianças, poderá ir para a escola, viajar, tomar sorvete na praça e até ir à praia. Essas coisas nós não podemos oferecer, Ju.

— Eu sei, eu sei — enxugou o rosto.

— Então pense nisso, porque agora vou ter que ligar para ver se arranjo outra babá.

Diogo se levantou e saiu. Caminhou até a sala e assim que pegou o telefone e teclou alguns números, alguém lhe tocou as costas. Virou-se e viu uma Júlia de cabeça baixa.

— Tudo bem, vamos fazer isso.

Ele colocou o telefone no suporte e a abraçou.

— Eu sei que vai ser doloroso, mas acredito que isso seja melhor para ela.

— Eu também acho isso — soltou-se de seu abraço. — Mas eu não quero mais ficar nessa cidade. Logo depois de deixarmos Beatriz, quero ficar longe daqui. Não vou conseguir viver na mesma cidade que minha filha e não poder vê-la.

— Cuidarei disso.

Júlia saiu da sala e andou até o banheiro onde Henrique dava banho em Beatriz. O rapaz de olhos verdes voltou a pegar o telefone, só que dessa vez teclou um número diferente do anterior. Após dois toques, uma voz feminina atendeu.

— Oi mãe, sou eu, Diogo.

— Diogo?! Eu não acredito — começou a chorar. — Meu filho... — a voz ficou fraca.

— Não chore, mãe, por favor. Me desculpe por nunca ter ido te ver depois que me tornei um vampiro, é que eu não podia.

— Eu entendo, entendo...

— Estou ligando para pedir um imenso favor. Espero que você entenda.

— Faça tudo que estiver ao meu alcance.

Duas noites depois, logo que Diogo acordou, não viu Júlia ao seu lado. Deixou seu aposento

e se dirigiu para o quarto de Beatriz. Viu sua amada abraçada com a menina, percebeu os olhos dela marejados. Ele se ajoelhou ao lado das duas, também as abraçando. Não souberam quanto tempo ficaram naquela posição, só sabiam que foi muito.

Enquanto Júlia vestia a filha, Diogo colocava dentro de uma mala todas as roupas dela e em uma caixa acomodava os brinquedos.

— Aonde vamos, mamãe? — perguntou Beatriz.

— Nós vamos conhecer seus avós — respondeu ela séria. — Quero que preste muita atenção no que a mamãe vai te contar, tudo bem? — a menina balançou afirmativamente a cabeça. — A mamãe e o papai vão viajar e por isso você vai ter que ficar na casa da vovó, entendeu?

— Sim, mas eu não conheço a vovó.

— Não seu preocupe, minha filha — falou Diogo. — Você vai ver que ela é muito legal — deixou a arrumação de lado e sentou-se ao lado dela no chão. — Sabia que você tem uma tia um pouco mais velha que você?

— Não — voltou a balançar a cabeça.

— Ela também é criança.

— Não seja bobo, Diogo. Já faz mais de 4 anos que você não vê a Natália. Ela deve estar bem diferente agora.

— Ah, é mesmo. Com quantos anos ela deve estar?

— Acho que com 10 ou 11.

— Nem acredito que vou ver minha família depois de tantos anos.

— É, eu também não.

— Ah! Antes que eu me esqueça — colocou a mão no bolso da calça, retirando um saquinho de veludo. — Comprei para vocês.

Diogo abriu o saquinho e de dentro dele retirou duas correntinhas de ouro. A primeira estendeu para Júlia, que assim que a pegou, fixou seus olhos no pingente em forma de coração. Percebeu que ele tinha um pequeno fecho ao lado, e ao puxar o coração se abriu revelando dentro uma foto, na qual estava o casal de vampiros juntos de sua filha. Júlia fitou Diogo sem saber o que dizer. Ele sorriu e pediu a correntinha de volta. Com ela em mãos, colocou-a no pescoço de sua amada. O mesmo fez com a outra, essa foi parar no pescoço de Beatriz.

Logo que saíram do quarto, encaminharam-se para a sala e lá encontraram Fábio, Leandro, Vítor e Henrique. Este se aproximou de Beatriz e a pegou no colo.

— Vou sentir saudade de você — falou o vampiro, lhe dando um beijo na bochecha.

— Se cuidem — disse Fábio, após abraçar o casal.

Diogo e Júlia confirmaram com as cabeças. O caminho até o carro foi feito em silêncio.

Depois de colocar as malas no porta-malas, Diogo se acomodou no banco do motorista e Júlia ao lado. Henrique colocou Beatriz no colo da vampira.

— Não se esqueça de que eu te amo muito, minha lindinha — falou Henrique, acariciando os cabelos da menina. Encarou o casal. — Se precisarem de alguma coisa é só me avisar.

— Não se preocupe, ficaremos bem — respondeu Diogo com um sorriso forçado.

Deixaram a casa que antes pertencera a Augusto e se dirigiram para outra casa, onde uma grande família esperava por eles. Todo o caminho foi feito em silêncio. Júlia não se soltava nem por um segundo do abraço da filha. Vendo aquela cena, o garoto sentiu um nó na garganta, quase impedindo que conseguisse engolir a saliva. Minutos depois o veículo foi estacionado. Logo que Diogo olhou pela janela, lembrou-se das inúmeras vezes que pulou aquele muro para poder se encontrar com sua namorada, que na época ainda era humana.

Desceram do carro e pararam em frente ao portão. Não precisaram chamar por ninguém, pois as pessoas daquela residência aguardavam ansiosas pela chegada deles, tanto que não tiravam os olhos da janela e assim que o automóvel parou todos correram até a entrada. Dona Carmen veio abrir o portão, entretanto, não pôde, pois suas mãos tremiam tanto que não conseguia encaixar a chave no cadeado. Diogo teve que pegar a chave para abrir. Logo que a mãe de Júlia a viu, começou a chorar no mesmo instante. Ela abraçou a filha que há muito tempo não via, junto da neta que não conhecia.

Depois de um longo abraço, todos se encaminharam para a sala. No cômodo havia mais quatro pessoas: Alberto, Jaqueline, Jeferson e Ruth. A moça loira, que já perdera a maioria dos traços de garota, tornando-se agora uma mulher, correu para abraçar a melhor amiga que não envelhecera um único dia sequer. Júlia colocou Beatriz no chão e retribuiu o abraço.

— Senti tanta falta sua — falou Ruth, entre soluços.

— Eu também.

Os abraços com os outros membros da família também foram longos e calorosos. Depois todos se sentaram no sofá e dessa vez Beatriz foi apresentada.

— Ela parece muito com você, Ju — comentou Jaqueline, que parecia ter envelhecido muito mais do que 3 anos. O ventre crescido por causa da gravidez e a grande aliança dourada foram notados por Júlia assim que chegou.

— Faz tempo que você casou?

— Vai fazer um ano, mas meu marido não sabe sobre você, por isso não está aqui.

— Já sabe o que é? — apontou para o ventre.

— É menina. Tomara que ela nasça tão linda quanto a Beatriz — Júlia assentiu.

Nessa hora a menina estava no colo de Jeferson brincando com a barba ruiva que lhe cobria o rosto.

— E como vocês estão? — perguntou Júlia, fitando seu irmão e a melhor amiga.

— Estamos bem — respondeu Ruth.

— Não estamos não — interveio ele.

— Por que não?

— Ela não quer se casar comigo, Ju. Já pedi um milhão de vezes, mas ela não aceita.

Todos riram, menos Ruth.

— Já disse que sou muito nova para casar, ainda nem terminei a faculdade — deu-lhe um tapa no braço. — E para de perturbar sua irmã com um assunto desses.

— Ela não entende que já sou um tiozão — disse, encarando Júlia. Voltou a fixar o olhar em Ruth. — Se demorar muito você vai acabar entrando na igreja do lado de um velho caquético.

Todos voltaram a rir e até a loira caiu na risada. Passaram mais alguns minutos na antiga casa de Júlia. Beatriz já estava à vontade e começou a correr por todos os cantos, precisando que Diogo ficasse sempre atrás dela para que não quebrasse nada ou machucasse alguém. Quando chegou a hora das despedidas, mais lágrimas rolaram.

— Por favor, parem de chorar — pediu Júlia. — Não esqueçam de que, sempre que quiserem, vocês vão poder visitar a Bia na casa dos pais do Diogo.

— Nós vamos sentir falta de você, minha filha — Alberto a abraçou. — Me desculpe por ter sido um pai tão rígido com você.

— Não se preocupe, pai, isso já passou. Infelizmente não podemos viver entre vocês, isso é errado, não é natural — soltou-se do abraço e o encarou. — Não se esqueça de que você vai poder matar sua saudade sempre que quiser ver a Bia.

Ele meneou positivamente a cabeça e não disse mais nada, apenas lágrimas silenciosas molharam seu rosto cansado por tantos anos de trabalho pesado.

A família voltou para o carro e deixou o lugar. Depois de mais alguns minutos, já paravam o veículo em frente a outra casa. Quem veio abrir o portão foi uma menina que agora não tinha mais aquela voz infantil da qual Diogo se lembrava. Natália correu até o irmão e pulou em seu colo, abraçando-o fortemente. Júlia colocou Beatriz no chão e também abraçou Natália. Segundos depois, Sílvia, Renato, Roseli e Sofia passaram pela porta. A mãe de Diogo já tinha os olhos verdes inundados de lágrimas. O reencontro também foi longo, com abraços que não acabavam e muitas lágrimas escorrendo pelos olhos dos humanos.

Natália pegou Beatriz pela mão e a puxou para dentro da casa. A menininha ruiva achou aquilo muito curioso, pois nunca tivera contato com outra criança. Enquanto Sílvia conduzia Júlia para a sala, Diogo e Renato pegavam as malas, com as coisas de Beatriz, de dentro do carro.

— Vocês estão bem? — perguntou Sílvia logo que todos se acomodaram no sofá.

— Dentro do possível — respondeu Diogo, cabisbaixo.

— Vocês tem certeza de que é isso que querem fazer? — indagou Renato.

— Não podemos criar a Bia desse jeito — falou Júlia, que logo se calou para poder ouvir a conversa de Natália com sua filha.

— Tudo bem, então. O que precisamos saber sobre ela? — indagou Sílvia.

— Algumas coisas — Diogo retirou um papel do bolso da calça e o estendeu para sua mãe.

— Ela está acostumada a ficar acordada durante a noite, por isso acho que vai ser um pouco difícil mudar isso. Ela também é um pouco agressiva, mas não faz por mal, só tem muita força para uma criança da idade dela. Mas se vocês quiserem mantê-la mais calma, adicione uma pequena quantidade de alho no leite e na comida dela, isso vai deixá-la um pouco mais fraca.

— Isso funciona mesmo?

— Sim, eu e Júlia não colocávamos pois conseguíamos, na maioria das vezes, segurá-la, mas talvez vocês tenham que usar sempre, pois ela era o terror das babás.

— Eu também ajudarei a cuidar dela — disse Sofia. — Sempre estarei por perto.

— Obrigada — agradeceu Júlia. — E mais um coisa: ela não fica doente. Não precisam levá-la para tomar vacina e coisas do tipo. E quando ela se machuca o ferimento se cura rapidamente.

— Não se preocupem — Diogo voltou a tomar o turno —, tudo que precisam saber está anotado aí nesse papel, e todo mês mandarei dinheiro para manter as despesas dela.

— Você não deve se preocupar com isso — falou Renato. — Vamos adorar poder cuidar da nossa única neta.

— Mais uma coisa: não quero que ela saiba que somos vampiros e que ela é uma mestiça. Quero que ela cresça achando que é normal. E entreguem isso quando ela tiver idade o suficiente para não se matar ou matar alguém — ergueu a barra da calça e retirou o punhal, preso em seu tornozelo. — Isso é dela.

— Então esse é o famoso punhal que causou tudo isso... Um mero punhal — comentou Roseli, indicando com a cabeça o objeto.

— Para você ver, tia. Tudo culpa disso aqui — balançou o punhal na mão antes de entregá-lo para Renato. — Mas acho que tem alguma coisa nele, não sei explicar, só sinto que não me pertence mais, preciso passar para a próxima geração — ficou alguns instantes em silêncio antes de dizer, quase inaudível: — Acho que essa maldição não cessou em mim como deveria.

— Vamos fazer tudo o que vocês pediram — disse Sílvia, não ouvindo o último comentário do filho.

— Precisamos ir agora. Temos que chegar à São Paulo antes do nascer do sol.

— O que vamos dizer quando ela perceber que vocês não vão mais voltar? — perguntou

Renato.

— Diga que morremos em um acidente de carro.

Diogo chamou por Beatriz, que não demorou muito para vir ao seu encontro. Ele agachou-se em sua frente e disse:

— Mamãe e papai já vão indo, você vai ficar aqui com a vovó e com o vovô, tudo bem?

— Tá.

Diogo abraçou sua filha e lhe beijou o rosto.

— Eu te amo.

Júlia também se aproximou e abraçou Beatriz, permanecendo assim por vários minutos.

— A mamãe também te ama — disse ela, acariciando os longos cabelos ruivos da filha. Soltou-se do abraço e encarou a menina. — Tem tanta coisa que eu queria te dizer... Sei que seus avós vão cuidar muito bem de você, por isso respeite muito eles, pois assim como eu, eles te amam muito... Queria tanto te ver crescer... — uma lágrima vermelha escorreu pela bochecha. — Você pode se sentir diferente das outras crianças às vezes, mas não se esqueça de que ser diferente é normal. Então não se preocupe com isso. Faça amizades verdadeiras, elas são muito importantes, podendo te salvar de muitas coisas. Quando você tiver idade, se apaixone; só procure ficar longe de caras galinhas como o seu pai, eles só vão te trazer muita dor de cabeça — voltou a abraçá-la. — Sei que você vai sofrer muito, que vai ser muito difícil, mas procure viver sua vida ao máximo. Seja gentil e humana, o mais humana que você conseguir ser — mais lágrimas vermelhas mancharam os olhos da garota vampira, porém ela rapidamente as secou. Deu um último beijo na bochecha de sua criança. — Vou te amar para sempre — sua voz saiu fraca, pois tentava, com todas as forças, segurar o choro. Levantou-se e se afastou da menina.

Beatriz olhou a mãe com um olhar de interrogação, pois não entendera a finalidade daquelas palavras.

Sílvia pegou a neta no colo para que todos fossem em direção ao portão. Assim que Júlia e Diogo alcançaram o carro estacionado à frente, Beatriz começou a chorar e a gritar.

— Mamãe, papai. Quero ir junto! Mamãe, papai!

Os gritos da criança, juntamente com o choro, fez formar um nó na garganta do casal que abandonava a própria filha, esperando que ela tivesse uma vida melhor longe de vampiros. Beatriz ainda continuava a chorar e a espernear quando entraram no carro e foram embora. Diogo e Júlia ficaram em silêncio por alguns minutos e quando ele percebeu que escorriam lágrimas vermelhas dos olhos de sua amada, parou o veículo e lhe tocou as mãos.

— Ela vai ficar bem.

Nesse exato momento, Júlia soltou um grito carregado de dor. A garota, que tinha se mantido

firme até aquele momento, despejava agora todo o ressentimento da perda da filha. Ela colocou as mãos no rosto e continuou a chorar desesperadamente. Diogo sentiu um buraco tomar o lugar do peito. Também tentara se manter firme, no entanto, a dor que o dominava era insuportável. Apoiou a cabeça no volante e assim ficou, deixando as lágrimas de sangue escorrerem pelo rosto até atingirem o colo.

Demorou muito para que o jovem casal de vampiros conseguisse se recompor. Passaram quase uma hora chorando, e assim que não havia mais sangue em seus corpos mortos para ser desperdiçado em lágrimas, decidiram continuar com o destino. Diogo voltou a ligar o automóvel. Dirigiam-se para São Paulo, onde, a partir daquele dia, passariam a morar no prédio do Conselho, ficando assim longe do município de Leme, cidade esta que abrigava um mestiço que nunca poderia ser descoberto por outros vampiros. Beatriz precisava viver uma vida normal, longe de criaturas como eles, pois sabiam que mesmo com a palavra de Miguel de que nada aconteceria com a criança, não podiam arriscar que ela fosse descoberta, ainda mais com o líder do Conselho fora do país. Nem Augusto estava no Brasil. Os vampiros mais fortes das terras brasileiras se encontravam agora em Londres, tentando tomar o poder da organização suprema dos vampiros.

Por mais que o sofrimento dominasse o jovem casal, deixaram Leme sem ao menos olhar para trás. Não sabiam se algum dia retornariam ou se realmente Beatriz viveria como um humano comum... Não sabiam de nada, somente sentiam que aquilo precisava ser feito, apenas isso.

Mas quem sabe algum dia, Diogo e Júlia voltem a se encontrar com a filha, talvez esta já sendo quase uma adulta ou até mesmo tendo descoberto sobre sua real condição. Será que coisas assim poderão acontecer?

Assim como eles, eu também não sei de nada. Por enquanto.

A autora

Jéssica Anitelli é uma leitora voraz de fantasia, mas nos últimos tempos descobriu gostar de ler de tudo um pouco, variando entre os gêneros.

Nasceu na cidade de Leme/SP em 1990 e atualmente mora em São José dos Campos/SP. É formada em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e escritora em tempo integral.

Escreve desde os 17 anos quando deu início aos primeiros capítulos da sua obra de estreia no mundo literário, *O Punhal*, uma história de vampiros dividida em quatro livros que tem como palco sua pequena cidade natal no interior de São Paulo.

É também autora dos romances eróticos *Volúpia*, publicado pela Editora Literata, *Notas de Luxúria* e *O Aroma da Sedução*, lançados em versão digital pela Amazon.

Outras obras da autora disponíveis na Amazon:

O Punhal (livro 1)

O Conselho (livro 3) – série O Punhal

Volúpia: do desejo ao amor – romance erótico

Notas de Luxúria – romance erótico

O Aroma da Sedução – romance erótico

Eterna Maldição – conto sobrenatural de vampiros

Entre em contato pelo e-mail jessianitelli@gmail.com

[\[1\]](#) *Broken* - Seether e Amy Lee